
LAURA GALLEGO
DONDE LOS ÁRBOLES CANTAN

Índice

Onde as árvores cantam
Primeira parte: Viana
- Capítulo I
- Capítulo II
- Capítulo III
- Capítulo IV
- Capítulo V
- Capítulo VI
- Capítulo VII

parte dois: u
- Capítulo VIII
- Capítulo IX
- Capítulo X
- Capítulo XI
- Capítulo XII
- Capítulo XIII
- Capítulo XIV

Epílogo
Autor

Viana, filha única do duque de Rocagrís, está noiva do jovem Robian de Castelmar desde a infância. Os dois se amam e vão se casar na primavera. No entanto, durante as festividades do meio do inverno, um ranger mal-humorado avisa o rei de Nortia e seus cavaleiros sobre a ameaça dos bárbaros das estepes... e tanto Robian quanto o duque são forçados a ir à guerra. Nestas circunstâncias, uma donzela como Viana não pode fazer outra coisa senão esperar pelo seu regresso... e, quem sabe, prestar atenção às lendas que se contam sobre a Grande Floresta... o lugar onde as árvores cantam.

Laura Gallego Garcia

Onde as árvores cantam

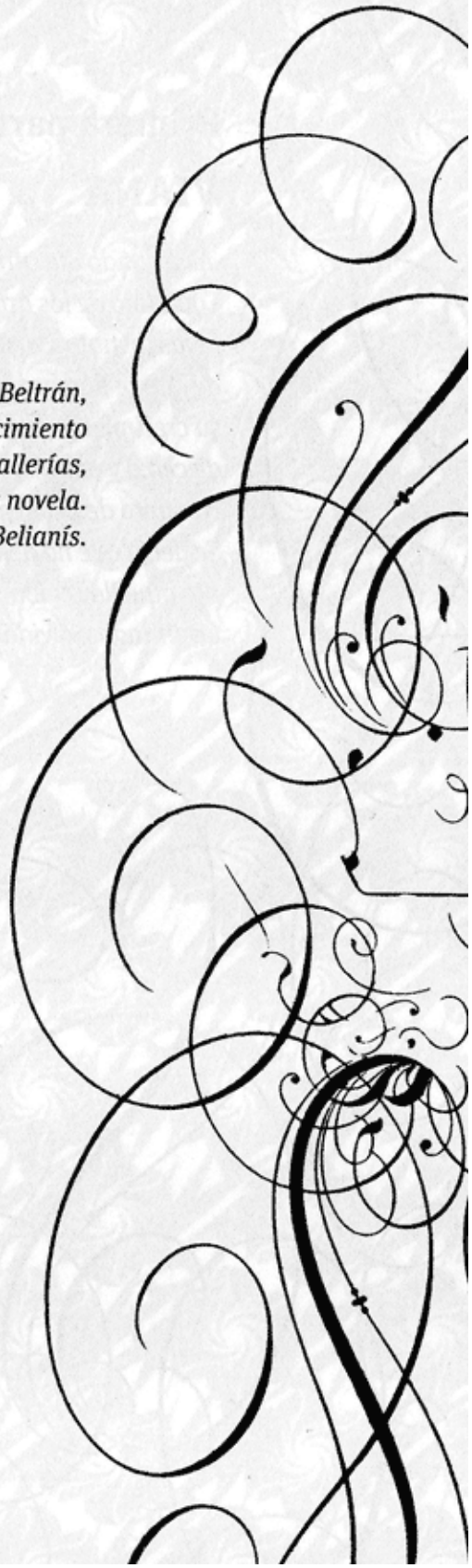
ePub r1.7
fênix **10.01.15**

Laura Gallego Garcia, 2011
Design/Retoque da Capa: Cris Ortega

Editora digital: fenikz
ePub base r1.2



A Rafa Beltrán,
con cariño y agradecimiento
por introducirme en el mundo de caballerías,
magia y aventuras que inspiró esta novela.
Larga vida a don Belianís.

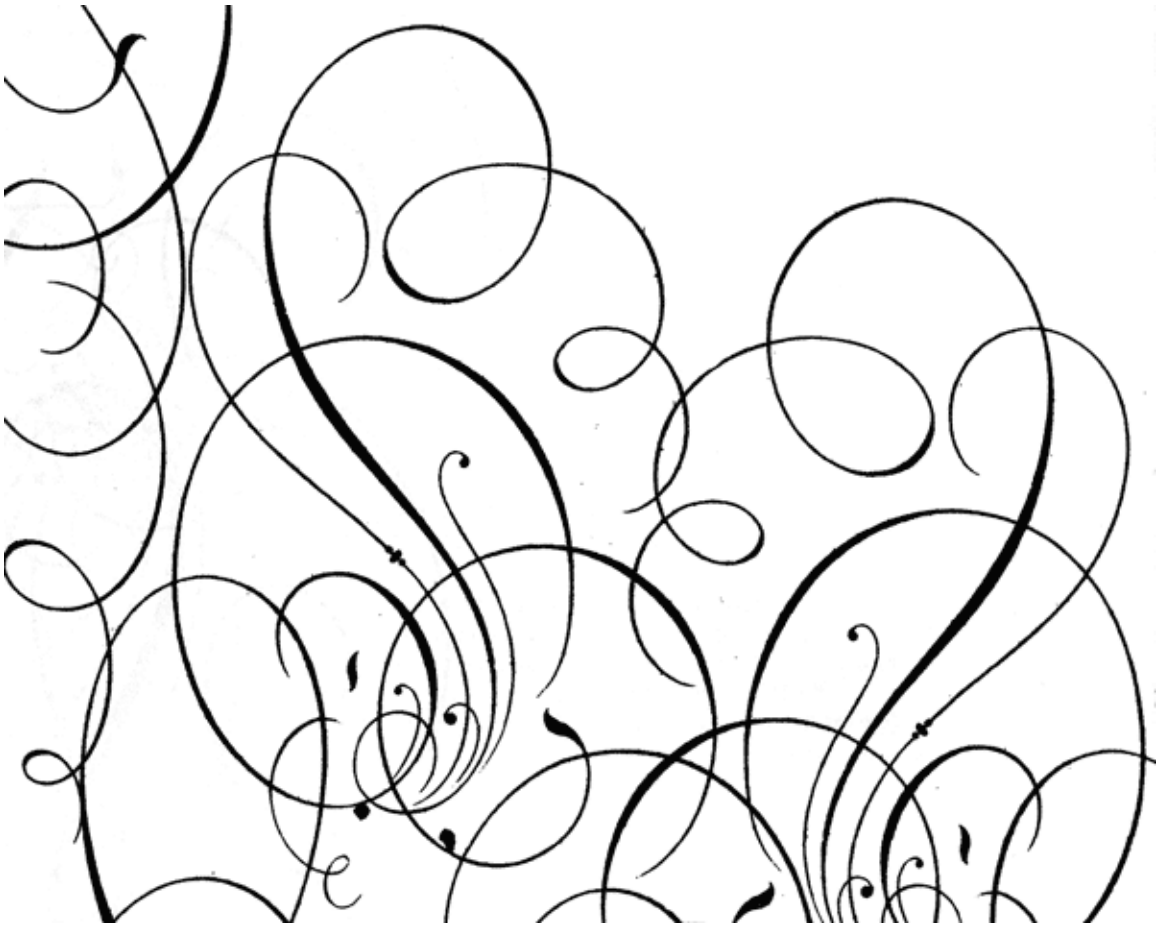


Primeira parte

Viana

No segundo dia passaram pelo País das Árvores Cantantes.
Cada uma das árvores tinha uma forma diferente, folhas diferentes, cascas diferentes, mas a razão pela qual a terra era chamada assim era porque você podia ouvir seu crescimento como uma música suave, soando de perto e de longe, juntando-se para formar um poderoso conjunto de beleza incomparável. em toda a Fantasia.
Dizia-se que ainda era perigoso andar por aquela região, pois muitos haviam se encantado, esquecendo tudo.

MIGUEL_ _ ENDE , A História Sem Fim



Capítulo I



De la celebración,
del solsticio,
del relato del juglar
y de la adevertencia
del caballero.

Todos os anos, na véspera do solstício de inverno, o rei reunia seus nobres no Castelo de Normont para comemorar o aniversário de sua coroação .

Tinha sido assim por tanto tempo quanto qualquer um podia se lembrar. Todos os reis de Nortia haviam ascendido ao trono no solstício de inverno, mesmo que seus predecessores morressem em qualquer outra época do ano. Portanto, com o tempo, a celebração tornou-se cada vez mais festiva e menos solene. Havia justas durante o dia e um grande banquete com música e dança à noite. Os barões do rei vieram com sua família e servos, então, por alguns dias, o castelo foi uma verdadeira colmeia de pessoas.

Havia também uma atmosfera especial na cidade. Comerciantes de toda parte se reuniram em Normont aproveitando o momento, e um mercado colorido e movimentado sempre se formou ao redor do castelo.

Viana e seu pai, o duque Corven de Rocagrís, nunca haviam perdido a festa do solstício de inverno, nem mesmo no ano em que apareceram de luto profundo pela morte da duquesa. Mas isso foi há muito tempo, e as más lembranças pareciam ter sido deixadas para trás. Agora, Viana chegava a Normont cheia de esperança porque sabia que da próxima vez que seus olhos olhassem para as torres da esquina, na primavera, seria para se casar com seu amado Robian.

Ambos tinham nascido no mesmo dia, mas aqui terminava a semelhança entre eles: Viana de Rocagrís vira a luz da sua primeira aurora assim que abriu os olhos, grisalhos como a aurora, e o cabelo era da cor das mais requintadas querida. Mas não parecia muito impressionado com o fato de ter nascido, pois passava o resto do dia dormindo, e com o tempo se mostrou um bebê dócil e sonolento que dava sorrisos encantadores a todos. Robian de Castelmar, por outro lado, veio ao mundo horas depois, quando a noite já descia sobre a terra, e ele era um menino inquieto e choroso, com um tufo indomável de cabelos castanhos que se enrolariam ao longo dos anos, emoldurando um rosto gentil e bonito. Seus pais eram bons amigos e lutaram juntos nas guerras contra os bárbaros. No entanto, e embora todos tenham

dado como certo, não se falou em casamento até depois da morte da mãe de Viana.

Naquele solstício de inverno em que Viana e seu pai foram ao tribunal vestidos de luto, ele confessou que não podia tomar outra esposa para substituir sua amada Sidelia. Como não tinha filhos homens e não tinha intenção de criá-los com outra mulher, a opção mais lógica era comprometer Viana com o jovem Robian e assim unir os domínios de ambas as famílias.

Viana ainda se lembrava do momento em que o rei Radis deu sua aprovação ao noivado. Seus olhos procuraram os de Robian, que estava ao lado de seus pais, muito sério, do outro lado da sala. Mas ele sorriu calorosamente para ela quando captou seu olhar, e Viana corou ao sentir de repente como se cem borboletas voassem ao mesmo tempo dentro de seu peito, roçando seu coração com asas luminosas.

E tudo isso apesar de não ser a primeira vez que se viam. Eles brincavam juntos desde a infância e compartilhavam risos e confidências, com uma intimidade que de outra forma seria imprópria entre dois jovens do sexo oposto. Mas seus pais haviam encorajado essa amizade, prevendo que com o tempo ela se transformaria em algo mais.

Viana não se importava que seu futuro casamento com Robian fosse arranjado. Pelo contrário, ela se sentiu incrivelmente sortuda. A amiga Belicia, filha dos condes de Valnevado, brincava sobre isso, prevendo que, enquanto Viana gozaria das atenções de um marido jovem e bonito, ela se casaria com um senhor idoso e artrítico. Viana não pôde deixar de concordar com ele. Além disso, ambos estavam profundamente apaixonados. Na verdade, Robian confessou a ela em mais de uma ocasião que, se seus pais não os tivessem comprometido, ele mesmo a teria sequestrado para se casar com ela.

A jovem sorriu, lembrando-se de todos os momentos maravilhosos que passaram juntos. Quando seu palafrém passou pelos portões do Castelo de Normont, seu coração acelerou ao se perguntar se Robian e sua família já haviam chegado. Mas ela se comportou como uma verdadeira dama, serena e régia, quando ela e seu pai desmontaram no pátio e foram com seus servos mais próximos à sala do trono para prestar homenagem à família real. Então eles se encontraram com os outros nobres na esplanada onde as justas seriam realizadas. O campo apresentava uma aparência magnífica: tudo, desde as tendas dos participantes até a forca em que os espectadores ficavam, proclamavam a riqueza e a prosperidade de Nortia. Além estava o mercado; Viana não tinha permissão para se misturar com as pessoas comuns, mas em uma ocasião, ela e Belicia o visitaram em segredo, e a jovem se apaixonou por aquele mundo tão diferente do dela. No momento, porém, as nuvens de fumaça, odores pungentes e toldos multicoloridos não atraíram sua atenção. Seus olhos procuraram na multidão por Robian, mas foi Belicia quem correu em direção a ela, seus olhos brilhando.

- Viana! Viana! Ele a cumprimentou, pegando suas mãos. Que alegria te ver de novo! Você viu o príncipe Beriac? Ele está mais bonito do que nunca!

Viana sorriu. Quando crianças, ambos sonhavam com um futuro brilhante: Viana se casaria com seu amado Robian, e Belicia seria escolhida pelo príncipe Beriac, que a faria princesa de Nortia, e mais tarde sua rainha.

Ambos sabiam que isso nunca aconteceria e que Beriac se casaria com a filha do rei de algum país distante. Mas secretamente continuavam chamando o príncipe de "futuro marido de Belícia", e Viana desconfiava que a amiga estava realmente apaixonada por ele, mesmo sabendo que Beriac jamais poderia amá-la de volta.

Viana admirava a integridade de Belicia e a forma como ela fingia que tudo não passava de um jogo.

— E ele vai participar da feira, Viana! Ele continuou a tagarelar. Certamente este ano ele me pede uma roupa. "Conceda-me seu favor, minha senhora, e com ele eu vou vencer esta batalha", ele recitou, imitando a voz do príncipe. "Oh, de fato, meu senhor, derrote seus inimigos para mim", ela concluiu em um tom afetado, estendendo um lenço de renda diante dela como se o estivesse oferecendo a um pretendente invisível.

Viana riu e os dois se abraçaram, animados por estarem juntos novamente. Os territórios de suas respectivas famílias eram muito distantes para que se vissem com frequência, e os mensageiros não entregavam suas cartas com a rapidez que gostariam. E embora Belicia tivesse passado o verão em Greystone, parecia a ambos que muito tempo havia passado desde então.

"Eu vi Robian no jardim da frente," Belicia confirmou com um sorriso malicioso. Ele estava a caminho dos estábulos.

O coração de Viana começou a bater como um corcel fugitivo.

"Vamos, vá", encorajou a amiga. Encontramo-nos mais tarde, na caixa.

Viana correu para os estábulos, perante os gestos de desaprovação de algumas velhinhas e o olhar benevolente do pai.

Ela esbarrou em Robian quando ele estava saindo dos estábulos e literalmente se jogou em seus braços. O rapaz agarrou-a pela cintura e levantou-a, para as exclamações de surpresa de Viana. Então ele pegou a mão dela e a puxou para um canto mais isolado, longe de olhares indiscretos.

- Viana! ela exclamou, seus olhos brilhando com prazer. Como eu senti sua falta!

"E eu você," ela sussurrou.

Os dois se fundiram em um beijo apaixonado. A Viana não se importou que Robian cheirasse a suor, couro e cavalo: ele percorrera um longo caminho para chegar lá.

"É estranho", ele disse a ela. Tenho a sensação de que passamos mais tempo juntos quando éramos crianças do que agora que estamos noivos.

"As coisas eram mais simples então," Robian respondeu com um suspiro pesaroso. Mas agora sou quase um cavalheiro e tenho responsabilidades em Castelmar. Tenho que aprender a administrar o domínio porque, um dia, ele será meu.

"Nós dois", corrigiu Viana, radiante de felicidade ao pensar, mais uma vez, na vida futura deles juntos.

Robin assentiu, sorrindo.

"Mas depois do casamento... estaremos juntos para sempre", ele prometeu a ela. A garota afundou os dedos no cabelo encaracolado de Robian e, incapaz de resistir à tentação, beijou-o novamente. Ele riu, surpreso com a audácia dela, mas retribuiu o beijo.

E então as trombetas soaram chamando a justa. Robian suspirou e se separou de sua noiva, descontente.

"Vá," ela encorajou. Esta é a sua chance de provar a todos que você merece ser nomeado cavaleiro.

O menino sorriu. Ambos sabiam que ele teria que se sair muito mal na justa para que o rei mudasse de ideia. Naquela tarde, o príncipe Beriac receberia suas armas e outros jovens, incluindo Robian, estariam armados ao lado dele.

Viana se despediu com um último beijo e depois se juntou a Belicia na caixa. Lá ele também cumprimentou a Duquesa de Castelmar, sua futura sogra, e Rinia, sua filha de seis anos. Ambos estavam muito cientes do torneio, no qual Robian e seu pai, Duke Landan, participariam.

Não demorou muito para a competição começar. Viana amarrou uma peça de roupa na lança de Robian quando ele pediu, e o observou partir, admirando seu porte magnífico a cavalo.

O príncipe Beriac pediu o favor da rainha, para grande decepção de Belicia.

"Bem, não é tão sério", ela sussurrou para Viana. Desde que ela seja sua mãe e não uma princesa qualquer...

Ambos riram baixinho.

Todos gostaram muito daquele dia. Robian teve uma atuação extraordinária, chegando a acertar o príncipe na última partida. E, finalmente, o próprio Rei Radis se armou para quebrar uma lança com seu filho. Foi um dos duques do sul que saiu por cima no torneio, mas os jovens se saíram muito bem; O rosto de Viana brilhava de orgulho ao olhar para Robian, e ela repetia para si mesma que tinha muita sorte.

"Ah, sim, foi uma boa justa", afirmou Duke Corven. Mas o combate era muito mais emocionante no tempo do Conde Urtec.

"Quem é o Conde Urtec?" Viana perguntou curioso.

"Ele foi o maior guerreiro que Nortia já teve," seu pai respondeu, satisfeito com seu interesse. Ele era o mestre de armas do rei e se tornou seu braço direito nas guerras contra os bárbaros. Isso foi há muito tempo, e

naquela época, nosso soberano era muito jovem. Quem sabe o que teria acontecido se ele não tivesse Urtec de Monteferro ao seu lado para guiá-lo naquele momento sombrio", acrescentou, baixando um pouco a voz.

"Ah", respondeu Viana, impressionado. E o que aconteceu com o Conde Urtec?

O duque estreitou os olhos.

"Ele morreu", disse simplesmente; havia tanta amargura em sua voz que Viana não se atreveu a perguntar mais.

A celebração continuou dentro do castelo. O príncipe Beriac e os jovens nobres foram nomeados cavaleiros no final da tarde em uma cerimônia solene. Viana observou Robian vestir uma espada que pertencera a seu avô e se curvar ao rei para receber sua bênção. Este era mais um passo no caminho para sua felicidade futura: oficialmente, Robian agora era um homem e, como tal, poderia tomar uma esposa.

Viana sabia que não teria a oportunidade de se aproximar do noivo até o momento do baile. Mas isso seria depois do jantar, no qual as damas se sentariam em uma parte da sala, os cavalheiros em outra.

Viana sentou-se ao lado de Belicia e sua mãe. Logo, os servos começaram a trazer pratos, enquanto os convidados do rei comentavam com alegria os acontecimentos do dia e o vinho corria generosamente. Serviram-se pastéis de pinhão, creme de ervilhas, picles de perdizes, leitões assados, guisado, borrego com mel... quando trouxeram o guisado de carne, Viana estava tão cheia que deixou de prestar atenção ao jantar para conversar com Belicia; Os dois observavam os jovens cavalheiros disfarçadamente, fingindo gostar da música que animava a noite.

Robian e Viana trocaram olhares cheios de ternura, e para isso tiveram que suportar as provocações afetuosas dos companheiros, mas nenhum deles se importou. Ambos ardiam de desejo para que a dança começasse para que pudessem ficar juntos novamente.

Naquele momento, um personagem vestido com roupas surradas e bizarras entrou na sala, seu chapéu de cores vivas chacoalhando com dezenas de sinos a cada passo que ele dava. O homenzinho parou diante do rei e fez uma ostensiva reverência em que a ponta de seu nariz quase tocou o chão.

"Saudações, Sua Majestade, Senhor e Monarca das Terras do Norte", disse ele, sua voz calma e solene, desmentindo seu traje ultrajante.

Ninguém zombou dele, no entanto. Em vez disso, os nobres comemoraram sua chegada com vivas e aplausos. Viana também bateu palmas, encantada.

Todos conheciam Oki, o menestrel, e o respeitavam profundamente porque, apesar de sua aparência engraçada e maneira festiva, ninguém conhecia tantas histórias e músicas quanto ele, ou as interpretava da mesma maneira. Oki não pertencia à corte do rei Radis; na realidade, Oki não

pertencia a lugar nenhum. Ele estava muito longe dos bufões tolos que entretinham outros monarcas com palhaçadas. Oki era um espírito livre que viajava de um lugar para outro aprendendo histórias; ele tinha algo de patife, algo de comediante, algo de explorador, algo de feiticeiro e algo de comerciante. Houve quem até dissesse que sua baixa estatura e seus olhinhos vivos sugeriam que algumas gotas de sangue de goblin corriam em suas veias, mas ninguém saberia dizer com certeza se era verdade ou se era apenas mais uma história, inspirado nas lendas que ele mesmo contava.

Oki não prestava contas a ninguém e, no entanto, nunca perdia as celebrações do solstício de inverno.

"Conte-nos histórias da Batalha de Coldstone, Oki!" um dos guerreiros gritou.

-Não faça! contradisse outro. É melhor cantar-nos os hinos do herói Lorgud e seus sete bravos companheiros!

"Este ano é uma balada de amor, Oki!" Belicia interveio maliciosamente. Conte-nos sobre o bravo príncipe Eimon e a doce donzela Galdrid!

Um retumbante coro de risadas acolheu seu pedido, enquanto Viana se sentia corar: todos sabiam que a história de Eimon e Galdrid era uma história muito picante.

Mas Oki levantou a mão seriamente, e houve um silêncio imediato.

"Meus senhores", disse ele. Minhas lindas damas", acrescentou. Com uma reverência galante à rainha e às outras mulheres. Hoje tem lua nova. É noite de bruxas e horrores, de milagres e maravilhas. Não é, então, uma história de amor ou de batalhas que venho relatar aqui.

Ele respirou fundo, colocou o chapéu de volta e ergueu sua velha bengala teatralmente. Até o rei estava pendurado em cada palavra sua.

"Não," Oki continuou. Hoje chegou a hora de falar sobre os mistérios da Grande Floresta.

Houve um murmúrio de medo entre os comensais. Viana reprimiu um arrepio.

A Grande Floresta se estendia pela parte ocidental de Nortia e limitava o reino, assim como o oceano marcava a fronteira leste. Nos mapas, era uma imensa mancha escura que você sabia onde começava, mas não onde terminava. Ninguém que se atreveu a explorá-lo voltou para contar a história. Segundo as lendas, todos os tipos de monstros e criaturas estranhas percorriam seus caminhos sombrios. A Grande Floresta, dizia-se, era o refúgio de trolls e goblins, bruxos e feiticeiras, fadas e elfos, espectros e fantasmas. Eles pairavam silenciosamente, como uma sombra ameaçadora no horizonte de Nortia, e era um território desconhecido e desconfortável para o qual os sucessivos monarcas do reino haviam voltado as costas, fingindo que não existia, como se fosse uma cadeia intransponível de montanhas. Ninguém falava da Grande Floresta, exceto para assustar as criancinhas com histórias de horror contadas à luz do fogo. Todos os meninos já se gabaram

da possibilidade de entrar e revelar seus mistérios, mas nenhum ousou ir além da terceira fileira de árvores. Era simplesmente muito grosso e impenetrável.

"O que você vai nos dizer sobre a Grande Floresta?" Rei Radis perguntou, sua voz um pouco mais áspera do que o habitual.

Oki sorriu enigmaticamente, nem um pouco envergonhado pelo tom ameaçador do rei.

— Uma história, ó grande senhor, que foi concebida na aurora dos tempos, quando ainda não havia reis nem rainhas, quando as grandes cidades não passavam de humildes aldeias assentadas na lama.

Radis pareceu relaxar um pouco e recostou-se na cadeira. Ele parecia pensar que nada tão antigo poderia afetar ele ou seu reinado.

"Naquela época", continuou Oki, e Viana teve a sensação de que ele teria continuado de qualquer maneira, mesmo sem a permissão tácita do rei, "Nortia não existia como tal, mas a Grande Floresta já era a Grande Floresta. No entanto, as pessoas não sabiam disso, porque ainda não o haviam alcançado. Viviam em terras mais ao sul, com clima ameno, verões longos e invernos amenos.

“Mas um dia no final do outono, um viajante atravessou pela primeira vez o turbulento Coldstone River e entrou nas amplas planícies que agora compõem seu reino. Ele era o último descendente de um clã que havia sido destruído por seus rivais. Enquanto vivesse para reivindicar sua herança, seus inimigos não parariam de procurá-lo, e por isso foi forçado a fugir para um lugar onde ninguém o pudesse encontrar, longe de todas as terras conhecidas, além dos limites indicados por mapas. Um futuro incerto estava diante dele, mas ele estava deixando para trás a morte certa, e por isso não hesitou em atravessar o rio e seguir seu caminho para o mundo frio e inóspito que o esperava do outro lado.

“Certamente ele era um homem destemido, mas não um louco; Por isso parou na beira da Grande Floresta e contemplou com medo as altas copas das árvores, as sombras impossíveis que dançavam na moita, o labirinto de caminhos sinuosos que se perdiam na escuridão. Ele não se atreveu a entrar, embora suspeitasse que seus inimigos nunca o encontrariam lá. Em vez disso, ele resolveu continuar seu caminho para o norte ao redor da Grande Floresta - ele provavelmente foi o primeiro a chamá-lo assim - e buscar sua fortuna em terras mais ao norte.

Então ele acampou na beira do matagal, determinado a não se assustar com os sons estranhos que emergiam dele. Ele comeu um jantar escasso e curou seus pés doloridos de andar, e estava prestes a tirar uma soneca antes de continuar seu vôo... e eis que uma figura curvada se aproxima da escuridão.

Um murmúrio inquieto percorreu a sala. Oki deixou seu público se perguntar sobre a identidade do misterioso visitante, mas apenas por um

momento. Então ele continuou, imitando com grande sucesso as vozes de seus personagens:

"Quem vai?"... "Só uma pobre velha que se perdeu por aqui, meu senhor"... "E de onde você vem, mulher?"... "Oh, não muito longe, senhor , não muito longe." ... Mas estou com fome e frio. Você me permitiria compartilhar seu fogo e seu pão por uma noite? O viajante duvidou das palavras da mulher, suspeitando que não houvesse aldeia por perto. No entanto, movido pela compaixão, ele finalmente aceitou a velha junto ao fogo e entregou-lhe uma côdea de pão e o pouco de queijo que lhe restava. Depois de tanto tempo fugindo sozinho, ele estava grato por alguma companhia humana, mesmo que fosse de uma velha repulsiva como aquela.

"Porque, de fato, nobres amigos, a velha era indescritivelmente feia", enfatizou Oki aos gestos chocados de sua platéia. Seu rosto enrugado estava cheio de verrugas, seu nariz era peludo e adunco, e ela era cega de um olho. Apenas alguns cabelos grisalhos desgrenhados adornavam sua cabeça, e seu corpo, seco e esguio como uma passa, era horrivelmente torto. A velha sorriu, mostrando apenas quatro dentes, ao ver a expressão de desgosto no rosto de seu benfeitor. "A vida não me tratou bem, meu senhor", disse ele. "E eu espero não estar abusando de sua generosidade se eu pedir para você me permitir deitar ao seu lado esta noite..."

"Então foi uma história de amor!" Belicia exclamou de repente, provocando uma risada da multidão. Mas ela ficou em silêncio imediatamente, quando Oki olhou para ela. Ele havia esquecido algo muito importante sobre o grande menestrel: ele odiava ser interrompido.

"... se eu pedir para você me permitir deitar ao seu lado esta noite," Oki continuou quando o riso morreu, "porque está tão frio e meus pobres ossos doem tanto." O viajante ia recusar, mas novamente se comoveu. "Faça o que quiser, mulher", disse ele, envolvendo-se em sua capa e deitando-se perto do fogo. Logo ele sentiu a velha aconchegando-se atrás dele; ele podia ouvir sua respiração difícil, sentiu seu cabelo fazendo cócegas em sua nuca, e podia até sentir o cheiro de seu hálito pútrido. Mas ele não disse nada. Fechando os olhos com força, ela puxou o manto mais apertado ao redor dela e tentou dormir. Foi difícil para ele, porque a mulher não parava de roncar, tossir e peidar a noite toda. Mas nosso cansado viajante não teve coragem de mandá-la embora, pois a noite estava muito fria. Finalmente, ele adormeceu algumas horas antes do amanhecer.

“Quando acordou, cansado e entorpecido, não viu a velha em lugar nenhum, desconcertado, pegou suas coisas e foi até o riacho se lavar. E qual não foi sua surpresa quando, olhando para a água, viu em seu reflexo o rosto de uma jovem extraordinariamente bela que lhe sorria encorajadoramente.

"Quem é você, linda donzela, e o que está fazendo na água? Você é talvez uma visão ou uma ilusão da minha mente exausta? "Eu sou", ela respondeu, "a velha que você tão gentilmente abrigou ontem à noite."

Os comensais não puderam reprimir exclamações de surpresa. Viana, por outro lado, havia antecipado esse desfecho. Sua mãe lhe contara muitos contos populares quando ela era criança, e em alguns deles os seres mágicos vinham diante do herói em um disfarce humilde para testar a bondade de seu coração. Agora ele lhe oferecerá um prêmio por sua compaixão, disse a si mesmo.

"O caminhante não podia acreditar nas palavras daquela linda mulher", continuou Oki. “Mas como é possível que você tenha mudado tanto da noite para o dia?” ele perguntou. Ela riu, como o riacho ri quando desce das altas montanhas. Porque as coisas nunca são o que parecem, meu bom amigo. Especialmente aqueles que surgem do coração desta floresta. E como você provou ser bom e fiel à sua palavra, eu lhe concederei um presente que o ajudará a se livrar daqueles inimigos que o perseguem. O viajante pensou que, sem dúvida, uma dama capaz de mudar sua aparência de maneira tão surpreendente deve ter algum meio de saber o que ele não lhe dissera. Talvez ela fosse uma fada ou uma feiticeira. Tal possibilidade o inquietou; mas ele estava tão cativado por seus lindos olhos verdes que não expressou medo. "Como pode ser isso, minha senhora?", ele quis saber. Seus olhos escureceram ligeiramente e sua expressão ficou séria, pois ela estava prestes a revelar um dos segredos mais bem guardados da Grande Floresta. “Você deve ser corajosa,” ele disse a ela, “e viajar para o coração desta floresta, para o lugar onde as árvores cantam, onde nenhum humano jamais esteve. Lá você encontrará a lendária primavera da eterna juventude. Se você beber de suas águas, será invulnerável para sempre. O viajante ficou espantado, mas ao mesmo tempo um pouco cético. Como eu sei que o que você me diz é verdade, minha senhora? Você mesmo afirmou que é uma lenda ». Mas ela apenas respondeu: "Tenha fé, meu bom amigo, e lembre-se de que as coisas nem sempre são o que parecem". E, com essas palavras, ele desapareceu.

Oki de repente ficou em silêncio. Sua audiência esperou um momento. Mas, como não continuou falando, o rei perguntou:

"E já é?" Esse é o fim da história?

"O que aconteceu com o viajante?" O príncipe Beriac queria saber. Você encontrou a fonte da eterna juventude?

Oki fez uma careta que poderia ser um sorriso.

"Isso nós não sabemos, Alteza", ele respondeu, "porque ninguém seguiu seus passos desde então." A história diz que seus inimigos nunca conseguiram caçá-lo, mas não esclarece se foi porque ele se tornou invulnerável ou se, pelo contrário, foi porque ele não saiu vivo da Grande Floresta.

"Então", Viana ousou perguntar timidamente, "a senhora o enganou para que ele seguisse o caminho errado?"

Os olhos redondos de Oki consideraram a garota com aprovação.

"Talvez", ele admitiu, "porque é bem sabido que não se deve confiar em presentes envenenados de fadas."

O rei grunhiu alguma coisa e se mexeu desconfortavelmente em seu assento. Parecia claro que o fim da história o decepcionara. No entanto, nem mesmo ele ousou questionar o grande Oki; Ele concordou com a cabeça e elogiou seu desempenho com uma salva de palmas. O resto dos comensais seguiu o exemplo, e o menestrel curvou-se em agradecimento.

"Sente-se para dividir nossa mesa, Oki", o rei o convidou, como fazia todos os anos.

E, também como todos os anos, Oki recusou a proposta.

"Estou muito honrado por sua majestade, mas se não for incômodo, prefiro comer com os criados."

O rei não se ofendeu. Antes dele, seu pai havia feito a mesma oferta e recebido a mesma resposta ano após ano. Aliás, se um dia Oki aceitasse o convite, ele mesmo seria o primeiro a se surpreender.

"Recue, então, com o nosso prazer", disse ele, "e seja servido nas cozinhas o que você precisar para saciar o apetite, porque hoje, amigo Oki, você mereceu."

Esta também era uma fórmula ritual, mas Viana sentiu que o rei não a pronunciava de coração; pelo menos não esta noite.

Oki curvou-se novamente para os nobres e saiu da sala para os aplausos dos comensais. Viana pensou com tristeza que só o veriam no ano seguinte.

Quando o som dos sinos do menestrel cessou, o rei bateu as mãos na mesa.

“E agora”, anunciou ele, “continuaremos com o banquete. Deixa a música soar!

"Não," uma voz áspera interrompeu da porta. Não toque. Não aqui. Não hoje.

Todos os comensais se voltaram, atônitos, para a porta, por onde entrou um homem de feições duras e afiadas, cabelos negros, já grisalhos nas têmporas, e olhar de falcão. Viana olhou-o surpresa, perguntando-se quem era, pois não se lembrava de o ter visto na corte, e estremeceu ao descobrir que lhe faltava uma orelha; uma lembrança, talvez, de uma das muitas batalhas que ele parecia ter travado. Seu porte era nobre e orgulhoso, mas ele usava roupas de couro desgastadas, mais condizentes com um caçador ou patrulheiro. Ele carregava uma espada ao seu lado, mas também um arco e uma aljava no ombro.

-Lobo! Rei Radis uivou furiosamente. Como você ousa interromper a celebração do solstício assim!

Viana olhou para Robian, mas ele estava ciente do recém-chegado, assim como os demais convidados.

"Eu ouvi falar dele," Belicia sussurrou em seu ouvido. Ele é dono de uma terra estéril no sopé das Montanhas Brancas e vive em uma torre que

parece um ninho de corvo. Na verdade, dizem que foi um corvo que mordeu sua orelha esquerda.

"E por que você mora lá?" Viana queria saber.

Belicia não teve tempo de responder, já que Wolf, que parecia completamente indiferente à raiva do monarca, declarou severamente:

“Meu rei, não é hora para comemorações. Venho das fronteiras setentrionais do reino, de além das Montanhas Brancas, e não trago boas notícias: os povos bárbaros voltaram a se unir.

A sala se encheu então de murmúrios de desânimo. Viana empalideceu; Ela não sabia muito sobre os clãs bárbaros, já que ela ainda não tinha nascido quando a última guerra os expulsou de Nortia para sempre, mas ela estava ciente de que eles tinham sido os inimigos mais temíveis do reino em muitas gerações.

"Deixe-os participar, se é isso que eles querem", declarou Radis com orgulho. Vamos derrotá-los novamente e expulsá-los daqui como cães, como fazíamos nos velhos tempos. Isso não é motivo para estragar a festa, Lobo.

O homem chamado Lobo deu um meio sorriso amargo.

— Não se deixe enganar pelos ecos da glória do passado, meu senhor. Desta vez é diferente. Eles têm um novo líder, um que se chama "rei" e que, dizem eles, nunca perdeu uma batalha. Mais e mais clãs se reúnem para ele das estepes congeladas, e eles formaram uma força poderosa e temível. Rumores dizem, além disso, que seu novo senhor não tem intenção de parar aqui; Ele prometeu a seu povo que, quando conquistar seu reino, ele irá para o sul, além de Coldstone, para trazer as terras do sul sob seu jugo. Já os tremores da guerra ressoam no sopé das Montanhas Brancas; se você ouvir, Vossa Majestade, pode até ouvi-los daqui.

Os homens do rei expressaram sua opinião sobre o assunto em um caos de juramentos, exclamações de raiva e insultos aos bárbaros. Mas foi a voz da rainha que se elevou acima do resto.

"Senhores, há senhoras presentes!"

Eles seguraram suas línguas, mas seus espíritos estavam longe de ser calmos.

"Não podemos deixar os bárbaros cruzarem as montanhas novamente!"

"E nós não vamos, pela honra de Nortia!"

"Pela honra de Nortia!" todos eles berraram.

Viana encolheu-se na cadeira. Robian também tinha feito parte desse juramento, tão determinado a lutar como qualquer um dos guerreiros do rei. Um medo sombrio começou a se formar nas profundezas de seu coração, mas antes que ela pudesse manifestá-lo de alguma forma, o rei fez isso por ela:

"Está decidido, então", declarou. Cavalheiros, quando as celebrações do solstício terminarem, todos os cavaleiros a meu serviço retornarão às suas terras e recrutarão seu povo, e nós levantaremos um exército que enfrentará os bárbaros na primavera.

Os nobres rugiram seu acordo; Viana, no entanto, não conseguia parar de pensar nos planos de casamento, e se eles seriam alterados de alguma forma. Então ele sentiu a mão de Belicia em seu braço.

"Sinto muito", sussurrou a amiga, e Viana compreendeu que ela não se casaria com Robian na primavera... juramento de lealdade ao rei da Northia.

"Mas..." ele começou.

No entanto, ele não conseguiu terminar a frase, porque a voz do homem que eles chamaram de Lobo ecoou na sala:

"Na primavera será tarde demais!" Não há tempo para preparativos, nem para comemorações! Devemos ir agora, e talvez detê-los antes que cruzem as montanhas!

Alguns dos cavaleiros zombaram de sua afirmação. Viana olhou para o pai com o canto do olho e descobriu que ele, ao contrário dos outros, tinha uma expressão séria.

"Você não sabe que dia é hoje, Lobo?" O pai de Robian exclamou, e vários dos nobres caíram na gargalhada de algo óbvio para eles. As primeiras neves cairão em breve, e sabe-se que o inverno não é tempo de guerra.

"Os bárbaros se importam pouco com a neve, Landan de Castelmar!" Wolf respondeu com um grunhido. Eles vivem nas terras de gelo perpétuo. O inverno não vai detê-los.

"Eles nunca serão capazes de cruzar as Montanhas Brancas nesta época do ano", concluiu o rei Radis categoricamente. Não seja um pássaro de mau agouro, Lobo, e volte para sua torre. Você sabe que não está convidado para as celebrações do solstício, mas já que se deu ao trabalho de vir até aqui, fique se quiser jantar antes de voltar. Você verá nosso exército passar a caminho do norte na primavera, e então perceberá que seus medos eram infundados e se arrependerá de ter estragado a festa hoje à noite.

Lobo balançou a cabeça.

"Você vai se arrepender, Radis," ele murmurou. Você vai se arrepender disso.

Viana ficou espantado com a sua insolência. Como ele ousa se dirigir ao seu soberano? O rei, no entanto, apertou a mandíbula, mas não disse nada. O resto dos nobres observou Lobo sombriamente enquanto ele se virava e saía da sala, resmungando baixinho.

"Agora você entende por que ele mora tão longe da corte?" Belicia disse quando Wolf se foi. É óbvio que ele é louco.

Viana sentiu pena dele e, ao mesmo tempo, sentiu-se inquieta. E se ele estivesse certo? E se na primavera já fosse tarde demais para deter os bárbaros? Ele tentou empurrar esses pensamentos sombrios para fora de sua mente. Talvez os rumores de que Lobo falava não passassem de rumores, e talvez os cavaleiros do rei não precisassem ir à guerra na primavera. E, de qualquer forma, não havia garantia de que Robian também teria que ir.

Logo a música recomeçou e os criados começaram a trazer mais pratos para a mesa. Porém, na hora do baile, a moça viu que seu noivo estava mais sério que o normal. Sentaram-se juntos durante um dos intervalos e Viana perguntou-lhe sobre a guerra contra os bárbaros.

"Você vai ter que ir lutar?"

O jovem assentiu.

“Agora sou cavaleiro do rei, Viana. Jurei fidelidade a ele, e minha espada deve servi-lo onde ele precisar.

Viana engoliu em seco. Robian sorriu para sua expressão abatida.

"Mas não sofra por mim", ele continuou. Já derrotamos os bárbaros antes, e vamos fazê-lo novamente agora. Veja quantos guerreiros Nortia tem, entre soldados e cavaleiros. Somos melhores; temos boas armas e fomos treinados na luta desde a infância. Quando nos reunimos, formamos um exército poderoso e bem organizado. Nada que esses selvagens possam fazer contra nós.

Viana sorriu também, encorajado pela sua confiança. Robian estendeu a mão novamente para pedir que ela dançasse a próxima peça.

E Viana dançou e dançou, esquecendo as histórias de Oki sobre a Grande Floresta e as histórias de Lobo sobre a ameaça do norte.

Mas naquela noite, hospedada em um quarto na ala de hóspedes do castelo, ela sonhou com bárbaros uivantes e velhas feiticeiras. Ele acordou sentindo frio e, olhando pela janela, descobriu que havia nevado sobre Normont.

Ele viu um corvo negro voar sobre as montanhas e estremeceu, porque lhe parecia que era um mau presságio.

Capítulo II

En el que se relata
la invasión de Nortia
por los bárbaros,
el llamamiento
de Viana a la corte
y lo que sucedio después.

DO SOLSTÍCIO ACABOU , e todos os nobres estão se preparando para retornar às suas terras. Viana o fez com tristeza; Levaria muito tempo antes que ela visse Belicia e Robian novamente, e além disso, quando eles chegassem em casa, seu pai teria que reunir todos os seus soldados e guerreiros para se juntar ao exército do rei na primavera. Viana tentou extrair dele informações durante a viagem de volta, mas o duque Corven respondeu evasivamente. Sua atitude perturbou ainda mais a jovem. Ele parecia imerso em pensamentos, e seu rosto era a imagem de preocupação. Teria levado a sério os avisos de Lobo?

O inverno chegou para ficar nos domínios de Greystone, e foi especialmente duro e frio. Viana definhava junto à janela, bordando seu enxoval e arrancando notas melancólicas de seu alaúde. Ele não podia fazer nada além de esperar. Robian tinha prometido a ela que iria vê-la antes da primavera chegar, mas ela tinha um pressentimento sombrio sobre isso, e temia que a visita nunca chegasse. Seu pai havia cumprido o mandato do rei e estava colocando seus guerreiros em um treinamento duro para prepará-los para a batalha que se aproximava. Os presságios sinistros de Wolf pareciam ter obscurecido o ânimo de todos.

Por fim, quando o inverno estava em pleno andamento, um mensageiro do rei chegou a Greystone. Ele galopou rapidamente pelas estradas geladas, apesar do risco para ele e sua montaria, porque tinha notícias urgentes para relatar. E não foi uma boa notícia.

Os bárbaros, disse ele, tinham atravessado as montanhas. As passagens estavam bloqueadas pela neve, mas eles conseguiram atravessá-las contra todas as probabilidades e já haviam devastado as terras abaixo. Apanhados de surpresa, os soldados nos postos fronteiriços não conseguiram detê-los.

O duque Corven assentiu, como se esperasse essa notícia. Sem quase dizer uma palavra, ele organizou tudo para o jogo.

Viana assistiu aos preparativos com o coração na boca. Quando seu pai e seus guerreiros fossem embora, o castelo seria protegido apenas por um pequeno destacamento de guarda sob seu comando. A menina sabia que era assim que as coisas eram feitas: os homens iam para a guerra e as damas

agiam como damas do domínio na sua ausência. Mas ela havia crescido em tempos de paz, e seria a primeira vez que a deixariam ali sozinha. Ele sentiu a mão reconfortante de Dorea em seu ombro e se sentiu um pouco melhor. Dorea, que havia sido sua ama de leite e depois se tornou uma segunda mãe para ela, estaria ao seu lado e a acompanharia até o retorno do duque.

Os dois foram ao pátio para se despedir dos cavalheiros. Viana tinha uma vaga consciência de que aquela poderia ser a última vez que via o pai, mas tentava não pensar muito nisso. Os bárbaros tinham invadido Nortia, sim, mas como Robian afirmou, o exército do Rei Radis era muito superior.

Robian... Ele também iria para a guerra. Ele era jovem e forte, e um guerreiro habilidoso, mas era inexperiente. Muitas vezes, desde a noite do solstício, Viana tivera pesadelos com bárbaros enormes e ferozes, peludos como feras, matando o pai em batalha; outras vezes, o morto era seu noivo, e às vezes os dois caíam. Mas agora, quando ele estava prestes a se despedir do duque, tudo parecia distante, quase irreal, tão impalpável quanto a névoa que se ergueu do riacho naquela manhã. Os homens iriam para a guerra, lutariam e retornariam triunfantes. Não poderia ser de outra forma; Viana agarrou-se a essa esperança.

Duke Corven se inclinou para beijar a testa de sua filha.

"Seja forte, Viana", disse ele. Tenho certeza que você saberá cuidar bem do castelo. Se tudo correr bem, voltaremos antes da primavera.

"Se tudo correr bem..." Viana repetiu em um sussurro.

O duque olhou para ela por um momento.

"Nós voltaremos", afirmou. Te prometo.

Viana desconfiava que um guerreiro jamais deveria fazer tais promessas, mas não lhe contou. Ele apenas assentiu sem dizer uma palavra.

Quando o duque já punha o pé no estribo do seu cavalo, Viana deteve-o um instante:

"Espere, pai. Por favor, diga a Robian..." Sua voz sumiu.

Mas ele entendeu sem mais palavras.

"Não se preocupe, Viana. Ele já sabe disso.

A jovem assentiu novamente.

Por fim, o Duque de Corven e os seus homens partiram, Viana a vê-los partir até desaparecerem numa curva da estrada, envoltos numa nuvem de lama e gelo. Então ele suspirou, balançou a cabeça e virou-se para voltar ao castelo.

Dorea a acompanhou. Ele a pegou pelo braço como sinal de conforto, mas não garantiu que voltariam, porque sabia o que era uma guerra e, ao contrário do duque, achava que não adiantava criar falsas esperanças.

Depois que os guerreiros partiram, Greystone ficou em silêncio e frio. Viana dedicou-se a exercer o seu ofício de senhora do castelo, esperando notícias da guerra e desejando que Robian e o pai passassem bem. Ele não ousou adivinhar como deveria ser o campo de batalha e, quando o fez,

imaginou-o semelhante a uma justa, mas com um pouco mais de sangue; essa era a ingenuidade de sua visão do assunto.

Assim os dias passavam, deslizando devagar e preguiçosamente, como as águas do rio que irrigava as terras do duque Corven; até que finalmente um mensageiro chegou ao castelo de Rocagris. Ele não dormiu por vários dias, porque ele não iria parar até que ele tivesse alertado sobre o perigo em todos os cantos de Nortia. Seu pobre cavalo morreu de exaustão no portão de sacada antes que ele pudesse chegar ao estábulo.

Viana cuidou do recém-chegado como pôde, mas ele parou apenas para beber água e uma tigela de guisado, e no tempo que levou para selar um cavalo dos estábulos, deu-lhes a terrível notícia.

O exército do rei havia caído. Tanto ele quanto o príncipe Beriac foram mortos em batalha. Os bárbaros chegaram ao coração do reino, deixando para trás um rastro de terror e destruição, e ocuparam Normont e o castelo real. Seu líder, um homem chamado Harak, havia se declarado o novo rei de Nortia.

Viana ouvia-o horrorizado.

-Mas não é possível! ele foi capaz de dizer finalmente. O exército do rei é invencível!

O visitante esboçou um sorriso cansado.

"Não, minha senhora, você vê que não é." Corra agora enquanto ainda pode. Saia daqui antes que seja tarde demais. Devo continuar meu caminho.

-Esperando! Viana o deteve. E meu pai? E de Robian, filho do duque Landan de Castelmar?

Mas o mensageiro não podia lhe dizer nada.

Ao sair do castelo, Viana sentiu-se tão fraca que teve de se apoiar em Dorea para não cair no chão.

"Não pode ser..." eu sussurro. Os bárbaros…

"Criança, você deve ir", disse Dorea. Preste atenção ao conselho que você recebeu e fuja para longe daqui, onde esses bárbaros não podem encontrá-lo.

Mas Viana engoliu em seco e abanou a cabeça.

"Não, Dorea", disse ele. Prometi ao meu pai que cuidaria do castelo na ausência dele, e é isso que vou fazer. Além disso, não sabemos se ele ou Robian estão vivos. Eu tenho que ficar aqui caso eles voltem.

Dorea não disse nada. No entanto, nos dias seguintes tentou convencer Viana de que ela não deveria esperar pelo duque, ele preferiria, sem dúvida, vê-la a salvo daqueles selvagens. Mas Viana manteve a sua decisão; além disso, ela era muito ingênua e inocente para suspeitar que eles pudessem fazer algo errado. Ah, claro, ele conhecia as histórias de meninas forçadas por guerreiros vitoriosos que invadiram um novo território, mas ele sempre acreditou que tais coisas aconteciam com mulheres camponesas; que os

bárbaros a respeitassem porque até eles saberiam reconhecer que ela, como mulher nobre, merecia um destino melhor.

E, de certa forma, ele não estava errado.

Cinco dias depois, dois homens apareceram nos portões do castelo.

Eles não eram de Nortia. Eles tinham cabelos compridos, eram largos e atarracados e usavam roupas de couro e peles grossas. Não pareciam tão simiescos como Viana os imaginara em sonhos, na verdade, tinham um gesto sério e solene que, de alguma forma, enobrecia até um pouco a aspereza de sua aparência. Não berraram loucamente, espumando pela boca, nem tentaram derrubar o portão com seus machados. Ao contrário, pararam diante do muro e um deles proclamou:

"O rei Harak cumprimenta a senhora do castelo e exige sua presença em Normont dentro de três dias a partir de hoje!"

Ele falava a língua de Nortia, embora com um forte sotaque gutural que traía sua origem estrangeira. Viana, que espreitava pela janela, sem olhar por completo, sentiu a necessidade de responder. Ela estava na sacada antes que Dorea pudesse detê-la e observava os bárbaros cuidadosamente de lá. O porta-voz usava um longo bigode e usava o cabelo em uma trança. O outro era um pouco mais alto, e seu rosto era sombreado por uma cabeleira desgrenhada e uma barba que lhe dava um certo ar feroz.

O de bigode a cumprimentou com um gesto que pretendia ser galante, mas não tinha a graça e a postura exibidas até mesmo pelo mais desajeitado dos cavaleiros nórdicos. No entanto, Viana apreciou o esforço, especialmente considerando que o segundo bárbaro permaneceu isolado em silêncio taciturno.

"Você é a filha do senhor destas terras, ou talvez sua esposa?" o emissário quis saber.

-Onde está o meu pai? — Viana perguntou por sua vez; Ele ficou em silêncio imediatamente, percebendo que havia revelado inadvertidamente informações importantes.

“Não sei, senhora, não sei o destino de todos os homens de Radis que lutaram contra nós. Vá ao tribunal, como meu rei ordenou, e lá você descobrirá.

Viana cerrou os dentes.

"Por que seu senhor deseja me ver?" -Eu pergunto.

“Como o novo rei de Nortia, é natural que você queira conhecer seus súditos. Ele enviou emissários a todos os feudos e convocou todos os nobres e seus herdeiros para reorganizar suas terras.

Viana não gostou deste último.

"E se eu não atender ao seu pedido?"

O bárbaro deu de ombros.

“Não é um pedido, senhora; é uma ordem. Se você ignorá-lo, será considerado que você se rebelou contra a vontade de seu rei, e ele enviará

seus guerreiros para tomar este castelo à força.

Viana voltou a ficar calada, tentando fingir que sua ameaça não a havia afetado. Eu não sabia o que responder. Ele deveria ir ao tribunal como o chefe bárbaro que se chamava "o novo rei de Nortia" havia ordenado? Ou, pelo contrário, esperava-se que ela mostrasse resistência e se recusasse a obedecer ao usurpador?

"Você tem até o amanhecer para decidir", disse o bárbaro, sentindo sua hesitação. Depois voltaremos para receber sua resposta. Se você obedecer ao pedido do rei Harak, nós o escoltaremos até Normont e garantiremos que você chegue em segurança. Portanto, você não precisará de nenhum suporte. Tais são as instruções de nosso senhor.

Viana assentiu silenciosamente. Os bárbaros se despediram, viraram as costas e desceram a estrada. Seu coração continuou a bater muito depois que eles desapareceram na curva.

-O que devo fazer? -sussurrar.

"Você deve escapar daqui, minha senhora!" Dorea insistiu, pálida como um fantasma. Esses dois bárbaros não poderão tomar o castelo sozinhos. Você ainda tem tempo de sair antes que os outros cheguem!

"E dar a eles Greystone?" Viana balançou a cabeça. Não posso; Devo lutar para preservar a herança da minha família até que meu pai retorne.

"E se ele não voltar, garota?" sua enfermeira murmurou.

Viana engoliu em seco.

"Então eu sou a herdeira, e com mais razão devo defender nossas terras." Mas talvez...” Ele hesitou um momento antes de continuar, “talvez eu devesse ir ao tribunal para descobrir se meu pai...

"Não, não, minha senhora, isso nunca!" Vocês vão se colocar nas mãos dos bárbaros!

"Para os bárbaros, eles parecem bastante... corteses e contidos", ela respondeu. Não tenho escolha, Dorea. Se eu fugir, os bárbaros tomarão o domínio de meu pai sem lutar. E se eu não atender ao chamado deste Harak, eles me considerarão um rebelde, atacarão o castelo... e não poderei defendê-lo. Quem sabe... talvez... talvez no tribunal eu possa descobrir qual é a minha situação atual. Talvez eles me deixem ficar com minha propriedade... até meu pai voltar... ou se ele não voltar.

Dorea mordeu o lábio inquieta, mas não disse nada.

"Se o rei Radis está morto, e o príncipe Beriac também", continuou Viana. O que será da rainha? E o príncipe Elim?

"Minha senhora, o príncipe Elim é muito jovem para servir como rei de Nortia, e ainda assim ele é o herdeiro," Dorea meditou. Quem quiser usar a coroa deve passar por cima dele. E não é tão difícil: ele tem apenas sete anos.

Viana demorou a assimilar o que estava insinuando.

'Você quer dizer... talvez eles tenham...?'

Dorea não respondeu, mas balançou a cabeça com pesar.

Viana não dormiu naquela noite. Ele continuou se revirando na cama imaginando o que deveria fazer. Uma parte dela queria seguir o conselho de sua enfermeira e fugir para longe, onde os bárbaros não pudessem encontrá-la. Mas isso significaria abandonar a mansão ao seu destino e, por outro lado, ele precisava saber que seu pai e Robian estavam bem.

Foi o desejo de esclarecer dúvidas, de saber o que havia acontecido com seus entes queridos, que a fez levantar-se noite adentro, pálida e com olheiras fundas, decidida a atender ao chamado de Harak, o bárbaro. Dorea reprimiu um gemido de desânimo quando Viana pediu que a ajudasse a fazer as malas, mas não disse nada.

"Há algo que devo fazer antes de partir", a garota a lembrou.

Ele enfiou a mão no fundo do peito e tirou um estojo preto forrado de veludo.

"As joias de sua mãe," Dorea sussurrou quando o reconheceu.

Viana abriu. Dentro havia várias joias, brincos e colares que brilhavam sob a luz das velas. Não eram muito, comparados com a riqueza de algumas damas da corte, mas tinham sido passados de mãe para filha, de geração em geração, no seio da família de Viana, e tinham para ela um grande valor histórico e sentimental.

"Não posso deixá-los aqui", disse Viana, "no caso de Greystone ser atacado enquanto estivermos fora." Mas também não os levarei comigo para uma corte cheia de bárbaros. Que posso fazer?

Dorea olhou para as joias pensativamente. Então ele correu para a cama de Viana e a moveu alguns passos para o lado. A garota olhou para ela intrigada.

"Olhe, minha senhora", disse a boa mulher, "aqui está uma laje solta." Eu a vi um tempo atrás enquanto limpava. Podemos esconder as joias por baixo.

Viana ajoelhou-se no chão de pedra. Então ela e Dorea removeram a laje, não sem dificuldade, descobrindo um buraco grande o suficiente para esconder a mala. Quando eles colocaram a pedra de volta no lugar, ela estava saindo um pouco.

"Vai ficar tudo bem aqui até voltarmos", disse Viana satisfeito.

Mas não havia tempo a perder, porque assim que o sol começou a espreitar no horizonte, os dois emissários do novo rei de Nortia estavam novamente diante da ponte levadiça.

"Senhora do castelo!" chamou o porta-voz. Voltamos para que você nos informe qual é sua decisão.

Desta vez, Viana não apareceu na varanda. Em vez disso, e para todas as respostas, ele ordenou que o portão fosse abaixado. As montarias já estavam seladas: seu palafrém branco e duas mulas, uma carregando a bagagem e a outra carregando Dorea nas costas.

Quando o bárbaro viu as duas mulheres partirem, ele assentiu sem palavras. No entanto, sua companheira taciturna, que não havia falado até então, abriu os lábios para apontar para Dorea e perguntar, com um grunhido, algo que nenhum dos dois entendeu. O outro lhe respondeu na mesma língua, uma língua áspera e brusca; Os dois discutiram por alguns momentos até que o segundo homem balançou a cabeça e não disse mais nada. O mais cortês voltou-se para eles.

"Em marcha, então", disse ele; Se nos apressarmos, chegaremos à cidade amanhã ao pôr do sol.

Viana percebeu então que isso significava que teriam que passar a noite no caminho. Ela não tinha parado para pensar que eles estariam sozinhos, à mercê desses dois homens. Ele hesitou por um momento; mas era tarde demais para voltar, então ele esporeou o cavalo e passou pelo portão. Dorea a seguiu.

Antes de sair, porém, Viana virou a cabeça para olhar os criados, que se reuniram no pátio para se despedir. Ela havia deixado instruções para guardar a propriedade enquanto estava fora, e os guardas também receberam ordens para defender Greystone com suas próprias vidas; mas todos sabiam que, a menos que o duque e seus cavaleiros voltassem para casa, pouco poderiam fazer se os bárbaros decidissem atacá-los. Viana contemplou seus rostos, inquietos e desanimados, e sorriu para eles tentando incutir neles um valor que ela mesma estava longe de sentir.

"Eu estarei de volta", ele assegurou-lhes.

E, respirando fundo, seguiu seus acompanhantes pelo caminho.

Ele não sabia que levaria muito tempo para cumprir essa promessa.



A viagem a Normont parecia interminável. Ambos estavam muito nervosos, apesar de os dois bárbaros não lhes terem dado motivo de preocupação. Eles os tratavam com respeito e na maioria das vezes simplesmente os ignoravam.

Eles tinham um bom ritmo; não pararam para descansar um só momento, nem mesmo na hora do almoço; os bárbaros lhes entregaram um pedaço de carne salgada, uma côdea de pão e um couro cheio de cerveja forte e turva. Viana quase não tentou nada, porque tudo a fez engasgar. Um de seus acompanhantes, o mais quieto, lançou-lhe um olhar de desdém, mas o outro lhe deu um meio sorriso.

"Você terá a oportunidade de descansar e ter um jantar maior no Castelo de Normont, madame", ele disse a ela.

Viana não respondeu, embora reprimisse um suspiro de desânimo, pois só chegariam à cidade no dia seguinte. Eles seriam forçados a marchar

durante a noite também? Ele estremeceu só de pensar nisso. Embora talvez fosse melhor do que ter que passar a noite com os bárbaros. Eles tinham pouca bagagem. Eles teriam carregado apenas uma loja? Devem todos dormir juntos? E sim…? Viana não ousou perguntar, mas também não ousou continuar imaginando o resto.

De repente, virando uma esquina, um dos bárbaros parou e ordenou aos outros que fizessem o mesmo.

-Que…? — começou Viana, mas o outro homem mandou-a calar com um gesto brusco.

Ela obedeceu, com o coração batendo forte, enquanto os bárbaros examinavam a floresta ao redor deles com a atenção de dois cães à espreita.

Então, de repente, um grito quebrou o silêncio:

"Por Greystone!"

"Por Greystone!" Em coro várias outras vozes.

E de entre as árvores surgiu um grupo de homens armados que atacou os bárbaros com ferocidade e decisão. Viana assustou-se no início, até que os reconheceu: eram uns guardas do castelo. Leais até o fim, eles acataram a decisão de sua patroa de escoltar os invasores ao tribunal, mas não suportaram deixá-la em suas mãos e vieram em seu socorro. Havia pelo menos uma dúzia deles; eles certamente acabariam com seus inimigos e a trariam de volta para casa.

Tremendo, ela aproximou sua montaria de Dorea, e as duas se afastaram dos combatentes. Mas, se Viana esperava um resgate rápido e limpo, como os que lera em alguns de seus romances favoritos, ficou decepcionada.

Porque aconteceu que, apesar de seus números superiores, os nortistas estavam perdendo. Os bárbaros, implacáveis e ferozes, sacaram suas armas e, comparadas a elas, as dos guardas de Greystone pareciam brinquedos. Seus movimentos, seguros e contundentes, deceparam membros e fizeram com que jatos profusos de sangue fluíssem dos corpos opostos. Antes que Viana pudesse assimilar o que estava acontecendo, os cadáveres de seus homens jaziam no chão, como bonecas quebradas e ensanguentadas.

Viana gritou, horrorizado. Eu nunca tinha presenciado uma cena assim, tão violenta e brutal. Dorea tentou segurá-la, mas ela continuou gritando, histérica, como se assim pudesse acordar desse pesadelo, sem tirar os olhos dos corpos desses homens bons e leais.

Os bárbaros limparam suas armas e as guardaram com indiferença, como se participar dessa carnificina fosse algo que eles fizessem todos os dias. O barbudo gritou com Viana, mas ela mal o ouviu.

"Mulher, cale a boca sua senhora", disse o outro a Dorea. Nós temos que seguir em frente.

Viana parou de gritar, mas explodiu em soluços. A enfermeira a consolou o melhor que pôde e conseguiu fazer com que a menina desviasse o olhar daquela cena macabra.

"Vamos, garota," Dorea sussurrou. Não podemos mais fazer nada por eles.

Viana enterrou o rosto nas mãos enquanto os bárbaros arrastavam os corpos para os dois lados da estrada. Então os dois homens os forçaram a continuar andando. A jovem ainda estava tremendo quando passaram pela curva onde a luta aconteceu.

Ele mal estava ciente da passagem das horas. Ele sentiu como se estivesse flutuando no meio de um sonho estranho e horrível. Em algum momento, ela disse a si mesma repetidamente, ela teria que acordar; enquanto isso, ela simplesmente se deixava levar, como uma sonâmbula, para um destino incerto.

Finalmente, quando o sol se pôs e a garota estava tão cansada que mal conseguia ficar na sela, os bárbaros pararam. Viana voltou à realidade enquanto eles a ajudavam a desmontar, e ela lutou para ficar alerta. Eles acenderam uma fogueira em uma clareira não muito longe da estrada; A jovem confirmou que eles não tinham uma barraca quando receberam alguns cobertores ásperos e recomendou que se acomodassem no chão da melhor maneira possível. Um dos homens se afastou e voltou depois de um tempo com uma perdiz e um coelho, que eles assaram no fogo. Viana estava com tanta fome que começou a devorar sua porção, sem se preocupar em manter as maneiras que lhe haviam ensinado. Mas então, de repente, ele se lembrou dos guardas mortos e não conseguiu mais comer. Ele sentiu seu estômago fechar e a mera visão da carne o fez engasgar.

"Descansem, senhoras", aconselhou o bárbaro enquanto as duas mulheres se enrolavam relutantemente em seus cobertores. Amanhã será um dia muito longo.

Embora se sentisse exausta, Viana demorou a adormecer. Um de seus acompanhantes dormia profundamente, mas o outro, o mais sombrio, estava sentado perto do fogo, observando, as chamas desenhando reflexos sinistros em seus olhos de aço. Dorea deitou-se muito perto dela e também estava alerta, certificando-se de que os dois homens mantivessem distância.

Por fim, Viana adormeceu, e o dela foi um sonho incômodo atormentado por pesadelos.

Ela acordou sobressaltada quando sentiu alguém tocar seu ombro. Ele pulou e recuou com um grito de alarme. Mas só encontrou o sorriso zombeteiro do guerreiro de barba negra, que se limitou a dizer-lhe algo em sua linguagem incompreensível enquanto apontava para o céu, onde já se via a primeira luz da aurora.

Viana entendeu que era hora de sair e se levantou, ainda trêmulo. Quando o bárbaro não estava olhando, ela se certificou de que todas as suas roupas ainda estavam no lugar, repreendendo-se por ter cedido ao sono.

"Está tudo bem, criança," Dorea sussurrou para ela.

Ela relaxou um pouco, embora se sentisse ainda mais culpada por adormecer quando parecia óbvio que sua enfermeira a havia observado a noite toda.

Seus companheiros permitiram que eles se aproximassem do riacho por um momento para se lavarem, mas então, depois de um café da manhã frugal, eles retomaram a marcha. Todo o corpo de Viana doía, mas mesmo assim ela estava um pouco mais calma do que no dia anterior. Logo chegariam à corte, um lugar que ela conhecia, e talvez ela encontrasse alguns rostos amigáveis por lá.

Assim, ao cair da noite, eles finalmente avistaram as muralhas de Normont.

Viana contemplou as torres do castelo. Lembrou-se de que da última vez que percorrera aquele caminho, na véspera do solstício de inverno, sonhara com seu futuro casamento com Robian. Agora ela foi forçada a ir ao tribunal mais cedo do que o esperado, e em circunstâncias que ela nunca poderia ter imaginado. E Robin...

Ele estava tendo dificuldade em assimilar tudo isso. Ela nem tinha chegado ao fato de que seu noivo provavelmente estava morto, então ela não podia chorar por ele. Ela esperava encontrá-lo na corte, ou talvez em outro lugar. Durante toda essa jornada, ele imaginou que um grupo de bravos cavaleiros do rei, incluindo Robian e seu pai, ainda estavam resistindo aos bárbaros em algum lugar.

Ela teve que piscar para conter as lágrimas quando chegaram aos portões de Normont: o quanto sua vida havia mudado em tão pouco tempo e o quanto ela havia perdido...

As ruas estavam vazias. Ainda havia vestígios da luta que os bárbaros tiveram com a guarda da cidade, mas tudo parecia estar em ordem. Contrariamente aos seus costumes, os bárbaros não tinham incendiado as casas e até parecia que tinham respeitado os seus habitantes, porque os únicos cadáveres que queimavam na pira da praça eram os dos soldados. No entanto, os cidadãos permaneceram escondidos em suas casas, e apenas alguns espectadores ousaram enfiar o nariz pelas persianas para vê-los passar.

"Os bárbaros não vieram para destruir tudo", compreendeu então Viana. "É verdade que este Harak quer se tornar nosso rei, e não faz sentido arrasar a terra que ele aspira a possuir." Isso renovou suas esperanças. Talvez Robian e seu pai ainda estivessem vivos, afinal. Quando a comitiva entrou no castelo, Viana lembrou-se desconcertada da alegria que reinara no local durante a sua última visita, durante as celebrações do solstício de inverno. E ele teve que admitir que nem em seus sonhos mais loucos eles poderiam imaginar que tudo voltaria ao normal.

Os bárbaros os ajudaram a desmontar no pátio. Viana olhou apreensivo para os homens que andavam por ali. Até o menino que cuidava de levar

suas montarias para os estábulos parecia rude e feroz, e não devia ter mais de treze anos. Ele estremeceu.

Ela e Dorea caminharam juntas pelos corredores do castelo, seguindo os dois bárbaros que as levaram até lá. Tudo estava mais calmo, mais vazio, mas relativamente intocado. Os sinais de luta que podiam ser vistos aqui e ali - uma cortina rasgada, uma mancha de sangue na parede, uma janela quebrada - desapareceriam em poucos dias se alguém se desse ao trabalho de limpar um pouco. Estava claro que os bárbaros não tinham sido cruéis: Harak queria se estabelecer permanentemente no castelo de Normont.

Mas o que teria sido da rainha e do príncipe?

Finalmente, para alívio de ambos, os bárbaros os deixaram em uma grande sala cheia de damas e donzelas. Todos eles estavam pálidos e assustados, mas pareciam estar sãos e salvos.

"Espere aqui para ser chamado", disse o bárbaro antes de sair.

Fecharam a porta atrás deles, mas Viana ficou intrigada com o fato de estar presa com as filhas e esposas de nobres de diferentes níveis e status. Os homens de suas famílias vieram para a batalha ao lado do rei Radis. O que aconteceu com todos eles, e por que os bárbaros reuniram suas mulheres lá?

- Viana! Oi Viana! Então uma voz a chamou.

A garota explodiu em lágrimas de alegria ao ver Belicia correndo em sua direção do outro lado da sala. Eles se abraçaram tremendo.

— Foi horrível, Viana! Belicia exclamou, muito chateada. Quem vai nos ajudar agora?

"Mas o que aconteceu aqui?"

Belicia suspirou e lançou um olhar crítico para os dois recém-chegados.

"Você parece exausto", disse ele, levantando-se. Venha, vamos sentar lá atrás, perto da janela. Há uma mesa com comida; Imagino que você vai estar com fome.

Viana apreciou muito. Ela bebeu quase com avidez, e só quando ela e Dorea comeram alguns bolos de mel e amêndoas é que Belicia começou sua história:

"Este Harak enviou seus homens por todo o domínio de Nortia e ordenou que todas as damas e donzelas se reportassem a ele", disse ele. Minha mãe e eu chegamos esta manhã, e até agora fomos bem tratados... Conseguimos dormir e descansar, e a comida é boa porque os cozinheiros reais puderam continuar seu trabalho... Mas não não sei por que estamos aqui. Algumas das senhoras temem que os bárbaros queiram forçar a todos nós, e estão muito chateadas. Minha mãe está agora ao lado da Marquesa Arminda, que desmaiou assim que chegou e ficou paralisada o dia todo...

"E o que aconteceu com a rainha?" E o príncipe?

"Ah..." Belicia hesitou; Ele pegou as mãos de Viana e as apertou com força para encorajá-la antes de continuar. Veja bem, a guarda da cidade

resistiu heroicamente aos bárbaros, e os soldados do castelo fizeram o possível para mantê-los afastados, mas sem sucesso. Este Harak chegou à sala do trono, onde a rainha se trancara, e arrombou a porta. Dizem que ela se comportou com muita coragem e dignidade e ordenou que ele voltasse pelo caminho por onde tinha vindo. Mas Harak respondeu que ele era o novo rei de Nortia e, portanto, ele estava lá para se sentar no trono e reivindicá-la como sua legítima esposa. Ele carregou a coroa do rei Radis e a colocou diante dela, como se aquele gesto lhe concedesse todos os tipos de direitos", concluiu Belicia com desgosto.

"E o que a rainha fez?" Viana perguntou prendendo a respiração.

"Ele respondeu que, após a morte do Rei Radis e do Príncipe Beriac..." Ela vacilou, e um suspiro quase imperceptível sacudiu seu peito ao se lembrar do amor perdido; Viana percebeu o quanto era difícil para ele falar, então esperou que ele superasse: "Depois da morte de Beriac, ela disse, a coroa pertencia ao príncipe Elim por direito de primogenitura. Parece que, antes que os bárbaros entrassem na cidade, a rainha havia confiado o príncipe a um grupo de soldados leais, que deveriam tirá-lo do castelo por uma saída secreta para colocá-lo em segurança. Então ela esperava que seu filho tivesse conseguido escapar dos bárbaros. Bem, então..." Belicia engoliu em seco, "Harak tirou um saco de seu cinto e removeu... a cabeça do Príncipe Elim," ela concluiu em um sussurro.

Viana e Dorea soltaram uma exclamação horrorizada.

"Ele mostrou para a rainha", continuou Belicia, com os olhos cheios de lágrimas, "e disse a ela que, como a cabeça não estava em posição de segurar uma coroa, ele reivindicou o direito de usá-la."

Viana chorou ao imaginar a cena. Belicia enxugou as lágrimas e continuou:

"Mas a rainha... a rainha não desmaiou!" Dizem que ele olhou... o que restava do príncipe Elim com o rosto pálido, mas ele não chorou nem desmaiou, apenas olhou para esse Harak com profundo desprezo. E então ele insistiu que queria se casar com ela, e trouxe um bruxo de sua tribo, ou algo assim, para celebrar o casamento de acordo com as crenças bárbaras.

"E a rainha consentiu?" perguntou Viana, horrorizado.

"Ela não disse uma palavra durante toda a cerimônia, e ninguém perguntou sua opinião sobre o assunto. De acordo com os ritos bárbaros, é o homem que se casa, e a mulher não pode recusar se o pai concordar. Mas a rainha não tinha pai que pudesse falar por ela.

"Então ela se retirou para seus aposentos, enquanto os bárbaros berravam e bebiam na sala de jantar para celebrar o casamento de seu rei... E quando Harak veio ao seu quarto para consumar o casamento... ele a encontrou morta: ela havia se matado com um punhal.

Mais uma vez, Dorea e Viana ofegaram.

-Não pode ser! a jovem poderia dizer. Você quer dizer que toda a família real está morta? Que não há mais ninguém que possa desafiar Harak pelo trono?

Belicia balançou a cabeça.

“Ele já tomou o cuidado de eliminar todos os nobres que poderiam reivindicar o trono. Aqueles que não juraram lealdade a ele e sobreviveram à batalha foram executados. Nossos pais..." ela concluiu, e começou a chorar novamente, incapaz de continuar.

Viana sentiu o estômago contrair. Não ousava perguntar sobre o destino do conde Valnevado, nem sobre o de Robian ou de seu próprio pai. Ela simplesmente não estava preparada para aceitar que algo tão terrível pudesse ter acontecido com eles. Apesar da cena horrível que testemunhara durante sua jornada, ele esperava que o líder bárbaro pudesse ser racionalizado. Mas o relato de Belicia a fez estremecer de puro horror. Que misericórdia se poderia esperar de um homem que decapitou um menino de sete anos e depois mostrou a cabeça para sua mãe horrorizada? Ela também não podia esquecer os guardas de Greystone, e lamentou profundamente que eles tivessem perdido suas vidas tentando resgatá-la. Parecia que todos os que ousavam se opor aos bárbaros estavam condenados irremediavelmente.

"O que eles vão fazer com a gente?" ela se perguntou, enquanto ela e Belicia se abraçavam, assustadas. Por que nos trouxeram aqui?

Dorea, que estava calada até então, balançou a cabeça com pesar.

"Não é óbvio, minhas senhoras?" A rainha está morta e não pode mais gerar a descendência do usurpador. Então ele está procurando uma nova esposa.

O mundo de Viana desabou com a possibilidade de ela acabar casada com aquele horrível bárbaro em vez de ser a esposa de Robian, como sonhava desde criança. Todos aqueles infortúnios... só poderiam ser o produto de um pesadelo cruel e horrível. Ela enterrou o rosto nas mãos e explodiu em soluços incontroláveis. Belicia a abraçou infeliz.

"Tenha coragem, meninas," Dorea sussurrou. Mas não havia muito mais que pudesse dizer para confortá-los.

Momentos depois, um grupo de guerreiros bárbaros entrou no complexo e conduziu todas as mulheres para a sala do trono. Viana caminhava agarrada ao braço de Belicia, como se os dois fossem receber uma sentença de morte. A mãe de Belicia logo se juntou a eles. Deu as condolências a Viana, embora ela tenha respondido, em voz baixa, que não tinha confirmação de que o pai e o noivo estavam mortos. Mas a condessa lançou-lhe um olhar de profunda piedade.

As mulheres passaram pelas portas, temerosas. Sentado no trono que o rei Radis costumava ocupar estava agora um homem imponente, de feições duras e um olhar astuto e penetrante, que havia colocado na cabeça a coroa dos reis de Nortia. Ao contrário da maioria de seus guerreiros, Harak não

tinha barba, exibindo um rosto bem barbeado; no entanto, algo em sua expressão o tornava mais temível do que eles. Os olhos do usurpador varreram a fileira de senhoras trêmulas, avaliando-as. Os mais corajosos escondiam atrás deles os mais jovens, separando-os do olhar daquele sanguinário.

Viana não conseguia se mexer. Ficou ali, paralisada, sem tirar os olhos do bárbaro, como um rato hipnotizado diante da cobra que vai devorá-lo.

Então Harak levantou-se e Viana percebeu, espantado, que era muito mais alto e mais terrível do que parecia a princípio.

"Bem-vindos à minha humilde morada, minhas senhoras", ele as cumprimentou com um sorriso malicioso. Ninguém lhe respondeu. Espero que tenha gostado da viagem. Escolhi como embaixadores aqueles homens que melhor conheciam os costumes e costumes de seu país, para que você não se sentisse desconfortável em sua companhia. Espero que tenha sido tratado com a cortesia que merece.

Viana lembrou-se dos dois bárbaros que a tiraram de seu castelo, e seu estômago revirou. Era verdade que haviam demonstrado um certo cavalheirismo, ainda que um tanto grosseiro; mas depois, durante a emboscada dos soldados, eles mostraram que, sob aquele verniz de civilização, ainda eram bárbaros.

— Você foi chamado antes de mim — continuou Harak — para prestar homenagem àquele que agora é seu novo rei e senhor. E, como você deve saber, todo rei precisa de uma rainha.

Os olhos de Viana voltaram-se para a cadeira da rainha, agora vazia. Ali repousava o diadema que ela costumava usar, e que agora aguardava um novo dono.

Em outras circunstâncias, em tempos mais fáceis, quando os dois príncipes viviam, metade das donzelas de Nortia desejava usar aquele diadema e reinar no futuro ao lado do belo Beriac. Mas nesses momentos nenhum deles se moveu, e alguns até recuaram um pouco, tentando passar despercebidos.

Harak deu uma risada seca e desagradável e se acomodou no trono que havia conquistado à força.

— Troylas! ele gritou. É a hora.

Um homenzinho pálido e trêmulo correu diante dele, curvando a cabeça em submissão; Ele carregava um velho livro pesado com o brasão dos reis de Nortia na capa: um falcão peregrino pairando sobre um castelo de prata em um campo de azul.

"Ele é o arquivista real," Belicia sussurrou. Como muitos dos servos do Rei Radis, ele temia por sua vida e jurou fidelidade ao bárbaro.

Viana assentiu, ela o conhecia de vista, embora até aquele momento não soubesse seu nome nem sua função na corte. E também não entendia por que alguém como Harak estaria interessado em seus serviços.

Não demorou muito para ele descobrir. Em uma voz aguda, Troylas começou a chamar as senhoras, uma por uma. Os homens de Harak empurraram os mais relutantes, de modo que todos acabaram se aproximando do trono quando foram reivindicados. Uma vez lá, Troylas recitava o nome, título, linhagem e posses da dama. E, diante do olhar horrorizado dos outros, Harak examinou-a cuidadosamente e a emparelhou com um de seus homens. Viana logo percebeu que as mulheres eram um prêmio pela coragem e lealdade dos guerreiros. Os chefes dos clãs levavam as damas de nascimento mais elevado. A beleza não tinha nada a ver com sua escolha; o que o chefe bárbaro estava dando eram terras, herança e um título nobre. Os senhores dos clãs bárbaros gerariam aquelas senhoras e donzelas filhos de sua espécie que herdariam os vários domínios de Nortia. Em algumas gerações, eles seriam os legítimos donos de todo o reino e ninguém mais poderia expulsá-los de lá.

Viana não podia fazer nada além de ficar ali, paralisado, como uma vaca prestes a ser conduzida ao matadouro. Ele sabia que mais cedo ou mais tarde chegaria sua vez, e não conseguia pensar em nada que pudesse fazer para evitá-lo.

"Analyssa de Belrosal!" Troylas então anunciou.

Uma menina de cerca de nove ou dez anos avançou pela sala, tremendo de puro terror. Mas com um grito, sua mãe se lançou atrás dela, colocando-se entre Harak e a garotinha.

"Misericórdia, senhor!" ele implorou. Analisa é apenas uma garota. Leve-me em vez disso.

Um murmúrio percorreu o grupo de senhoras.

"A marquesa de Belrosal é irmã da falecida rainha e prima do rei Radis", murmurou Belicia, embora Viana já soubesse. Ela está duplamente relacionada à linhagem real de Nortia.

Harry não disse nada. A marquesa estava diante dele, abraçando Analisa, enquanto Troylas recitava a longa lista de títulos da garota. Finalmente, o chefe bárbaro anunciou:

"Analisa de Belrosal será a nossa nova rainha."

Ele repetiu em sua própria língua para que todos os seus homens entendessem, e eles aplaudiram ruidosamente. A marquesa implorou a Harak que reconsiderasse sua decisão, mas seus argumentos saíram pela culatra.

"Você é uma mulher adulta agora, Senhora Marquesa," Harak respondeu com um sorriso torto. Analisa é uma menina, sim, mas as meninas crescem. E ele tem muito tempo pela frente para gerar filhos fortes e saudáveis.

A marquesa gritou desesperada, mas nada pôde fazer para evitar o destino da filha. Ele foi, no entanto, autorizado a ficar na corte para cuidar dela como uma dama de companhia.

Viana sentiu muita pena da pobre Analisa; Ela pensou em Rinia, a irmã mais nova de Robian, e se perguntou com o coração apertado se ela seria

forçada a se casar também. Mas ele não a viu em lugar nenhum, nem sua mãe, a duquesa de Castelmar. Ele se perguntou se isso era um bom sinal. Ela também esperou brevemente que agora que Harak havia encontrado sua rainha, as outras mulheres pudessem voltar para casa.

Não foi assim. Ela se sentiu fraca quando ouviu que o próximo nome que Troylas falou era o dela.

Ele tentou tirar força da fraqueza. A marquesa se dirigira a Harak e ele a ouvira, embora não atendesse ao seu pedido. Talvez ela pudesse argumentar com ele. Gentilmente afastando as mãos de Dorea e Belicia, que estavam tentando segurá-la ao seu lado, ela atravessou o corredor, olhando para o chão, sem ousar olhar para o terrível bárbaro.

"Viana", disse Troylas, "é filha do duque Corven de Greystone, que caiu em batalha e não teve mais filhos, homens ou mulheres." Ela é a única herdeira de seu domínio.

A garota mal ouviu enquanto o arquivista descrevia seus títulos e propriedades em detalhes. A notícia da morte de seu pai a atingiu como um golpe. Ela sabia o tempo todo que era altamente improvável que o duque tivesse sobrevivido à luta, e ainda assim ela ainda nutria alguma esperança de vê-lo novamente. Fechando os olhos para conter as lágrimas, ela quase desmaiou, mas então a voz de Harak a trouxe de volta à realidade.

-Bom; ela será uma boa esposa para Holdar.

Um enorme chefe bárbaro, ostentando uma barba ruiva desgrenhada e carregando um machado nas costas, deu ao rei um aplauso entusiasmado. Um grupo de guerreiros de seu clã o secundou.

Viana ficou absolutamente horrorizado. Iriam casá-la com aquele monstro? Os filhos que ela teve com aquele Holdar seriam os herdeiros de Rocagris? Eu não podia permitir!

"Meu senhor..." ele se atreveu a dizer. Não posso me casar com aquele homem.

Harak olhou para ela surpreso e um pouco irritado. Até aquele momento, apenas a Marquesa de Belrosal ousara opor-se às suas decisões, e até certo ponto era compreensível, porque defendia a filha e porque tinha sangue real. Os bárbaros saudaram a reivindicação de Viana com um coro de risadas, mas Harak os deteve com um aceno e se inclinou um pouco para a frente. Seus olhos de aço a olharam sem piscar, e de repente ela se sentiu tão pequena quanto uma partícula de poeira. Algo dentro dela se rebelou nesta circunstância. Afinal, por mais imponente que parecesse, aquele homem não passava de um usurpador bárbaro. Ele lutou para levantar a cabeça e encontrar o olhar dela. Harak franziu a testa.

"Como você ousa contradizer minha vontade?" ele rosnou.

"Eu..." A voz de Viana tremeu, mas ela conseguiu continuar. Peço desculpas, senhor, mas já estou noiva de outra pessoa. Nossos pais decidiram há tanto tempo", acrescentou, lembrando que, segundo o relato de

Belicia, esses bárbaros levavam em conta a opinião do pai da moça em questões matrimoniais.

Harak olhou para Troylas, que virava nervosamente as páginas de seu livro.

"Aqui não, senhor", disse finalmente o arquivista.

"Então a garota está mentindo?"

"Eu não diria muito." Certamente ele diz a verdade, mas mesmo que tal união tenha a aprovação do rei, se não está registrada no livro é porque ainda não foi efetivada.

"E isso significa que eles ainda não estão casados?"

“Isso mesmo, senhor.

Harak voltou sua atenção para Viana.

"É bem possível que seu noivo tenha sido morto na guerra", disse ele. Você está ciente disso, garota?

Viana assentiu, tentando esconder o fato de que suas pernas tremiam.

"Espero que ele tenha sobrevivido, senhor", respondeu ele.

"E quem é o sortudo, se é que se sabe?"

"Robian de Castelmar, filho do duque Landan", declarou ela, sentindo-se mais segura a cada palavra que falava.

"Robyan?" Harak repetiu, erguendo uma sobrancelha com um sorriso.

Viana não entendia o que lhe parecia tão engraçado. Ele assentiu, sentindo suas bochechas ficarem vermelhas. Ele esperava que Troylas consultasse seu livro para informar seu novo senhor sobre a identidade de sua noiva, mas o arquivista não fez nenhum movimento para reabri-lo. E Viana logo descobriu o porquê.

"Robian de Castelmar, filho de Landan!" Harak gritou para a alegria geral.

Todos se viraram para um canto da sala que Viana não havia notado. Havia vários homens lá, mas não eram bárbaros, apenas Cavaleiros do Norte. Os conquistadores pareciam tão grandes e barulhentos que esse grupo passou completamente despercebido. Além disso, eles também não pareciam inclinados a atrair atenção. Ficaram nas sombras e evitaram os olhos das senhoras, como se estivessem envergonhados.

—Robiano! Harak ligou novamente. Aqui está uma mocinha perguntando por você!

Houve um movimento no grupo de nobres do norte, e o coração de Viana disparou. Poderia ser verdade? Robin estava vivo?

Momentos depois ela o viu, caminhando pesadamente em direção ao seu novo rei. Viana reprimiu uma exclamação de alegria. Era Robian, seu Robian! Não havia dúvida. Ele parecia mais sério e cansado do que nunca, seu cabelo estava desgrenhado e suas roupas tinham alguns respingos de sangue, mas ele estava são e salvo.

Viana se conteve de correr para os braços dele, e seu rosto se iluminou de felicidade. Ela fizera bem em permanecer esperançosa e informar Harak de que estava noiva, pensou. Robian a salvaria do casamento com esse bárbaro hediondo. Ele lhe deu um sorriso radiante; mas, para sua perplexidade, o jovem mal olhou para ela.

-Meu Senhor? ele disse, curvando-se para Harak.

— Rapaz, depois da morte de seu pai você é o herdeiro de Castelmar. Se você ainda mantém seu domínio, é porque você preferiu viver para me servir a morrer em minhas mãos. É assim?

"Isso é verdade, meu senhor," o jovem respondeu com uma voz neutra.

Viana contemplou a cena sem saber como deveria se sentir a respeito. Robian era um traidor e provavelmente um covarde, mas estava vivo. Ela teria preferido que seu noivo morresse em batalha como um herói, assim como seu pai, que ela nunca mais veria?

"Você jurou aceitar que seria sempre um recém-chegado", continuou o bárbaro, "e que sua posição seria inferior à de meus homens." Então você tem menos direitos do que eles.

"Eu me lembro," Robian concordou calmamente.

"Prometi ao meu bom Holdar que lhe daria essa garota como esposa." Ela é jovem e de boa linhagem, e tem grandes propriedades. Holdar, por sua vez, é um bravo guerreiro, valente e leal, e lidera um dos clãs mais poderosos entre os Povos das Estepes. Em vez disso, você é um traidor vulgar. Acho que você não merece se casar com essa donzela. Está de acordo comigo?

Robian franziu os lábios, mas respondeu:

— Naturalmente, meu senhor. O chefe Holdar será um bom marido para Viana.

A garota soltou uma exclamação consternada, não acreditando no que acabara de ouvir. Harak sorriu.

"Ela não parece disposta a acreditar." Você desiste de ser seu marido, Robian de Castelmar? Diga aqui e agora.

O jovem senhor levantou-se para olhar Viana, que o olhava suplicante. Mas ela abaixou a cabeça imediatamente, como se não ousasse encontrar seu olhar.

“Eu renuncio a ela, meu rei. O compromisso que nossos pais concordaram é anulado.

"Bom", concordou Harak, satisfeito. Muito bem.

Viana deu um grito desesperado e chamou Robian, mas ele não ergueu os olhos. Eles a entregariam a Holdar, o bárbaro, sem que seu noivo fizesse nada para evitar isso.

A seleção de esposas para os chefes dos clãs continuou até tarde da noite. Então chegou um bárbaro muito mais baixo e mais frágil que os outros. Apesar disso, todos ficaram em silêncio enquanto ele passava e o tratavam

com respeito e veneração. Viana olhou para ele com alguma apreensão. Seus longos cabelos grisalhos, cuidadosamente trançados, e as pinturas que adornavam seu rosto chamaram sua atenção. Eu nunca tinha visto ninguém como ele.

"É o bruxo", alguém sussurrou, e a garota estremeceu sem saber por quê.

Ele logo descobriu que este homem, possuindo ou não o poder mágico atribuído a ele pelos outros bárbaros, tinha autoridade para oficiar casamentos. Ele primeiro celebrou Harak e a infeliz Analisa, que não parava de chorar, e depois se casou com o resto dos casais sem que nenhuma das mulheres pudesse se opor a nada. Agora Harak era rei, e ele fez as leis; e, de acordo com os costumes de seu povo, esses casamentos eram perfeitamente válidos.

Mais tarde, Viana teve de acompanhar o novo marido e não houve tempo para despedidas. Belicia também havia se casado com um dos chefes bárbaros; Viana conseguiu ver como a amiga respondeu com insolência ao novo marido e ele deu um tapa na cara dela para colocá-la no lugar. Ela estremeceu de medo e lançou um último olhar suplicante para Robian, que estava fazendo o possível para ignorar sua presença na sala. Talvez, ela disse a si mesma, ele tenha traçado um plano para derrotar Harak, e então ele deve agradá-lo agora. Tenho certeza de que ele virá em meu socorro em breve."

Mas naquela noite, quando ela e Dorea dormiam em um pequeno quarto de hóspedes no castelo real, Robian não veio visitá-la. Nem o seu novo marido, felizmente, mas Viana não tinha ilusões sobre isso e sabia que não tardaria a exigir que cumprisse o seu dever de esposa.

Quando, no dia seguinte, Holdar arranjou tudo para partir para uma das muitas propriedades que o rei lhe dera, Viana cavalgava no seu palafrém, desolada, sem poder fazer outra coisa senão segui-lo para uma nova vida que julgava cheia de alegria. tristeza e miséria.

Até o último momento, ela continuou virando a cabeça para o caso de ver Robian em algum lugar, talvez acenando para ela das ameias ou de alguma janela do castelo, talvez escondido entre as pessoas que olhavam para a praça principal de Normont, ou talvez espreitando no mato. , ao longo da estrada, pronto para emboscar a comitiva para resgatar sua donzela. Com fé inabalável, Viana sonhou que Robian a salvou de mil maneiras diferentes. Em nenhum momento ele se atreveu a imaginar o que aconteceria se os bárbaros vencessem a luta, como fizeram quando os guardas de Greystone os enfrentaram; Ainda havia um vislumbre de esperança em seu coração. Mas no final da tarde eles chegaram ao seu destino, e Robian não veio em socorro.

Nem eu o faria, Viana compreendeu de repente.

Seu noivo a havia deixado nas mãos daquele bárbaro. Eu estava sozinho.

Todos os seus sonhos foram destruídos para sempre.

Capítulo III



Que trata de la vida de casada y de cómo puede complicarse una disputa conyugal.

VIANA PENSOU que seu novo marido a levaria para casa, já que Harak lhe dera Greystone e todo o antigo domínio do duque Corven. Mas Holdar também recebeu outras propriedades. Entre eles estava Torrespino, o castelo que ele finalmente escolheu como sua residência, que tinha uma muralha imponente e ficava no topo de um penhasco inacessível, não muito longe dos limites da Grande Floresta. Rocagrís, por outro lado, era um recinto projetado para ser o mais confortável e habitável possível, já que a família do duque passava a maior parte do tempo ali, mas era mais vulnerável a possíveis ataques. Viana compreendeu imediatamente que o marido valorizava mais as possibilidades defensivas de uma habitação do que o facto de ser confortável, e suspirou, arrependida, ao perceber que iria partilhar o seu quarto com ele, um quarto espaçoso mas húmido e frio, situado no topo da torre eriçada de espinhos que deram o nome ao lugar.

Holdar mal havia falado com sua jovem esposa, exceto para dar-lhe ordens, e ele não podia falar muito com ela de qualquer maneira, conhecendo apenas algumas palavras da língua de Nortia. Quando Viana lhe implorou que o deixasse manter Dorea como criada, o bárbaro resmungou alguma coisa e deu de ombros, como se quisesse dar a entender que não se importava se a enfermeira os acompanhasse ou não. Durante a viagem, ele e os seus homens dedicaram-se a beber e a cantar alto naquela língua áspera que Viana não compreendia; a julgar por suas gargalhadas, ele suspeitava que estivessem cantando baladas obscenas, ou épicos e batalhas, ou ambos. De qualquer forma, ele estava feliz por não poder entendê-los.

Por outro lado, aqueles homens apenas olhavam para ela e para Dorea, como se não os achassem atraentes, e Viana sentiu sua esperança renascer. Mas isso não durou muito; Ele mal teve a chance de olhar desconsolado ao redor de seu novo quarto quando Holdar disse:

“Você caiu. Jantar.

Viana tinha visto o estado em que Holdar e seus guerreiros se encontravam, e não tinha dúvidas de que o jantar que estavam planejando seria semelhante ao que vislumbrara no castelo do rei, depois que Harak

casara todas as damas nórdicas com seus homens. guerreiros. Ele não tinha nenhum desejo de participar da celebração.

-Não faça. Não, ele repetiu. Eu... minha cabeça dói. Estou cansada da viagem — repetiu ela várias vezes, gesticulando muito, até que Holdar entendeu.

"Mulher fraca," ele opinou com um bufo de desdém.

Viana não sabia se achava que todas as mulheres em geral eram frágeis ou se estava se referindo a ela em particular, mas não se importava. O bárbaro virou-se para sair. Ela estava prestes a suspirar de alívio quando Holdar pareceu se lembrar de algo e olhou para ela da porta.

"Eu vou subir mais tarde", ele rosnou, e fez um gesto rude, cujo significado era claro até para uma empregada como Viana.

Ela ficou tão horrorizada que não conseguiu responder. Quando o bárbaro saiu, fechando a porta atrás de si, a garota afundou no catre e começou a chorar incontrolavelmente. O que eu poderia fazer? Ele nunca seria capaz de escapar de lá. Holdar não a trancou, mas o castelo estava cheio de bárbaros, e ela não conseguiu chegar ao pátio sem ser vista. Sair pela janela também não era uma opção, já que a torre era muito alta. Mas ele se recusou a se submeter ao seu destino. Ele teria a coragem de seguir o exemplo de sua rainha e tirar a própria vida em vez de perder sua honra? De qualquer forma, também não havia punhal ao alcance. Ele se perguntou se poderia usar a corda de seu próprio cinto para se enforcar...

Não, não, ele nunca ousaria. Ele tinha muito medo da morte.

Ela ficou deitada na cama por um longo tempo, lamentando seu destino e imaginando o que deveria fazer, até que adormeceu de pura exaustão.

Ela acordou várias horas depois com um sobressalto quando a porta se abriu. Viana levou apenas alguns instantes para assimilar a situação em que se encontrava: na torre de um castelo solitário e sombrio, no quarto do marido, o bárbaro, que estava na entrada, obviamente bêbado como uma cuba. Viana deu um pulo e recuou, assustado. Holdar, com o rosto vermelho e o hálito cheirando a álcool, murmurou algo incompreensível em sua língua nativa e cambaleou em direção a ela. Viana tinha decidido ser forte e aguentar estoicamente o destino que lhe estava reservado, mas o medo e a apreensão eram mais fortes do que ela, e continuou a recuar, apavorada, até bater as costas na parede. O bárbaro riu alto e estendeu a mão para ela...

… Mas ele tropeçou e caiu de bruços no chão. Viana ficou parada, prendendo a respiração. No entanto, Holdar não se levantou. A menina se atreveu a dar um pequeno passo, mas parou, assustada, quando o marido soltou um arroto e um ronco alto, tudo ao mesmo tempo. Com o coração acelerado, Viana esperou mais um pouco. Mas Holdar não se mexeu mais. Aliviada, a jovem avançou aos poucos, evitando o corpo do grandalhão, até chegar à porta. Uma vez lá, ela ainda estava novamente. Onde eu iria? O que ele deveria fazer agora? E se Holdar acordasse e não a encontrasse no

quarto? Ele ficaria furioso e a bateria, como seu marido bárbaro Belicia tinha feito? Ele olhou para Holdar inquieto. Ele nem parecia respirar. E se ele tivesse morrido?

Viana aproximou-se um pouco do bárbaro caído e empurrou-o com a ponta do pé.

Ele não se moveu.

Talvez ele estivesse morto! Viana não sabia muito bem o que havia acontecido, mas as consequências disso se desenrolaram em sua mente como um baralho de cartas. Se Holdar estava morto, ela estava livre. Como uma mulher viúva, ela poderia recuperar suas posses e retornar a Greystone se desejasse. Mas e se o rei usurpador a casar com outro bárbaro? Não, não, ela não podia permitir isso... Talvez ela pudesse escapar agora que seu marido estava morto... ou dormindo... ou inconsciente. Mas todos os seus homens ainda estavam lá embaixo e a veriam. E como ele iria explicar o que aconteceu com Holdar? E se ela fosse acusada de matá-lo? Embora, com alguma sorte, todos estariam dormindo ou bêbados, e não sentiriam falta dela.

"Eu tenho que sair daqui antes que eles me encontrem", ele resolveu. Ela se lançou para a saída, mas antes que pudesse escapar, a porta se abriu e Viana engasgou de medo.

"Sssshh, não tenha medo, minha senhora, sou eu!" Dorea sussurrou ao entrar na sala.

A menina se acalmou. Ao chegar em Torrespino, seu marido havia decretado que uma mulher casada não precisava de companhia além da do marido, então ele mandou Dorea ficar com o resto dos criados.

Viana sentira tanto a sua falta.

"Doreia!" ele exclamou, uma pitada de pânico em sua voz. Holdar quase…! Mas ele desmaiou, e acho que está morto!

A enfermeira lançou um olhar crítico ao corpo do bárbaro, sem demonstrar nenhuma surpresa.

"Não se preocupe, senhora, apenas durma." Nós não temos muito tempo. Eu ajudo você a se despir.

-Como dizes? Dorea, com tudo o que aconteceu, eu não conseguiria dormir!

Mas a boa mulher balançou a cabeça e começou a afrouxar os laços do vestido da patroa. Viana, ainda chateada com tudo o que havia vivenciado nos últimos dias, deixou que ela o fizesse. No entanto, sua surpresa foi grande quando viu que Dorea jogou o vestido em um canto de qualquer maneira e, não contente com isso, rasgou a camisa da garota na frente, expondo o peito.

-Mas o que você está fazendo!? ela gritou, cobrindo-se o melhor que podia.

"Calma, garota, é para o seu próprio bem." Ajude-me a levar seu marido para a cama.

"Mas... mas... olha como eu estou!" E se ele acordar?

"Ele não vai acordar até bem de manhã, eu lhe asseguro." Confie em mim.

A voz suave e calma de Dorea tranquilizou Viana. As duas mulheres levantaram o enorme bárbaro o melhor que puderam e o jogaram na cama, que rangeu sob seu peso. No entanto, Holdar não se moveu.

"Você tem certeza que ele não está morto?" Viana perguntou apreensivo. Dorea balançou a cabeça.

"Ele está dormindo profundamente, minha senhora." Coloquei uma poção no copo dele. Mas quando ele acordar, ele deve acreditar que o casamento foi consumado, ou ele tentará novamente imediatamente.

Viana então entendeu o movimento da enfermeira e a abraçou, chorando de puro alívio e gratidão.

"Ai Dora... O que eu faria sem você?

"Ainda não terminamos, criança", disse ela, afastando-a gentilmente, mas com firmeza.

Viana viu que ele tinha uma faca de cozinha na mão e engasgou. Mas Dorea não esfaqueou o bárbaro, mas cortou o dedo e deixou cair algumas gotas de sangue nos lençóis.

"Será a prova de que você não é mais uma donzela", ela explicou gravemente.

Viana contemplou a mancha vermelha, atônito.

“Mas todo mundo vai pensar que ele…

"É melhor que eles pensem sobre isso, criança, do que realmente acontecer."

Viana concordou, embora ainda se sentisse chocada. Ela insistiu em envolver o dedo de Dorea com seu próprio lenço.

"Você já fez muito por mim", ele murmurou. Eu deveria ter me cortado e...

"Não", ela interrompeu. Holdar não é tolo, embora possa parecer. Um ferimento em sua mão delicada chamaria muita atenção. Mas não há nada de especial em uma solteirona se cortando com uma faca de cozinha enquanto corta legumes para o ensopado.

Viana voltou a abraçá-la, emocionado.

— Obrigado, obrigado... nunca vou esquecer isso.

Dorea sorriu.

"Vou dar ao seu marido a pílula para dormir todas as noites para ter certeza de que ele não tente novamente", disse ela, "mas ele logo ficará desconfiado." Então é melhor você estar grávida até lá.

-Grávida? Viana repetiu alarmado.

"Na verdade não, é claro," Dorea a tranquilizou. Será mais uma das muitas coisas que vamos fingir nos dias de hoje. Mas o propósito dele é gerar um herdeiro em você, e se ele achar que já conseguiu, pode perder o interesse. De qualquer forma, diremos que é uma gravidez delicada e que você deve descansar. Isso deve mantê-lo afastado por alguns meses.

-E depois?

Mas Dorea deu de ombros.

"Mais tarde, minha senhora, veremos."

Não era uma solução definitiva, mas pouparia a Viana o trabalho de dividir a cama com Holdar, embora não completamente...

"Você deve dormir ao lado dela, senhora, ou ela vai suspeitar," Dorea instruiu. Não se preocupe, ele não vai acordar no meio da noite, e amanhã estará doente demais para encostar a mão em você.

Viana sentiu-se mal ao pensar em deitar-se ao lado daquele homem grande que fedia a álcool e suor, mas confiava na ama de leite e estava disposta a fazer o que ela mandasse. Então ela se deitou na cama, de costas para Holdar, e se aconchegou o mais longe possível dele. Dorea deu uma última olhada ao redor da sala para se certificar de que tudo estava em ordem, deu um sorriso encorajador para Viana e saiu, fechando a porta atrás de si.

A jovem sentiu um ataque de pânico por estar sozinha com aquele homem, mas lutou para adormecer e permanecer imóvel.

E assim ficou horas, sem ousar mexer um músculo, enquanto Holdar dormia num sono tão profundo que provavelmente não teria acordado mesmo que Viana tivesse saltado para cima e para baixo na cama. Era quase meio-dia quando o bárbaro estremeceu e murmurou algo em sua língua. Depois de um último ronco, ele acordou e se virou para olhar para ela com olhos remelentos.

Apavorado, Viana olhou para ele, encolhido na outra ponta da cama. Todo o seu corpo doía com a tensão sob a qual estava, mas Holdar não percebeu. Ainda atordoado pelo narcótico administrado por Dorea, ele se sentou um pouco e piscou enquanto tentava se posicionar. Parecia desconcertado ao ver Viana em sua cama, provavelmente porque não se lembrava de como chegou lá. Então ele notou a camisa rasgada da garota e os lençóis, uma bagunça. A mancha de sangue, agora seca, era claramente visível entre eles.

Um sorriso iluminou o rosto de Holdar, e ele pulou de pé - ele teve que se encostar na parede porque ainda se sentia um pouco mal - e soltou um grito de triunfo. Viana, ainda se cobrindo com o lençol, olhou-o assustada, mas ele lhe lançou um olhar desdenhoso e saiu cambaleando do quarto, ignorando-a completamente.

Viana esperou um momento; quando ficou claro que Holdar não voltaria, ele deu um profundo suspiro de alívio.

Dorea tinha razão: o bárbaro ainda sentia os efeitos da poção, que sem dúvida atribuiria à ressaca dos excessos do dia anterior. Por outro lado, ele não parecia estar realmente interessado nela. Ele só queria uma esposa com quem gerar filhos que herdassem as terras que Harak havia conquistado. Uma vez que ele pensasse que ela estava grávida... talvez ele a deixasse em paz.

Ele respirou lentamente, tentando clarear seus pensamentos. Na noite anterior, o plano de Dorea parecia louco, mas ela cedeu porque estava com medo e porque não sabia mais o que fazer. Agora, porém, à luz da manhã e pensando bem, disse a si mesmo que poderia funcionar...

Ela passou o resto do dia tentando se tornar invisível para o marido. Ela encontrou refúgio nas cozinhas, onde Dorea havia sido colocada e onde Holdar nunca entrava, pois considerava território das mulheres. Além disso, a maioria dos criados que ali trabalhavam eram nórdicos, obrigados a servir aos bárbaros, e sentiam grande simpatia pela nova dona da casa, cujo destino lamentavam profundamente.

No entanto, nem ela nem Dorea compartilharam seu plano com ninguém. Para dar certo, os dois tiveram que ser extremamente discretos e realizar com muito cuidado.

Naquela manhã, Holdar mostrou o lençol manchado para seus homens e se gabou de algo que ele realmente não conseguia lembrar. Os bárbaros vagaram o dia todo, e no seguinte, interminavelmente exigindo comida e bebida dos servos. Holdar voltou ao quarto tarde da noite e lá estava Viana, tremendo de medo. Desta vez, o bárbaro conseguiu levá-la para a cama, mas adormeceu assim que tocou nos lençóis.

Na noite seguinte, não aguentou tanto: caiu pesadamente da escada enquanto subia para o quarto, e Viana teve de arrastá-lo para a cama com a ajuda de dois criados.

A menina contou os dias, desejando que chegasse a hora de fingir estar grávida; Ela temia que um dia Holdar resistisse mais do que o habitual e a pílula para dormir fizesse efeito tarde demais.

Para ter certeza, Dorea aumentou a dosagem, para que o bárbaro nunca se levantasse da mesa em suas próprias duas noites.

Durante todo esse tempo, Viana ficou fingindo que o marido conseguia manter com ela relações das quais ela não conseguia se lembrar. Mas as duas mulheres sabiam que não poderiam continuar essa farsa por muito tempo.

E o prazo terminou antes do que eles haviam calculado.

Acontece que banquetes cheios de cantos e bebedeiras não eram comuns entre os bárbaros, e que tudo isso fazia parte das comemorações da conquista de Nórcia. Mas chegou um momento em que Holdar decidiu que já estava farto de preguiça e chamou a atenção de todos os seus homens. Da noite para o dia, os bárbaros começaram a patrulhar os arredores de

Torrespino para pacificar o território, reprimindo qualquer indício de rebelião e certificando-se de que os camponeses soubessem que tinham um novo senhor. Holdar estava fora o dia todo, visitando suas novas terras, examinando cada vila, estrada e campo agrícola em detalhes. O único lugar onde eles não foram foi a Grande Floresta, mas não havia nada de especial nisso: ninguém foi.

Assim, os bárbaros começaram a se parecer mais com os temíveis guerreiros que haviam derrotado o exército de Nortia e menos com a gangue de bêbados que eles provaram ser nos últimos dias. Holdar estava muito mais lúcido e começou a olhar para Viana com certo ar de desconfiança.

Felizmente para ela, logo após o casamento, mais bárbaros começaram a chegar do outro lado das Montanhas Brancas, incluindo as mulheres.

Ao vê-los, Viana começou a entender por que esses guerreiros rudes não achavam atraentes as damas do Norte. As mulheres bárbaras eram duras, fortes e musculosas como elas. A pele bronzeada pelo sol e os cabelos soltos e desgrenhados, e poucos deles presos em longas tranças quase sempre meio desfeitas. Seus decotes generosos e maneiras fáceis, quase vulgares, as tornavam mais como prostitutas de taverna do que como donzelas delicadas. Ao lado dele, Viana parecia fraca e empertigada, uma menina de rosto redondo e doce e carne branca e macia. Uma flor de estufa que não tanto inflamava a paixão dos bárbaros quanto suas mulheres enérgicas e ardentes.

Quando algumas daquelas moças do norte se instalaram no castelo, seja como servas ou porque casadas com os guerreiros, Holdar foi perdendo o interesse por Viana. Ele ainda vinha ao quarto dela à noite, considerando que era seu dever produzir um herdeiro, mas parecia achar isso irritante, especialmente considerando que, por alguma estranha razão, ele não conseguia se lembrar dos detalhes de suas noites conjugais.

Dorea então decidiu adiantar a falsa gravidez de Viana.

"Mas e se ele não acreditar?" ela perguntou inquieta. Esses dias ele tem estado ocupado com a ordenação do solar, mas eu sei que ele me considera um negócio inacabado e que ele não vai deixar as coisas assim. A essa altura, você deve achar estranho dormir tão profundamente à noite, especialmente agora que não bebe tanto quanto costumava.

"Deixe comigo, madame", respondeu a enfermeira. Se tudo correr bem, esta será a última noite que você passará no quarto de seu marido por muito tempo.

Encorajado por essas palavras, Viana foi dormir mais cedo do que de costume. Ela acordou quando, um pouco depois, Holdar cambaleou e caiu ao pé da cama, mas ela não se incomodou em tirá-lo dali. A perspectiva de poder ficar longe desse homem por um longo período de tempo a encheu de força e esperança.

Ao amanhecer, Dorea entrou no quarto, passou por cima do corpo de Holdar e acordou Viana delicadamente. Ele estava carregando uma tigela de líquido fumegante.

-O que é? Viana queria saber.

"Vai ajudá-la a fingir o mal-estar das mulheres grávidas, minha senhora." Mas primeiro, ajude-me a colocar seu marido na cama.

As duas mulheres pegaram Holdar e o jogaram na cama, Dorea obrigando Viana a beber o chá antes mesmo de permitir que ela recuperasse o fôlego.

"Nós não temos muito tempo", ele sussurrou. Beba tudo, é importante.

A garota obedeceu, embora fosse terrivelmente amargo e ainda tão quente que queimou sua língua. Então, a pedido de sua enfermeira, ela se deitou na cama ao lado de seu marido. Dorea saiu, fechando a porta atrás dela, e ela não teve escolha a não ser esperar.

Holdar acordou pouco depois. Estava desenvolvendo uma certa tolerância à pílula para dormir que Dorea lhe administrava, de modo que a cada dia acordava um pouco mais cedo e um pouco menos desorientado.

"Esposa," ele a cumprimentou assim que a viu.

Viana sentou-se um pouco, pronta para se afastar dele se necessário, mas seu estômago revirou e ela sentiu uma terrível ânsia de vômito. Levantou-se o melhor que pôde e se jogou no penico perto da janela para vomitar ali.

Holdar olhou para ela com perplexidade. Viana sentiu-se tão tonta que precisou se encostar na parede para não cair. Tentou dizer alguma coisa, mover-se em direção à porta para procurar Dorea, mas não conseguiu, depois de alguns passos, tudo começou a girar e ele desmaiou sem poder evitar.

Quando acordou um pouco depois, encontrou-se em outra cama, em um quarto diferente, um pouco menor que o seu, mas ensolarado e muito zangado. Dorea estava ao seu lado.

"Sinto muito, criança, mas era necessário", ele sussurrou enquanto enxugava o suor da testa dela.

"É... por causa do chá que você me deu?" ela perguntou no mesmo tom; mas Dorea indicou silêncio, e Viana percebeu que havia mais pessoas na sala.

Um deles era o marido, que estava encostado na parede, visivelmente desconfortável. O outro era um bárbaro que Viana conhecia de vista: era um dos poucos guerreiros do castelo que falava um pouco da língua nórdica.

"A senhora está doente?" o intérprete queria saber. O que acontece?

"A senhora está grávida", declarou Dorea, "já começou a sofrer os rigores de sua condição." Você pode parabenizar seu mestre: em breve, sua esposa dará à luz seu filho.

Viana estremeceu com a mera possibilidade de que isso pudesse ser verdade. Mas o bárbaro olhou para eles com desconfiança.

-Grávida? Quer dizer que ela está grávida? Olhou para Viana com desgosto e profundo desdém. Minha esposa deu à luz cinco filhos. Ele nunca ficou na cama. Trabalhou até o último momento. Assim são as mulheres da nossa cidade", concluiu com ferocidade desafiadora.

Mas Dorea não vacilou.

"Bem, mas seu senhor não escolheu uma mulher de sua posição para sua esposa," ele disse, "mas uma nobre dama de Nortia. Eles são diferentes, mais finos e delicados. Além disso, há algo sobre esta gravidez que eu não gosto muito. Provavelmente a senhora terá que esperar até dar à luz.

-Descanse? Quer dizer que ela vai ficar deitada lá o dia todo?

"Ou ela vai perder o bebê," concordou Dorea.

O bárbaro fez uma careta e relatou a notícia a Holdar, que havia entendido apenas algumas palavras de sua conversa. O conhecimento de que ele seria pai parecia agradá-lo, mas, como seu parceiro, o fato de sua esposa ser tão preguiçosa o enojava enormemente. No entanto, Dorea continuou a insistir, e como Holdar estava convencida de que as mulheres do Norte eram fracas por natureza, não foi difícil para ela convencê-lo de que a vida do bebê estava em perigo e que Viana deveria descansar.

Finalmente, Holdar deu de ombros e saiu da sala, seguido pelo outro bárbaro. Não parecia que sentiria falta de Viana, mas estava interessado no filho que ela poderia lhe dar, por isso não discutiu com Dorea sobre isso.

Para manter as aparências, Viana ficou mais alguns dias de cama, e Dorea continuou a dar a Holdar seu sonífero à noite, pois seria suspeito se ele se libertasse de um dia para o outro daquele profundo torpor que o afligiu nos últimos dias. Viana também tomava regularmente as infusões da enfermeira. Alguns deles faziam seu estômago revirar e ajudavam a fingir náuseas e vômitos da gravidez, mas havia um em particular que ela tinha que beber diariamente e que Dorea lidava com muito cuidado.

"Isso vai evitar que você tenha o incômodo do mês," ele explicou calmamente.

Viana olhou para ela com um novo respeito. Ela queria saber por que ela não tinha dado a ele esta tisana em particular antes, mas sua enfermeira balançou a cabeça e olhou para ela com severidade.

"Você não deveria brincar com essas coisas", ele a repreendeu. É uma poção muito poderosa; administrado em grandes doses ou continuamente por muito tempo, pode fazer com que você perca a capacidade de conceber para sempre.

Viana logo começou a se sentir tão mal que ninguém suspeitava que ela estivesse fingindo. A menina jurou para si mesma que pensaria duas vezes antes de ter outra "gravidez", real ou simulada.

Nos primeiros dias, Holdar costumava visitar sua esposa, mas ela sentia que era apenas porque ele temia pela vida de seu herdeiro. Aos poucos, Dorea reduziu as doses e a jovem começou a se sentir melhor, embora ainda

estivesse pálida e murcha, e se sentisse tonta se ficasse muito tempo em pé. Vendo que a "gravidez" parecia progredir, Holdar deixou de prestar atenção em Viana e passou a cuidar de outros assuntos, para que ela pudesse levar uma vida mais tranquila. Ela dava pequenos passeios pelo castelo, de preferência quando o marido estava fora, e até saía para o pátio em dias ensolarados. Ela também passava muito tempo na cozinha com Dorea e as outras empregadas, que se esforçavam para cuidar dela. Ela foi autorizada a dormir em outro quarto, ao lado de sua enfermeira, então ela descansou melhor à noite.

Durante esse tempo, ele finalmente teve a chance de absorver tudo o que havia acontecido e refletir sobre isso.

Sua vida, isso estava claro, nunca mais seria a mesma. Seu pai estava morto, os bárbaros tomaram sua propriedade e sua posição, e Robian a traiu, deixando-a nas mãos desse bruto que mal conseguia juntar duas palavras na língua nórdica. Já não seria Viana de Rocagrís. Na verdade, provavelmente nem sequer lhe seria permitido adotar o título de Viana de Torrespino. Ela estava condenada a ser apenas a esposa de Holdar... para sempre.

Nos primeiros dias chorou muito sabendo que estava tão infeliz, enquanto se sentava à janela para contemplar o horizonte e sonhava que Robian viria resgatá-la; Ela imaginou que ele estava apenas fingindo lealdade a Harak, da mesma forma que ela estava fingindo sua gravidez para Holdar, e que mais cedo ou mais tarde ela encontraria uma maneira de alcançar sua noiva. Mas o tempo passou sem notícias de Robian.

O inverno foi rigoroso em toda Nortia, e Viana achou-o particularmente longo e escuro. À noite, quando só ouvia o assobio do vento norte e o uivo dos lobos, a menina recordava a felicidade dos tempos passados e sentia-se vítima de um pesadelo do qual não conseguia acordar. A dor e a dor oprimiam sua alma, da mesma forma que os espinhos sufocavam a torre onde tentava dormir naquelas noites frias.

A primavera finalmente chegou, mas as coisas não melhoraram. Logo passou a data em que, não fosse a invasão bárbara, Viana teria se casado com Robian. E com isso, suas últimas esperanças evaporaram. Ela chorava muitas vezes, imaginando o que teria feito para merecer tal destino. Lembrou-se de todos os momentos que passaram juntos: suas brincadeiras de infância, seus sonhos de futuro, seus beijos secretos. Era difícil para ela imaginar que o maravilhoso Robian que ela conhecia fosse o mesmo jovem que a abandonara ao seu destino. Ela reviveu repetidamente o momento em que ele a entregou aos bárbaros, revisando cada gesto e cada palavra, procurando algo que a fizesse conceber novas ilusões. Mas ela sempre concluiu que tudo era o que parecia: Robian havia desistido de lutar por ela.

Ele não a amava tanto quanto ela pensava. E certamente muito menos do que ela o amava. Isso para o caso de ele a ter amado alguma vez, o que ela estava começando a duvidar.

Assim, aos poucos, foi se acostumando com a ideia de que sua história de amor terminara para sempre. E quando sua barriga e seios incharam com o acolchoamento falso que Dorea havia fornecido, as lágrimas finalmente secaram e uma chama se acendeu dentro dela, a centelha de ódio e raiva começando a acender dentro dela.

A princípio lamentou não ser menino para poder lutar naquela guerra e tentar recuperar o que havia perdido. Se estivesse no lugar de Robian, pensou, se tivesse a chance de fazer alguma coisa, lutaria até o último suspiro, assim como seu pai, em vez de se juntar às fileiras dos covardes e traidores. Mas então ele começou a se perguntar se ela realmente teve coragem de resistir até o fim. Sentia-se arrebatada o tempo todo, e até mesmo seu pequeno ato de rebeldia, aquela gravidez fingida, devia a Dorea. Se não fosse por ela, eu provavelmente estaria grávida de verdade agora. Lembrou-se de que nem sequer conseguira tirar a própria vida imitando sua rainha, e percebeu que os bárbaros tinham razão quando a chamavam de fraca e covarde.

E então o desejo de ser diferente nasceu em seu coração. Ela começou a olhar de lado para as mulheres bárbaras no castelo e, embora não gostasse de sua atitude descarada, começou a admirar sua força e energia.

Com o passar dos meses e o verão chegando aos últimos recantos de Nortia, Viana começou a perceber que ia precisar daquela força bárbara se quisesse enfrentar o que aconteceria no outono, quando ela saísse das contas e Holdar encontrasse ele mesmo com ela, não havia nenhum bebê crescendo dentro dela. Ela e Dorea conversaram longamente sobre o assunto. A boa mulher era da opinião de que era melhor fingir um parto complicado e declarar o bebê natimorto. Tentariam fazer com que Holdar desse a Viana um tempo razoável para se recuperar, e então recomeçariam o ciclo de relacionamentos simulados e o entorpecente na bebida, anunciando pouco depois que Viana havia engravidado novamente. Mas a jovem duvidava que isso pudesse funcionar uma segunda vez. Por um lado, o bárbaro havia recebido sua pílula para dormir há muito tempo, e se o sono pesado e as lembranças nebulosas de suas noites de casados voltassem de repente, Holdar logo perceberia que algo estava errado. Por outro lado, Viana não se sentia capaz de passar o resto da vida fingindo uma gravidez atrás da outra. Tinha que haver outra solução.

Mas não consegui encontrá-la em lugar nenhum.

Para aplacar os temores de Holdar de que sua esposa desse à luz uma criança doente, Dorea foi generosa ao preparar o preenchimento abdominal de Viana. Assim, após apenas seis meses de sua falsa gravidez, a jovem mostrou uma aparência tão retumbante como se fosse entrar em trabalho de parto no dia seguinte. Dorea havia explicado a Holdar que isso provavelmente acontecia porque o bebê havia herdado a constituição do pai e estava crescendo. Então a enfermeira aproveitou para insinuar que

certamente era por isso que a criatura estava consumindo a escassa força de sua mãe mais delicada tão rapidamente, e ameaçou desligá-la completamente antes que a gravidez chegasse a termo. Isso alarmou Holdar e reforçou nele a ideia de que Viana deveria permanecer em repouso o tempo que fosse necessário.

Então Viana ainda estava descansando; ele ficava na cama, perambulava pelo castelo como um banshee, ou sentava-se perto da janela. Mas apesar de sua aparência lânguida e melancólica, sua mente estava fervilhando de atividade. Ele tinha muito tempo para pensar, e os bárbaros se acostumaram com sua presença silenciosa, então havia muitas oportunidades para ouvir também. Com o tempo, ele aprendeu algo da linguagem dos conquistadores. Quando ela percebeu que eles frequentemente falavam sobre o estado do reino, ela ainda lutava para entender o que eles estavam dizendo. Não demorou muito para ele descobrir que Nortia tinha sido totalmente subjugada. Todos os domínios dos antigos nobres estavam agora nas mãos dos chefes dos clãs bárbaros, e os cavaleiros do rei Radis que juraram lealdade a Harak foram autorizados a manter uma parte de suas posses. Robian, pensou Viana.

As coisas iam bem para os bárbaros, mas Viana percebia neles um certo desconforto, como se estivessem desconcertados. Ele entendeu que eles precisavam de ação: guerras, batalhas, lutas... O que eles sentiam era a emoção de novas conquistas. Pelo que Viana sabia, Harak pretendia lançar uma nova campanha ao sul, além do rio Piedrafría, mas os dias foram passando e o rei bárbaro não mobilizou suas tropas. Viana ouviu… e refletiu.

Com o passar do tempo, os bárbaros de Holdar ficaram cada vez mais inquietos. Suas escapadas pelo domínio agora incluíam aterrorizar camponeses, incendiar celeiros e seqüestrar prostitutas da aldeia. Até onde Viana sabia, Harak tinha sido claro sobre isso: seu povo tinha que respeitar seus novos vassalos porque agora estavam sob sua responsabilidade e porque faziam parte de sua herança. Mas em algumas mansões, como a que Holdar agora possuía, essa regra não era seguida à risca.

Viana ferveu de raiva. Ele nunca havia lidado com as condições dos camponeses, embora soubesse que muitos deles viviam na pobreza e passavam fome quando a colheita era ruim, mas seu pai nunca abusou ou espalhou terror nas aldeias dessa maneira.

No entanto, ela não se atreveu a confrontar o marido ou apontá-lo para ele... até que surgiu uma oportunidade que ela não pôde perder.

Aconteceu no final do verão, quando faltavam poucos meses para o suposto nascimento do filho de Holdar e Viana. Ela mal saía do quarto ultimamente. Mas naquela tarde houve uma grande tempestade, tão intensa que os homens de Holdar não saíram do castelo.

Essa era uma peculiaridade dos bárbaros: eles não temiam o mau tempo e podiam andar na neve, no vento, no calor extremo ou no frio intenso, mas a chuva os incomodava muito. Naturalmente, eles não teriam parado de travar uma batalha só porque foram apanhados em um aguaceiro intempestivo, mas não tinham muito o que fazer naqueles dias, e até se cansavam de importunar os camponeses. Então decidiram organizar uma grande festa no castelo, como as dos primeiros dias da conquista. Holdar exigiu que, por mais avançadas que fossem as boas esperanças de sua esposa, era seu dever supervisionar o banquete, então Viana, com um suspiro pesado, desceu à cozinha para se certificar de que tudo estava indo bem.

No início não houve grandes problemas. Fingir estar cansada da gravidez quase a acostumara a ficar sentada o tempo todo, então ela se sentou em um banquinho ao lado da mesa, como se carregasse uma carga pesada, e começou a dirigir os preparativos de lá. Apenas alguns meses antes, ele não tinha ideia de quanto tempo o assado tinha que ficar no fogo, ou quão crocante o pão tinha que ser, ou quantos legumes precisavam ser picados para a sopa. Mas passara tantas horas na cozinha conversando com Dorea e os demais criados que acabou desenvolvendo um grande interesse por tudo o que se fazia ali.

Naquela noite prepararam um porco assado. Tinha sido cozido recheado e decorado com maçãs que exalavam um delicioso cheiro doce. Era o prato favorito de Holdar.

Estava acabando de dourar no forno quando um dos guardas entrou pela porta que dava para o pátio. Atrás dele estava uma mulher esfarrapada cercada por crianças. Viana contou até seis; o menor deles era um bebê no peito. Eles estavam encharcados e tremendo de frio.

"Eles vieram buscar as sobras", o guarda retrucou. Dê-lhes um pouco de sopa e deixe-os ir.

Um dos costumes dos nobres de Nortia era dividir parte de sua comida com os camponeses mais pobres de seu domínio. Costumava ser feito especialmente em grandes comemorações porque sempre sobrava muito para distribuir, e geralmente era a dona do castelo que se encarregava disso. Viana fazia isso quando morava com o pai, mas Holdar não via essa prática com bons olhos. Não era segredo que os bárbaros desprezavam os mendigos e qualquer um que não pudesse ganhar o pão para si.

Com o tempo, Holdar permitiu que Viana abrisse as portas de Torrespino aos necessitados, com a condição de que lhes fosse dada apenas a comida básica: algumas côdeas de pão, um pouco de queijo, talvez uma tigela de sopa clara. Mas nada de carne, que era reservada para homens de verdade, para guerreiros. A carne alimentava não apenas seus corpos poderosos, mas também sua ferocidade na batalha. Não valia a pena desperdiçá-lo com seres fracos que não iam lutar.

Viana suspirou; ele ordenou que fossem colocados perto do fogo e que a sopa fosse servida a todos. Depois, ela se sentou à mesa com eles, porque a aparência desamparada da mulher a comoveu profundamente.

"Eles são todos seus?" ele perguntou, referindo-se às crianças.

“Não, minha senhora, eu sou apenas a mãe de quatro deles. Os outros dois são meus sobrinhos; eles perderam seus pais no inverno passado.

Viana achou que tinha sido muito generoso da parte dele recebê-los, embora fosse evidente que mal conseguia alimentar a sua própria prole.

"Você não tem um marido?" -Ele queria saber.

A mulher olhou ao redor antes de dizer baixinho:

“Não, minha senhora. Ele morreu no último assalto à aldeia.

-Assalto? Quem te atacou? perguntou Viana, embora já desconfiasse.

Ela começou a tremer de medo e não se atreveu a responder.

A maior aldeia do domínio chamava-se Thornfield e, como também era a mais próxima do castelo de Holdar, tinha sido a mais atormentada por seus guerreiros.

"Foram os homens do meu marido, certo?"

A mulher permaneceu em silêncio com a cabeça baixa, com medo de ser punida se acusasse os anfitriões de Holdar. Ela agarrou-se firmemente ao seu bebê e trouxe as duas cabeças de bebê que encontrou mais perto dela, talvez temendo que alguém fosse machucá-los.

Ele não precisava responder. Viana compreendia muito bem que o marido era o responsável pela desgraça daquelas pessoas.

Sentiu a raiva explodir dentro de si e não pôde deixar de comparar o assado que acabara de sair do forno com as tristes tigelas de sopa aguada que a família estava comendo no jantar.

"Alda", chamou a cozinheira, "cortou uma das patas traseiras para distribuir entre nossos convidados."

-Nossos convidados? ela repetiu inexpressivamente. Oh,” ela disse finalmente, vendo que sua patroa estava se referindo aos mendigos. Ah”, acrescentou quando começou a vislumbrar as consequências dessa ordem. Senhora, tem certeza?

"Faça", insistiu Viana.

Ela estava tão furiosa que não se importou com o que Holdar diria quando visse seu porco mutilado. Na verdade, uma parte dela queria estragar o jantar dele.

Se Dorea estivesse presente, sem dúvida teria tirado a ideia da cabeça dele. Mas ele tinha ido ao quintal para encher dois baldes de água do poço e não teve chance de intervir.

Ainda hesitando, Alda e outra das cozinheiras cortaram uma das patas traseiras do porco e serviram para a família faminta, que olhou para o presunto como se uma das fadas da Grande Floresta o tivesse magicamente feito aparecer ali.

"Vá em frente", incentivou Viana. Comer.

A mãe hesitou, pressentindo que sua anfitriã teria problemas por aquele gesto; mas ela não podia mais ignorar a fome de seus pequeninos, então ela agradeceu profusamente e começou a dividir a carne entre as crianças.

"O que fazemos com o assado, senhora?" Alda ousou perguntar.

"Sirva no salão."

"Então, como ele está?"

— Então, como é.

Os cozinheiros consultaram-se em voz baixa, mas foi finalmente Alda quem tomou coragem e pegou o prato.

Passaram-se momentos agonizantes, durante os quais a cozinha ficou em silêncio, exceto pelo crepitar do fogo e pelo barulho das crianças mastigando.

E então houve um rugido do corredor e algo caindo no chão com um tinido e um grito. Viana temia que Holdar tivesse machucado Alda, e começava a se arrepender de seu pequeno ato de rebeldia quando o marido irrompeu na sala arrastando a cozinheira pelo braço. Ele estava louco de raiva; seu rosto parecia tão vermelho quanto sua barba, e seus olhos se moviam em todas as direções em busca de um culpado. Então ele viu a família camponesa encolhida em um canto; o osso de presunto foi tudo o que restou do jantar, mas para Holdar foi o suficiente. Com um uivo de raiva, ele se lançou sobre eles...

… E deu de cara com Viana, que estava diante dele, sereno e desafiador.

"Não, marido," ela afirmou. Dei-lhes a perna do porco para o jantar.

Ela esperava que ele ficasse furioso e lhe perguntasse em voz alta o motivo de tal audácia; mas Holdar era um homem de poucas palavras: ele deu um tapa no rosto de sua esposa com uma bofetada retumbante que a arremessou contra a mesa, cuja borda cravou profundamente em suas costelas.

Viana nunca tinha sido apanhada, muito menos com tanta brutalidade. Ele engasgou e tentou por alguns momentos entender o que estava acontecendo. Mas quando ele escorregou para o chão e um fio de sangue começou a escorrer por seu lábio partido, toda a dor de repente explodiu através de seu corpo com tanta força que ele não conseguia nem gritar. Ele engasgou e conseguiu exalar um gemido aterrorizado.

-Minha senhora!

As criadas correram em sua direção, e foi a mais jovem quem se ajoelhou ao lado dela primeiro. Antes que Viana pudesse impedi-la, a menina apalpou sua barriga enorme para ter certeza de que o bebê estava bem. Uma expressão perplexa cruzou seu rosto enquanto sua mão afundava no estofamento macio que simulava a gravidez de sua amante. Vendo o olhar horrorizado de Viana, ela tentou esconder sua reação, mas era tarde demais. Como Dorea havia dito, e embora muitas vezes exibisse a bestialidade de

um enorme urso das cavernas, Holdar estava longe de ser estúpido. Imediatamente compreendeu que algo estranho se passava entre as duas mulheres e, sem que Viana pudesse evitar, empurrou a criada, inclinou-se ao lado da mulher e apalpou-lhe a barriga com a mão grande. Viana abafou um grito ao sentir a outra mão do bárbaro remexendo sob suas saias até extrair o enchimento que passara por falso bebê.

A jovem entendeu que tudo estava acabado quando um lampejo de raiva atravessou o rosto do marido.

Mas então ouviu-se uma exclamação consternada: Dorea acabava de voltar do pátio e, alarmada com o que havia acontecido, havia derrubado o balde com a água, que rolou no chão, derramando seu conteúdo.

Aproveitando essa distração, Viana pegou o atiçador do fogo e desferiu um formidável golpe na cabeça de Holdar. Não foi um gesto consciente, mas uma reação instintiva, algo que ele fez sem pensar. Ele imprimiu toda a força de seu medo e desespero naquela agressão, porque sentiu que se não reagisse, não veria um novo amanhecer.

Claro, isso não foi suficiente para fazer Holdar perder a consciência, mas ainda o pegou de surpresa e o fez recuar. Por azar, porém, o bárbaro tropeçou no balde que Dorea havia derrubado: escorregou, caiu para trás e bateu a cabeça na borda de pedra do forno.

Houve um estalo desagradável... e o bárbaro caiu no chão. Uma poça de sangue rapidamente se formou sob sua nuca.

Viana sentou-se com dificuldade, apavorado.

"O que... o que está acontecendo?" Consigo gaguejar, como se tivesse acabado de acordar de um sonho.

-Minha senhora. Você matou seu marido! Alda quase gritou, mas Dorea rapidamente cobriu a boca com a mão.

-Silêncio! Deixe-me pensar.

Quando Dorea se inclinou sobre o enorme bárbaro para se certificar de que ele estava, de fato, morto e morto. Viana não conseguia tirar os olhos do corpo inerte. Ele não tinha a intenção de matá-lo... tinha? A verdade é que em seus momentos mais sombrios ele fantasiava sobre essa possibilidade, mas sempre chegava à conclusão de que seria impossível, então nunca a considerou seriamente. E agora... Holdar estava morto.

"Criança, você deve sair sem demora", disse Dorea então, sentando-se laboriosamente. Vá para os estábulos, sele um cavalo e fuja do castelo.

A cabeça de Viana estava girando.

-Mas como? Os guardas vão me descobrir! E para onde irei? Não posso deixar você aqui!

Sua enfermeira balançou a cabeça.

"Está chovendo gatos e cachorros, minha senhora." Não há guarda em seu posto porque todos se refugiaram sob o galpão, e também deixaram o portão aberto para que o pátio não inunde. Se você correr agora, eles não terão

tempo de reagir. Vá a qualquer lugar, não importa onde. Os homens de Holdar logo aparecerão aqui e descobrirão o que aconteceu. E quanto a mim... não se preocupe. Eu vou encontrar uma maneira de conhecê-lo.

-Mas…

-Vá embora! Escapar! Dorea insistiu, empurrando-a para a saída.

"Sim, senhora, corra agora enquanto pode," Alda a sacudiu. De acordo com a lei bárbara, a punição para uma mulher que mata o marido não é outra senão a morte.

Viana deu alguns passos em direção à saída, mas antes de sair virou-se uma última vez para a cozinha. Seu olhar pousou na família cuja presença havia desencadeado o incidente fatal. A mãe reunira as crianças ao seu redor; todos estavam trêmulos, assustados, menos o mais velho, um menino de uns onze ou doze anos, que olhava para Viana com franca admiração.

"Dorea, cuide deles", ela implorou. Não deixe que eles os machuquem, eles não têm culpa de nada.

A enfermeira assentiu.

"E agora vá, garota," ele insistiu.

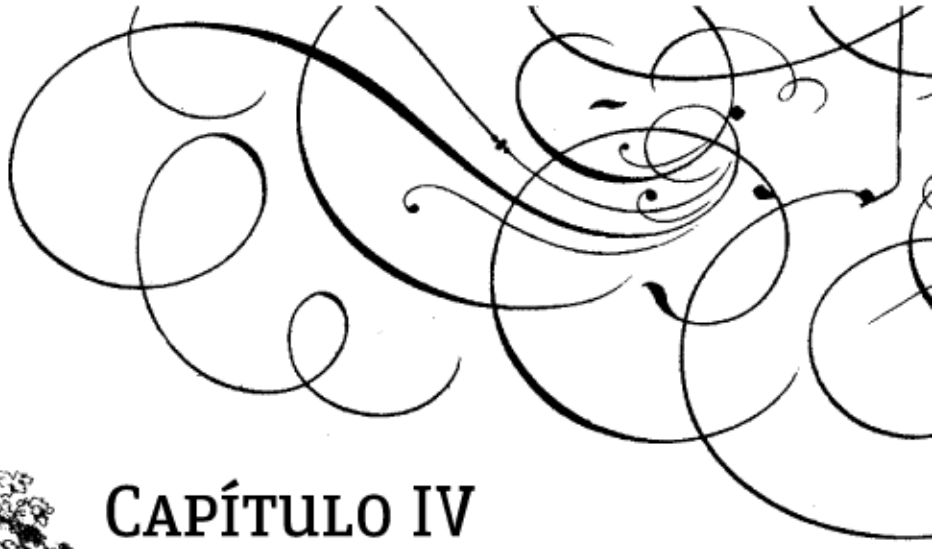
Viana saiu para o pátio. Em uma chuva torrencial, ela se livrou dos últimos restos do recheio, recuperando sua figura original, mais ágil e leve, e correu em direção aos estábulos. Ela temia por Dorea e os outros, mas também sabia que se ela corresse, a primeira coisa que os homens de Holdar fariam seria ir atrás dela, e isso lhes daria tempo para escapar.

Uma vez nos estábulos, ele não perdeu tempo procurando seu palafrém no escuro. Ele selou o primeiro cavalo que viu, um castanho de aparência nervosa, e montou o mais rápido que pôde. O animal estava prestes a jogá-la no chão; mas Viana não podia permitir que um cavalo teimoso lhe atrapalhasse a fuga, por isso agarrou as rédeas e cravou os calcanhares nos flancos dele, embora fosse a primeira vez na vida que o montava, como um homem. Milagrosamente, ele conseguiu ficar de costas, mas não conseguiu evitar se empinar e sair correndo do estábulo.

A jovem segurou as rédeas e tentou guiá-lo em direção aos portões do castelo. Os dois passaram apressados pelos guardas, que, como Dorea havia dito, haviam abandonado seus postos para se abrigar da chuva. Viana, desesperada, apavorada e ainda com dores, ouviu as vozes dos homens atrás dela e soube que em breve sairiam em perseguição. Mas ela não podia controlar aquele cavalo, então ela apenas tentou ficar nele e ir para onde ele a levasse.

Depois de uma corrida louca na chuva que parecia eterna a Viana, o cavalo entrou no meio da mata, mas a jovem mal se deu conta, nem mesmo quando começou a ser açoitada por galhos molhados que arranhavam sua pele fina. A certa altura não aguentou mais e, aproveitando que o animal tinha abrandado, deixou-se escorregar do lombo e caiu nos arbustos

encharcados. Ele tentou se levantar, mas não conseguiu. Ele perdeu a consciência e afundou na escuridão.



Capítulo IV



En el que se cuenta lo que hizo Viana después de huir del castillo y el encuentro que tuvo en las lindes del Gran Bosque.

VIANA NUNCA SABERIA quanto tempo ficou deitada na chuva, inconsciente no mato. Depois de um tempo, ele pensou ter ouvido um farfalhar nas árvores e abriu os olhos, piscando. Ele viu apenas a sombra de um homem no escuro, uma risada seca e uma voz que, por algum motivo, era familiar:

"Bem, bem... o que temos aqui?"

A jovem tentou se levantar para fugir, mas seu corpo não a obedecia e ela estava tendo dificuldades para se manter consciente. Quando o estranho se inclinou sobre ela, Viana se debateu desesperadamente, mas o esforço a fez perder a consciência novamente.



Acordou várias vezes, embora mal se lembrasse de tudo. Apenas luzes mudando, o som da chuva, o cheiro da floresta e da sopa quente, o toque áspero do cobertor que a cobria e a sombra do homem que a resgatara recortada contra uma parede de troncos. Imagens, retalhos... que ficariam guardados para sempre em sua memória, mesmo que não conseguisse juntá-los para desenhar uma tela completa.

Quando ele finalmente recuperou a consciência, podem ter sido horas ou dias; Viana não sabia. Ela descobriu que já era madrugada, e a chuva também havia parado, porque um raio de sol se infiltrava pela janela, brincando com seus cabelos cor de mel. A garota piscou, confusa. Cautelosamente, ele colocou a mão no lábio ferido, notando que não sangrava mais, embora ainda doísse ao toque. A marca brutal que Holdar havia deixado nela levaria tempo para cicatrizar. Ainda assim, ele percebeu que não havia vestígios de sangue seco em sua pele. Alguém o havia limpado e curado.

Ele olhou ao redor. Ele estava dentro de uma cabine. Na parede dos fundos, a lareira preservava os restos de um fogo que havia sido usado para aquecer o conteúdo de uma pequena panela. Ela estava deitada no único

beliche do único quarto que havia e sentou-se apreensiva; as roupas penduradas nos ganchos da parede - uma grossa capa de pele e um gibão velho - eram inconfundivelmente masculinas. Quem a havia levado para sua casa, e por qual motivo? O que aconteceu enquanto ela estava inconsciente... se alguma coisa aconteceu? Seu medo cresceu quando percebeu que estava apenas vestindo sua camiseta. Ela procurou seu vestido e o encontrou perto da lareira; provavelmente seu salvador o havia colocado ali para secar. Ainda assim, isso não garantia...

Seus pensamentos foram abruptamente interrompidos pelo rangido da porta se abrindo. Viana deu um pulo — sentiu-se tonta, mas lutou para se manter de pé — e encostou-se à parede, tremendo.

O homem que acabara de entrar era alto e magro. Ele carregava um arco e uma aljava nas costas, e um par de coelhos mortos pendurados em seu cinto. Era contraluz, então Viana não conseguia ver suas feições com clareza; no entanto, o capuz que cobria sua cabeça não facilitava as coisas.

"Então você está acordado agora", disse ele. Já era hora, marmota.

Viana não respondeu. Ela estava com muito medo de se ofender, então ela ficou parada, encostada na parede, sem tirar os olhos dele.

"Você é a filha do duque Corven, não é?" ele perguntou. A garota que se casou com o bárbaro Holdar.

Viana endireitou-se, aborrecida porque o estranho não a tratou com o tratamento que a sua posição merecia.

"Como você sabe?" Ele resmungou o melhor que pôde, já que seu lábio inchado não lhe permitia vocalizar muito bem; ele tentou, no entanto, colocar um tom desafiador em sua voz.

Ele deu alguns passos à frente e a luz da janela iluminou seu rosto. Nesse momento, Viana reconheceu-o e reprimiu uma exclamação de espanto: era Lobo, o homem que tinha arrombado o castelo de Normont para anunciar que os bárbaros estavam a caminho. Décadas pareciam ter se passado desde então.

"Eu vi você na celebração do solstício", ele respondeu, "embora eu não soubesse quem você era na época." Mas chegaram até mim rumores de seu casamento com aquele Holdar e não estávamos longe de Torrespino, então tudo que eu tinha que fazer era ligar os pontos. Embora eu também tenha entendido que você estava grávida," ele acrescentou, dando-lhe um olhar crítico. Sim, aquele bastardo deve ser magro.

Viana corou e ergueu o queixo com dignidade, tentando fingir que não se importava que ele a visse de cueca.

"Eu não estou em um estado", ele anunciou. Só fingi para que Holdar me deixasse em paz.

Lobo parecia genuinamente surpreso.

"E agora você fugiu, não foi?" Ele deu um passo em direção a ela, mas Viana ficou tensa. Não tenha medo — assegurou-lhe —; aqui você estará a

salvo dele.

A jovem ficou furiosa com seu tom condescendente.

"Não tenho medo de Holdar porque ele está morto", declarou ela. Eu mesmo o matei.

Lobo franziu a testa e Viana teve a satisfação de verificar que ela o havia impressionado. O homem balançou a cabeça e disse:

— Você tem que me contar tudo isso com calma e detalhes. Venha sentar aqui e...

"Eu não tenho intenção de sentar em qualquer lugar com você, senhor", ela respondeu com orgulho gelado, "pelo menos não até que você fale comigo como convém a minha posição e, acima de tudo, tenha a decência de me devolver... o que você tomou de mim."

Lobo ficou confuso por um momento, provavelmente imaginando a que Viana se referia, até perceber que o vestido dela ainda estava diante da lareira. Ele soltou uma risada e jogou para ela para ela pegar na mosca.

"Como desejar, minha senhora", ele respondeu zombeteiramente, "mas você deve aceitar a ideia de que 'sua condição' não existe mais. Desapareceu, assim como o meu, no dia em que os bárbaros invadiram Nortia. Agora, eles são os reis, os duques e os condes. E só temos duas possibilidades: submeter-se a eles ou lutar.

Viana começara a colocar o vestido vermelho de raiva da atitude de Lobo, mas suas últimas palavras a fizeram pensar. Enquanto lutava com os cadarços da roupa, que estavam amarrados nas costas – geralmente era Dorea quem a vestia todas as manhãs – ela se perguntou de que lado queria estar. Ela já havia tentado a opção de submissão, porque era esperado de uma donzela como ela, e ela não gostou da experiência. Ela não queria voltar para Torrespino e correr o risco de ser punida por matar Holdar. Com a morte, como Alda havia dito. Por outro lado, se Harak não a executasse, certamente a casaria com outro dos chefes bárbaros. E o próprio pensamento de passar o resto de sua vida tendo filhos para invasores a aterrorizava.

Não, ele não podia voltar. Mas ele também não podia lutar, como Wolf havia insinuado. Afinal, ela era uma mulher; ele não tinha força nem coragem para enfrentar os bárbaros.

Então ele se lembrou de como havia desafiado Holdar e o golpeado para evitar seu ataque. E agora o bárbaro estava morto. Ela não era tão indefesa quanto parecia, nem ele se mostrou tão invencível. Ela balançou a cabeça, confusa. Havia também, é claro, uma terceira opção: fugir e se esconder em um lugar onde os bárbaros nunca pudessem encontrá-la. Isso não seria muito diferente do que Robian havia feito; mas, afinal, Viana era uma donzela. Não se esperava que ela fosse corajosa.

Wolf percebeu seu constrangimento e sorriu.

"Acho que devemos conversar com calma", disse ele. Estou muito curioso para saber como você matou Holdar, se é que matou, e como veio

parar aqui.

Desta vez a Viana não se importou que o seu salvador voltasse a falar com ela como uma menininha. Dezenas de ideias passavam por sua mente e ele precisava colocá-las em ordem, então concordou em sentar ao lado de Lobo em frente à lareira. Enquanto ele acendia o fogo, colocava um caldeirão cheio de água no fogo, esfolava e cortava os coelhos e descascava alguns legumes para o ensopado, Viana lhe contou todas as suas desventuras desde o dia em que os dois emissários do rei Harak apareceram diante dos portões de Greystone. . Ela fez isso devagar e com muitas pausas, mas Lobo nunca a interrompeu. Ele só franziu a testa quando ela lhe contou sobre a pílula para dormir e sua gravidez falsa, e novamente quando ela lhe contou sobre o incidente do churrasco. Viana pensou que certamente seu anfitrião desaprovava seu comportamento, mas quando ela terminou de falar e ele falou novamente, ele não parecia zangado, mas pensativo.

— Ora, menina, quem diria; você parece ter coragem. Todas as damas nobres de idade digna foram casadas com guerreiros bárbaros; Harak os dividiu entre os chefes dos clãs como se fossem gado. No entanto, que eu saiba, só você teve a coragem de resistir ao destino que foi escolhido para você. Alguns dos cavaleiros do Rei Radis não podiam dizer o mesmo.

Viana não respondeu de imediato. Ela mal havia mencionado Robian, porque ainda era um assunto muito doloroso para ela, mas ela não pôde deixar de pensar nele na hora. Então ele se lembrou que se o que Belicia havia dito a ele fosse verdade, Lobo teria sido um cavaleiro do rei.

-E você? -te pergunto-. Você não lutou contra os bárbaros? O que você está fazendo aqui?

Lobo fez uma careta.

“Fui um dos primeiros a conhecer os bárbaros, porque meu domínio é... estava no sopé das Montanhas Brancas. Eu os vi chegando. Ouvi seus tambores e seus gritos de guerra, e quase pude sentir seu hálito fétido vindo da minha torre. Juntei tantos homens quanto pude e tentei detê-los... Mas havia muitos deles, e os exércitos do rei chegaram tarde demais. Tive sorte de escapar vivo porque me feriram no lado, o cavalo caiu em cima de mim e me deixaram para morrer. Eles estavam tão famintos por um jackpot que não se preocuparam em verificar se ele ainda estava respirando. Eles destruíram tudo em seu caminho, mas dificilmente pararam, pois os alvos de Harak eram o coração de Nortia, o Castelo de Normont e a coroa do Rei Radis.

“Quando recuperei a consciência, descobri que todos os meus soldados estavam mortos e minha casa queimada. Vim me refugiar na floresta, lamber minhas feridas como um cachorro velho. Quando eu estava pronto para voltar à ação, já era tarde demais. Ou pelo menos foi o que pensei — acrescentou, lançando a Viana um olhar de esguelha que ela não sabia interpretar.

"Mas é tarde demais", ela enfatizou. Não há nada que possamos fazer para trazer Nortia de volta, certo?

"Não havia nada que pudéssemos fazer e, no entanto, uma garotinha como você, criada para ser a esposa perfeita de um cavalheiro perfeito, que não foi treinado nas artes da guerra, conseguiu derrotar o chefe de um dos grandes clãs das estepes.

Viana corou; ele não sabia se por vergonha ou satisfação.

"Mas foi por acaso", argumentou, "um acidente." Eu não seria capaz de fazê-lo em outras condições.

“Mesmo assim, você se atreveu a desafiá-lo, e isso é algo a ser considerado. Você vê, eu estive pensando muito desta vez, ruminando sobre o que eu faria se tivesse um punhado de homens corajosos ao meu comando, se eu pudesse organizar um exército...

"Eu não entendo o que você quer dizer.

Lobo a olhou pensativo.

"Não importa", ele finalmente disse. Talvez eu esteja correndo.

Seguiu-se um breve silêncio; Viana aproveitou para perguntar:

"Mas onde estamos?"

"Na Grande Floresta", respondeu Lobo.

A jovem sentou-se, assustada.

"Não tenha medo", acrescentou ele, vendo a reação dela. Não estamos na floresta profunda, mas em seus limites, muito próximos da civilização.

"Mesmo assim... é sobre a Grande Floresta!" ela exclamou. Você não ouviu as histórias que são contadas? Temos que sair daqui o mais rápido possível!

"Não se preocupe, eu conheço esses lugares e garanto que você estará seguro comigo", insistiu Lobo. Se há bruxas ou goblins vivendo na floresta, eu não os vi. Além disso, os bárbaros nunca chegam aqui. Eles não ousam.

"E certamente eles têm boas razões", pensou Viana, mas não disse em voz alta, porque no fundo se sentia aliviada.

Wolf serviu-lhe uma tigela do ensopado de coelho que estava borbulhando na panela, e ela aceitou com gratidão. Wolf a deixou comendo perto do fogo e levantou-se para procurar sua capa.

-Você vai? perguntou Viana, sem saber que ela também havia parado de tratá-lo com você.

"Vou para Campoespino." Espere por mim aqui e aproveite para descansar; Estarei de volta à noite.

Viana assentiu sem dizer uma palavra. Wolf também não acrescentou mais nada. Ele grunhiu adeus e bateu a porta.

Ela não saiu da cabana a tarde toda. Embora Lobo tivesse assegurado que ela estava segura na borda da Grande Floresta, ela se sentia mais segura dentro de quatro paredes.

Lobo voltou, como prometido, assim que as primeiras sombras do crepúsculo começaram a serpentear pelas curvas da floresta. Ele tinha usado bem o tempo. Enquanto depenava as duas perdizes que tinha apanhado, disse-lhe que as coisas estavam muito confusas no castelo. Privados de seu líder, os bárbaros não conseguiram reagir. Finalmente, um emissário foi enviado ao tribunal para informar Harak do que havia acontecido. Os outros ficavam procurando Viana por toda parte, para fazê-la pagar pela morte de Holdar.

"E Dorea?" Viana perguntou impaciente. E o resto das pessoas que deixei no castelo?

"Parece que, aproveitando a confusão geral, eles escaparam sem serem notados." Quando os homens de Holdar tentaram encontrá-los, já era tarde demais. Então eles não estão apenas procurando por você, mas também por sua dama de companhia e pela família camponesa que você acolheu. Você deu muita dor de cabeça a esses selvagens, mocinha — acrescentou ele, rindo.

"Não pode ser", murmurou Viana. Dorea sabe cuidar de si mesma, mas essa mulher e seus filhos não têm culpa. Eles só foram ao castelo pedir o jantar porque estavam com fome. O que acontecerá com eles se os encontrarem?

"Com alguma sorte, eles logo vão parar de procurá-los." Afinal, foi você quem acabou com a vida de Holdar, e eles estavam lá por acaso.

"Ainda assim, eu ficaria mais confortável se soubesse que eles estão totalmente seguros."

Lobo assentiu.

"Bom", disse ele. Estarei de volta à cidade em alguns dias para ver se consigo descobrir mais.

Viana lançou-lhe um olhar cheio de gratidão.



Os dias seguintes passaram muito rápido. Viana se recuperou rapidamente do confronto com Holdar e da fuga desesperada sob a tempestade, mas, já convencida de que estava segura na casa de Lobo, começou a se sentir confortável naquele lugar. Tinha-lhe gentilmente cedido o seu beliche, e ao cabo de algumas noites Viana começou a dormir melhor e a comer com mais apetite, e até tomou coragem para dar pequenos passeios pela cabana, embora não se atrevesse a ir muito longe.

Depois de alguns dias, Lobo foi novamente buscar informações e, quando voltou, as notícias que trazia não eram muito esperançosas.

O rei Harak soubera da audácia de Viana e pusera-lhe a cabeça a prêmio. E era um preço muito alto, mas não porque ela fosse considerada

realmente perigosa (afinal, ela era apenas uma donzela), mas porque ela não se contentou em ocupar seu lugar de direito e desafiou o poder dos invasores. . A ofensa não foi apenas contra Holdar: foi contra todo o povo bárbaro e, por extensão, contra o próprio rei Harak.

"Na verdade," Wolf comentou pensativo, "acho que ele teria aceitado melhor se você fosse um cavalheiro." Então, provavelmente, depois de elogiar sua força e coragem em público, ele teria lhe dado um castelo. Torrespino, por exemplo. Com esses bárbaros, nunca se sabe.

Viana ergueu os olhos esperançosos.

"Greystone pode ser devolvido para mim se eu provar que sou...?" Não, esqueça", concluiu, percebendo o absurdo de sua afirmação.

"Não espere que eu te perdoe", disse ele. Ele considera que você o insultou seriamente, então todos estão procurando por você para lhe entregar sua cabeça em uma bandeja de prata.

Viana estremeceu.

"Então eu tenho que sair daqui," ele murmurou.

Lobo soltou uma risada zombeteira.

"E onde você acha que poderia ir sem ser pego?"

Eu tentaria ir para o sul...

"Embora você consiga passar por Nortia, os reis do sul temem o poder de Harak. Eles já estão tentando agradar a ele porque sabem que são seu próximo alvo. Covardes," ele cuspiu em desgosto.

Viana ficou atordoado.

"Mas eles deveriam formar um exército para lutar contra Harak, não bajulá-lo!" ele exclamou.

"Isso é exatamente o que eu penso," Wolf rosnou. Mas o rei Radis também, e veja como acabou," ele lembrou, e havia um traço de amargura em sua voz. Os poderosos são capazes de tudo para manter o que têm.

Viana pensou em Robian e disse a si mesma, com tristeza, que Lobo tinha razão.

"Então o que eu posso fazer?" Talvez, se eu me esconder em alguma aldeia e fingir ser um camponês...

Mas seu anfitrião respondeu com uma risada.

"Não me faça rir, Viana. Você nunca passaria por um camponês. Olhe para você: você tem a pele branca de quem nunca trabalhou ao sol, suas mãos são macias e finas, e é claro que você não está com fome", acrescentou, lançando um olhar interrogativo para a figura da garota.

Viana corou, sentindo-se muito ofendida. Era uma donzela muito bonita: pele branca, rosto redondo e formas generosas eram sinais de beleza e saúde. Obviamente, uma mulher magra era magra porque não comia o suficiente, então ela não entendia as insinuações de Wolf.

-O que há de errado comigo? ele protestou. Mesmo quando todos sabiam que eu estava noiva de Robian, os jovens cavalheiros estavam me cortejando

às dezenas", afirmou. Eles compuseram muitas músicas elogiando minha beleza.

"E eles não estavam mentindo," Wolf respondeu calmamente. Mas sua aparência indica o tipo de vida que você levou: você nunca trabalhou e, portanto, não conseguiria se adaptar no campo. Você chamaria tanta atenção quanto um bárbaro em um baile da corte. Da antiga corte, quero dizer.

"Então eu nunca poderei sair desta floresta", ela murmurou, sentindo-se muito infeliz. E aqui ficarei, até que os bárbaros venham atrás de mim. Porque hoje não se atrevem a cruzar suas fronteiras, mas logo alguém o fará... e descobrirá que não há nada a temer... e avançará um pouco mais, e assim sucessivamente até encontrar esta cabana. Porque eles são assim, Lobo. Eles nunca permitem que nada os assuste por muito tempo.

"É por isso que temos que prepará-lo", disse ele, levantando-se decisivamente. Amanhã seu treino vai começar.

-Treinamento? repetiu Viana, sem entender.

Lobo assentiu.

"Até agora você teve sorte, mas temo que a partir de agora você vai precisar de mais do que poções e enchimentos abdominais para sobreviver neste mundo de bárbaros." Então eu vou te ensinar a lutar.

-A lutar? Mas eu sou uma donzela! Viana escandalizou-se.

"Com mais razão." Veja isso? Ele apontou para sua orelha mutilada. Você sabe como eu perdi? Quando eu era jovem, tive que escoltar uma senhora ao castelo de seu tio. Fomos atacados por alguns bandidos no caminho; eles não eram grandes lutadores, mas conseguiram me machucar porque fui obrigado a defender a senhora. Naquele dia aprendi uma coisa importante: que é mais fácil lutar se você não tem que cuidar de outra pessoa... e que as mulheres causam muitos problemas.

"Uau", resmungou Viana.

"Eu também vou te ensinar a se mover pela floresta, a seguir rastros, a caçar... Ou você achou que poderia continuar morando aqui sem fazer nada?" Este não é o castelo do seu pai. Você se recuperou totalmente e não vai mais ficar por aqui: agora você vai aprender a se virar sozinho.

"Mas eu sou uma donzela!" insistiu Viana.

Lobo balançou a cabeça.

— Não, Viana: agora você é um fora-da-lei.

A garota estremeceu de horror. Os bandidos eram pessoas más: indivíduos mal-humorados que viviam como selvagens na floresta, se comportavam como animais e cheiravam ainda pior.

"Isso significa que você está fora da lei", explicou Wolf, interpretando mal a expressão dela.

"Eu sei o que isso significa", ela se defendeu. E ainda é tão horrível, muito obrigado.

Mas Lobo riu.

"Não se for a lei de Harak." Pense bem.

E ele não disse mais nada.

Mas Viana, aliás, pensou muito nisso.

Pensou em todas as vezes em que quis ser homem para defender seus direitos. O quanto ele odiava os bárbaros desde a morte de seu pai. Que ela havia escapado do destino que Harak escolhera para ela, e que Lobo estava certo: ela era apenas uma garota, e ainda assim havia acabado com a vida de um dos grandes chefes bárbaros. E ela não foi a única a desafiar os invasores: Dorea também colaborou, e muito, na queda de Holdar. E ela era uma mulher também.

Na manhã seguinte, ela acordou muito animada. Ela mal conseguira dormir pensando nas possibilidades que Wolf lhe oferecia. Ele aprenderia a caçar como um caçador? Para lutar como um guerreiro? Para montar, como os homens faziam? Ele seria capaz de empunhar uma espada? Para enfrentar os bárbaros?

De repente, e em apenas alguns dias, seus desejos mudaram completamente. Já não se imaginava como uma pobre donzela em perigo. Ela não sonhava mais com um casamento de conto de fadas (na verdade, a lembrança de Robian lhe causava mais raiva do que dor). Agora ela se via como a heroína que desafiaria Harak e vingaria seu pai.

No entanto, Lobo quebrou todas as suas expectativas quando jogou uma pilha de roupas velhas em seu rosto.

-O que é isso? Viana quase gritou.

"Roupas masculinas", respondeu ele. Ou será que você estava pensando em caminhar pela floresta com aquele vestido?

"Não exatamente com este," ela disse ofendida; Ela ainda usava as mesmas roupas com que fugira de Torrespino, e desde então ansiava por trocar de roupa. Mas quando me disse que me traria uma muda de roupa, pensei que queria dizer outra coisa.

Wolf respondeu com uma risada seca. Viana engoliu a indignação, porque entendeu que ele tinha razão: se ela quisesse fazer coisas para homens, teria que se vestir como um deles.

Ele voltou para a cabine para se trocar. Demorou mais do que ela tinha imaginado, e quando ela finalmente saiu, ela estava morrendo de vergonha porque as leggings que ela estava usando a faziam sentir como se ela estivesse exibindo suas pernas para todo mundo.

"Não olhe tanto para mim", ele resmungou, tentando se cobrir com as mãos contra o olhar curioso de Lobo.

"Sua camisa está errada", disse ele, e foi até Viana para ajustá-la.

"É muito curto!" Ela reclamou.

— É uma camisa de homem, Viana. E onde está o seu gibão?

Ela ficou vermelha.

"Não ficou bem em mim", defendeu-se; mas a verdade é que ele não sabia como colocá-lo.

Lobo balançou a cabeça.

"Eu não posso acreditar", ele murmurou. Vamos, pare de reclamar; ninguém vai te ver aqui.

"Você está olhando para mim!"

Lobo revirou os olhos e suspirou.

"Você quer que eu seja seu professor, sim ou não?"

Viana hesitou um pouco, mas finalmente assentiu.

"Tudo bem", o Lobo retrucou. então me siga

Ele se virou e caminhou rapidamente para longe dela. A jovem lutava para manter o ritmo; ela se sentiu muito estranha usando aquelas roupas, quase como se estivesse seminua. Mas logo ele estava deixando esse sentimento, porque havia muitas outras coisas com que lidar.

Primeiro, ela descobriu que era muito mais fácil se locomover sem as saias pesadas que ela estava acostumada a usar. Com admiração, ela rapidamente esqueceu o decoro, ou a falta dele, e concentrou-se em manter o passo de Lobo através do mato. Foi mais difícil do que imaginara: apesar da leveza recém-adquirida, tropeçava em cada raiz e seu cabelo se emaranhava em cada galho; além disso, os arbustos arranhavam sua pele delicada. No entanto, ele nunca reclamou. Ele percebeu que havia discutido cada uma das decisões de Lobo, apesar de no fundo elas lhe parecerem razoáveis. E embora os hábitos que lhe haviam sido ensinados desde a infância fossem muito difíceis de esquecer, ela estava disposta a deixar-se treinar por ele. Por causa disso, ela engoliu seu orgulho e as lágrimas que ameaçavam brotar em seus olhos, e lutou para provar que estava à altura da tarefa.

De repente, Lobo parou e levantou a cabeça para ouvir com atenção. Viana demorou um pouco para recuperar o atraso.

"Silêncio", disse ele, mas a garota não conseguia parar de ofegar de pura exaustão. Wolf lançou-lhe um olhar irritado e lentamente encaixou uma flecha em seu arco. Então, rápido como o pensamento, ele se virou e atirou.

Ouviu-se um grito no mato e Viana vislumbrou um borrão cinza fugindo. Lobo amaldiçoado.

"Você o assustou, seu pedaço desajeitado," ele a repreendeu. Você faz tanto barulho, na verdade, que estou surpreso que conseguimos chegar tão perto. Que pena; foi uma boa peça.

"Sinto muito", ela murmurou, ela não tinha ideia de que animal o Lobo pretendia caçar, mas ela nem se atreveu a perguntar.

Então ele olhou para ela e pareceu suavizar um pouco.

"Não se preocupe", ele a confortou. Para o primeiro dia, você se saiu muito bem.

-Você pensa? — Viana olhou para ele desconfiada, convencida de que ele estava zombando dela, porque ela não sentia que estava fazendo um bom

trabalho. No entanto, Lobo parecia sincero.

"Você me seguiu até aqui," ele notou. E deixei para trás pessoas mais experientes que você. Mas acontece que você é muito teimoso. Sorte dos dois.

Viana não sabia se deveria se sentir lisonjeada ou não, mas preferiu não responder, entre outras coisas porque estava tão cansada que agradecia que tivessem parado por um momento. Enquanto Lobo se abaixava para examinar um rastro que era completamente invisível para ela, a garota aproveitou para tentar desembaraçar o cabelo e tirar a barba por fazer que ficou presa nele. Quando ela olhou para cima, viu que Lobo estava olhando para ela. E ele sabia o que ela estava pensando.

"Ah, não," ele protestou. Nem falar.

Ele sorriu.

"Temo que sim, minha querida donzela."



No dia seguinte, Viana saiu da cabana lentamente, como se estivesse assistindo à sua própria execução. Ela havia se vestido de homem sem reclamar, embora com grande esforço, porque todo o seu corpo doía da excursão do dia anterior.

Lá fora, Lobo a esperava, afiando a faca. Viana engoliu em seco.

"Eu adoro fazer isso antes do café da manhã," ele comentou com prazer.

Viana suspirou e sentou-se num toco, de costas para ele. Ela sentiu as mãos de Lobo pegando seus longos cabelos cor de mel. Ela fechou os olhos, mas ele parou.

-Tem certeza?

Viana abriu os olhos novamente. Pensou em Harak e seus ares superiores. Em Holdar e suas maneiras rudes. E ela também pensou em Robian e como ele a ignorou quando ela mais precisava dele. Ele estreitou os olhos e cerrou os dentes.

"Sim," ele disse categoricamente. Vá em frente.

"Muito bem," Wolf concordou. Não se mova agora. Você sabe como eu perdi uma orelha? Foi por causa de um barbeiro cujo pulso tremia demais. Aprendi duas coisas naquele dia: que você nunca deve usar nada afiado depois de beber e que não deve confiar em barbeiros.

Viana reprimiu um sorriso, mas não respondeu. Em silêncio, ele observou as mechas do cabelo dela caírem no chão uma após a outra. Cada um deles levou consigo um pedaço de sua vida anterior. Uma vida, ele finalmente assumiu, que ele havia deixado para trás para sempre.

Quando Lobo terminou, Viana balançou a cabeça e se sentiu surpreendentemente fresca e leve. Mais uma vez, como quando vestiu roupas

masculinas pela primeira vez, ela experimentou uma desconcertante sensação de nudez.

Ele se virou para Lobo.

-Como estou? -te pergunto.

Seu professor parecia um pouco confuso com a pergunta. Ele coçou a cabeça por um momento antes de responder:

"Eu não sei... diferente."

"Diferente", repetiu Viana, quase saboreando a palavra. Diferente," ele disse novamente.

Ela balançou a cabeça novamente, sentindo os fios restantes de seu cabelo baterem em seu rosto, livres e selvagens.

Sim, provavelmente parecia diferente. E ela percebeu naquele momento que se sentia diferente também. Uma parte dela estava relutante em abandonar a jovem certinha que tinha sido. Mas outro Viana, mais forte e corajoso, lutou para romper os farrapos daquele passado que não ia voltar. A nova Viana nasceu e cresceu à sombra da invasão bárbara e de tudo o que dela resultou. O novo Viana, ele percebeu de repente, estava pronto para lutar.

Ele pulou. Ele reprimiu um estremecimento e olhou para Lobo com uma expressão determinada.

"Ok, estou pronta", anuncio. Espero fazer melhor do que ontem.

Wolf deu-lhe um meio sorriso.

"Não tenho dúvidas sobre isso", ele assegurou a ela.

Viana também sorriu.

Capítulo V



De la Fiesta del Florecimiento que se celebró en Campoespino y de lo que aconteció cuando Viana trató de salvar el reino por su cuenta y riesgo.

VIANA DESLIZOU **silenciosamente** pela moita e ergueu as orelhas. Não havia nada além do farfalhar das folhas nas árvores.

Ele cheirou o ar; a brisa carregava um cheiro familiar. Ele fechou os olhos e escutou novamente. Sim, lá estava. Era quase imperceptível: o som de pequenos cascos raspando no chão. Eu tenho você, amiguinho, ele pensou. Ele abriu os olhos e puxou a corda de seu arco, apontando a flecha em uma direção muito específica. Ele não precisava ver sua presa para saber que estava lá, mesmo que o leve movimento da folhagem que ele detectou pudesse ser devido ao vento. Mas ela já sabia ler os sinais ocultos que a floresta revelava apenas aos observadores mais alertas.

Ele esperou, imóvel como uma estátua e sem fazer barulho. Então, quando o arbusto ondulou novamente, ele soltou a corda.

O raio voou perfeitamente para seu alvo e encontrou um alvo. Viana ouviu o guincho do javali e apressou-se a carregar de novo a proa. Ela o viu sair correndo dos arbustos e investir contra ela, furioso e louco de dor. Não era um espécime muito grande, apenas um javali, como Viana deduzira depois de seguir seu rastro até lá. A flecha havia cravado em um de seus quartos traseiros e não foi suficiente para matá-lo, mas a jovem não se intimidou. Ele disparou uma segunda flecha que o atingiu em um ponto vital. O javali deu mais alguns passos antes de cair no chão, morto.

Viana assobiou para o rabo. Eles geralmente não tinham javali para o jantar; Lobo ficaria feliz.

Ele passou uma corda pelas patas traseiras do animal para carregá-lo nas costas. Ela mal exalou um pouco mais de ar quando o levantou, e sorriu ao pensar que alguns meses atrás ela não seria capaz de levantar essa presa sozinha, muito menos pegá-la com apenas duas flechas.

Mas muita coisa mudou em todo esse tempo. Tornara-se forte e musculoso, e sua bela pele branca agora parecia a de um menino, desgastada pela vida ao ar livre. Ele havia perdido seu tempo em Greystone muitas vezes, porque seu treinamento com Lobo tinha sido duro e difícil, e o inverno tinha sido especialmente frio. Mas agora a primavera estava chegando novamente e a Grande Floresta estava cheia de vida. Era muito

mais fácil encontrar presas para levar ao pote, e Viana gostava de caçar e fazer excursões pela floresta.

Apesar de tudo, o javali ainda era um fardo pesado, então a garota parou no riacho para descansar. Lá, ele lavou o rosto e olhou para seu reflexo na água.

Seu cabelo ainda estava curto como um homem, e ela estava tão confortável em roupas masculinas que era estranho pensar que ela já havia usado aqueles vestidos de solteira embaraçosos. Ele franziu a testa para as sardas que pontilhavam suas bochechas. Sim; ele certamente parecia um menino.

Mas isso não era novidade.

Certa manhã, quando já terminava o inverno, Viana ousara aproximar-se de Campoespino, a cidade mais próxima. Ele havia coberto a cabeça com um capuz; Desde que uma chuva fina caiu sobre o país naquele dia, não foi surpresa que ele também se envolvesse em uma camada de feltro quente e resistente.

Ele se aproximou timidamente da praça da cidade. Era dia de mercado, mas não havia muita gente porque o tempo não estava bom. Ella traía consigo un par de liebres para intercambiar, y estuvo merodeando por entre los puestos, pero todo el mundo la había confundido con un chico y nadie la había relacionado con la joven dama que había escapado del castillo de Torrespino una noche de tormenta, varios meses atrás. Nem mesmo os dois bárbaros barganhando a plenos pulmões com o ferreiro lhe deram mais do que um olhar indiferente.

No entanto, Lobo a repreendeu por sua ousadia.

"Alguém pode ter reconhecido você!" ele latiu. Em que estava pensando?

Mas Viana o ignorou, porque por dentro se sentia exultante de alegria. Ele gostava de viver na floresta; ele aprendera a se movimentar como qualquer um dos animais que a habitavam. Mas muitas vezes ele sentia falta da companhia de outros seres humanos. Não que ele não se sentisse confortável com Lobo; Isso se tornou uma grande referência em sua vida e, embora não fosse substituir o pai que havia perdido, era o mais próximo que poderia ter alcançado, dadas as circunstâncias. Ela se acostumou com suas brigas e modos bruscos, e passou a gostar dele genuinamente.

Mas ele precisava de algo mais.

E agora que ele sabia que poderia vagar pela cidade com segurança, até mesmo conversar com os moradores se disfarçasse sua voz adequadamente, ele não iria desistir disso, não importa o quão bravo estivesse Wolf.

No fundo, porém, o conselho dele ressoou nela, pois ela não tinha estado perto da aldeia mais do que um par de vezes desde então. Talvez, afinal, seu lugar fosse na floresta.

Ela olhou pensativa para o riacho. Do outro lado, a floresta ficou mais escura. Era o limite que Lobo havia marcado para seu território, e que nem

ele ousava cruzar. Além, a floresta era densa e imprevisível, e dizia-se que coisas muito estranhas aconteciam. Mais adiante, as pessoas se perderam e nunca mais voltaram.

Em certa ocasião, Viana havia expressado suas dúvidas sobre essas histórias. Ele havia dito a Wolf que certamente alguém suficientemente preparado, como ele, por exemplo, poderia ir e retornar ao coração da Grande Floresta sem problemas. Ou até mesmo percorrê-lo de parte a parte para descobrir até onde se estendia.

Lobo ficara tão furioso quanto na vez em que ela se aproximara da aldeia por sua conta e risco.

Então Viana não podia voltar à civilização, mas também não podia ir além daquele riacho. Seu território, que a princípio parecia esmagadoramente grande, estava começando a se estreitar. Ao chegar na floresta, cada dia era um novo desafio. Tinha sido muito difícil para ele aprender a caçar e rastrear do jeito que Lobo queria, e ainda por cima, o inverno tinha chegado quando o treinamento estava começando a valer a pena. Lobo e Viana lutaram para sobreviver à forte nevasca e à escassez de presas. Viana passara noites inteiras encolhida junto às brasas da lareira, tremendo de frio e com os pés cheios de frieiras pela primeira vez na vida. O vento gelado havia rachado seus lábios, que não eram mais macios e cheios como antes.

Mas ela tinha superado, e ela estava muito orgulhosa disso. Mais ainda do que ter sido uma das mais belas donzelas de Nortia, se acreditarmos nos poetas da corte.

Com a chegada da primavera, as coisas se tornaram surpreendentemente fáceis. Todos os animais saíram de suas tocas e se reproduziram como loucos. Era tão fácil acompanhá-los que a caçada não era mais tão excitante. Viana logo entendeu que o inverno a havia endurecido, e ela se sentiu ainda mais satisfeita com sua evolução e aprendizado.

Ainda assim, ele não pôde deixar de se perguntar o que faria em seguida. Eu precisava de novos desafios, outros horizontes para explorar. Ele já conhecia seu território como a palma de sua mão, cada árvore, cada pedra, cada curva e curva do riacho, e sonhava em ir um pouco mais longe. Tanto Thornfield quanto o coração da Grande Floresta a atraíam igualmente. Qualquer lugar teria sido um destino aceitável para ela, mas ela foi forçada a ficar escondida, presa entre os dois mundos. Logo ela começou a se sentir aprisionada novamente, quase como quando vivia com Holdar.

Ela suspirou e olhou para a luz do sol filtrada pela tela de folhas. Era hora de ir para casa. Ela estava planejando uma viagem à cidade para curtir o Festival das Flores quando ouviu um barulho que a deixou tensa. Eram pegadas humanas, não havia dúvida. E não era Lobo: ele não fazia barulho quando deslizava pela floresta.

Viana atacou com seu javali e se escondeu atrás de alguns arbustos. Nada indicava que ela estava sentada lá apenas alguns momentos atrás.

Logo ele ouviu vozes; falavam na língua áspera e gutural dos bárbaros, e Viana não pôde deixar de ranger os dentes de raiva. Mas ela conteve a raiva e esperou, porque estava intrigada. O que os bárbaros fizeram na Grande Floresta?

Não demorou muito para ele avistá-los; havia três deles, e eles se arrastaram pela moita. Eles pareceram aliviados ao encontrar essa clareira junto ao riacho, pois pararam por um momento para beber e descansar.

Viana sabia que a terra de onde vinham tinha poucas florestas, e que era composta principalmente por vastas planícies congeladas que se abriam entre serras. No mundo dos bárbaros era sempre inverno, e era frio demais para uma floresta tão densa como esta se formar. Não é de admirar, portanto, que agora eles se movessem pela floresta com a graça de um boi capturado em uma olaria.

Mas como eles chegaram lá? Por que eles se preocuparam em entrar na Grande Floresta? Viana estremeceu, porque não estavam longe da cabana onde ela e Lobo moravam.

Ele tentou entender a conversa deles. Durante os longos meses que passara como esposa de Holdar, aprendera a língua deles bem o suficiente para poder entendê-los quando falavam, embora tivesse perdido muita prática. Portanto, a princípio ele só conseguiu captar algumas palavras; mas ela se esforçou muito para descobrir exatamente o que eles estavam dizendo, e logo descobriu, para sua surpresa e alguma apreensão, que eles estavam falando sobre ela.

"Não entendo por que continuamos procurando essa mulher", reclamou um dos bárbaros. Ela deve estar morta agora.

"Harak diz que não a dará por morta até que alguém coloque o cadáver dela aos seus pés", respondeu outro.

O primeiro bufou ironicamente.

'Todo mundo diz que ele fugiu na direção desta floresta. E ninguém a viu sair daqui. Não há como ter sobrevivido ao inverno. Ela era apenas uma donzela suave como uma flor de jardim.

"Mas alguns dizem que a viram perto da aldeia", observou o terceiro bárbaro.

O coração de Viana parou de bater por um instante.

"Não, não, eles apenas dizem que viram alguém que se parece com ele." Talvez um parente, um primo ou um irmão... Eles o descobriram vagando em dias de mercado. Ninguém sabe onde ele mora, e ele traz de volta uma boa caça, peças que só poderiam ser obtidas aqui.

"Então, estamos procurando aquele menino ou menina que matou Holdar?" Ela pode ter sobrevivido se tivesse um irmão para cuidar dela.

"Claro que não", insistiu o primeiro bárbaro. Mas talvez aquele jovem pretenda vingá-la. De qualquer forma, Harak não quer pessoas vagando pela floresta. Quem sabe quantos rebeldes estão escondidos entre essas árvores.

Viana prestou atenção. Ele tinha ouvido falar dos "rebeldes" que supostamente estavam baseados na Grande Floresta, mas nunca os tinha visto, então ele suspeitava que sua existência não era nada mais do que um boato... provavelmente espalhado por Lobo, ele disse a si mesmo, sorrindo para si mesmo. .

"E aqui estão eles bem", respondeu outro dos bárbaros. Este lugar me dá arrepios. Você se lembra do grupo que Harak enviou para procurar a garota antes do inverno chegar? Eles nunca mais voltaram.

O primeiro bárbaro rosnou algo que Viana não conseguiu entender.

"Vamos", disse o segundo. Diremos que não encontramos nada e pronto. Além disso, se aquele garoto for um rebelde, a cidade nos dirá.

Mas o terceiro pareceu hesitar.

-Você pensa? As coisas são ouvidas... Alguns admiram aquela donzela estúpida por matar Holdar. Se alguém souber alguma coisa sobre ela, não revelará facilmente.

O bárbaro deu de ombros.

"Sabemos que sua velha empregada está escondida em uma das casas de Campoespino", respondeu. Ela vai nos dizer. Não será difícil encontrá-lo durante aquela festa de flores que eles estão preparando. Todos os aldeões saem de seus buracos assim que ouvem um pouco de música, como vira-latas famintos farejando um assado.

Viana reprimiu um grito. Eles estavam falando sobre Dorea!

"É verdade", concluiu o segundo bárbaro, visivelmente aliviado. Vamos voltar para o castelo.

Os três homens voltaram para o vale, mas Viana ficou muito tempo no seu esconderijo, a pensar.

Lobo estava certo. Alguém a tinha visto na aldeia e informado aos bárbaros. Viana acreditava que Harak já havia desistido de procurá-la, ou que Hundad, que havia sido o braço direito de Holdar e que agora governava Torrespino após sua morte, tinha coisas melhores a fazer do que atender à obsessão do rei... graças a Viana ele se tornou chefe de seu clã.

Estava claro que ele os havia subestimado. E ela tinha sido muito descuidada. Se fosse verdade que Dorea ainda estava na aldeia, e se ela foi capturada...

Viana levantou-se de um salto, pegou no javali e dirigiu-se para casa o mais depressa que pôde. Ela foi recebida pelo som rítmico de marteladas: Wolf estava consertando a cabana há vários dias. A ideia inicial era reforçar o telhado, que tinha ficado bastante danificado depois da neve e das chuvas de inverno, mas agora aproveitava para alargá-lo porque acreditava poder acrescentar um segundo quarto para Viana.

Wolf largou o martelo quando a viu.

"Nossa, javali!" ele exclamou. Bela peça, pequena! Podemos fazer na grelha e… o que aconteceu, Viana? Por que você tem esse rosto?

A menina sentou-se no mesmo toco onde, meses antes, seu mentor havia cortado o cabelo, e começou a contar-lhe apressadamente a cena que presenciara na floresta. Lobo ouviu atentamente, franzindo a testa.

"...E eu tenho que ir ao Blossom Festival para encontrar Dorea antes deles," ela concluiu, muito nervosa.

Mas Lobo balançou a cabeça.

"De jeito nenhum, Viana. Você não vai a lugar nenhum.

-Porque não? ela explodiu. Se ele está nessa bagunça é só minha culpa!

"Eu não vou negar isso a você. Mas agora não estrague mais, ok? Já está claro que eu estava certo: você não pode voltar para a aldeia, é muito perigoso. Já te contei como perdi minha orelha esquerda? Foi em uma batalha da qual não recuei a tempo. Eles nos cercaram por todos os lados e o rei ordenou que recuássemos, mas pensei que ainda poderia passar à frente de mais alguns inimigos... e minha retirada foi cortada. Eu milagrosamente consegui sair vivo, mas com uma orelha a menos. Naquele dia aprendi duas coisas: que um guerreiro orgulhoso demais é um guerreiro morto e que nem todos os reis são tão burros quanto parecem.

Viana se perguntou se ele estava se referindo ao falecido rei Radis. Wolf parecia mais velho que ele; talvez ele tivesse lutado sob o monarca anterior. No entanto, no momento ele não tinha interesse em perguntar a ela sobre isso.

"Mas não é mais só sobre mim", ele insistiu. O que acontecerá se Dorea for capturada?

"Nada vai acontecer, porque ela não sabe onde você está e, portanto, não pode denunciá-lo."

A boca da jovem caiu aberta.

"Você acha que é isso que me preocupa?" ele quase gritou. O que eu quero é garantir que esses animais não ponham as mãos nele!

“Eu sei, pequena, mas você já deveria ter aprendido que nem sempre conseguimos o que queremos.

Ela estreitou os olhos.

-Que está dizendo? O que devo fazer já que não ouvi nada e esqueço minha ama de leite? Eu não quero saber o que tu pensas; Eu não vou abandoná-la ao seu destino!

Ambos estavam ficando com raiva às vezes. Eles se entreolharam, prestes a explodir de raiva, e finalmente Lobo respirou fundo e rosnou:

— Você é um pé no saco, Viana. É muito difícil se proteger quando você continua se colocando em perigo repetidamente.

"Talvez eu não precise que você me proteja tanto," ela protestou.

"Eu salvei sua vida na noite em que você matou Holdar, caso você não se lembre." E, se não fosse por mim, você ainda seria uma donzela boba completamente inútil.

Viana ignorou o insulto. Fazia muito tempo desde que os maus modos de seu professor escaparam dele. Mas havia algo mais que a incomodava ainda mais do que Lobo poderia dizer sobre ela.

"E isso lhe dá o direito de decidir sobre a minha vida?" Saiba que estou farto de todos pensarem que sabem o que é melhor para mim! Já fiz casamentos arranjados com dois homens diferentes e tenho apenas dezesseis anos! Mesmo as pessoas que me salvaram de um futuro miserável o fizeram sem me perguntar primeiro!

Wolf ergueu as mãos muito ofendido.

"Está bem, está bem!" Quero dizer, eu deveria ter deixado você apodrecer na chuva e ser encontrado pelos bárbaros que vieram te procurar, certo? É bom saber!

Viana abriu a boca para responder quando, de repente, assimilou o que ele acabara de dizer.

"Os bárbaros vieram me procurar?" Quando?

"Alguns dias depois que você fugiu," ele rosnou, um pouco mais calmo. Eles vasculharam a floresta procurando por você, mas... bem, digamos que eu cuidei deles.

Viana imediatamente imaginou Lobo escondido no mato, atirando flechas nos bárbaros... flechas precisas e letais. Lembrou-se do que os três homens que acabara de ver à beira do riacho haviam dito: que Harak enviara um grupo para a floresta que nunca mais voltou.

"Então você vê o quanto eu fiz por você", concluiu. Vai me dar um voto de confiança? Preste atenção em mim, Viana. Não vá ao Festival da Flor. Será o melhor para você.

De repente, Wolf parecia muito mais velho e cansado. Ele pegou o martelo novamente, mas olhou para ele distraidamente.

Viana também se sentia exausta.

"Deixe isso para hoje", aconselhou. Aqueles três podem ainda estar por aí, e você estava fazendo muito barulho.

"Você está certo," Wolf concordou. Vou fazer as honras ao javali. Embora o cheiro de porco assado possa atraí-los aqui mais rápido do que qualquer som.

Viana soltou uma gargalhada e o acompanhou até a cabine.

Naquele dia não discutiram mais nem voltaram a falar do assunto. Aparentemente, a garota havia aceitado o julgamento de Wolf e estava disposta a se submeter às suas instruções.

Aparentemente.

Porque ela não ia perder o Festival das Flores por nada. Os bárbaros tinham razão: todos vinham a Campoespino durante as festividades,

inclusive gente de outros feudos e até um mercador de Normont. Se Dorea ainda estivesse por perto, este seria o melhor momento para encontrá-la novamente. Ele não podia deixar essa oportunidade passar por ele.

Mas fingiu que havia abandonado a ideia de voltar à aldeia para que Lobo não guardasse suspeitas sobre suas verdadeiras intenções.

Por isso teve uma surpresa desagradável no dia da Festa das Flores quando descobriu, assim que se levantou, que Lobo havia acordado mais cedo que ela e tinha ido para a floresta, deixando-a trancada na cabana. Viana soltou uma série de palavrões altamente impróprios, chutando a porta e sacudindo-a com raiva, mas ela não abriu. Lobo nunca a trancara antes, então Viana entendeu que ele havia adivinhado suas intenções.

Mas ela não estava disposta a deixá-lo bater nela por aquela mão. Ele examinou a porta com cuidado, tentando se acalmar e pensar com clareza. Estava bem seguro, então ele não podia escapar por ele. Ele se virou, procurando outra saída.

E descobriu as janelas.

A cabine tinha dois; Eram janelas muito estreitas, que costumavam estar quase sempre abertas para facilitar a ventilação. Mas estavam muito altos e Viana não conseguia alcançá-los.

No entanto, ela não desistiu. Ele arrastou o beliche até a parede e subiu nele. Seus pés afundaram um pouco na palha, mas ele ainda conseguiu subir até uma das janelas. Ele jogou o arco, a aljava e a bolsa primeiro, depois passou o corpo pela abertura estreita. Após um breve momento de pânico em que pensou estar presa, conseguiu se libertar e caiu para o outro lado.

Viana reprimiu um gemido de dor e cautelosamente levantou-se para se certificar de que estava mais ou menos ilesa. Ela deu alguns passos e, depois de verificar que as únicas sequelas que salvaria de sua fuga seriam alguns hematomas, juntou suas coisas e começou a correr pela floresta, sentindo-se leve como uma pena.

Ele havia enganado Lobo! Gostava muito do cavalheiro maduro que lhe ensinara tudo o que sabia, mas ao mesmo tempo estava muito satisfeita por tê-lo enganado. Além disso, ela ainda estava chateada com ele por fingir se tornar o mestre de seu destino. Depois de passar quase meio ano com ele na floresta, Viana aprendera o que significava a verdadeira liberdade. Ela poderia sobreviver sozinha se se encontrasse sozinha e perdida; pela primeira vez sentiu que não dependia de mais ninguém e não ia abrir mão da autonomia que havia conquistado deixando-se mandar pelo professor, por mais que se sentisse em dívida para com ele.

Quando ele chegou à cidade, a festa estava quase no auge. O mercado fervilhava de vida e havia um bom número de menestréis e charlatões atuando nas praças e nas esquinas.

Viana lembrou-se de Oki. Pareciam ter passado séculos desde que aquele homem peculiar lhes contara a história do viajante que acampara à

beira da Grande Floresta. A menina sorriu para si mesma. Em todo esse tempo, ele nunca havia encontrado nenhuma velha estranha que mais tarde se revelasse uma donzela de beleza sobrenatural. Nada que ele tinha visto na floresta que parecia incomum ou sobrenatural, então ele passou a acreditar que tudo o que era dito sobre ele não passava de histórias para assustar as crianças.

Balançando a cabeça para limpar esses pensamentos de sua mente, ela se concentrou em tentar encontrar Dorea na multidão. Apenas no caso, ela puxou o capuz para baixo e tentou passar despercebida.

Não demorou muito para ele ser arrastado pela maré multicolorida que inundou a cidade. A música subiu para um céu claro e brilhante.

Havia também alguns bárbaros curtindo a festa. Viana teve que admitir que, para invasores, eles se adaptaram muito bem aos costumes de Nortia... especialmente se esses costumes incluíssem dança, bebida e mulheres.

Ele logo esqueceu o objetivo de sua excursão a Campoespino. Havia tanto para ver, e ela não teve a chance de se divertir ultimamente, não quando ela morava com Holdar ou agora que ela se tornou uma fora da lei. Então ele vagou de um lugar para outro, parando em todas as barracas e ouvindo todas as músicas, embora não ousasse participar da dança na praça principal. Ali, camponesas, com os cabelos enfeitados com guirlandas de flores, tentavam os meninos da aldeia e os convidavam a participar de uma dança animada.

Havia, porém, um bom número de moças que dançavam sozinhas, e então Viana descobriu que havia poucos rapazes em Campoespino. Muitos deles caíram em resistência contra os invasores. Outros migraram para os reinos do sul, em busca de um futuro melhor. Olhando ao redor da praça, Viana entendeu que, na realidade, aquela alegria geral era apenas aparente. Os nórdicos não haviam esquecido que eles celebravam seu Festival da Florescência de mil anos apenas porque os bárbaros permitiram. Havia um traço de tristeza sob aquelas risadas forçadas.

Mesmo assim, Viana gostou da dança, tão animada e selvagem; Isso a fez pensar nos bailes a que tinha ido quando ainda era uma nobre. Neles, todos os passos eram perfeitamente medidos, e da mesma forma regulavam-se outros pormenores, como a distância que os jovens deviam manter uns dos outros, os gestos e atitudes que eram permitidos e os que careciam das regras de decoro. . A dança camponesa lhe parecia mais autêntica, uma verdadeira expressão dos sentimentos dos dançarinos. A sua música era animada e cativante, e Viana imaginou-se com um vestido de aldeia e uma coroa de flores no cabelo, imaginando a quem convidaria para dançar.

Ela pensou em Robian e uma pontada de melancolia perfurou seu coração.

Ele não se lembrava dele há muito tempo. Ela estivera ocupada com outras coisas, como sobreviver ao inverno na floresta, e não tivera tempo de

pensar no que faria ou diria se o visse novamente. O rancor que ele havia experimentado há muito tempo parecia ter se derretido com os primeiros raios do sol da primavera.

Ela se perguntou se, agora que estava mais velha e mais sábia, seria capaz de entender as razões de sua traição. Ele tinha que falar com Lobo sobre isso. Ela sabia que ele desprezava profundamente os traidores, mas ele era um cavaleiro encarregado de um domínio. Robian herdou Castelmar da noite para o dia e provavelmente se consideraria um fracasso se não conseguisse sustentar as propriedades de sua família por um único dia. Talvez fosse por isso que ele tinha escolhido se render aos bárbaros.

Mas o que Duke Landan teria preferido? Perder seu domínio com honra ou mantê-lo como traidor?

Viana era uma donzela e não teve escolha. No entanto, se ela tivesse nascido menino... o que seu pai esperaria dela?

Com um suspiro de pesar, a moça afastou-se da praça onde os jovens ainda dançavam e entrou nos becos da cidade. Ele tentou se concentrar no que tinha vindo fazer: procurar Dorea. E ele sabia então por onde começar.

Aproximou-se da barraca do sapateiro e perguntou:

"Com licença, você poderia por favor me dizer onde posso encontrar o herbalista?"

O homem pulou e olhou para ela estranhamente. Viana se perguntou o que ela havia feito de errado, e então percebeu que, perdida nas lembranças do passado, havia recuperado parte de seus modos corteses. E ele tinha esquecido de fingir uma voz masculina. No entanto, ela decidiu que seria melhor ter autoconfiança, então ela segurou o olhar do sapateiro enquanto esperava por uma resposta.

Ele limpou a garganta, agora recuperado de sua surpresa.

"O herbalista..." ele murmurou. Claro, herbalista... Vire à esquerda na próxima esquina e você o encontrará no final da rua.

Viana baixou a cabeça.

"Muito obrigada", ela respondeu, e se afastou, incomodada com a estranha atitude do sapateiro. Ele a teria reconhecido?

Naquele momento ele percebeu que não havia tirado seu manto. Fazia muito tempo desde que ela o usava porque o clima estava mais quente, e ela havia esquecido que não o usava apenas para se aquecer, mas também para esconder sua identidade. No entanto, na agitação de sua fuga, ela havia esquecido esse detalhe, e suas formas femininas podiam ser vistas facilmente sob suas roupas.

Ele mordeu de volta uma maldição. Ela teve que admitir que Lobo não estava longe do alvo quando a repreendeu por mostrar muita autoconfiança a deixou descuidada e a colocou em perigo.

Felizmente, havia muitas pessoas nas ruas e muitas coisas para se divertir. Ainda assim, o capuz puxou bem.

Não demorou muito para ele avistar a barraca do herbalista. Olhando para fora de seu poleiro, seu coração disparou: lá estava Dorea, regateando com o dono por um punhado de folhas secas. Viana ficou na ponta dos pés para tentar vê-la por cima das cabeças da multidão. Sim, era ela. Ela parecia um pouco mais velha e cansada, mas...

Então, como se sentisse seu olhar, Dorea levantou a cabeça. E seus olhos encontraram os de Viana.

Ela queria gritar seu nome, mas sua voz falhou. Naquele momento, alguém a empurrou e ela perdeu a enfermeira de vista. Quando olhou para trás, Dorea havia desaparecido.

Viana tentou abrir caminho entre a multidão, mas antes de chegar à banca do herborista esbarrou num rapaz de cerca de onze ou doze anos. Ele murmurou um pedido de desculpas e se virou para continuar seu caminho. No entanto, o menino engasgou, e Viana virou-se para ele para verificar se não havia pisado nele ou algo assim.

Mas ele não parecia dolorido. Ele apenas olhou para ela, como se tivesse visto um fantasma.

"É você!" -sussurrar-. Você voltou!

Viana, desconfortável, não sabia o que responder.

"Você está me confundindo com outra pessoa, garoto," ele murmurou, tentando dar a sua voz um tom mais profundo. Mas ele balançou a cabeça.

"Não vá lá!" ele avisou, puxando a manga de seu gibão. É uma armadilha!

Viana ergueu os olhos novamente para olhar a barraca do herborista. E ele viu alguns bárbaros vagando por aí, aparentemente ociosos. Ele então se lembrou da expressão no rosto de Dorea naquele breve momento em que seus olhos se encontraram. Ele tentou avisá-la? Foi por isso que ele desapareceu assim? Os bárbaros sabiam que estava lá? Ela tinha sido usada como isca?

Havia muitas perguntas. Confusa, Viana deixou-se arrastar pelo rapaz para um beco deserto e silencioso. Mas ela se livrou dele quando percebeu que ele insistia em levá-la para dentro de uma casa.

-Espera um momento! Para onde você está me levando? Por que você está me ajudando?

O menino olhou para ela. Ele era um aldeão como tantos outros: usava roupas de lã gastas, que logo seriam substituídas por linho quando chegasse o verão, e seu cabelo estava sujo e desgrenhado. Seu rosto mostrava algumas manchas de sujeira, mas seus olhos negros brilhavam com determinação.

E, no entanto, Viana era familiar.

"Porque eu sei quem você é", disse ele, sua voz vibrando de emoção. Eu te devo minha vida.

Viana inclinou a cabeça e olhou para ele.

Então ele reconheceu.

Era um dos filhos daquela pobre mulher que viera ao castelo em busca de um pouco de comida para a família, numa noite de tempestade no início do outono.

-Vocês! ele exclamou. Eu já me lembro de você. Como está a tua mãe? E teus irmãos?

O menino parecia enormemente orgulhoso por ela saber quem ele era. Ela piscou rapidamente, e Viana adivinhou que ela tentava conter as lágrimas.

'Tudo bem, obrigado, senhora... Bem, exceto pelo pequeno, que morreu no inverno passado.

"Lamento ouvir isso", murmurou Viana com tristeza; no entanto, ele deu de ombros.

"Estava muito frio", foi tudo o que ele disse. Mas você voltou para Campoespino", acrescentou, animado. Eu sempre disse que você voltaria para destruir Harak.

Viana sentiu-se desconcertado.

"Destruir Harak?" ele repetiu, como se não tivesse ouvido direito. E como devo fazer isso?

"Eu não sei... Você matou aquela fera malvada Holdar e se escondeu na Grande Floresta, e você ainda está vivo... Você se atreveu a desafiar os bárbaros, eu vi que você enfrentou seu marido sem medo, embora ele era muito maior." e mais forte do que você", e ele olhou para ela com admiração rendida.

Viana entendeu a lógica daquele menino: como ele havia matado um chefe bárbaro, não seria difícil para ele acabar com a vida de outro.

Seria verdade? Ela poderia enfrentar Harak?

Uma onda de sentimentos invadiu suas entranhas. Ela se lembrava muito bem do rei bárbaro e da arrogância com que a tratara, entregando-a a um de seus homens como se ela fosse um bem material: um castelo, um moinho ou um cavalo puro-sangue. Apenas um meio de dar à luz os filhos dos invasores que herdariam os senhorios de Nortia. Viana ainda fervia de raiva ao recordar a humilhante cerimónia em que as damas reais do reino foram divididas entre os chefes dos clãs como num leilão de gado. Sim; não podia negar que sonhara em fazer Harak pagar, em espetar seu corpo com flechas até que os ouriços da Grande Floresta o confundissem com um de seus parentes.

Você seria capaz de fazê-lo? Precisamente ela?

Suas reflexões foram interrompidas pelas palavras de seu companheiro:

"Então, minha senhora... você não veio à festa para matar o rei Harak?"

Viana virou-se para ele.

-Que queres dizer? Harak está aqui?

O menino olhou para ela desconfiado, como se estivesse se perguntando como sua heroína podia ser tão ignorante.

-Bem claro; Ele chegou há alguns dias e está hospedado em Torrespino, com Hundad. O sucessor de Holdar. O novo chefe de seu clã", acrescentou.

"Já sei quem é Hundad", respondeu Viana. Então Harak está aqui? Você já participou do Festival da Floração?

O menino assentiu vigorosamente.

"Dizem que ele está aqui para inspecionar o domínio, mas acho que é uma armadilha, que ele queira pegar os rebeldes."

Viana sabia perfeitamente que não existiam tais rebeldes e disse a si mesma que Harak não parecia um homem inclinado a acreditar em boatos e fofocas. Se era verdade que ele havia preparado uma armadilha, certamente era para ela.

"Estou falando sério", o menino insistiu. Você não vê isso? Ele até colocou uma isca para atraí-los!

"Uma isca!" repetiu Viana. dore!

Mas seu informante balançou a cabeça.

"Dorea?" Não sei quem é", disse. Não, minha senhora, a isca é o próprio Rei Harak. Ou o cavalheiro que o acompanha, não sei — acrescentou depois de um momento de hesitação.

Viana acabara de saber que Lobo tinha razão: não devia ter ido à Festa da Flor, porque a esperavam. O que isso significava? Que Harak a via como uma ameaça? Ou talvez ele pense que sou um pobre tolo que almeja muito alto, pensou, e é por isso que não tem medo de se expor a mim. Afinal, ele ainda vai querer me punir pela morte de Holdar.

Mas não havia tempo para pensar nisso: ele tinha outras coisas mais urgentes para fazer.

-Qual o seu nome? -te pergunto.

"Airic, senhora," ele respondeu, com uma reverência desajeitada.

"Tudo bem, Airic... você sabe onde posso encontrar Harak?"

O menino olhou para ela, radiante de alegria e admiração.

"Claro, minha senhora. Ele irá à praça com Hundad para que os vereadores das aldeias lhe prestem homenagem. Isso será ao meio-dia, eu acho.

Viana olhou para o sol, que estava quase no seu ponto mais alto. Então sub-repticiamente ele olhou para o beco onde tinha visto Dorea. Ela ainda era uma mulher livre? Os bárbaros a capturaram e a estavam usando como isca? Onde estava a armadilha: na barraca do herbalista, com Dorea, ou na praça onde Harak estaria?

Viana tentou ligar os pontos. Se Dorea fosse uma isca, não adiantaria cair nessa. E se Harak esperava que Viana o atacasse diretamente... então Dorea não estava em perigo, nem tinha nada a ver com a armadilha que os bárbaros supostamente armaram para ela.

Lembrou-se do que Wolf dissera certa vez sobre invasores: eles precisavam ser pegos de surpresa, porque sempre esperavam ser atacados

de frente, já que era assim que lutavam.

Talvez ele ainda tivesse uma chance. Ele agarrou Airic pelo ombro.

"Eu tenho que encontrar um ponto alto perto da praça", ele disse a ela. Você vai me ajudar?

O rapaz pensou um pouco, nitidamente surpreso com o pedido de Viana, e por fim disse:

— Ali está a oficina do ferreiro. Ele mora em uma casa grande porque sua família é muito grande e, bem, porque ele pode pagar. Tem dois pisos acima do piso térreo. E é na mesma praça.

"Isso vai ser perfeito!" Viana concordou. Leve-me lá!

O rapaz, deixando-se contagiar pelo entusiasmo dela, guiou-a por becos estreitos e escuros, tentando evitar a zona do mercado.

"Nós entraremos pela porta dos fundos", ele disse a ela. Está sempre aberto para o ar fluir, porque senão o ferreiro fica muito quente.

"Mas a ferraria não está fechada porque é feriado?"

Airic riu.

"Fechar a ferraria?" Precisamente hoje, com tantos guerreiros na cidade? É claro que você não conhece Gilrad.

"Bem, é óbvio que sim", respondeu Viana, um pouco aborrecido. Você vai nos deixar entrar em sua casa, assim?

"Sou amigo de um dos filhos dele," Airic respondeu como se isso explicasse tudo.

Descobriu-se que seu jovem guia estava certo. A porta dos fundos da oficina estava aberta e o ferreiro estava ocupado em sua bigorna, aparentemente alheio às festividades que aconteciam na praça.

"Bom dia, Gilrad," Airic cumprimentou. Pedro está em casa?

"Não sei", grunhiu o ferreiro, ainda trabalhando e sem se preocupar em olhar para ele; sua voz era tão poderosa que ecoava acima dos golpes do martelo. Acho que não, mas suba e veja.

-Obrigada!

Airic subiu correndo as escadas, e Viana o seguiu em silêncio, maravilhado com a astúcia e a insolência do menino.

Subiram ao segundo andar sem encontrar ninguém; todos provavelmente estavam gostando da festa. Airic levou seu companheiro para a sala mais alta, a que ficava logo abaixo do telhado. Ambos olharam pela janelinha, que oferecia uma visão perfeita da praça.

A dança já havia terminado há muito tempo. O carpinteiro estava terminando de montar um estrado no qual havia sido colocado o grande assento de madeira para o rei Harak. Não muito longe dali, os regidores, nervosos, aguardavam o momento de homenagear o líder bárbaro.

E então os aldeões deram lugar ao grupo real. Viana olhou para o céu: era quase meio-dia. Ele rapidamente engatilhou seu arco e tirou um par de flechas de sua aljava.

"O que você está fazendo, minha senhora?" Airic perguntou inquieto.

Viana deu-lhe um sorriso encantador.

"Vingar um erro", ele respondeu.

Ele puxou a corda do arco e procurou o alvo certo.

Ele viu os bárbaros entrando na praça. Hundad, o novo senhor de Torrespino, liderou o caminho, acompanhado por um de seus guerreiros. Atrás estava o rei Harak. Viana apontou para sua figura e esperou o momento certo.

O jovem cavalgando ao lado do rei chamou sua atenção: ele era um cavaleiro de Nortia, não um bárbaro. Ele usava cota de malha e uma túnica nas cores de seu brasão: uma espada dourada que emergia entre ondas de prata e azul em um campo de gules. Um distintivo que Viana conhecia muito bem. O brasão de Castelmar.

Viana baixou o arco com o coração disparado.

Não poderia ser. Certamente era outra pessoa.

Ele deu outra olhada no homem com Harak e confirmou suas piores suspeitas. Na verdade, era Robian. Ele parecia mais velho, talvez mais adulto, e também mais sério. Um ricto de amargura manchava suas belas feições, mas era ele, sem dúvida; o rapaz que crescera com Viana e a quem ela jurara amor eterno.

Ele respirou fundo. Isso era parte de um passado que ela pensou ter superado completamente, e ainda assim... Robian estava aqui novamente para atormentá-la com sua presença.

"Há algo errado, minha senhora?" Airic queria saber.

Viana fez um esforço para se concentrar. O menino havia sugerido a possibilidade de que Robian fosse a isca de Harak. Ele ficou vermelho. A relação que os unia era tão conhecida entre o povo? Então ele percebeu que, do ponto de vista de uma hipotética força rebelde norte-americana, Robian era um traidor que sem dúvida pagaria caro por muitos por sua decisão de servir aos bárbaros. Nem tudo girava em torno dela, ela lembrou a si mesma.

-Não respondeu-. Absolutamente nada.

Ele mirou novamente e, por um instante, Robian estava dentro do alcance. Seria tão fácil largar a flecha...

Mas ele não deve permitir que suas emoções interfiram no trabalho que pretendia fazer. Por outro lado, uma parte dela não queria ver Robian morto. A ideia de que ainda pudesse ter sentimentos por ele a inquietou, mas Viana não parou para pensar e mirou cuidadosamente o coração do rei bárbaro.

Ela esperou, sem perder o alvo, que ele entrasse na praça. E quando ele decidiu que era a hora certa, ele soltou a corda do arco.

A flecha cortou o ar com um assobio mortal... e mergulhou no coração de Harak.

"Você conseguiu, senhora!" Airic exclamou jubilosamente.

Viana baixou o arco, muito orgulhosa de si mesma. Lá embaixo, na praça, reinava o caos. Enquanto Harak cambaleava em seu cavalo, seus homens perplexos procuraram o atirador. Viana não se importou se a vissem. Não agora que Harak estava morto...

Mas então…

"Olha, senhora..." Airic sussurrou, seu tom cheio de admiração.

Viana já estava vendo, mas não conseguia acreditar.

Harak não havia caído do cavalo. Em vez disso, ele havia arrancado a flecha de seu peito e a estava erguendo bem alto com um rugido de raiva.

"Não pode ser," a garota murmurou.

Ele procurou freneticamente por alguma explicação para o que acabara de ver. Ela o atingiu bem no coração, tinha certeza disso. E a flecha havia saído de seu peito com sangue, indicando que não havia sido detida por nenhum tipo de armadura.

Harak deveria estar morto.

Mas ele estava vivo.

"É o diabo, senhora, o diabo..." Airic murmurou.

Mas Viana não lhe deu ouvidos.

Porque Harak os tinha visto na janela e, com um segundo grito de raiva, estava jogando seus homens contra eles.

Capítulo VI



De la ira del rey bárbaro y de lo que se contaba acerca de él.

VIANA PERMANECEU pregada no local. Airic a puxou para a cobertura assim que um pequeno machado de mão afundou, com uma vibração mortal, na moldura da janela da qual eles estavam inclinados.

"Nós temos que sair daqui, senhora!" ele pediu.

No entanto, Viana ainda não conseguiu reagir.

"Eu deveria estar morto", ele murmurou. Por que ele não está morto?

Eles ouviram uma comoção no andar de baixo. Os homens de Harak correram para a ferraria, apenas para encontrar Gilrad tentando descobrir o motivo de toda aquela confusão.

"Um por um, senhores!" trovejou. A loja é aberta a todos, mas a minha casa não!

"Não temos muito tempo", disse Airic.

Viana procurou uma rota de fuga. Não podiam voltar por onde tinham vindo, porque a escada estreita logo seria ocupada por uma tropa de bárbaros. Seus olhos então localizaram outra janela no lado oposto da sala.

Airic a tinha visto também. Os dois saltaram para ela e espiaram quase ao mesmo tempo.

A janela dava para um beco tão estreito que o topo da ferraria quase tocava a fachada do andar superior da casa em frente, que se projetava acima do térreo. Havia outra janela ali, mas apenas uma das venezianas estava aberta.

-Já vem! Exclamou Airic.

A jovem tentou manter a cabeça fria, como Lobo lhe ensinara. Ele escalou a abertura, segurando-se no batente, e avaliou as chances de conseguir pular para a casa do outro lado da rua e alcançar a janela sem cair no chão.

"Vá em frente," Airic encorajou, percebendo quais eram suas intenções. Se ficarmos aqui, eles vão nos matar.

Viana respirou fundo e pulou.

Ela se enganchou sem muita dificuldade na veneziana aberta; dobrou com o impacto, e a garota se chocou contra a parede. Ela conseguiu se puxar até a janela antes que a veneziana cedesse completamente e a jogasse no chão.

Ele caiu no quarto, ofegante, mas não perdeu tempo, levantando-se e abrindo a outra veneziana para que Airic pudesse entrar mais facilmente. Ela estendeu as mãos quando ele pulou, ajudando-o a entrar no quarto no momento em que os bárbaros invadiram o sótão que tinham acabado de desocupar.

"Eles não vão poder saltar até aqui", disse Viana, "mas não vão demorar muito para nos bloquear a passagem pela entrada principal." Correr!

Seus perseguidores perderam um tempo precioso inclinando-se para fora da janela para repreendê-los de lá, de modo que, quando os dois jovens chegaram ao térreo, a rua ainda estava livre. Atravessaram a sala principal da casa, passando por uma velha que girava pela janela, olhando para eles tão perplexa como se tivesse acabado de ver alguns fantasmas.

Airic e Viana saíram para a rua, parando apenas um momento para avaliar suas opções. Os berros dos bárbaros ainda podiam ser ouvidos da praça. Não demoraria muito para eles se encontrarem.

-Por aqui! disse o menino.

Viana o seguiu por um beco ainda mais estreito do que o que eles acabaram de deixar para trás. Eles saíram em uma rua um pouco mais larga, quase nos arredores da cidade, mas pararam porque um cavalo quase os atropelou.

-Você é estúpida! seu cavaleiro soltou Viana sem a menor cerimônia.

Ela levantou a cabeça e viu que era Lobo, observando-a com olhos brilhantes. Ela abriu a boca para responder, mas ele não lhe deu tempo.

-Vai subir! ele pediu. Ainda podemos consertar essa bagunça!

— Mas... Airic... — Viana conseguiu dizer.

O garoto balançou a cabeça.

"Vá sem mim, minha senhora!" Eu saberei como corrigi-los.

Viana ia protestar, mas Airic recuou alguns passos e desapareceu nas sombras de uma passagem estreita entre dois prédios. Lobo ajudou seu protegido a subir no lombo de seu cavalo e os dois galoparam, bem quando os homens de Harak dobraram a esquina.

Eles deixaram Campoespino para trás, mas a caçada não terminou aí. Eles os viram marchar a cavalo e não simplesmente seguiram seu rastro. Pouco antes de chegar à ponte que atravessava a ribeira, Viana deu meia-volta e viu que um grupo de bárbaros os seguia a galope.

-Mais rápido! ele pediu Wolf. Eles estão atrás de nós!

Lobo rosnou e esporeou sua montaria ainda mais.

Pouco a pouco, e para angústia de Vânia, os bárbaros foram fechando a brecha. Afinal, o cavalo de Lobo levava dois cavaleiros, e os animais de seus perseguidores eram fortes e musculosos. Viana ouviu os gritos dos bárbaros atrás deles, e até o apito de uma seta disparada de uma besta que, felizmente, não os alcançou.

Finalmente, Wolf e Vanya chegaram à beira da Grande Floresta. Conhecendo o terreno em que se encontrava, Lobo guiou seu cavalo por caminhos escondidos no mato. No entanto, ele foi incapaz de superar seus perseguidores. Ele então atirou sua montaria para o riacho e galopou rio acima.

-O que faz? Vânia protestou. Assim vamos muito mais devagar!

"Cale a boca e pule quando eu mandar!"

-Que?

- Que salto! Já!

A mente de Vanya tinha muitas objeções sobre isso, mas seu corpo havia se acostumado a obedecer a todas as ordens de Lobo, especialmente quando ele as expressava naquele tom. Então, antes que ele percebesse, ele desceu do cavalo e caiu na água. Viana não teve tempo de reclamar, porque Lobo a puxou para arrastá-la para a margem. Os dois se esconderam nos arbustos enquanto o cavalo, agora livre de seus cavaleiros, galopava mais levemente rio acima.

Lobo e Viana prenderam a respiração e ficaram completamente imóveis enquanto a tropa de bárbaros passava diante deles sem vê-los. Quando suas vozes soaram distantes, Lobo sentou-se e lançou um breve olhar ao companheiro.

"Vamos para casa," ele disse a ela asperamente. Temos muitas coisas para fazer.

Viana levantou-se sem protestar e seguiu-o, convencida de que tinha merecido uma boa repreensão. No entanto, seu mestre ficou em silêncio até chegarem à cabana.

"Entre e pegue suas coisas", ele ordenou então.

-Perdão?

"Pegue suas coisas. De repente você ficou surdo? Não, espere... De repente, não. Talvez você não tenha me ouvido quando eu disse para você ficar em casa. Achei que você receberia a mensagem quando encontrasse a porta da cabine trancada. Sério, Viana, que parte do "não vá ao Festival das Flores" você não entendeu?

Viana suspirou, aliviado no fundo. Era mais fácil lidar com a raiva de Lobo do que com sua indiferença.

"Eu tinha que encontrar Dorea", ele tentou se justificar. E de qualquer forma, você não tem o direito de me manter trancado em casa.

"Bem", ele respondeu, "graças a você e seus 'direitos', ficamos desabrigados."

Viana estava pronta para responder, mas as últimas palavras de Lobo a detiveram na porta.

-Quão? Por quê?

Wolf soltou um suspiro impaciente e a empurrou para dentro.

"Os bárbaros sabem que você está vivo", explicou lentamente, como se estivesse falando com alguém realmente sem entendimento. Você acabou de colocar uma flecha no coração do rei deles e foi visto galopando na floresta. Você acha que eles vão deixar as coisas assim?

A realidade atingiu Vania como um martelo.

"Não... é verdade," ele admitiu. Suponho que vão vasculhar a floresta inteira à nossa procura.

"A floresta inteira, não," Wolf apontou. Mas sim a faixa mais próxima da vila. E nossa cabine está localizada nela, então não fique aí parado como um covarde e faça as malas. Vamos, vamos, mova sua bunda. Nós não temos muito tempo.

Viana obedeceu. Ele ficou surpreso ao ver que ele tinha coisas que queria manter. Ele tinha vindo para a floresta sem nada, mas durante todo esse tempo ele havia coletado uma série de objetos que haviam sido muito mais úteis para ele do que as joias e roupas que ele havia deixado em Greystone: sua capa de pele, sua faca de caça, seu arco e sua aljava, suas botas de couro macio, sua tigela de madeira, isqueiro e pederneira para acender fogueiras, corda para armar armadilhas... Quando ela acabou de juntar tudo e colocou no ombro a bolsa maluca, ficou surpresa ao ver que ela mal pesava nada; e, no entanto, ele poderia ter viajado até o fim do mundo apenas com o que ele continha.

A lembrança do que havia perdido trouxe à mente o estojo de veludo que havia escondido debaixo da cama, pouco antes de sair de casa para encontrar Harak em Normont. Ele se perguntou se algum dia conseguiria recuperá-lo. Ela realmente não precisava daquelas joias, mas eram uma lembrança de sua mãe e ela não queria perdê-las.

Ele tentou tirar esses pensamentos de sua mente e saiu da cabana para se juntar a Wolf, que já estava pronto para sair.

-Aonde vamos? ela perguntou quando ele deu um último olhar melancólico ao redor da cabana.

"Você vai ver," ele resmungou de volta.

Então Viana resignou-se a marchar pela floresta atrás de Lobo sem dizer uma única palavra. Seu mentor claramente não estava de bom humor; Sair de casa a fez sentir-se muito pior do que queria admitir, e Viana sentiu-se culpada por ter provocado aquela situação. Sim, Lobo a proibiu de ir à festa e também a trancou na cabine; mas ela causou um grande alvoroço na aldeia e se colocou em perigo desnecessariamente. Pela segunda vez, Wolf teve que salvá-la dos bárbaros. Pela segunda vez também, Viana escapou, deixando para trás alguém que poderia pagar caro por seu relacionamento com ela. Com uma pontada de remorso, ela pensou em Airic e sua família. Será que ele os colocaria em perigo novamente? E o que teria sido de Dorea? Eu sou estúpida, ela pensou. «O Lobo tem razão: a minha arrogância está prestes a custar-nos a vida. O que eu estava pensando quando atirei aquela flecha?

Deixei-me levar pelo entusiasmo de Airic. Como se uma garota simples como eu pudesse matar um rei dos bárbaros!

Então, de repente, ele se lembrou de que não era uma ideia tão absurda. Seu arremesso tinha sido bom. A flecha havia perfurado o coração de Harak. E ele tinha tirado dela, rasgado a tinta de sangue.

Um milhão de perguntas inundaram sua mente, e ela não conseguia mais ficar calada.

"Hmmm... Lobo?"

-Oque Quer? ele rosnou.

"Você sabe que eu atirei em Harak de uma janela, certo?"

-Isso é o que todo mundo diz. Já que você assumiu um risco tão estúpido, você poderia pelo menos ter aguçado sua mira.

"Sim, bem... É sobre isso que eu queria falar com você." Eu bati nele.

Lobo virou-se para ela de forma tão abrupta que Viana quase colidiu com ele.

-Como dizes?

"Que eu acertei no coração dele, tenho certeza." E a flecha estava manchada de sangue quando ele a tirou do peito.

Lobo rosnou novamente e retomou sua caminhada sem um único comentário.

"Você ouviu o que eu te disse?" ela insistiu.

"Eu ouvi isso." E agora cale a boca e ande, ou não chegaremos lá antes do anoitecer.

Viana reprimiu o impulso de perguntar sobre seu destino, mas preferiu não insistir. A verdade é que ele ainda se sentia muito culpado, e seu fracasso no Blooming Festival lhe trouxe muita humildade. Então ele seguiu Lobo em silêncio, por terrenos cada vez mais difíceis, até que a floresta ficou tão densa que não havia trilhas para seguir. Viana se perguntava, preocupado e ao mesmo tempo excitado, se chegariam à floresta profunda onde, segundo Oki e a sabedoria popular, estavam escondidos grandes perigos e mistérios indecifráveis. Mas ele não teve a chance de pensar muito sobre isso, porque ele teve que se concentrar em acompanhar Lobo. Apesar de todo o seu treinamento, ele estava tendo dificuldade em se mover pelo mato.

Quando a noite começou a cair, a floresta se abriu para revelar uma ampla clareira pontilhada de fogueiras. Viana recuou alguns passos, desconfiado; mas então ele percebeu que os homens descansando perto das fogueiras não eram bárbaros. Eles pareciam um pouco famintos, vestidos com roupas de couro e peles desgastadas, e estavam bastante desgrenhados. Ao pé das árvores havia várias cabanas, e Viana distinguia à frente de algumas diferentes peças de armamento: elmos, gibões acolchoados, escudos, lanças, maças, manoplas, algumas malhas de malha e uma espada.

Era óbvio que Wolf os conhecia. Entrou na clareira sem medo, e eles o cumprimentaram sem demonstrar surpresa pela sua presença, embora observassem Viana com alguma curiosidade.

"Quem são esses homens?" ele perguntou a Lobo em um sussurro.

"O que resta do exército do Rei Radis," ele respondeu.

Viana sufocou uma exclamação de surpresa e voltou a olhar o local. Ele não reconheceu ninguém; nenhum dos amigos de seu pai estava lá. Parecia que apenas alguns soldados haviam sobrevivido à guerra contra os bárbaros. Os barões do rei foram forçados a escolher entre servir Harak ou morrer, mas os lacaios não eram tão importantes. Felizmente para eles.

"Por que eles não voltaram para suas casas?" Viana queria saber.

“Muitos não têm mais casas para onde voltar. Alguns, no entanto, trouxeram suas famílias com eles”, acrescentou Wolf, apontando para a parte de trás do acampamento.

Viana descobriu algumas mulheres e um grupo de crianças que brincavam em silêncio diante de uma cabana um pouco maior. Foi então que o cheiro de ensopado de coelho sendo preparado em um enorme caldeirão chegou até ele.

"Não é tão ruim aqui", disse Wolf. Você acabará se acostumando com isso.

Viana queria fazer milhares de perguntas, mas calou-se porque dois homens vieram ao seu encontro. O primeiro deles era alto, loiro e esguio; o outro, mais atarracado, ostentava uma barba castanha despenteada.

"Você está de volta mais cedo do que esperávamos, Wolf", disse Wolf. Quem você nos trouxe?

"Nós viemos para nos juntar a você", ele respondeu, "se você tiver espaço para mais dois." Não seremos um fardo; Tanto a senhora como eu saberemos como ganhar a vida.

Os dois homens olharam para Viana com curiosidade renovada, e ela adivinhou que até aquele momento não tinham percebido que ela era uma mulher.

"Você veio para ficar?" O loiro repetiu com surpresa. Por quê?

"Porque estou com vontade", rosnou Wolf, "e porque a senhora colocou a todos nós em perigo e fui forçado a deixar minha casa por causa dela."

Viana sentiu que ela corou. Ela queria esclarecer que estava prestes a libertar Nortia do rei opressor, mas permaneceu em silêncio, entre outras coisas porque ainda não entendia o que havia acontecido na aldeia, ou por que Harak ainda estava vivo, quando deveria ter caído. morto de seu cavalo.

"Mas vamos pelo fogo", concluiu Wolf, "e ela vai nos explicar com mais calma."

Viana não queria ser o centro das atenções. Ela lançou a Wolf um olhar irritado, mas ele respondeu com um meio sorriso irônico, e ela percebeu que era sua punição por desobedecê-lo.

Uma vez que estavam todos sentados junto ao fogo, seus anfitriões lhes ofereceram tigelas de ensopado de coelho e duas xícaras de couro cheias de cerveja forte e amarga. Viana, acostumada a beber água do córrego, não gostou, mas lambeu os lábios para não parecer indelicada.

Depois de saciar a fome, Lobo declarou:

“Amigos, esta garota é filha do duque Corven de Greystone, que, como muitos de vocês sabem, caiu na batalha contra Harak. Alguns de vocês já ouviram falar dela: ela era casada, como o resto das damas de Nortia, com o chefe de um dos clãs bárbaros. Mas ela acabou com a vida do marido, fugiu de Torrespino e se refugiou na floresta, onde vive desde o outono passado. O resultado é óbvio”, acrescentou sarcasticamente.

Viana corou ao sentir todos os olhares sobre ela, olhando suas roupas masculinas e seus cabelos curtos.

"Foi você quem matou Holdar?" Então um dos presentes perguntou.

Ela assentiu, relutante em falar sobre isso.

"Na verdade, foi um acidente", ele tentou explicar. Nós lutamos, ele caiu para trás e...

"A coisa é, ele o matou," Wolf interrompeu. E agora ele colocou na cabeça que também pode acabar com o rei dos bárbaros.

Houve murmúrios, bufos de ceticismo e risadas abafadas. Lobo insistiu que sua aluna deveria contar, com cabelo e tinta, sua experiência na Festa da Flor; então Viana, hesitante e morrendo de vergonha, contou como havia escapado da cabana, desobedecendo às instruções de Lobo, e andou pela aldeia quase sem esconderijo. Ele então contou seu encontro com Airic e sua experiência no sótão da casa do ferreiro: como ele viu a comitiva do rei Harak chegar (ele omitiu o detalhe de que Robian estava entre seus companheiros) e como ele carregou o arco e esperou o momento oportuno. momento.

"E eu atirei no coração dele com uma flecha", concluiu Viana em voz baixa. Acertar a marca, estou convencido. Mas Harak não morreu. Ele puxou a flecha de seu peito e lançou seus homens em mim.

Seguiu-se um silêncio pesado. A jovem lamentou ter dito isso, porque no fundo tinha certeza de que ninguém acreditaria nela. Ele deveria ter confessado que tinha perdido, que tinha perdido o coração do rei. Ele levantou a cabeça e olhou ao redor, tentando ler as expressões dos soldados. Para sua surpresa, não parecia haver nenhum indício de zombaria ou descrença em seus olhares. Ao contrário, todos foram tomados por uma estranha admiração.

"Eu te disse," um dos guerreiros então falou. Eu disse que era verdade.

"Então os rumores eram verdadeiros?" outro perguntou com um estremecimento.

Lobo balançou a cabeça.

"Já existem vários testemunhos", disse. Pode ser mais do que apenas uma superstição, e ainda assim...

"Por que você não quer acreditar, Wolf?" retrucou o soldado loiro que os havia saudado na chegada. Todo mundo sabe, mas você, velho teimoso, nega o óbvio!

Wolf o silenciou com um único olhar.

"Você ainda não percebeu, Garrid?" ele rosnou. Dar crédito a tais rumores implica aceitar que perdemos.

Os soldados saudaram suas palavras com um silêncio triste.

"Quem disse que perdemos?" Então uma mulher interveio descaradamente.

Viana surpreendeu-se ao reconhecê-la: era Alda, a cozinheira de Torrespino. Ela parecia mais envelhecida e seu cabelo estava um pouco desgrenhado, mas era ela, sem dúvida. Sorriu para a moça como forma de cumprimento, apontou uma colher de pau para Lobo e o repreendeu:

— Você, não venha confundir meus meninos. Há um meio termo entre ignorar os rumores e assumir que não há mais esperança para Nortia.

"Talvez," Wolf admitiu, acariciando o queixo. Mas se for, ainda não encontrei.

"Com licença", então Viana interveio timidamente. De que rumores você está falando?

Os presentes se entreolharam. Por fim, foi Garrid quem respondeu:

"Dizem, senhora, que Harak está encantado."

"E que ele fez um pacto com o diabo", acrescentou outro dos soldados.

"Ouvi dizer que é o próprio diabo."

"Disseram-me que ele é filho de uma bruxa."

“De qualquer forma, ninguém pode tocá-lo.

"Dizem, de fato, que ele nem sequer tem coração."

— Sim, porque deu ao diabo para torná-lo invencível.

"O que você quer dizer com isso?" perguntou Viana, confuso.

Lobo soltou um suspiro exasperado e balançou a cabeça.

— O que se diz por aí é que esse bastardo é invulnerável: suas feridas cicatrizam espontaneamente, ele não é afetado por venenos e é imune a todas as doenças.

Viana refletiu sobre essa informação.

"Então é por isso que minha flecha não o matou?"

"É possível, menina. Mas não sabemos ao certo. Pode ser verdade ou pode ser apenas uma crença estúpida e sem fundamento. De qualquer forma, combina muito bem com Harak que algumas pessoas pensem que ele é indestrutível. Isso aumenta o terror que as pessoas simples têm dele.

"Mas", objetou Viana, que ainda pensava intensamente, "mesmo que os rumores fossem verdadeiros... se, por exemplo, alguém lhe cortasse a cabeça... , direita?"

Os soldados a olharam surpresos. Então Alda começou a rir.

"O que eu te disse, Lobo?" A senhora pensa mais e melhor do que todos vocês juntos!

Viana corou de prazer. Mas seu guardião foi rápido em colocar os pés no chão.

"Pode ser", ele rosnou, "mas primeiro temos que ver se há alguém que possa chegar perto o suficiente de Harak para cortar sua garganta."

A jovem assentiu, desanimada. Wolf olhou para ela e pareceu suavizar um pouco.

"Não pense mais nisso", concluiu. Você cometeu um erro, mas sobreviveu. Nem todos podem dizer o mesmo, pequena. A primeira negligência é muitas vezes a última.

Viana balançou a cabeça.

"Mas eu atirei bem, Wolf." Te juro.

“Às vezes as flechas fazem coisas estranhas. Já te contei como perdi esta orelha? Estávamos sitiando o castelo de um barão rebelde. Havia arqueiros nas ameias, mas eles foram treinados para atirar suas flechas de uma só vez, você sabe, atirar para o ar para que caíssem sobre nós como uma chuva mortal. Então foi o suficiente para nós nos cobrirmos com os escudos quando os vimos chegando. Bem, entre uma grande habilidade com o arco e muitas dificuldades para seguir ordens. O rei liderava o ataque contra o portão, mas eu liderava um grupo de soldados tentando escalar um muro menos protegido. No calor da batalha perdi meu capacete e não me preocupei em pegar outro. E o menino percebeu que estava dentro do alcance.

“Disseram-me mais tarde que ele apontou para mim entre os olhos. E que ele raramente errava um tiro naquela distância. De qualquer forma... eu poderia ter morrido naquela tarde, mas algo, talvez uma rajada de vento, talvez uma flecha mal equilibrada... salvou minha vida. Embora ele pegou minha orelha.

»Aquele dia aprendi duas coisas: que o acaso é caprichoso e que você sempre tem que usar o capacete bem preso. Você entende o que eu quero dizer?

Viana assentiu sem dizer uma palavra, embora não concordasse inteiramente. Ele teria gostado de acreditar que realmente errara; mas ela estava convencida de que não era verdade.

Wolf deu um tapinha no ombro dele algumas vezes e se afastou para cumprimentar alguém. Viana ficou sozinho junto ao fogo, pensando. O soldado que Wolf chamara de Garrid sentou-se ao lado dela.

“Ignore tudo o que ele diz, minha senhora; ele é um cara teimoso.

"Me chame de Viana, por favor", ela pediu; Eu sentia há muito tempo que não merecia mais aquele tratamento.

"Tudo bem... Viana", disse Garrid com algum esforço.

Viana sorriu para si mesma, e então se lembrou de que Lobo também fora um fidalgo desgraçado, como Belicia lhe contara. No entanto, as pessoas que viviam naquele acampamento o tratavam com uma familiaridade desconcertante.

"Eu acredito na sua história", Garrid continuou. Acho que Harak é invencível. Vê aquele ali? Ele apontou o queixo para um soldado carrancudo e carrancudo que estava afiando sua faca logo atrás. Ele foi meu parceiro na batalha contra os bárbaros. É forte, você pode imaginar. Ele carregava um tomahawk e teve a oportunidade de jogá-lo em Harak quando o deixou para trás. Eu vi, Viana: enfiou nas costas daquele maldito bárbaro e ele continuou cavalgando como se nada tivesse acontecido. E você sabe que os bárbaros não usam armaduras. Harak, aliás, nem se protegeu com nenhum tipo de gibão. Ele foi para a batalha de peito nu e todos pensaram que ele era louco ou muito arrogante. Bem... o machado do meu amigo acertou-o bem aqui, e de tal forma que deveria ter quebrado sua espinha.

"Mas isso é impossível", murmurou Viana, pálido.

“Impossível ou não, foi o que aconteceu. Eu mesmo vi. E você encontrará várias pessoas neste lugar que poderiam lhe contar histórias semelhantes. Mas Lobo nunca vai admitir isso.

-Porque não?

Garrid mudou de posição, procurando as palavras certas para continuar.

"Bem," ele disse finalmente. Você vê todas essas pessoas que se reuniram aqui? O que você diria que somos?

"Os soldados sobreviventes da guerra", respondeu Viana. Foi o que Lobo me disse.

— Para ele somos mais que isso: somos o germe de um novo exército que lutará e derrotará os bárbaros.

Viana olhou para o acampamento e não conseguiu reprimir um sorriso.

"Eu sei como é", disse Garrid sem se ofender. E asseguro-lhe que a maioria de nós não enfrentaria bárbaros novamente por nada no mundo. Mas Lobo não está desistindo e, por outro lado, aos poucos vão chegando mais pessoas e logo poderemos organizar ataques mais audaciosos.

Viana compreendeu de repente:

"Vocês são os 'rebeldes' de quem todos estão falando!"

Garrid sorriu.

"Isso é o que tentamos", ele respondeu modestamente. Até agora, emboscamos alguns bárbaros pelo caminho, invadimos alguns postos de guarda... Nada grande, na verdade. Nós nem fizemos cócegas neles. Mas talvez, com o tempo, sejamos fortes o suficiente para realmente enfrentá-los. Ou, pelo menos, é o que Lobo espera.

"Entendo", concordou Viana. E você não pode manter o moral do seu povo muito alto se há uma história que diz que Harak não pode ser morto.

"Você entendeu", disse Garrid. Mas não se preocupe com Lobo. Acabará aceitando a realidade e aceitando que perdemos. Hoje a ideia entrou um pouco mais na cabeça, acrescentou alegremente.

A jovem não fez mais comentários sobre o assunto naquela noite. Mas ele não parou de pensar nisso.

Nos dias seguintes, adaptou-se ao que seria a sua nova casa. Deram-lhe um espaço na cabana maior, onde as viúvas ou solteiras dormiam com os órfãos mais pequenos, e embora fosse um alojamento ainda mais desconfortável do que o que partilhara com Lobo nos meses anteriores, Viana agradeceu o contacto com outras pessoas. . Ela se tornou amiga muito próxima de Alda; agora que não eram mais patroa e empregada, a confiança entre elas cresceu. Viana trazia-lhe frequentemente coelhos ou perdizes para o guisado, e agradeceu-lhe ensinando-lhe a preparar alguns dos seus saborosos guisados. Mas, na verdade, Viana não estava tão interessada na comida de Alda quanto em sua companhia. Ele sentia falta de Dorea e também pensava muito em Airic. Ele contou a Wolf sobre o menino e como ele o havia deixado para trás duas vezes, e seu mentor não comentou. No entanto, uma manhã ele saiu cedo e, quando voltou alguns dias depois, estava acompanhado por um grande grupo de pessoas.

Os habitantes do acampamento os receberam com curiosidade. Logo descobriram que eram camponeses de Campoespino que decidiram deixar suas casas para escapar da opressão dos bárbaros. Havia homens, mulheres e crianças: alguns eram camponeses e outros, artesãos. Com muita alegria, Viana avistou Airic e sua família e correu para cumprimentá-los. Os olhos da mãe do menino se encheram de lágrimas quando ela a reconheceu, e ela quis beijar suas mãos; mas ela não o deixou.

"Você não me deve nada, boa mulher," ele disse gentilmente. Coloquei você e sua família em grave perigo.

"Você nos ofereceu comida quando estávamos com fome, minha senhora, e eu nunca vou esquecer isso", ela respondeu.

Mas Viana não concordou.

“Eu só usei você para desafiar meu marido. Mas agora que você está aqui, poderei oferecer-lhe mais do que apenas uma perna de porco assada: sei caçar, posso encontrar comida na floresta e cozinhá-la. E se não der certo", brincou, "pode sempre ir ao Lobo ou ao Alda, que cozinham muito melhor do que eu.

A mãe de Airic a fitou, um tanto desconcertada com a familiaridade com que Viana os tratava.

Ela olhou em volta procurando por Wolf para agradecê-lo por trazer esta família para a segurança e o encontrou conversando com uma mulher de meia-idade que ela conhecia muito bem.

Ela sentiu sua respiração se esgotar por um momento.

"Doreia!" ela finalmente conseguiu gritar, animada.

Ele correu em direção a ela e quase a sufocou com seu abraço. Ela riu, feliz em vê-la.

-Garotinha! Minha menina! Ela murmurou enquanto lágrimas de alegria escorriam por suas bochechas.

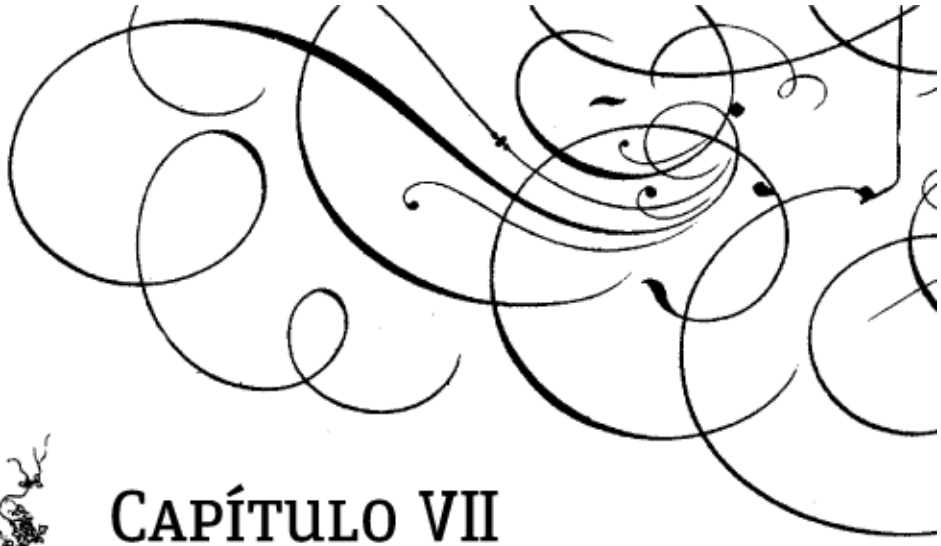
Os dois permaneceram assim por um momento, abraçados e chorando como tolos, até que finalmente Dorea se separou dela para olhá-la com profundo carinho.

"Como você é diferente, minha senhora," ele sussurrou. Você já é uma mulher... mesmo que use roupas de homem — acrescentou ela em tom de reprovação.

"Não sou mais sua dama", disse Viana. Há muito deixei de ser uma dama. Agora sou apenas uma garota.

Mas Dorea balançou a cabeça, sorrindo ternamente enquanto a abraçava contra o peito novamente.

— Para mim, Viana, você sempre será uma dama.



Capítulo VII



Que trata del destino de Rocagrís, de lo que le sucedió a Viana en la cabaña del bosque y de la decisión que tomó aquella noche.

MAIS TARDE , enquanto jantavam ao redor da fogueira, Lobo contou-lhes o que estava sendo dito na cidade.

"Depois do que aconteceu na Festa da Flor", disse, "todos estão à procura de Viana." Harak considera que o insultou seriamente e pediu sua cabeça. E ele oferece muito por ela.” Ela olhou ao redor dos presentes, como se tentasse adivinhar se algum deles seria capaz de traí-la. Pior ainda, muitas testemunhas viram o rei sobreviver a uma flechada no peito, e rumores de sua suposta imortalidade ganharam força. E isso o favorece. Se as pessoas pensarem que ele não pode ser morto, ninguém ousará se levantar contra ele.

Garrid parecia ter algo a dizer sobre isso, mas Lobo lançou-lhe um olhar tão terrível que o soldado fechou a boca novamente sem dizer uma palavra.

“Bem”, continuou Wolf, “as coisas vão ficar difíceis no domínio, especialmente agora que mudou de mãos.

"O que mudou de mãos?" Viana repetiu, levantando a cabeça abruptamente. Que queres dizer?

Lobo soltou uma risada seca.

"Obviamente Harak acha que Hundad não está fazendo seu trabalho direito", ele respondeu. Ele não conseguiu colocar as mãos em você e ainda por cima permitiu que você o atacasse na frente de todos. Então você entregou Torrespino para outra pessoa.

"E quanto a Greystone, a casa da minha família?" perguntou Viana. Quem mora lá agora?

No tempo de Holdar, o castelo do duque Corven tinha sido um pouco esquecido. Há muito que Viana queria regressar, pelo menos para o voltar a ver, mas tinha medo do que ia encontrar. Talvez, abandonado, Greystone tenha se tornado um ninho de corvo. Ou talvez em um covil cheio de bárbaros.

— Engraçado você mencionar isso — respondeu Lobo — porque sei que o novo senhor do domínio queria se mudar para o antigo castelo de seu pai, mas Harak não o deixou. Não até que ele cumpra a missão que lhe foi dada.

-E qual é? Viana queria saber.

“Capturar você, naturalmente. Vivo ou morto. E como ele sabe que você está se escondendo aqui na floresta, será mais conveniente para ele se posicionar na base mais próxima. Quando ele cumprir sua missão, seu rei lhe dará tudo o que era seu.

Viana bufou com desdém.

"Tente me pegar se você puder." Já tenho experiência em lidar com bárbaros.

“Ele não é um bárbaro. Harak concedeu o domínio de seu pai a um dos cavaleiros renegados. Acho que você o conhece: o nome dele é Robian de Castelmar.

O coração de Viana deu um pulo pouco antes de começar a bater completamente fora de controle. Wolf notou sua palidez.

— Vamos, Viana, não me diga que ainda tem sentimentos por aquele rato traiçoeiro. Supere isso, sim?

"Eu não sinto nada por ele," ela respondeu ferozmente; mas sua voz tremeu um pouco enquanto ela falava. Eu odeio isso; Ele me levantou e me entregou aos bárbaros, e me recuso a acreditar que, além disso, ele tenha a audácia de tentar me caçar para manter a fazenda da minha família.

Lobo deu de ombros.

"Veja desta forma: se ela tivesse se casado com você, essas terras seriam dela de qualquer maneira."

"Mas a questão é que ele não se casou comigo, então não tem direito a elas", argumentou Viana, cada vez mais irritado. Vamos lá, ninguém mais acha tudo isso absurdo?

Ele olhou ao redor, mas encontrou apenas rostos intrigados. Com um bufo, ele se levantou e foi para o outro lado do acampamento para mastigar sua indignação.

Ninguém a seguiu. Talvez porque, no fundo, eles entendessem que por trás de seus modos raivosos se escondia uma profunda mágoa.

Fazia muito tempo desde que ela parou de entender as ações e decisões de Robian. Com grande esforço, ela chegou a perdoá-lo por sua traição, presumindo que ele o fizera porque se sentia compelido a manter as terras de sua família. Mas isso... não fazia sentido. Ele a entregaria a Harak apenas para que pudesse manter Greystone e o resto de sua propriedade?

Talvez ele tivesse sido forçado a isso. Ou talvez ele estivesse apenas fingindo, ganhando a confiança do rei bárbaro para...

Ele balançou sua cabeça. Ele havia decidido meses atrás que não tentaria mais justificar Robian ou vê-lo como um herói espionando o inimigo para desferir um golpe mortal quando ele menos esperasse. No entanto, se eu pudesse...

"Nem pense nisso", disse a voz de Wolf de repente, assustando-a.

-O que você está falando?

— Eu sei o que se passa na sua cabeça, Viana. E você não vai vê-lo. Vou amarrá-lo a uma árvore, se necessário, para evitar que você faça coisas tão estúpidas.

Viana corou apesar de tudo.

"Eu não queria", ele protestou.

-Mentiroso.

"Olha, Robian me deixou nas mãos de Harak e sua gangue e não levantou um dedo para me ajudar." Por que eu iria querer ver de novo?

—Para pedir explicações, por exemplo. Coisa muito compreensível, por outro lado. Mas acontece que vocês não são apenas um casal que se separou, Viana. Você é um fora da lei e ele recebeu a tarefa de capturá-lo.

"Eu sei," ela bufou. Mas por que Harak escolheu precisamente ele? Os bárbaros, que eu saiba, não são tão perversos.

"Bem, talvez ele pense que você é responsabilidade de Robian, já que você estava noivo," Wolf opinou. E já que seu pai e marido estão mortos, alguém tem que cuidar de você e mantê-la curta. Embora eu também não descarte que, de fato, Harak tem um coração desonesto e escolheu Robian apenas para machucá-lo.

Viana não respondeu. Ela ainda estava chateada.

"Por essa razão," Wolf continuou. Você não deve deixar que isso o afete. E não cometa a loucura de ir ao seu encontro ou de se deixar ver na cidade nestes dias. Você não tem mais nenhum motivo para ir lá, então me escute pelo menos uma vez.

Viana respirou fundo, mas não respondeu.

Naquela noite ela sonhou com Robian, depois de muito tempo sem sonhar, e no dia seguinte acordou melancólica e pensativa. Quando estava caçando com Lobo, ele perdeu uma armadilha e errou uma flecha apontada para um cervo, ganhando uma reprimenda que ele mal ouviu. Mais tarde, parou junto ao riacho para beber, como sempre fazia, e contemplou uma poça límpida. Também pela primeira vez em muitos meses, ela sentiu falta de sua antiga aparência e de sua vida como donzela. Ela se lembrou dos sonhos de sua infância e adolescência e fechou os olhos, imaginando como teria sido seu futuro com Robian se os bárbaros não tivessem invadido Nortia. A parte sensata dela lhe disse que era uma coisa boa ela ter descoberto como seu noivo realmente era antes de se casar com ele, mas em seu coração ela resistiu à ideia. Era Robin. Robian. Eles cresceram juntos, juraram amor eterno quando eram apenas crianças. Tinha que haver uma explicação.

Ainda assim, ele estava bem ciente de que Wolf estava certo. Ele não podia ser visto pela cidade novamente, não agora.

Nos dias que se seguiram, ela se forçou a se concentrar no que seus novos companheiros precisavam dela. Ia caçar e ajudava Alda a cozinhar, e até começou a ter aulas de esgrima com Garrid, embora Wolf achasse que não precisaria, e que era muito melhor se treinasse com o arco. Mas Viana,

na realidade, não o fez porque tinha um interesse especial em aprender outra disciplina, mas porque precisava de se manter ocupada.

Sem perceber, no entanto, suas excursões pela floresta a levaram cada vez mais longe, até que uma manhã ela tropeçou na cabana que ela e Lobo haviam abandonado tão apressadamente várias semanas atrás.

Ele hesitou um momento antes de se aproximar, mas o lugar parecia deserto, então ele não viu motivo para não o fazer. Ele se aproximou lentamente, quase como se temesse que a cabana fosse desaparecer no ar, assim como seus sonhos de infância. Mas parecia sólido e muito real, então antes que ela percebesse, ela se viu empurrando a porta para entrar.

Ela sufocou um suspiro de surpresa que as coisas não estavam como as deixaram. Tudo dentro da cabine estava confuso e desordenado, como se um exército tivesse passado a caminho da batalha. Viana compreendeu então que os bárbaros tinham vindo procurá-la, e que Lobo fizera muito bem em obrigá-la a deixar o local após o ataque fracassado a Harak. Ele gentilmente deu um tapinha na lareira, que já havia coletado uma leve camada de poeira. Ela se sentia confortável no acampamento, mas ansiava pelo tempo que passara lá com Wolf. Da mesma forma, ele percebeu que sentia falta de sua vida no castelo de seu pai. E seu pai, é claro. E para Belize.

E Robin.

Ele suspirou impotente.

De repente, como se levada pelo vento, ela ouviu a voz dele. A princípio ela não lhe deu atenção, convencida de que sua memória a havia pregado peças. Mas então ela ouviu uma segunda voz e se endireitou, alerta.

— Já estivemos aqui antes, senhor, e os bárbaros vasculharam a cabana minuciosamente. Por que voltamos novamente?

"Porque não sabemos onde procurar," Robian respondeu suavemente. E porque sempre existe a possibilidade de que eles tenham perdido alguma coisa.

Viana se amaldiçoou por sua estupidez. Eu não deveria ter baixado a guarda. Eu nunca deveria ter baixado a guarda. Lobo a repreendia por sua inconsciência.

Se ele descobrisse, é claro. Porque ela pode não conseguir sair daqui viva, ou pode ser capturada e entregue a Harak e nunca mais ter a chance de voltar para a floresta.

Eu não podia permitir. Ela se moveu rápido como um relâmpago e estava atrás da porta assim que ela se abriu, de modo que ela estava escondida por ela. Ele prendeu a respiração quando um dos recém-chegados, apenas um, entrou.

Era Robin. Eu o vi por trás, mas teria reconhecido sua figura em qualquer lugar. O cabelo escuro ainda encaracolado na nuca daquele jeito que Viana achara tão atraente, e os ombros largos sustentavam o manto com graça e elegância.

Mas Viana não se podia dar ao luxo de olhar para o seu antigo amor. Silenciosamente, ele tirou a faca de caça da bainha e esperou o momento certo.

A porta se fechou atrás de Robian, mas ele não percebeu a presença de Viana atrás dele. Ele parecia perdido em pensamentos contemplando o interior da cabine. Ele se abaixou para pegar algo do chão. Viana percebeu que era um cobertor, o mesmo que usara para se embrulhar nas noites frias de inverno. Ela assistiu, atordoada, quando Robian a trouxe até seu rosto para inalar seu perfume. Esse movimento a deixou desconcertada e sem saber o que pensar.

"Ah, Viana", murmurou, e a jovem parou, temendo que ele a tivesse descoberto; mas Robian acrescentou: "Para onde você foi?"

Viana soltou um suspiro quase imperceptível. E nesse momento Robian percebeu que não estava sozinho; ele ficou tenso e alcançou o punho de sua espada, mas ela foi mais rápida; Ela estava atrás dele em dois passos e colocou a ponta de sua adaga contra o pescoço de seu ex-noivo.

"Um movimento e você morre", ele sussurrou em seu ouvido.

Robin engoliu em seco.

"Viana, é você?" Você não tem ideia do que...

"Cale a boca", ela cortou e a faca afundou um pouco mais na pele do jovem. Eu não quero saber. O que diabos você está fazendo aqui? Você veio me caçar, agora que você é um dos cães de Harak?

Robian inclinou a cabeça ligeiramente, cautelosamente, provavelmente surpreso que ela usou a palavra 'inferno'.

"Então você ouviu sobre isso," ele murmurou. Não é o que parece, Viana. De verdade.

Viana afrouxou um pouco a pressão, mas não retirou a adaga.

"Fale", disse ele. Espero, para o seu bem, que você tenha uma boa explicação.

"Eu realmente não queria te capturar," ele se defendeu. Eles me disseram que você morava aqui, mas você se mudou, então estou por aqui para matar o tempo e te dar uma vantagem. Não quero ser forçado a entregá-lo, mas não tive escolha: Harak me deu como missão especial. O que eu poderia fazer?

Viana estreitou os olhos.

“Você poderia ter se recusado a aceitar, por exemplo.

“Ele é meu senhor natural. Não posso desobedecê-lo.

"Você não deveria ter jurado fidelidade a ele." Ou, aliás, me abandonando como você fez: "O chefe Holdar será um bom marido para Viana", repetiu ela em falsete. Traidor", ele cuspiu.

— Viana, não tive escolha! insistiu Robin. Se eu tivesse me levantado, como meu pai fez, o que eu teria agora? Eu estaria morto e minhas terras acabariam em mãos bárbaras.

"Melhor ser um herói morto do que um covarde vivo", opinou ela. E quanto às suas terras... vejo que está interessado em expandi-las. É verdade que Harak lhe prometeu domínio sobre minha família se você me entregar a ele? Porque eu não vou deixar você pisar em Greystone. Você terá que passar por cima do meu cadáver primeiro.

Robian ignorou a provocação.

"Houve outra coisa", ele continuou. Minha mãe e minha irmã... Mantendo o título, elas permanecem sob minha proteção. Harak não os dará em casamento a ninguém sem meu consentimento.

Viana retirou um pouco mais o punhal ao considerar esse fato. Era verdade que ele não tinha visto a duquesa ou sua filha, a pequena Rinia, durante essa ignominiosa entrega de donzelas.

Viana gostava muito de Rinia; ela era uma garota alegre e encantadora, e de forma alguma ele queria vê-la cair nas garras dos bárbaros.

"Eu posso entender isso," ele admitiu de má vontade. Mas eu… Você poderia ter lutado um pouco por mim, certo? acrescentou amargamente. Se você tivesse dito que queria se casar comigo... que estávamos noivos... talvez Harak...

Robin balançou a cabeça.

— Não havia nada a fazer, Viana. Você foi um bom partido; Eles não iam te entregar a um traidor como eu. E não pense que não senti sua falta. Todos os dias, todas as horas, eu pensava em você. Eu nunca deixei de te amar, nem por um único momento.

Havia também tristeza em suas palavras, e a jovem se comoveu. Ela não fez nada quando Robian se virou para encontrar seus olhos, então lentamente se inclinou para beijá-la.

Viana se entregou àquele beijo como se não houvesse mais nada no mundo. Isso trouxe de volta lembranças de tempos melhores e, por um momento, o fez acreditar que as coisas poderiam voltar ao que eram antes, ou pelo menos mudar um pouco.

"Robian, Robian," ela suspirou, descansando a cabeça em seu peito. Por que isso aconteceu conosco?

"Ssssh, acalme-se", ele respondeu, acariciando o cabelo dela. Eu sei que tem sido muito difícil para você. Por isso fiquei muito feliz quando soube que você escapou de Holdar; além disso, diz-se que não só você não estava grávida, mas que ele nem sequer manchou sua virgindade. É verdade?

É só isso que importa para você?, pensou Viana, sentindo a raiva invadi-la novamente. Ela estava tão furiosa que não respondeu à pergunta dele.

"Bem, mas isso ficou para trás", continuou Robian, alheio à raiva da garota, acreditando que ela estava se mantendo quieta por modéstia. No entanto, percebi que você morava aqui com outro homem", concluiu ele com um certo tom de reprovação.

A velha Viana teria respondido, muito ofendida: "Não é da sua conta", ou algo parecido, corando como uma papoula. Mas a nova Viana aprendera muito com a estada com Lobo. Ela se afastou dele e deu-lhe um olhar interrogativo que pretendia mascarar sua decepção.

"Sim, nós fornicamos todos os dias", ele deixou escapar. Várias vezes. E em todos os lugares", especificou. Pena que você não estava aqui para se juntar à festa, mas com certeza, você desistiu de todas as suas chances comigo quando decidiu que um bárbaro fedorento seria um bom marido para mim.

Robian abriu a boca para responder, chocado com seu jeito, mas não conseguiu falar. Viana sorriu para si mesma, feliz por tê-lo deixado sem palavras, embora no fundo se sentisse muito incomodada e incomodada pelo fato de ele poder considerar, mesmo por um momento, que ela poderia ter tido um relacionamento com Lobo. Antes que Robian pudesse reagir, ela trouxe a adaga de volta contra seu pescoço, forçando-o a se virar novamente.

"E agora, vamos", disse ela, empurrando-o suavemente em direção à porta. Eu tenho que fugir daqui, e você vai ser meu refém.

"Viana, eu não quero brigar com você.

"É tarde demais, Robian," ela respondeu, tentando evitar que a dor que ainda pulsava em seu coração se infiltrasse em suas palavras.

O jovem fez um breve movimento para pegar a espada, mas Viana cravou a adaga mais fundo em seu pescoço, arranhando-o e tirando um fio de sangue de sua pele.

"Você acha que eu estou brincando?" -Ele perdeu a cabeça-. É melhor você me levar a sério.

"Mas o que aconteceu com você?" ele perguntou, parecendo genuinamente horrorizado. No entanto, ele se moveu em direção à porta, assim como ela havia ordenado.

"O que aconteceu comigo?" ela repetiu. Como você ousa perguntar?

"Ok, eu entendo", disse Robian rapidamente. Eu sei que tem sido muito difícil para você e...

"Cala a boca," ela ordenou com os dentes cerrados.

Os dois saíram da cabine, Robian empurrado por Viana, e pararam na entrada. A garota olhou em volta procurando o segundo homem, para ter certeza de que ele entendia qual era a situação e que seu parceiro estava em perigo se ele fizesse algum movimento suspeito. No entanto, ambos ficaram surpresos ao ver que uma quarta pessoa havia chegado ao local: Lobo estava lá, e ele tinha seu arco carregado com uma flecha que afundou perigosamente entre as costelas do companheiro de Robian, que havia jogado a espada no chão e levantado mãos no ar.

"Bem, bem", disse Wolf. É bom saber que você aprendeu alguma coisa com minhas aulas, Viana.

-Vocês! exclamou Robian reconhecendo-o; Ele amarrou os pontos e acrescentou: "Viana, não me diga que ele e você...

"Não é da sua conta", resmungou Viana, e desta vez ela não pôde deixar de corar, talvez porque não se divertisse quando Robian se lembrasse em público que, há muito tempo, ele tinha o direito de interferir em sua vida pessoal.

Os olhos de Wolf brilharam com diversão.

"Bem, Robian, seu pequeno rato traidor", disse ele. Eu conheci seu pai, eles te contaram? Lutamos juntos em várias batalhas. Em um deles, aliás, perdi minha orelha para salvar o rabo dele. O que não quer dizer que Landan de Castelmar não fosse um homem valente: lutou contra os bárbaros até o fim. Pena que seu filho não tem a mesma coragem. Não sei o que diria se te visse agora.

Desta vez foi a vez de Robian corar.

"Tenho certeza que ele ficaria feliz em ver que eu preservei sua herança", ela conseguiu dizer.

"Claro," Wolf zombou. Ou talvez ele preferisse levar Viana para a guerra do que você. Até onde eu sei, ele é muito mais homem do que você.

Viana conteve uma risadinha ao ver que Robian tremia de indignação.

“No entanto,” Wolf continuou, “devo dizer que ela também carece de uma virtude que fez de seu pai um grande guerreiro: Duke Corven era muito cauteloso. Ele nunca deixaria um adversário armado, por mais inofensivo que pudesse parecer.

Viana entendeu a dica e aceitou a censura com um aceno de cabeça. Então uma ideia lhe ocorreu e ele sorriu.

Rápida como o pensamento, ela baixou a faca para o quadril de Robian e cortou seu cinto. Quando a espada do jovem caiu no chão, suas calças também.

"Bem, garoto," Wolf zombou. Acho que isso resume perfeitamente sua atitude em relação à invasão bárbara.

Robian tentou colocar a roupa de volta em seu lugar, profundamente envergonhada. Ouviu Viana dar uma risadinha atrás dele, mas quando se virou, a garota já havia saído.

Momentos depois, Lobo e Viana entraram na floresta, deixando seus rivais para trás. Levaria um tempo para Robian consertar suas roupas, e então elas estariam fora de alcance. Ainda assim, eles se apressaram o mais rápido que podiam.

"Você deveria ter matado aquele rato traidor," Lobo rosnou. Embora, já que você teve a chance de trazer sua adaga tão perto, você poderia ter cortado a dele…

"Não há necessidade de ser tão explícito," ela interrompeu.

"Bem, eu não acho que ele realmente sentiu falta deles," Wolf continuou. Afinal, ele já os perdeu no dia da invasão bárbara.

"Eu não quero mais falar sobre isso, muito obrigado."

E, para grande alívio de Viana, Lobo parou de falar em ratos traiçoeiros e atributos masculinos. Nem a repreendeu por ter voltado para a cabana apesar do risco. Pelo que parecia, a forma como seu encontro com Robian terminou a desculpou em seus olhos. Viana entendeu que ela acreditava que com sua ação havia cortado para sempre todos os laços sentimentais com Robian.

No entanto, ela não tinha tanta certeza. Era verdade que ainda estava furiosa com Robian e que não se arrependia de tê-lo feito de bobo na frente de seu criado, mas, por outro lado, não conseguia deixar de pensar nos motivos dele e tentar se colocar no lugar. seu lugar. Se meu pai tivesse se rendido aos bárbaros, como Robian fez, ela meditou, eu não teria que me casar com Holdar. E sua mãe e irmã estão mais seguras com ele."

Ela foi cuidadosa, no entanto, para não deixar Wolf ver que ela ainda estava confusa sobre Robian, então ela se concentrou em segui-lo e não tocou no assunto novamente.

Eles foram muito cuidadosos para não deixar vestígios. Na verdade, só para garantir, eles fizeram um longo desvio e deixaram pegadas falsas antes de voltarem para o acampamento.

Quando chegaram lá, já estava quase escuro.

"Com todo esse negócio, não trouxemos nada para o jantar", disse Wolf. Alda vai fazer nossos ouvidos assobiarem, você vai ver.

No entanto, ninguém os repreendeu por aparecerem de mãos vazias. Estavam todos reunidos junto ao fogo, tão concentrados em ouvir alguém que ali estava sentado que nem perceberam que Lobo e Viana tinham acabado de chegar.

-O que está acontecendo aqui? Lobo reclamou. Os caçadores não são mais recebidos adequadamente?

Ele ficou em silêncio, no entanto, quando reconheceu a figura curvada perto do fogo. E quando ele ergueu a cabeça para fitá-los, apoiado na bengala nodosa, Viana sentiu o coração disparar.

Era Oki, o menestrel.

Ela não o via desde a noite do solstício, quando lhes contou aquela estranha lenda sobre a Grande Floresta. Nem sabia de ninguém que tivesse ouvido falar dele depois daquele dia. Portanto, vê-lo aparecer de repente no acampamento a encheu de surpresa.

Wolf parecia estar pensando a mesma coisa.

Como diabos ele chegou aqui?, ele se perguntou.

Viana não tinha resposta para isso, por isso ficou calada.

Ambos se aproximaram da fogueira, e a moça notou, não sem surpresa, que seu companheiro avançava com certa timidez. Porque Oki estava contando uma história, e até mesmo Wolf tinha grande respeito pelo contador de histórias peculiar.

Sentaram-se lado a lado e deixaram-se levar pela magia das palavras.

Durante toda aquela noite, Oki contou histórias, recitou longas canções e cantou lindas baladas de amor. Ninguém se lembrou de comer ou dormir durante todo esse tempo, embora o vinho e a cerveja fluíssem em abundância e refrescassem a garganta do velho menestrel.

E quando os primeiros raios de sol abriram as entranhas da noite em uma aurora de cores fantasmagóricas, Oki se levantou e anunciou que deveria ir.

Várias vozes imploraram para que ele ficasse, mas ele recusou a oferta.

Viana, porém, ficou mais um momento sentada, pensando nas histórias que Oki havia contado naquela noite... e na que ela não havia contado.

Quando o menestrel já se afastava da clareira, Viana deu um salto e correu atrás dele.

"Mestre Oki," ele chamou, imaginando se essa era a maneira mais apropriada de se dirigir a ele.

O menestrel virou-se para ela e olhou para ela com aqueles olhinhos negros afiados; mas ele não a repreendeu, então Viana assumiu que ele estava disposto a ouvi-la.

"Eu estava pensando..." ela começou hesitante; ele fez uma pausa e continuou. Eu estava pensando sobre a lenda que você relatou no último banquete do solstício na corte do Rei Radis.

Viana ficou calado, permitindo que Oki comentasse sobre a invasão bárbara ou o fim da dinastia que o acolheu em seu castelo ano após ano. Mas ele não disse nada. Ele apenas esperou que ela continuasse falando.

"Era uma história sobre a primavera da eterna juventude, ou algo parecido", disse Viana. Ele deveria estar escondido em algum lugar na Grande Floresta.

"Isso conta a história," concordou Oki gentilmente. E bem?

Viana engoliu em seco.

"Eu sei que vai soar um pouco estúpido, mas... eu queria saber se há alguma verdade na sua história."

Oki balançou a cabeça em desgosto e foi embora sem responder. Viana entendeu que ela o havia ofendido, embora não soubesse por quê.

"Esperar!" -eu chamo-. Desculpe minha ignorância. É que... bem, há rumores de que Harak, rei dos bárbaros, é invulnerável. Ou talvez imortal", acrescentou.

"Aaah," Oki disse, parando novamente e dando a ela um sorriso misterioso. Associação interessante.

Encorajado por suas palavras, Viana continuou:

"Eu estava pensando que se essa fonte existe e as forças rebeldes bebem dela, talvez possamos enfrentar Harak e libertar o reino."

Ele ficou surpreso com sua proposta assim que foi feita, especialmente porque ainda achava que as "forças rebeldes" que acabara de mencionar eram pouco mais que um bando de vagabundos esfarrapados.

-E bem? Okie perguntou.

"Bem o que?" Viana perguntou por sua vez, desconcertado com a reação do menestrel.

-Qual foi a pergunta?

"Eeeh... Bem, é óbvio... eu gostaria de saber se isso é possível."

Oki lhe deu uma risada estranha, como o farfalhar dos arbustos ao vento.

"O que são lendas senão lendas?" -respondidas.

"Então não é verdade?" insistiu Viana.

Oki deu-lhe um olhar severo.

"Você terá que ir ao coração da floresta para descobrir."

Viana estremeceu. Ela sabia desde as vezes que o vira se apresentar que Oki dava um status especial a contos e lendas. Toda vez que ele agia, havia quem as considerasse histórias sem fundamento e quem acreditasse nelas na ponta dos pés. E Oki não concordou com um ou outro. Não eram verdade, mas também não eram mentiras. Viana refletiu sobre isso. Ele sempre fora apaixonado por contos e se incluía entre as pessoas que sonhavam com belas fadas e duendes travessos, com dragões ferozes e magos poderosos. No entanto, ele nunca tinha visto tais seres nem sabia de ninguém que os tivesse encontrado.

Oki não ia resolver essa questão. Talvez porque não soubesse a resposta ou talvez porque não achasse necessário.

"Dizem-se muitas coisas sobre a Grande Floresta", sussurrou Viana.

Oki assentiu; seus olhos brilhavam, traindo a paixão que sentia por todo tipo de história. A garota entendeu que agora ela estava falando sua língua.

"Eu posso ou não acreditar neles", acrescentou com cuidado, "mas acho que não é isso que importa, não é?"

"Não é isso que importa." Oki balançou a cabeça, seu cabelo preto despenteado sob o chapéu. O essencial é a história em si.

"Entendo", concordou Viana.

E era verdade que ele entendia. No entanto, isso não resolveu sua dúvida, e ele não sabia como colocá-la para Oki novamente sem ofendê-lo.

"Você quer saber se vale a pena, não é?" disse o menestrel então. Se você deve correr o risco e sair para conhecer a lenda.

"Sim", concordou Viana, agradecido. Sim é isso.

“Porque você pode descobrir o mistério ou enfrentar a morte certa. Quem sabe? Menina, vou te dizer uma coisa: o mundo está cheio de histórias. Todas as pessoas e todas as coisas têm histórias para contar. Algumas delas são alcançadas por pessoas como eu, que as contam para não serem esquecidas. Outros, por outro lado... são vividos. Você entende?

Viana assentiu, embora não tivesse certeza de ter entendido completamente.

"Agora você deve decidir", concluiu Oki, "se você vai continuar sendo um ouvinte ou, pelo contrário, sair em busca de sua própria história."

"Poderia ter algo a ver com a primavera da eterna juventude?"

"Terá a ver com a busca da primavera da eterna juventude", corrigiu o menestrel. Mas só se você se arriscar a viver essa história é que saberá como ela termina. A menos, é claro, que você espere que outra pessoa viva por você. Então é possível que daqui a pouco você conheça o fim na boca de alguém como eu.

Viana assentiu novamente. E desta vez ele entendeu.

"Posso ser uma espectadora", resumiu ela, "ou posso ser a protagonista da minha própria história". E isso traz riscos.

Oki sorriu e centenas de pequenas rugas contraíram seu rosto.

"Isso mesmo, garota." Isso mesmo", disse ele.

Ele balançou a cabeça novamente e começou a andar novamente. Viana o seguiu alguns passos.

"Oki Mestre!" Onde é que vão? Vamos nos encontrar novamente?

Ele respondeu com uma risada enigmática.

-Quem sabe? Eu venho e vou, aqui e ali, como o vento errante, para cima e para baixo, como as grandes marés. Uma e outra vez. Sem nunca parar. Tem sido assim desde que seus ancestrais vieram para essas terras, e assim será quando seus descendentes interpretarem sua própria lenda. Mas quem pode dizer como o seu vai acabar? Eu certamente não. Pelo menos ainda não. Mas talvez um dia... talvez um dia...

A sua voz perdeu-se no murmúrio das árvores e Viana não chegou a ouvir as suas últimas palavras. De qualquer forma, eu não tinha entendido o que ele quis dizer. Talvez, disse a si mesmo, Mestre Oki estivesse começando a delirar com a idade.

Ele suspirou, sentindo-se um pouco melhor. Ela não tinha conseguido a resposta que queria dele, mas tinha a que precisava, e era capaz de entender isso.

Então ele o observou se afastar, uma pequena figura apoiada em sua bengala, e ficou ali até Oki desaparecer nas sombras e o tilintar de seus sinos deixar de pairar sobre os sussurros da floresta.



Como esperado, Wolf não achou que fosse uma boa ideia.

"Uma fonte de eterna juventude?" -ele zombou-. Acorda, Viana. Todas as florestas têm uma lenda sobre isso. Essas são apenas histórias.

"Mas Oki disse..."

"Oki lhe disse que você encontraria tal fonte se viajasse para o coração da Grande Floresta?"

"Não", admitiu Viana com relutância.

— Porque não existe, entende? Oki nada mais é do que um contador de histórias, Viana. Você sabe o que isso significa? Quem conta histórias. Contos", ele repetiu. Ou seja, histórias inventadas.

"Eu sei o que são contos", ela respondeu, irritada. Mas ainda assim... você não está um pouco intrigado pelo fato de Harak...?

"Nem mais uma palavra sobre o assunto."

E Viana não insistiu. Mas ela havia tomado sua decisão, e Wolf não iria impedi-la. Não dessa vez.

Talvez ele nunca tenha acreditado que ia realizar sua ideia. Ninguém entrou na Grande Floresta, porque ninguém jamais havia retornado de tal expedição. E isso era conhecido por todos, além de histórias e lendas.

Mas Viana sentiu-se capaz de sobreviver na floresta, em qualquer floresta. Se as histórias aterrorizantes que eles contaram sobre este lugar não eram verdadeiras, então ela não tinha nada a temer. E se eles fossem... bem, nesse caso, havia também a possibilidade de ele encontrar a fonte que Oki havia falado na noite do solstício. E então…

Ele não parou para pensar nisso porque sabia que, se o fizesse, mudaria de ideia. Então naquela manhã ele aproveitou o sono de todos até tarde e deixou o acampamento, ostensivamente para caçar. Mas o que ele realmente fez foi estocar para uma longa jornada pela floresta. Ele não sabia quanto tempo levaria para chegar a essa fonte mítica, se é que realmente existia. Mas ele não se importou. Eu tinha que tentar.

Lamentou não poder se despedir de Lobo, de Dorea, de Alda, de Airic e de todos os outros. Mas ela não podia arriscar esperar um pouco mais e ser dissuadida de seu propósito.

Por outro lado, se ele se afastasse da civilização, também levaria muito tempo para ver Robian novamente. E ela precisava ficar sozinha para pensar.

Empolgada por sentir que, pela primeira vez, ia tomar conta do seu destino, de ser protagonista da sua própria história, Viana empreendeu a viagem ao coração da floresta. Ele não tinha nenhum plano, não tinha mais direções do que Oki havia dado em sua história. Ele não tinha certeza para onde deveria ir, mas estava confiante de que, quando chegasse lá, saberia.

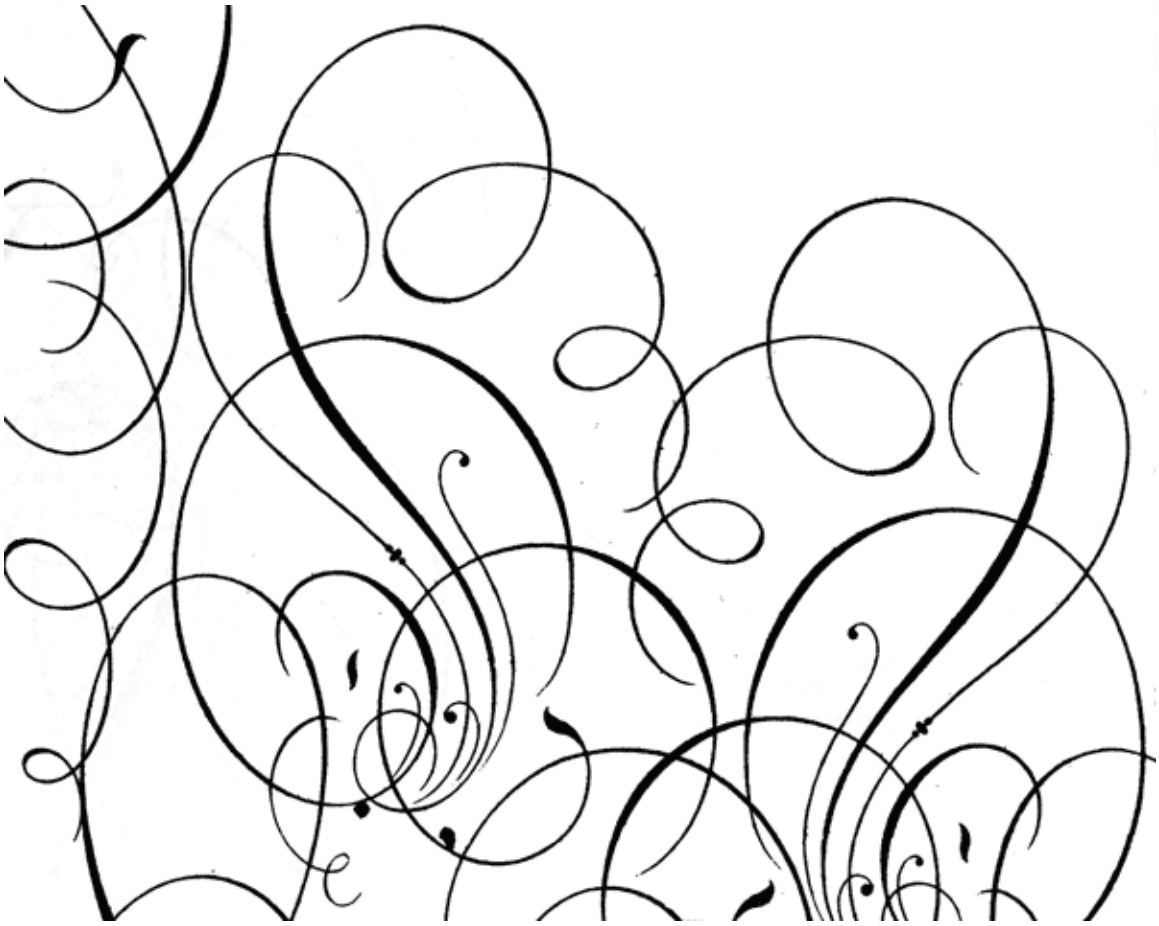
Porque as árvores estariam cantando.

Segunda parte

uri

Isso nunca será.
Quem pode impressionar a floresta, lance a árvore
unfix sua raiz ligada à terra?

WILLIAM _ S HAKESPEARE , Macbeth, Ato 4, Cena 1



Capítulo VIII

En el que se cuenta
el viaje de Viana
a través del Gran Bosque
y el sobresalto que
sufrió junto al arroyo.

CAMINHOU O DIA TODO , sem parar para pensar que estava indo cada vez mais fundo na Grande Floresta, o lugar onde todas as lendas nasceram e contra o qual ela havia sido advertida desde criança. Ele simplesmente atravessou o riacho em três saltos e seguiu em frente, sempre em frente, como se não fosse uma missão impossível, mas uma caçada como qualquer outro dia.

E a princípio, parecia que sim. A floresta do outro lado do riacho não era muito diferente daquela que ele havia deixado para trás. Talvez um pouco mais grosso e mais escuro... mas aqui as diferenças acabaram. Os mesmos pássaros que ele já conhecia assobiavam pelos galhos, as árvores não pareciam mais escuras ou ameaçadoras, e não havia criaturas estranhas à espreita na vegetação rasteira: nem fadas, duendes, duendes ou trolls.

Viana, porém, não baixou a guarda. Por um lado, após seu aprendizado com Lobo, ela se sentia como um peixe na água da floresta e tinha muita confiança em si mesma e em suas habilidades. Mas, por outro lado, ele passou a vida inteira ouvindo histórias aterrorizantes sobre a Grande Floresta e nunca duvidou de sua veracidade.

A noite chegou, e a jovem não descobriu nada de extraordinário. Pelo menos ainda não. Mas de qualquer forma, ele escolheu um local abrigado no oco de uma enorme árvore para seu acampamento, recusando-se a acender qualquer fogueira que pudesse delatar sua posição. Não fazia tanto frio no final da tarde, então ele esperava que sua capa fosse suficiente para mantê-lo aquecido e, além disso, ele mantinha um pouco de pão, queijo e carne salgada em sua bolsa, para não precisar de fogo para cozinhar no momento. Ele sabia, é claro, que mais cedo ou mais tarde teria que caçar, mas pensaria nisso mais tarde, quando não tivesse outra escolha.

Então ela se aconchegou ao pé da árvore e enrolou seu manto em volta dela, pronta para passar a noite. Presumiu que não conseguiria adormecer; mas ele ouviu o chilrear dos grilos, o farfalhar da brisa nas árvores e o pio de uma coruja, e nada disso parecia perigoso. Pelo contrário, lembrava tanto sua casa na floresta que logo desmaiou de exaustão.

Quando acordou, estava tudo igual. Ela não tinha sido transformada em animal por uma fada em seu sono, nem tinha sido comida por um troll. E todos os seus pertences ainda estavam lá: os gnomos não se aventuraram em seu abrigo para pegá-los, embora ele tenha descoberto que um rato farejou em sua bolsa e comeu algumas mordidelas do que restava do queijo. "E ela ainda teve sorte de não ter roubado mais nada", pensou Viana, um pouco embaraçada. Preocupada em receber visitas sobrenaturais, ela havia negligenciado os habitantes habituais da floresta.

Ele tomou café da manhã rapidamente e foi capaz de se mover. A essa altura, certamente o acampamento já havia notado sua ausência. Ela se perguntou se Wolf havia adivinhado para onde ela estava indo, e se sim, ele iria atrás dela. Viana não conhecia ninguém que tivesse ido tão longe na Grande Floresta quanto ela, e não tinha certeza de até onde ia o respeito de Lobo por aquele lugar. Porque ele se recusava a acreditar na existência de coisas como uma fonte de eterna juventude, mas por outro lado, ele também disse a ela muitas vezes que entrar na Grande Floresta era pura loucura.

Por via das dúvidas, ele acelerou o passo. Ela estava à frente dele, mas o velho cavalheiro era muito hábil em seguir trilhas, e ele se movia pela floresta com mais facilidade do que ela.

Ao longo do dia, porém, ele começou a notar que tudo ao seu redor se tornou diferente. As árvores pareciam mais altas e seus galhos mais grossos. Tornava-se cada vez mais difícil encontrar brechas no mato, e os sons da floresta eram ouvidos com maior intensidade, como se seus habitantes soubessem que ali, naquele reduto, não precisavam se preocupar se os seres humanos ouviam eles ou não. Ela também começou a ver espécies de insetos e plantas desconhecidas para ela, e uma pequena criatura peluda com enormes olhos redondos e uma longa cauda anelada a observava do alto de um galho sem vacilar. Viana fitou-a, com o arco em punho, para o caso de ser uma espécie de goblin. Mas o animal subiu um pouco até o topo da árvore e se perdeu na folhagem, e Viana não se preocupou mais com isso.

A tarde foi complicada. Estava se tornando cada vez mais difícil para ele atravessar esse intrincado labirinto vegetal, apesar de seu treinamento com Lobo. Quando o sol se pôs, ela quase ficou aliviada porque tinha um bom motivo para parar e descansar.

A segunda noite na Grande Floresta, no entanto, foi muito pior do que a primeira. A umidade do ambiente penetrou em seu manto e a fez ansiar pelo calor de uma boa fogueira, mas ela ainda não ousou acendê-la. Então ele voltou a comer uma ceia fria e se encolheu em sua capa, tremendo. E desta vez os sons da noite, mais estranhos e mais perturbadores do que aqueles a que estava acostumada, mantiveram-na alerta até altas horas da manhã.

Ela acordou com a primeira luz do amanhecer, entorpecida e agradecida, no fundo, por finalmente ter amanhecido. A floresta não parecia tão ameaçadora à luz da manhã, e ela se repreendeu por ser tão tímida.

Novamente partiu, mas desta vez se perguntou pela primeira vez se estava muito longe de seu destino e se reconheceria o lugar quando o visse.

Ela não percebeu que olhos profundos e oblíquos estavam olhando para ela do mato. Nem ouviu os sussurros e as risadas abafadas escondidas pela floresta, nem descobriu as marcas de pés minúsculos na lama ou manchas de pêlo manchado que podiam ser vislumbradas através das árvores para aqueles que sabiam olhar. Tudo isso passou despercebido, e não porque ela não fosse uma rastreadora experiente, mas simplesmente porque algumas das criaturas que viviam nas profundezas da floresta eram muito, muito mais velhas do que ela, e sabiam muito bem como se esconder dos olhos dos mortais. .

Felizmente para Viana, os seres que a viram atravessar a Grande Floresta foram todos benevolentes ou, na pior das hipóteses, indiferentes. Ele tinha até passado muito perto do covil de uma mantícora sem perceber. Só a sorte teria que a besta estava naquele momento dormindo depois de um banquete, e que a brisa não soprasse em sua direção. Mas Viana nunca soube o quão perto esteve de nunca mais voltar.

Assim, naquela tarde chegou a uma clareira na floresta com um certo sentimento de inquietação, mas sem nunca ter estado em perigo e sem ter percebido nada de sobrenatural ou extraordinário naquele lugar. No entanto, quando as árvores se abriram e deram lugar a um espaço mais claro, Viana ficou profundamente agradecida, especialmente porque um rio corria por aquela paisagem, e ela queria lavar e encher o cantil com água fresca.

Então ele se agachou na margem e começou a se lavar. Ela fez uma pausa para considerar se valia a pena se despir para um mergulho rápido, mas descartou a ideia porque a água estava muito fria.

Subiu um pouco o curso do rio, procurando uma passagem para vadeá-lo, e encontrou um lugar onde o fluxo era pontilhado de pedras que se projetavam da água. Viana pulou a primeira pedra deles e passou o olhar ao longo do rio, tentando elaborar mentalmente um itinerário para atravessar.

E então ele viu algo que chamou sua atenção.

A princípio ela não sabia o que era e apenas olhou para ele, intrigada: uma forma acastanhada cobria uma das rochas que ela planejava passar. Talvez fossem ervas daninhas ou musgo, mas parecia muito sólido.

Ele se aproximou cautelosamente, pulando de pedra em pedra. Quando chegou um pouco mais perto, pensou que talvez fosse o corpo de algum animal. Ela parou novamente, cautelosa, mas não se moveu. Talvez ele estivesse morto.

E então ele percebeu que era humano. Ou, pelo menos, parecia.

Viana agachou-se na rocha em que estava e observou.

Era um menino. Ele estava deitado de bruços na pedra coberta de musgo, a parte inferior do corpo submersa na água, os braços flácidos, o cabelo cobrindo o rosto. Viana reprimiu o impulso de correr em seu socorro por

dois motivos: a pele do menino tinha uma estranha cor mosqueada entre o marrom e o esverdeado... e ele estava completamente nu.

A jovem sentiu suas cores subirem. Nem a convivência com os rebeldes no acampamento nem os modos rudes de Lobo conseguiram apagar o decoro que lhe foi incutido desde criança. Afinal, ele era filho de um duque e não estava acostumado a ver meninos nus. Felizmente, aquele estava deitado de bruços na rocha. Ainda assim, sua visão era perturbadora, então ela se aproximou e puxou sua própria capa sobre ela para cobrir seu corpo. Uma vez feito isso, ele foi capaz de pensar um pouco mais claramente.

Ficou claro que aquele não era um garoto comum. Ninguém tinha a pele assim, muito menos o cabelo. Viana estudou-o com curiosidade. Ele parecia loiro, mas de um tom que eu nunca tinha visto antes, como o trigo quando ainda não está totalmente maduro. O coração de Viana começou a bater mais rápido. Que tipo de criatura era aquela? Seria um duende? Ela tinha ouvido falar que os goblins eram menores, e o menino de pele manchada parecia bem alto. Disseram também que as criaturas feéricas tinham orelhas pontudas, observou Viana com apreensão. Ela não se atreveu a escovar o cabelo dele para trás para vê-lo mais claramente, mas podia jurar que suas orelhas eram normais.

Fora isso, ele parecia um garoto normal, talvez com quinze ou dezesseis anos. Exceto por aquela pele estranha e aquele cabelo estranho, e pelo fato, claro, que ele estava nu no meio da floresta.

Talvez esse menino soubesse algo sobre a primavera da eterna juventude ou como chegar a ela. Isso, claro, se ele estivesse vivo.

Viana ousou escová-lo com a ponta dos dedos. Sua pele era quente e surpreendentemente macia ao mesmo tempo. A jovem quase esperava que fosse áspero ou áspero, mas parecia de uma criança.

O menino estremeceu sob seu toque e soltou uma espécie de ganido.

Ele estava vivo. Viana recuou abruptamente e o observou por mais um momento, perguntando-se se deveria fugir ou ajudá-lo. Finalmente, a compaixão foi mais forte e ela se inclinou sobre ele, cautelosamente, para verificar sua condição. Ela o virou – mantendo sua capa estrategicamente posicionada sobre seu corpo – e examinou seu rosto. Ele não parecia ter sofrido nenhum ferimento ou hematoma, mas seus lábios estavam secos e rachados. "Ele está com sede", avisou Viana, intrigado. Como era possível que aquele menino sedento tivesse chegado ao meio de um rio sem parar para beber? Talvez a água não seja boa, ela pensou com uma pontada de medo. Ele empurrou essa ideia para fora de sua mente. Ela não havia notado nada de anormal em seu sabor e, de qualquer forma, se estava contaminado, já era tarde demais para ela. Resolveu arriscar e molhou os lábios do menino com um jato de água de seu cantil.

Ele pulou, assustado. Viana prendeu a respiração ao ver os olhos dele, de um verde profundo como o musgo que cobria as árvores centenárias.

"Calma, calma," ela tentou acalmá-lo. Você está seguro. Querida, vai te fazer bem.

Mas o menino não parecia entendê-la. Ele olhou assustado para a boca de Viana, como se não entendesse por que tantos sons saíam dela, e então olhou para o odre que ela lhe estendia, aparentemente sem saber o que ele deveria fazer com ele. Viana, entre confusa e exasperada, derramou um riacho nos lábios...

... E ele estava tão assustado que se mexeu nos braços dela, escorregou na pedra e caiu no rio com um barulho alto.

Viana não entendia por que o menino de pele manchada agia de forma tão estranha. Você ficaria desorientado? Ou talvez doente? De qualquer forma, ela tinha que tirá-lo da água, porque parecia óbvio que ele também não sabia nadar.

Ele o puxou com segurança de volta para a rocha, então recuperou sua capa, que estava completamente encharcada. Era absurdo colocá-lo de volta agora, então ela o empurrou com um suspiro e tentou não notar o corpo nu do menino. Ele o segurou em seus braços novamente e tentou forçá-lo a beber água. No início, manteve os lábios teimosamente fechados, mas Viana obrigou-o a abrir a boca e tomar uns goles. O menino tossiu, prestes a engasgar; então ele pareceu entender que a água era boa para ele, porque ele parou de resistir. Por fim, saciada a sede, o jovem olhou com interesse curioso para tudo ao seu redor. Ele colocou um pé na água e esperou um momento. O que ele parecia estar esperando não aconteceu, o que quer que fosse, então ele esticou o pé com uma carranca e olhou para o cantil como se não entendesse muito bem como funcionava. Ele o virou de cabeça para baixo para ver como a água escorria dele, depois o levou à boca. Mas ficou muito desconcertado ao ver que não saía mais líquido.

"Não assim", Viana o repreendeu, arrancando-o de suas mãos. Olha, é usado assim — acrescentou ele, enchendo-o com o riacho e bebendo, depois mostrando para ele.

O menino a encarou fascinado, depois pegou o cantil novamente para olhá-la de todos os ângulos. Viana suspirou pacientemente.

"Você é como um garotinho", ele disse a ela. E acho que você não me entende quando falo com você, não é? Você fala em outro idioma? Aquele com os goblins, talvez? Ou a dos elfos? Ou você não fala nada? Ela adivinhou quando viu como ele olhava para ela com espanto cada vez que ela pronunciava uma palavra. Mas você não pode ser tão...

Tolo, ele estava prestes a dizer. Ela se conteve, no entanto, porque não queria ser rude com um estranho, mesmo que ele estivesse andando nu pela floresta e não entendesse uma única palavra do que ela dizia. Talvez ele tenha perdido a memória, pensou. Sim, isso parecia mais provável para ele. Quando Viana era pequeno, um dos meninos do castelo levou um chute na cara. Ele estava inconsciente há alguns dias e, quando acordou, não se

lembrava de quem era. Levou várias semanas para ele recuperar algumas de suas memórias, mas ele nunca mais foi o mesmo de antes.

Viana olhou para o menino do rio, emocionado. Ele se perguntou então que tipo de coisas ele havia esquecido. Quem era ele? Ele era humano, como parecia? E nesse caso, por que ele parecia tão estranho?

O menino, alheio às reflexões de seu salvador, continuou brincando com a cantina. Ele se assustou quando, depois de derrubá-lo sobre sua cabeça, um jato de água caiu em seu rosto, mas ele pareceu achar graça, porque soltou uma risada. O som de sua própria risada também o assustou, como se não a ouvisse há muito tempo.

Viana reagiu. Era curioso ver como aquele menino esquecido parecia estar redescobrindo o mundo, mas ela tinha muitas coisas para fazer.

Ele o puxou para fora do rio o melhor que pôde (o menino fez tanta bagunça com as pernas e os braços que os dois quase não acabaram na água) e o sentou ao pé de uma árvore enquanto ele vasculhava sua mochila.

"Eu tenho roupas de reposição", ele disse a ela. Você tem sorte que eles não são vestidos de solteira.

Como ela esperava, o menino não deu sinais de entendê-la, mas observou o que ela estava fazendo com curiosidade. Quando Viana jogou uma camisa e uma legging nele, ele se assustou e rapidamente tirou a roupa.

"Eh, não, para não falar", respondeu Viana. Não me importa se em seu mundo os homens passam nus pela vida; Ainda sou uma dama e não vou lidar com você até que esteja decentemente vestida.

Ela estava perfeitamente ciente de que seu parceiro não a entendia, mas ouvir a si mesma dizer isso em voz alta a acalmou um pouco.

Enquanto isso, o menino de pele manchada examinava as roupas com interesse. Pareceu perceber que era semelhante ao que cobria Viana. Ele inclinou a cabeça e olhou para ela como se a visse pela primeira vez.

"Sim, é isso", ela concordou, de repente desconfortável. Olha, você vê para que serve? Ele mostrou a ela suas próprias roupas e as comparou com a que tinha nas mãos. Agora você. Ah, não, não, não é isso", protestou ao ver que o menino parecia estar esperando que ele o ajudasse a se vestir. Aprenda sozinho. Já estive mais perto de você do que deveria, e até que você esteja vestida... Ela respirou fundo, ciente de que corou novamente. Bem, é isso, concluiu.

Ela se afastou um pouco dele e o deixou contemplando as roupas. Ela supôs que teria que ser paciente com ele e lhe dar uma chance. "Não parece bobo", reconheceu. "É só... como se isso estivesse acontecendo com ele pela primeira vez." Ela ainda estava convencida de que ele havia perdido a memória, mas, além disso, também era possível que o menino viesse de um lugar onde os costumes do mundo civilizado eram completamente desconhecidos. Viana tinha ouvido histórias sobre as cortes do reino das fadas, sofisticadas e resplandecentes, mas também lhe contaram histórias

sobre um mundo subterrâneo, lar de elfos e goblins, onde aquelas criaturas viviam quase como animais. Ele esperou um tempo razoável e depois voltou para a árvore para ver se o menino já havia se vestido. Parecia ter entendido bem a ideia geral, pois vestira as calças mais ou menos corretamente, embora tivesse bagunçado as mangas da camisa. Viana riu divertido e o ajudou a colocá-lo corretamente.

"Agora", disse ele, "você parece um menino decente."

Mas a verdade é que o menino do rio ficou bastante surpreso. Assim, vestido como uma pessoa real, seu estranho cabelo era ainda mais selvagem, e a surpreendente cor de sua pele se destacava contra a brancura de suas roupas.

"Bem", Viana suspirou então, "acho que chegou a hora de falar de coisas importantes." Quero dizer... eu vou falar e você vai ouvir, eu acho. E espero fazer você entender alguma coisa.

Ela se sentou ao lado dele e o forçou a olhar em seus olhos. Novamente ele ficou sem palavras diante daquele verde escuro tão profundo quanto o coração da floresta, e ele teve que limpar a garganta antes de continuar falando:

"Meu nome é Viana", ela se apresentou. Vi-a-na. Você entende? Vamos, repita: Vi-a-na.

Mas o menino apenas olhou para sua boca com curiosidade. Ele nem fez um movimento para repetir os sons, e a garota começou a se perguntar se ele não estaria mudo.

-Como você se chama? ele questionou, colocando o dedo indicador no peito do menino enquanto pronunciava a última palavra.

Ela perguntou de todas as formas possíveis e gesticulando muito, mas ele ainda não falou. Ele apenas a encarou com perplexidade, como se não entendesse nada do que ela estava fazendo.

Finalmente, Viana desistiu.

“Ok, você não tem um nome. E acho que você não saberá me dizer onde ir para a fonte da eterna juventude ou onde é aquele lugar onde dizem que as árvores cantam — acrescentou ela, olhando-o de lado; mas o menino permaneceu inexpressivo. Bem, mas vou ter que te ligar de alguma forma. E 'menino' ou 'menino' não parece apropriado, considerando que eu já vi você... er... vamos deixar por isso mesmo,” ela concluiu apressadamente. Ele continuou olhando para ela sem vacilar, e Viana se comoveu com sua inocência.

Ele ficou em silêncio por um momento, imaginando como deveria chamá-lo. Porque estava claro que ele precisava de um nome.

Ela olhou para ele novamente. Ele era bonito à sua maneira, embora olhar para sua pele estranha (ela sentiu vontade de acariciá-la, sem saber por quê) a lembrou novamente das histórias que sua mãe lhe contava quando

criança. Alguns deles apresentavam um goblin travesso chamado Uri. Esses eram seus favoritos.

'Bem', disse ele, 'acho que tenho. Vou chamá-lo de Uri, se não se importar.

Ele não parecia se importar. Ele estava muito entretido brincando com seus próprios dedos. Viana não pôde deixar de sorrir.

Perguntou-se então o que faria com isso. Ficou claro que se ele fosse deixado sozinho, ele não seria capaz de sobreviver na floresta, não até que sua memória voltasse. Mas decidiu adiar a decisão para o dia seguinte, porque já estava escurecendo.

Montou acampamento à beira do rio. Por alguma razão, a presença de Uri a fez se sentir segura, e ela pensou que não haveria nada de errado em acender uma fogueira quando a noite caísse.

"Mas primeiro vamos comer", disse ele. Você vai estar com fome, certo?

Ele estendeu o pouco que restava do charque, mas o menino o pegou e o virou em suas mãos, confuso.

"É comida", explicou Viana. Refeição.

Ela mordeu um pouco e mastigou exageradamente para que ele entendesse o que ela queria dizer. Uri mastigou um canto hesitante. Mas ela mexeu a comida na boca sem saber muito bem o que fazer com ela, e fez uma cara tão desgostosa e desconsolada que Viana não pôde deixar de rir.

"Bem, eu entendo que não é muito um banquete," ele disse a ela. Jogue fora se não gostar. Ainda falta um pouco para o anoitecer; Vou caçar algo mais gostoso.

Ele deixou Uri tirando os restos da carne seca da boca e olhando para ela com desgosto, e foi para a floresta.

Não demorou muito para ela pegar um pequeno texugo que nem fugiu quando a viu. Era evidente que o animal nunca tinha visto um ser humano. Viana quase se arrependeu de acabar com uma presa tão desavisada.

Ao retornar, encontrou Uri na margem do rio, vasculhando a lama. Suas mãos estavam muito sujas, e Viana o tirou de lá antes que suas roupas também ficassem manchadas, embora sua legging já estivesse encharcada.

-Que vou fazer contigo? Ela o repreendeu enquanto lavava suas mãos na água.

Ele o sentou novamente ao pé de uma árvore enquanto preparava o fogo para assar o texugo. No entanto, a reação do menino quando a primeira faísca acendeu a surpreendeu. Uri assistiu fascinado enquanto a chama lambia a madeira, mas quando ele a viu se transformar em um fogo ardente, ele gritou e recuou aterrorizado. Viana tentou acalmá-lo, mas só conseguiu assustá-lo ainda mais. Uri se separou de seu abraço e correu para dentro da floresta, tropeçando em galhos e raízes. Viana chamou-o e quis ir atrás dele, mas já estava escuro e ela não se atrevia a afastar-se do acampamento.

Uri não voltou. Abatido, Viana assou o texugo no fogo. Ele jantou com relutância, apesar de sua fome. A verdade era que ele sentia falta do garoto estranho e suspeitava que nunca mais o veria. E talvez seja melhor assim, disse para si mesmo, o que eu deveria fazer com ele? Mas quando ela se deitou para dormir ao lado das últimas brasas do fogo, foi difícil arrancar aquele sentimento de saudade de seu coração.

A manhã trouxe-lhe uma surpresa. Sentando-se, bocejando e esfregando os olhos, descobriu que Uri havia retornado durante a noite, cavou um buraco no chão, a uma distância segura dos restos do fogo, e se enrolou dentro dele como um bichinho. A lama manchava sua pele e roupas, mas ele não parecia se importar. Ele dormiu tão profundamente quanto um bebê.

Viana sentiu-se chateada e aliviada ao mesmo tempo. Aborrecido por Uri ter feito tudo isso sem que ela percebesse (o que diria Wolf se soubesse que ela havia sido tão descuidada?), e aliviado por, afinal, estar ali de novo. A verdade é que Viana temia por ele. Em seu estado, não parecia muito provável que ele fosse capaz de sobreviver na floresta. Mas seu retorno representou outro inconveniente.

-E agora que? ele murmurou.

Ele tinha três opções: ou o abandonaria ali mesmo, ou continuaria sua jornada com ele, ou voltaria para casa para colocá-lo em boas mãos. Ela compreendeu imediatamente que não poderia deixá-lo para trás. No entanto... como ela iria continuar no coração da floresta se ela tivesse que carregá-lo? No entanto, a terceira possibilidade também tinha suas desvantagens. Por exemplo, se voltasse para casa não teria outra chance de ir em busca da nascente encantada. Lobo a vigiaria de tal maneira que ela não conseguiria escapar novamente.

Naquele momento, Uri abriu os olhos. Ele piscou, um pouco confuso, e então a viu. Ele lhe deu um sorriso largo, tão caloroso que comoveu Viana profundamente.

"Ok," ele decidiu. Vai ser difícil, mas não impossível. Andando, Uri: vamos embora.

Depois de arrumar o acampamento e limpar, Viana retomou a marcha. No entanto, demorou um pouco para que o menino a seguisse. Ele parecia indeciso e, por um momento, ficou parado na margem do rio, olhando-a desconsolado.

"Tenho que continuar minha jornada", ela tentou explicar. Se você quiser vir comigo, ótimo. Se não... vou ter que te deixar para trás.

Sabendo que ele não a entendia, ela simplesmente caminhou para as profundezas da Grande Floresta. Ela o fez lentamente, mas sem olhar para trás, esperando que ele entendesse a ideia.

Alguns momentos depois, Uri começou a correr atrás dela, com aquele trote desajeitado que o caracterizava. Ela tropeçou em algumas raízes e

quase caiu no chão, mas conseguiu alcançá-la. Quando o fez, deu-lhe um sorriso que Viana interpretou como "vou com você".

"Tudo bem", ela concordou, sorrindo de volta.

A lógica lhe dizia que Uri complicaria sua viagem. Mas uma parte dela estava feliz por ter sua companhia.

A manhã foi cansativa. Uri era decididamente desajeitado e também fazia muito barulho. Viana se perguntou se todos os elfos eram assim. Ela tinha entendido que as fadas se moviam pela floresta silenciosas como sombras, a ponto de quase se fundirem com ele. A pele manchada de Uri apoiava essa crença. Então... por que ele estava andando pelo mato como um garoto da cidade?

Tiveram sorte, porque nada os atacou, mas ao mesmo tempo Viana teve dificuldade em surpreender sua presa. Ele estava feliz por ter salvado um pouco do texugo do dia anterior. Naquela manhã conseguiu almoçar sem caçar porque, entre outras coisas, Uri ainda não havia comido.

Viana pensou que talvez ele tivesse algum tipo de problema de carne, então ela escolheu algumas frutas para ele. Mas essa opção também não foi fácil. À medida que iam cada vez mais fundo na Grande Floresta, a vegetação ficava mais bizarra. Encontrou mirtilos e groselhas, mas também outras frutas que cresciam em arbustos cuja aparência lhe era totalmente desconhecida, e que decidiu não tocar no caso de serem venenosas.

As frutas também não pareciam excitar Uri. No entanto, era óbvio que ele estava com fome.

Por fim, quando acamparam no final da tarde, Viana acendeu uma fogueira para assar o jantar: uma rola que ela conseguira espetar com uma flecha apenas porque tinha dificuldade em voar. Uri ficou apavorado novamente ao ver o fogo, embora desta vez não tenha corrido. Afastou-se das chamas para observar de longe como Viana cozinhava a sua presa, com um misto de terror, fascínio e desconfiança. Quando Viana começou a comer, aproximou-se um pouco, quase timidamente. A garota estendeu um punhado de groselhas com um sorriso, e Uri as enfiou na boca, mastigou e engoliu com dificuldade. Ele estava observando Viana atentamente enquanto ela devorava seu jantar e finalmente decidiu imitá-la.

E deve ter gostado, porque acabou todas as bagas e olhou para Viana pedindo mais.

A jovem, hesitante, ofereceu-lhe uma das coxas da rola. Uri mordeu, hesitante no início, depois com mais avidez.

"Estou feliz que você finalmente decidiu comer," ela disse a ele.

O menino devolveu um sorriso radiante, continuando a mastigar. Parecia que, agora que ele se animara, estava gostando da comida: mas Viana desviou o olhar e se perguntou como poderia fazê-lo entender que devia comer de boca fechada.

O resto da noite transcorreu sem incidentes, embora Viana tenha acordado de madrugada, assustado, ouvindo um uivo ao longe. Uri, no entanto, continuou dormindo pacificamente. A jovem, com o coração ainda acelerado, decidiu ficar de guarda até o amanhecer.

Quando voltaram a partir, ao raiar do dia, Viana voltou a ficar inquieto. Certamente, Uri lhe fazia companhia, mas ele não ajudaria muito caso algum animal os atacasse, e ele nem sabia como ficar de guarda direito, porque assim que dormisse ia dormir, e ele não entendia que tinha que ficar acordado para assistir. Sua presença a forçava a estar sempre ciente dele e poderia fazê-lo ignorar algum potencial perigoso. E agora ele tinha que estar especialmente alerta. A floresta tornava-se cada vez mais estranha à medida que avançavam: havia muitas plantas e árvores que ele não conhecia, e os sons que surgiam do matagal eram muito perturbadores.

No meio da manhã, Viana montou acampamento e deixou Uri lá enquanto ela ia caçar, porque precisava pensar.

Ela conseguiu pegar um pombo, mas isso não a encorajou, pois a cada passo que dava ela estava mais consciente de que sua viagem era completamente louca. Ele vinha avançando pela Grande Floresta há vários dias, com dificuldade crescente, e não tinha a menor ideia de para onde deveria ir em seguida, ou se estava indo na direção certa. De fato, isso foi enorme. Ele balançou sua cabeça; ele não podia continuar assim, avançando às cegas, principalmente se tivesse que cuidar de Uri. Eu precisava de um plano.

Então uma ideia lhe ocorreu. Encontrou uma árvore suficientemente alta e frondosa e tentou escalá-la. Foi relativamente fácil no começo, porque havia muitos galhos para se apoiar, e o tronco retorcido também oferecia bastante apoio. No entanto, Viana logo percebeu que era muito mais alto do que ela havia calculado: subia e subia, mas ainda estava cercado de galhos e folhas por todos os lados. Ela engoliu em seco e se forçou a não olhar para baixo.

Depois de um tempo eterno e agonizante, ele alcançou o topo da taça e esticou o pescoço para ver além.

Ela ofegou para respirar.

A floresta parecia ilimitada: as árvores se estendiam até onde a vista alcançava, em todas as direções, menos em uma. Ali, ao fundo, avistavam-se campos agrícolas, e o horizonte era cortado por uma serra que Viana reconheceu de imediato. Esta era Nortia, sua casa. E parecia ridiculamente próximo em comparação com o caminho à frente até chegar ao coração da floresta. Ele examinou o matagal novamente em busca de algum espaço que pudesse parecer diferente — árvores mais altas, ou uma cor diferente, ou fazendo algo como cantar — mas sem sorte.

Então algo chamou sua atenção ao longe: uma fina coluna de fumaça que subia até as alturas e que parecia subir das próprias entranhas da Grande

Floresta. O que seria aquilo? Ele poderia jurar que era uma fogueira ou algo assim, mas não podia acreditar que havia assentamentos humanos em um lugar tão remoto. Talvez, pensou ele, a casa de Uri fosse aqui. Ele imediatamente imaginou uma aldeia primitiva habitada por pessoas de pele manchada.

De qualquer forma, era algo que valia a pena investigar, embora ele imaginasse que levaria vários dias de viagem para chegar lá.

Decidiu que pelo menos tentaria e começou a descida.

E então, quando ela estava a apenas alguns metros do chão, o galho que ela havia acabado de agarrar quebrou com um estalo e a garota caiu no chão.

Ele caiu para a frente e conseguiu amortecer o golpe com as mãos, mas sentiu uma dor aguda no pulso, ouviu um estalo desagradável e soube que o havia torcido. Murmurando maldições, ele se arrastou para uma posição sentada no chão coberto de musgo e esfregou-o rapidamente. Isso doi muito. Ele começou a enfaixá-lo como Lobo lhe ensinara, lamentando que não houvesse nenhum riacho próximo onde pudesse mergulhar a mão na água fria para reduzir o inchaço.

E foi então que percebeu que naquelas circunstâncias não poderia caçar.

Ele ficou de pé mancando - ele se sentiu machucado em todas as partes moles de seu corpo - e pegou seu arco. Ele tentou apertar a corda e a soltou com um gemido. Não faça; definitivamente não poderia usar a boneca. E restava ver se ele seria capaz de manipular cordas para fazer armadilhas.

Ele sentiu a trava, ainda pendurada no cinto, para se certificar de que ainda estava lá, e respirou fundo. Ele achou que foi uma sorte tê-la pego antes de ter a ideia de subir na árvore. Porque seria a única coisa que ele comeria por um bom tempo.

Quando voltou ao lugar onde havia deixado Uri, seu rosto refletia a decisão que acabara de tomar. Ainda assim, era difícil verbalizá-lo.

"Vamos lá para cima", ele disse ao menino em voz baixa. Voltamos para casa.

Capítulo IX



De cómo Viana regresó con el extraño muchacho que había hallado en el bosque y de las cosas que averiguó después.

A CHEGADA DE VIANA AO ACAMPAMENTO , dez dias após a sua partida, foi uma grande alegria para todos. Eles procuraram por ela na floresta, mas evidentemente ninguém, nem mesmo Lobo, ousou se aventurar o suficiente para encontrá-la. Muitos a deram como morta; outros esperavam que ele voltasse, e alguns consideravam a possibilidade de que ele não tivesse ido para a Grande Floresta, mas para outro lugar, e nesse caso ele poderia voltar mais cedo ou mais tarde. Airic repetiu a todos que queriam ouvir que Viana havia sido sequestrada pelos bárbaros, embora Lobo tivesse afirmado que isso era improvável. Lembrou-se muito bem que Viana falara da primavera da eterna juventude pouco antes de desaparecer sem se despedir.

"Aquele maldito menestrel encheu sua cabeça de pássaros", ele rosnou.

Mas nem mesmo aqueles que não haviam perdido a esperança conseguiram esconder a surpresa ao vê-la aparecer, faminta, desgrenhada e acompanhada de um menino estranho. No início, eram só cumprimentos, risadas, abraços e muitas perguntas. Viana não sabia por onde começar a contar sua aventura, e Uri estava com tanto medo que não conseguia se afastar dela. Mas então Alda interveio, afugentou todo mundo, levou os recém-chegados ao fogo e serviu-lhes uma tigela de sopa. Uri mergulhou o dedo no caldo com curiosidade; mas ele se queimou, deu uma exclamação de dor e surpresa e atirou a tigela para longe dele. Todos olharam para eles de forma estranha. Viana suspirou.

"É uma longa história", disse ele. Você tem um pedaço de pão por perto? Acho que vai gostar mais do que da sopa. Ainda não o ensinei a usar a colher.

"Você não sabe como usar uma colher?" Airic disse, olhando para ele com desconfiança. Porque não fala? E por que ele tem cabelo verde?

"Ele não tem cabelo verde..." começou Viana; mas então ela percebeu que, de fato, na penumbra da noite, o cabelo loiro de Uri tinha um tom esverdeado. Bem, talvez um pouco. Acho... acho que ele perdeu a memória, ou algo assim. Eu o encontrei na floresta e o trouxe comigo porque... bem, porque ele teria morrido se eu não o tivesse resgatado.

Houve um coro de murmúrios e suspiros. Todos olharam para Uri com curiosidade e com alguma pena, embora a suspeita não tivesse desaparecido de seus olhos. Viana não podia culpá-lo: Uri era muito estranho, e agora, à luz da fogueira, suas diferenças ficaram ainda mais evidentes. A garota havia se acostumado com sua aparência, com sua pele manchada e cabelos rebeldes, e também com sua estranheza. Mas seus amigos estavam olhando para o menino da floresta pela primeira vez. Como ela mesma quando o encontrou nu no rio.

Uma das garotas, no entanto, o observava com fascinação. Viana a conhecia: chamava-se Levina e era filha de Alda.

— Fale-nos dele, Viana! ele perguntou. Conte-nos o que você viu na Grande Floresta!

"Isso pode esperar", disse uma voz grave, e Viana levantou a cabeça da tigela de sopa para olhar com culpa para Lobo, que acabara de chegar; foi ele quem falou.

"Sinto muito", disse ele imediatamente.

"Você já pode sentir isso," Wolf rosnou. Você não me ouve quando eu falo? Eu lhe disse que ir para a floresta era uma má ideia. Você sabe como eu perdi essa orelha? Quando eu era jovem, também queria descobrir o que havia além. Ignorei os avisos do meu pai e fugi para a Grande Floresta, e quer saber? Fui recebido por um urso que era duas vezes maior que eu. Tive sorte de escapar com vida, mas ele arrancou minha orelha. Aprendi duas coisas naquele dia: que você deve sempre ouvir os mais velhos e que irritar um urso não é uma boa ideia. E quanto a você...

Viana baixou a cabeça porque sabia o que viria a seguir. E ele não estava errado.

Lobo continuou a repreendê-la na frente de todos. Começou por dizer que ela estava inconsciente e cabeça de vento, e que se tivesse morrido na mata teria merecido, sendo irresponsável. Viana suportou o aguaceiro como pôde, com as bochechas coradas. Ele sabia que seria um longo tempo, então ele tentou ir com calma.

No entanto, a reprimenda durou menos do que ele imaginara. De repente, um som interrompeu o discurso de Lobo: uma espécie de grito estranho que surpreendeu a todos... até a pessoa que o havia lançado.

Era Uri. Não entendia o que se passava entre Lobo e Viana, mas parecia incomodado e incomodado com a situação. Quando Lobo se virou para o menino, atordoado, ele parou diante de Viana como se quisesse defendê-la. Ele, no entanto, não fez nenhum gesto agressivo ou desafiador. Ele apenas parou diante dela.

"Já chega, Uri," ela o tranquilizou. Está tudo bem, ok? Vá com calma.

Relutante, o menino voltou a sentar-se ao lado dele, ainda lançando olhares de soslaio para Lobo. Ele o olhou intrigado.

— Onde você arrumou esse menino, Viana?

"Eu ia nos dizer quando você veio para invadir a festa, Wolf", disse Garrid. Não seja tão duro com a garota: ela está na Grande Floresta há mais de uma semana e está de volta para contar a história. Não sei você, mas estou morrendo de vontade de saber o que ele viu lá.

"Árvores", respondeu Viana depois de uma pausa em que sorveu lentamente a sopa, pensativa. Mas eles não cantaram", acrescentou com um sorriso; no entanto, ninguém entendeu o comentário, pois nenhum deles esteve presente naquela celebração do solstício em que Oki havia falado da primavera da eterna juventude. Bem, eu realmente não encontrei nada de extraordinário na Grande Floresta. É muito exuberante, e além de seus limites descobri plantas e animais que nunca tinha visto antes. Mas nada de seres mágicos ou sobrenaturais. A menos que ele seja um deles, é claro... algo que eu ainda não tenho certeza," ela concluiu, acenando para Uri com o queixo.

O rapaz mordiscou um pedaço de pão, sentado bem perto de Viana, aparentemente sem saber que falavam dele.

-Mas quem é? Airic insistiu. Não gosto; parece muito estranho.

"Não sei quem ou o que é", respondeu Viana; todos, incluindo Wolf, estavam ouvindo atentamente. Eu o encontrei meio morto em um riacho. Ele não fala a nossa língua... e eu diria que não fala. Na verdade, há tantas coisas que ele não sabe... que praticamente tudo tem que ser ensinado a ele, como se fosse uma criança pequena.

"Coitadinho, ele é retardado", disse Alda, com pena.

"Acho que não", contradisse Viana, "porque ele aprende muito rápido". Está pronto, realmente. É que... não sei. É como se todas as coisas lhe acontecessem pela primeira vez. Acho", acrescentou, baixando a voz, "que ele perdeu a memória. Ele esqueceu como se comportar e está aprendendo tudo de novo.

Seus ouvintes se entreolharam incrédulos.

"Ah, sim", disse Dorea, "isso pode acontecer." Lembro-me do caso de um cavalariço que recebeu uma boa pancada na cabeça e esqueceu até o nome.

"Exatamente", concordou Viana, grata por sua enfermeira ter mencionado o incidente.

"Algo assim também pode acontecer quando alguém recebe um choque muito forte", disse um dos soldados. Certa vez, conheci uma garota que ficou sem palavras depois de ver sua família ser brutalmente assassinada por bandidos. Ele estava com tanto medo que esqueceu quase tudo, como se no fundo não quisesse se lembrar de algo tão terrível.

Viana olhou para Uri, intrigado. Por que ele teria perdido a memória? Teria sido um golpe ou uma experiência traumática? Ou outra coisa?

"No final, decidi trazê-lo comigo", concluiu, "porque ele não conseguiria sobreviver sozinho na floresta. Como não sei o nome dele,

chamo-o de Uri.

"Como o goblin dos contos de fadas", disse Levina.

"Sim, é verdade", sorriu Viana. Eu o chamei assim porque me lembra um goblin. Para essa pele e esse cabelo. Mas ele é grande demais para ser um goblin, e também tem ouvidos normais. Sem contar que se move pela floresta como se estivesse esmagando ovos.

Todo mundo riu; Uri levantou a cabeça e sorriu, as chamas desenhando reflexos verdes em seus olhos estranhos. Mas Wolf não parecia convencido.

"E o que você vai fazer com ele?" -Ele queria saber.

-Fazer? Viana repetiu sem entender.

"Quando ele recuperar sua memória... você vai colocá-lo de volta de onde ele veio?"

A garota piscou, intrigada.

"Eu não tinha pensado nisso", admitiu. Na realidade, de onde ele veio não há nada. Eu estava sozinho na floresta, Wolf. Eu já te disse.

"E você não se perguntou como foi parar lá?"

"Claro que me perguntei", respondeu Viana com raiva. Mas ele não está em condições de responder, receio.

Wolf balançou a cabeça, não muito convencido.

"E você não acha que talvez alguém vai sentir falta dele?" Talvez haja mais como ele.

Viana refletiu.

"Se sim, eu não os vi." Então eu não saberia para onde levá-lo de volta." Ele se lembrou da nuvem de fumaça que ele viu subindo do coração da floresta, mas não mencionou esse detalhe. Além disso," ela adicionou, "eu tenho a sensação de que ele queria vir aqui.

-Como sabes? disse Lobo. Ele te contou?

Viana balançou a cabeça, mas não respondeu. Lembrou-se do momento em que havia retomado sua jornada rumo ao coração da floresta e Uri reagiu como se não quisesse voltar para lá. Pelo contrário, estava bastante animado quando Viana mudou de rumo para se dirigir para a parte civilizada de Nortia.

"Quando ele recuperar a memória", disse ele, "talvez ele possa ir para casa sozinho, ou pelo menos nos dizer quem ele é e de onde veio".

E talvez ele possa me guiar para a primavera da eterna juventude, pensou, mas não disse isso em voz alta.

"E se ele não recuperar a memória?" Alda perguntou, olhando para ele com preocupação.

"No mínimo, vou ensiná-lo a se comportar como uma pessoa." Eu sei que com essa aparência é difícil para mim viver na cidade, mas talvez aqui, na floresta, não chame tanta atenção.

Lobo havia parado de inspecionar Uri para se voltar para Viana.

-E você? ele perguntou, como se tivesse lido sua mente. Encontrou o que procurava?

Viana corou. Ele tinha vergonha de confessar em público que acreditava na história de Oki.

"Eu não fui longe o suficiente", ele simplesmente respondeu. Tive que voltar mais cedo devido a um imprevisto", acrescentou, mostrando a mão ferida.

O curativo havia caído e seu pulso estava bastante inchado. Ao vê-lo, Dorea ofegou e correu para examiná-lo.

Viana deixou-se terminar, feliz por estar de novo em casa. Morar sozinha tinha sido uma experiência interessante, mas aqui, no acampamento, ela se sentia mais segura. E foi uma sensação agradável.

Não se falaram mais naquela noite, porque Uri havia adormecido ao lado de Viana. Custou muito acordá-lo para levá-lo a uma das cabanas e, além disso, quando percebeu que iam separá-lo da garota, lutou tão furiosamente que não teve escolha a não ser deixá-lo dormir à a entrada da cabana das mulheres.

"Não se preocupem", disse-lhes Viana. Ele é como uma criança. Ele não tem malícia ou atração por mulheres, pelo menos não ainda.

"Uau," Levina disse desapontada. Achei que estava apaixonado por você.

Viana respondeu com uma risada.

-Não, querido. É só que eu sou o único que ele conhece aqui. Ele está um pouco assustado, é natural.

Naquela primeira noite, porém, todos dormiram inquietos no acampamento. Todos, exceto Uri, que caiu em um sono profundo do qual apenas a luz da manhã foi capaz de acordá-lo.

Os dias seguintes transcorreram numa calma que Viana achou irritante. Até que seu pulso se curasse, ela não poderia caçar, então ela tinha que ficar no acampamento o dia todo. Entretanto, os homens de Lobo continuaram a lutar contra a autoridade de Harak, invadindo as carroças de comida destinadas às casas senhoriais, atacando as forjas que reparavam as suas armas e ferravam os seus cavalos, ou assediavam os destacamentos bárbaros que patrulhavam as estradas e guardavam as pontes. Como o novo senhor de Torrespino, Robian lutou para caçá-los; mas o pessoal de Wolf sempre se mostrou mais rápido, mais astuto e mais ousado. Tudo isso estava minando a pouca confiança que Harak poderia ter no jovem duque de Castelmar. E Viana ficou feliz com isso. Ele merecia bem, pensou.

A jovem sabia que não tinha permissão para participar dessas expedições, o que a enchia de frustração. Mas sua inatividade forçada, que a princípio lhe parecia um incômodo incômodo, acabou sendo agradável. Ele passava seus dias ensinando Uri a se comportar. Encontrou-lhe uma roupa mais adequada e mostrou-lhe como se vestir, como comer e como usar a

maioria dos utensílios de uso diário que tinham no acampamento. No entanto, embora o menino frequentasse suas aulas com grande interesse, nada o fascinava mais do que a linguagem. Ele poderia passar horas a fio observando outras pessoas falarem e tentando imitá-las. No começo ele soltou sons, gorgolejos e várias exclamações, mas de repente uma tarde ele disse:

—Daaa.

Ele ficou surpreso com o que havia feito, riu e disse novamente:

—Daaa. Dadadaaaa.

E ele passa o resto do dia praticando sua nova descoberta. De noite eu já tinha conseguido dizer "tatata" e depois passei para "bababa" e "papapa". Dorea não podia acreditar no que estava ouvindo.

"É como um bebê aprendendo a falar", disse ele. Exatamente o mesmo. Só que ele se move muito mais rápido do que qualquer criança que eu já vi antes.

"Talvez seja porque ele não está realmente aprendendo", arriscou Viana, "mas apenas lembrando de algo que já sabia e havia esquecido completamente."

"Pode ser, minha senhora." De qualquer forma, estou curioso para saber que coisas ele nos dirá quando puder se comunicar em nossa língua.

Dorea também tinha gostado do garoto estranho da floresta. Era difícil não fazê-lo, disse Viana a si mesma uma noite enquanto o via dormir junto à lareira. Ele estava sempre rindo, tudo parecia novo e maravilhoso para ele e era, ao mesmo tempo, impulsivo, entusiasmado e carinhoso.

E ele adorava Viana. Ele a acompanhava a todos os lugares, mas havia parado de segui-la como um cachorrinho. Ele simplesmente a acompanhou como se fosse seu amigo mais leal... como Robian tinha sido... ou deveria ter sido.

Mas era diferente, claro. Porque Uri não era como Robian. Dorea estava certa ao dizer que em muitos aspectos ela se comportou como um bebê descobrindo o mundo.

No entanto, a primeira palavra significativa que ele disse fez o coração da garota começar a bater mais rápido enquanto um rubor indesejado cobria suas bochechas.

Aconteceu alguns dias depois que Uri começou a balbuciar. Ambos tinham ido ao rio para encher um balde de água para a panela. Viana inclinou-se sobre a beirada e lembrou-se do dia em que encontrara o menino meio morto na mata. Ela estava tão absorta em pensamentos que a corrente quase arrancou o balde de suas mãos. Uri o pegou antes que pudesse escapar, e seus dedos se encontraram na água. Viana quis retirar as mãos, mas ele as apertou com força e riu, deliciado, como se fosse um jogo novo e maravilhoso.

E então ele disse:

—Viana.

E ele riu novamente.

A menina, excitada, não reagiu de imediato. Uri franziu a testa, sem dúvida pensando que não tinha se saído bem, e repetiu:

—Viana.

Ela percebeu que tinha que lhe dar uma resposta.

"Sim," ela concordou, piscando para conter as lágrimas. sim, ui. Eu sou Viana.

Uri riu novamente, animado, e a abraçou, pegando-a completamente de surpresa. O primeiro impulso de Viana foi livrar-se dele, mas ela se conteve porque entendeu que o gesto não passava de uma demonstração de afeto sem segundas intenções.

"Viaaana", disse Uri pela terceira vez, e ela finalmente relaxou em seus braços, sentindo a suavidade fresca que emanava de sua pele e o cheiro intenso da floresta.

Quem é você?, pensou pela enésima vez. "De onde você veio?".

Mas ela não disse nada, porque sabia que ele não a entenderia. No entanto, ela tinha a sensação de que não demoraria muito para que ela pudesse responder a ele.

Assim, abraçados, Airic os encontrou, que acabavam de voltar da aldeia. Seu rosto escureceu ao vê-los.

"Viana, o que você está fazendo?" ele perguntou com bastante rispidez.

Ela se separou de Uri com as bochechas coradas.

"Ele aprendeu a dizer meu nome!" ela exclamou animadamente.

"Ah sim, isso é uma ótima notícia," Airic murmurou. Mas você deveria voltar para o acampamento, senhora. Lobo e eu trazemos novidades.

"Sobre os bárbaros?" Sobre Robin? ela perguntou, levantando-se com o balde cheio de água. Uri apressou-se a segurá-lo no lugar para não forçar seu pulso ferido.

Airic balançou a cabeça.

"Seria melhor se ele dissesse a você."

Intrigado, Viana voltou ao acampamento, acompanhado de Uri. Airic olhou para eles com o canto do olho e com uma cara feia. A garota sabia que ele nunca havia confiado no garoto da floresta, mas era a primeira vez que ele parecia mostrar abertamente sua hostilidade em relação a ele.

"Airic, o que há de errado?" ela finalmente perguntou, cansada de seu silêncio taciturno. Uri é inofensivo, sabia?

O garoto balançou a cabeça.

"Talvez", disse ele, "mas você merece coisa melhor."

Viana parou perplexo.

"Alguém melhor?" ele repetiu.

“Você é uma dama,” Airic explicou, “e ele é um... ele é um selvagem.

Ela o contemplou por um momento. Então ele riu.

"Airic, somos apenas amigos.

"Como você diz", repetiu o menino, "mas ele tem muita confiança, eu acho." Nenhum homem deveria ousar se aproximar de você com tanta ousadia.

"Ele não sabe o que está fazendo..." Viana tentou explicar pacientemente.

"Porque ele é um selvagem", o menino reiterou teimosamente.

Viana não insistiu.

Encontraram Lobo colhendo uma perdiz do lado de fora de sua cabana. Viana sentou-se ao lado dele e olhou para ele com expectativa.

"Airic diz que há novidades", ele deixou escapar.

"Airic poderia ter ficado de boca fechada", respondeu Wolf.

"Você tem o direito de saber", defendeu o menino.

"Quem sabe o quê?" ela insistiu.

"A casa de sua família foi ocupada, minha senhora," Airic deixou escapar à queima-roupa.

-Que? Existem bárbaros vivendo em Greystone? Viana pulou.

"Não fique chocado", disse Wolf. Já sabíamos que isso ia acontecer mais cedo ou mais tarde. E cale a boca, moscas entrarão em você.

Viana tentou se acalmar. Seu mentor estava certo: desde o dia em que o rei Harak dividira as mansões de Nortia entre seus homens, a garota presumira que mais cedo ou mais tarde esse momento chegaria. No entanto, Greystone tinha sido abandonado desde sua partida, e em seu coração ela esperava que permanecesse assim até que estivesse em posição de reivindicá-lo novamente... Por mais quimérico que pudesse parecer.

Mas a morte de Holdar e a chegada de Robian a Torrespino precipitaram as coisas.

Respiração profunda.

"E quem mora lá agora?" Este é o Robian, certo?

Lobo soltou uma risada seca.

"Você quer dizer seu docinho, Robian-cu-no-ar?" Você realmente acha que Harak daria um castelo desses para um homem com esse apelido?

Viana corou, enquanto Airic ria.

"Eles realmente chamam assim?"

"Oh sim," o lobo respondeu com prazer. Até agora não há ninguém em Nortia que não saiba de seu infeliz encontro com a garota que ele ofendeu na frente de toda a corte bárbara.

"Mas como isso é possível?" murmurou Viana. Robian não mencionaria isso a ninguém, nem a seu criado, se ele sabe o que é bom para ele.

Lobo riu.

"E me diga, eu deveria manter essa informação para mim mesmo por algum motivo em particular?"

-Lobo! ela exclamou, chocada. Não me diga que você andou contando isso por aí!

-E porque não?

Viana abriu a boca para responder, mas entendeu que não tinha argumentos para refutá-lo. Ela ainda não tinha certeza se gostava da ideia de Robian ser ridicularizado em toda Nortia ou não, então optou por voltar ao assunto principal.

"Então", disse ele, "se não é Robian, quem está morando na minha casa?"

"Outro dos chefes bárbaros, com sua família", respondeu Lobo. Mas isso não é importante, Viana. Acostume-se com a ideia de que você não terá Greyrock de volta a menos que Harak e sua equipe voltem para o inferno de gelo onde eles pertencem.

Viana não respondeu de imediato. Ela parecia muito divertida desenhando círculos na terra com uma vara, como se estivesse muito longe. No entanto, qualquer um que a conhecesse bem poderia adivinhar que ela estava tramando algo.

"Bem," ele disse finalmente. Então, se eles não saírem por vontade própria, nós teremos que convidá-los para sair, certo?

Lobo parou de depenar a perdiz e olhou para ela.

"E como você planeja fazer isso?"

Viana finalmente ergueu os olhos e fixou nele os olhos cinzentos.

"Diga-me você", ele respondeu. Você é quem está preparando uma revolta há meses, não é?

Desta vez foi a vez de Lobo se surpreender. Viana sorriu.

"Você acha que eu não percebi?" Eu sei que você não vai continuar se contentando com emboscadas e pequenos ataques. Esse tipo de ação pode aborrecer Harak, mas não vai machucá-lo de verdade. No acampamento há cada vez mais pessoas e todos estão treinando muito duro; mesmo aqueles que nunca empunharam uma arma estão aprendendo a lutar. Além disso, vários de seus homens de confiança partiram sem explicação, e há rumores de que você os enviou para o sul como mensageiros. Imagino que você queira pedir apoio aos soberanos dos reinos do sul, e eu não sou estúpido, Wolf; Você não precisa de tantos guerreiros para derrubar uma patrulha ou roubar um carregamento de cerveja. Todo mundo parece estar a par de um segredo que eu tive que descobrir por conta própria. Por que você quer me manter fora de tudo isso?

"Eu tenho que ir..." Airic disse desconfortavelmente. Bem, eu tenho que ir," ele concluiu abruptamente.

Nem Lobo nem Viana lhe responderam, embora Uri acenou para que ele se afastasse.

Lobo suspirou.

"Eu não acho que você está pronto para isso, isso é tudo.

-Por que? ela ficou indignada. Eu sou bom com o arco e a faca, você sabe disso.

"Não é assim, você é desobediente e indisciplinado, e você encara a guerra contra os bárbaros como se fosse um assunto pessoal."

"E não é?"

“Se você quiser se juntar a nós, não. Você vê, é extremamente difícil transformar um bando de punks como os que rondam este acampamento em um exército. E como você é tão inteligente e observador, deve ter percebido que, de fato, é exatamente isso que estou tentando fazer aqui. Algo assim, Viana, só funciona quando todos os homens trabalham em uníssono e obedecem ordens sem questionar. E você já agiu por conta própria muitas vezes. Não posso arriscar que você tenha outra de suas ideias brilhantes e nos coloque em perigo. Então fique aqui e cuide do seu animal de estimação da floresta; Tenho coisas importantes para fazer e não posso permitir que você me distraia com as histórias de seus filhos.

Aquelas palavras caíram sobre Viana como um jarro de água fria, mas Lobo não as amenizou. Com uma bufada, levantou-se e foi levar a perdiz para Alda, sem se despedir. Viana também não fez o menor comentário, embora piscou para conter as lágrimas de raiva e indignação.

Uri, no entanto, deu adeus a Lobo. Viana fitou-o e ele deu-lhe um sorriso radiante.

"Parece que você é o único que não está com raiva de mim", comentou com um suspiro, "Talvez Lobo tenha razão e eu deva ficar aqui, cuidando de você, enquanto os outros vão para a guerra." Mas eu já fiz isso uma vez e não gostei do que aconteceu depois.

No entanto, ele teve que admitir que Lobo a conhecia muito bem. Era verdade que seus motivos para se juntar à luta contra os bárbaros eram principalmente pessoais. Ele queria recuperar sua herança, mas acima de tudo queria se vingar dos bárbaros por tudo que o fizeram sofrer. Talvez ela devesse começar a se comportar de maneira diferente para que Lobo visse que ela estava disposta a mudar para se juntar aos rebeldes.

E ele tentou. Até o Lobo percebeu. Começou a treinar com os soldados para aprender a manejar uma espada e à noite sentava-se com eles ouvindo histórias de batalhas. Ele obedecia até a menor ordem de seu mentor, nunca mais mencionando a primavera da eterna juventude ou fugindo para a aldeia por conta própria.

No entanto, havia duas questões que ainda exigiam um pouco de sua atenção e que a diferenciavam das demais, impedindo-a de se integrar plenamente ao grupo.

O primeiro deles foi, naturalmente, Uri. Agora que começara a aprender algumas palavras, Viana, entusiasmado com o seu progresso, passou muito tempo com ele, ensinando-o a comportar-se e, sobretudo, a falar. E, pouco a pouco, o jovem começou a se fazer entender. Ele aprendeu termos de uso diário e começou a construir frases simples. Viana perguntou-lhe qual era o seu nome verdadeiro e de onde vinha. À segunda pergunta, Uri respondeu

que tinha vindo da floresta, mas não conseguiu ser mais preciso. Ao outro, porém, respondeu, intrigado, que, claro, se chamava Uri.

"Você sabe," ele disse a ela magoado, como se não entendesse por que seu amigo parecia ter esquecido seu nome de repente.

"Não, não", respondeu Viana. Uri é o nome que te dei. Mas você deve ter tido o seu próprio... antes de me conhecer.

O menino olhou para ela sem entender, e Viana continuou esperando que ela pudesse responder quando soubesse falar melhor.

Ele também perguntou sobre seu passado e as pessoas que ele deixou para trás, mas Uri também não parecia ter nada para lhe dizer.

"Eu na floresta," ele explicou pacientemente.

"Sim, mas... você não tem amigos?" E família?

"Família na floresta," Uri insistiu. Amigos, vocês", concluiu com um sorriso radiante.

Viana estava cada vez mais convencido de que o pobre Uri havia perdido completamente a memória. Suas primeiras lembranças remontavam ao momento em que o encontrou na floresta. Todos os itens acima foram apagados de sua mente, talvez para sempre.

No entanto, a menina continuou tentando descobrir mais. Assim, uma noite, sentado perto do fogo, perguntou-lhe em sussurros:

"Uri, por que você está aqui?"

"Com você", ele respondeu, como se fosse óbvio.

"Não, quero dizer... onde você estava indo quando eu te encontrei?" Por que você estava nua no meio da floresta?

Os olhos verdes de Uri pareceram sair de foco por um momento, como se estivessem se lembrando de algo distante.

-Eu começo; mas as palavras lhe faltaram. Eu estou indo longe," ele disse finalmente.

-Onde? insistiu Viana. Você se lembra?

"Aqui", concluiu. Parecia que ele queria explicar mais a ela, mas não sabia como.

"Não se preocupe", ela o tranquilizou. Você me dirá mais tarde, quando puder. Se você puder," ele adicionou calmamente.

O progresso de Uri, no entanto, não o fez esquecer o assunto que o mantinha ocupado e que ele suspeitava que acabaria por arruinar seus esforços para ser aceito como membro do grupo de rebeldes.

Não conseguia parar de pensar em Greystone, agora nas mãos dos bárbaros, e em todas as coisas que havia deixado para trás. Fazia muito tempo que não sentia falta dos vestidos, do alaúde ou dos bordados. Nem mesmo o conforto de seu quarto ou as refeições fartas que ela e seu pai costumavam desfrutar em tempos melhores. Até a época em que ele lia para ela aqueles romances de romance e cavalheirismo que ele tanto amava parecia ter sido esquecida.

No entanto, se tivesse conseguido resgatar algo de tudo o que havia perdido, sem dúvida teria escolhido as joias de sua mãe, a única lembrança que lhe restava dela. Pensou muito naquele estojo de veludo que havia escondido debaixo de uma laje debaixo da cama. Ela se perguntou se os bárbaros o haviam encontrado, e se o tivessem encontrado, o que havia acontecido com aquelas joias que eram tão preciosas para ela. E ele imaginou uma e outra vez esgueirando-se em seu antigo quarto para recuperá-los.

Ele imaginou isso tantas vezes que chegou um momento em que ele sabia que não demoraria muito para ele fazer isso de verdade. E quando ela chegou a esta conclusão, ela suspirou com pesar.

Porque ela sabia perfeitamente que, se executasse seu plano, Lobo nunca a admitiria nas fileiras dos rebeldes.

Então ele hesitou mais alguns dias antes de tomar a decisão final. Sim, ela iria para casa buscar as joias de sua mãe. E teria que fazer em segredo porque, se conhecesse seus planos, Lobo não permitiria. Como tantas outras coisas, ele reconheceu amargamente. É verdade que este é um empreendimento perigoso, ela pensou, e que ele está certo quando diz que tudo o que planejo tem seus riscos... como ir ao Festival das Flores ou buscar a primavera da eterna juventude. Mas são coisas que eu quero fazer, e que ninguém vai fazer por mim. Ela estava bem ciente de que se ela não voltasse para casa para pegar as joias da família, ninguém mais iria. E ele não podia deixá-los perdidos para sempre. A mera ideia de uma mulher bárbara usando o colar de esmeraldas de sua mãe no peito o fez ficar de cabelo em pé; além disso, ele sabia que aquelas peças poderiam sofrer um destino pior: poderiam desmontá-las, derreter o ouro e a prata e vender as pedras para qualquer comerciante. Séculos da história de sua família passaram por aquelas joias.

"Eu vou buscá-los", ele resolveu. "Mesmo que Lobo me proíba de me juntar ao exército rebelde depois."

Assim que decidiu, sentiu-se muito melhor e começou a planejar sua fuga. Parecia muito arriscado viajar para Greystone sozinha, mas ela também não sabia a quem pedir para ir com ela. Lobo, claro, estava fora. Dorea não seria de muita utilidade para ele; além disso, embora a velha enfermeira soubesse muito bem o valor daquelas joias para ela, ela acharia seu plano muito perigoso. Garrid era uma boa escolha, mas estava muito envolvido na organização do exército rebelde e não adiaria a tarefa sem uma boa razão.

Por um momento, Viana brincou com a ideia de ir com Uri. Ela se sentia à vontade com ele e sabia que se deixasse o acampamento e o deixasse para trás, mesmo que por alguns dias, sentiria muita falta dele. Mas o bom senso venceu, e a jovem percebeu que fora dos limites da floresta, Uri chamaria muita atenção. Além disso, ele sabia que Dorea cuidaria bem dele.

Então Viana optou por falar com Airic. Ele hesitou muito antes de tomar essa decisão, pois o menino ainda era muito jovem e, se aceitasse, provavelmente teriam que sair sem pedir permissão à mãe. No entanto, Airic mostrou desenvoltura e desenvoltura, e era disso que Viana precisava. Ele não pretendia tomar o castelo à força, mas entrar nele por algum tipo de ardil. E um garoto como Airic despertaria menos suspeitas do que um adulto.

Então, uma tarde, Viana e Uri se aproximaram do menino, que esculpia flechas.

"Airic, você tem um momento?" Gostaria de lhe propor algo.

Ele imediatamente parou o que estava fazendo.

"Claro, minha senhora, é claro.

"Não, não, você pode continuar com seu trabalho", ela o tranquilizou. Eu só preciso que você me escute e me dê uma resposta, ok?

Airic assentiu, intrigado.

"Não sei se você sabe que tive que sair de casa meio apressado", começou Viana. Não me refiro a Torrespino, mas à casa de meu pai, o duque de Corven de Rocagris, que tombou na batalha contra os bárbaros. Pois bem... Harak deu a propriedade da minha família para um dos seus, e eu gostaria de voltar para recuperar algo que deixei escondido lá.

Apesar das instruções de Viana, Airic não pôde deixar de colocar as flechas de lado para olhá-la com olhos brilhantes.

"Voltar para Greystone, minha senhora?" De que maneira? E o que é que você quer ir procurar? Se você pode perguntar," ele acrescentou rapidamente, temendo ter sido muito indiscreto.

Viana sorriu.

"É sobre as jóias da minha mãe, que ela descanse em paz", ele respondeu. Eles significam muito para mim, e não quero que caiam nas mãos de bárbaros.

"Claro que não," Airic concordou, chocado com a ideia. Vamos encontrá-los, minha senhora. Vamos atacar o castelo?

"Temo que não, Airic. Wolf não vai querer descobrir nossa força tão cedo, nem vai concordar que eu vou pegar de volta o que é meu, então terei que fazer isso sozinho. Conheço bem o castelo onde cresci. Encontrarei uma maneira de entrar e sair sem ser visto. Mas vou precisar de alguém para vir comigo. Você gostaria de fazê-lo?

"Claro, minha senhora!" O menino respondeu, pulando. Você já sabe que pode contar comigo para o que for preciso! Eu sou seu servo mais leal e sincero.

"Não tenho dúvidas", sorriu Viana, emocionado. Mas será perigoso, e me pergunto o que vou dizer à sua mãe se algo acontecer com você.

"Sou quase um homem", respondeu ele, um tanto ofendido. Eu sei cuidar de mim, e minha mãe tem que aceitar isso.

Viana tinha algumas dúvidas sobre isso, mas logo a descartou ao ver o entusiasmo dele. Ele fez uma pausa para pensar nos detalhes de seu plano. Seu olhar parou em uma extremidade do acampamento, onde pastavam vários cavalos que os rebeldes haviam roubado dos estábulos de Robian. Eles haviam sido usados em um ataque recente e, tanto quanto Viana sabia, não tinham intenção de organizar outro por vários dias. Uma ideia passou pela sua cabeça.

"Você pode andar a cavalo?" perguntou Airic.

Ele hesitou.

“Não muito bem, mas posso aprender à medida que vou.

Viana desconfiava que ela realmente não sabia montar. Não era estranho, ser um menino de origem humilde.

"Isso deve bastar", suspirou Viana. Se formos a pé, vai demorar muito mais. Mas Rocagris está a dois dias a cavalo. Precisaremos, portanto, de provisões e montarias para a viagem. Pediremos emprestados alguns cavalos — acrescentou ele calmamente.

Ele estremeceu ao dizer isso. Ele não podia acreditar que finalmente estava voltando.

Airic seguiu a direção de seu olhar e imediatamente entendeu quais eram seus planos. Ele assentiu.

"Então ele não vem com a gente?" ele perguntou, apontando para Uri.

"Não, ele não vem. As pessoas notariam sua aparência, e nos convém passar despercebidos.

"Melhor", disse o jovem, satisfeito.

Uri olhou para eles alternadamente, tentando entender a conversa. Ao deixarem Airic, prometendo se encontrar novamente à noite para finalizar os preparativos, Uri caminhou em direção a ela, hesitante.

-Sua viagem? ele perguntou. Onde?

"Casa", ela respondeu, sorrindo.

-Casa? Uri repetiu, apontando ao redor dele.

“Não, Uri, esta não é minha casa. Algumas pessoas me expulsaram da minha casa, e agora eu quero voltar.

"Eu... eu não vou com você?"

“Não, Uri, não desta vez. Mas não se preocupe; voltarei em breve. Eu não vou embora para sempre.

"Para sempre," repetiu Uri, saboreando a expressão. Por que… eu não vou com você?

Viana parou, tentando organizar suas ideias. Demorou para explicar.

"Porque você é diferente", disse ele, acariciando seu cabelo estranho. E eu vou para um lugar onde há muitas pessoas. Pessoas como eu e Airic. Mas não como você.

Uri estreitou os olhos e considerou esta informação.

-Pessoas como você? Muitos? -Ele queria saber. Ele olhou ao redor do acampamento e pareceu surpreso ao descobrir que havia mais pessoas em algum lugar. Mais pessoas, além daquelas que ele conhecia.

"Muitos mais", confirmou Viana.

Uri levantou a cabeça decididamente.

"Eu vou com você", afirmou.

"Não Uri, você não pode. Nesta viagem não preciso que ninguém me note. Não deixe ninguém olhar para mim," ela tentou explicar. E você é diferente. As pessoas vão olhar para mim. E não poderei me esconder dos meus inimigos.

-Inimigos? Ury repetiu.

"Pessoas más", definiu Viana; Ela pensou que teria que explicar isso também, mas para sua surpresa, Uri assentiu lenta e seriamente, como se entendesse o conceito ainda melhor do que ela.

"Pessoas más", ele repetiu.

Pegou na mão de Viana e levantou-a para contrastar com a sua. Ele costumava fazer isso com frequência: combinar pele com pele para ver as diferenças entre o dele, marrom e mosqueado, e o dela, que era branco e fino, mas bronzeado pela vida ao ar livre.

"Pessoas más... não devem olhar."

"Estou feliz que você entenda," ela disse honestamente.

Mas ele parecia angustiado, e Viana não sabia se era pela separação iminente ou pelo fato de haver pessoas más das quais se esconder.

"Eu estarei de volta, realmente," ele prometeu a ela. Serão apenas alguns dias.

Uri pegou as mãos dela e pediu que ela olhasse nos olhos dele.

“Eu... eu tenho que ver.

"O que você tem que ver?"

"Pessoas más", ele respondeu.

"Pessoas más?" ela repetiu com surpresa. O que você está falando? Aos meus inimigos, os bárbaros? Ou você também tem inimigos?

Uri parecia confuso, e Viana percebeu que ele não havia entendido bem a pergunta.

-Eu viajo. Casa de muitas pessoas. Dos inimigos.

"Você quer sair da floresta", Viana entendeu. onde há mais pessoas. Onde estão os bárbaros? Por quê? Para que?

Mas a resposta do menino foi tão estranha que ele não soube interpretá-la: levantou as mãos e virou-se para que ela o visse claramente.

"Eu não entendo, Ouri.

Ele balançou a cabeça, como se desistisse de tentar explicar para ela. E Viana não insistiu.

Airic e Viana organizaram a viagem de forma rápida e discreta, e apenas três dias depois, ao raiar do dia, saíram do acampamento arrastando atrás de

si dois cavalos dos rebeldes. Viana sabia que Lobo sentiria falta deles, mas esperava que ele não adivinhasse o que estava fazendo até que estivessem bem longe. Ele se perguntou mais uma vez se não era um plano maluco. Mas não parecia muito mais perigoso do que entrar na Grande Floresta, e afinal não tinha sido tão ruim.

Bem na beira da floresta encontraram Uri, que os esperava.

-O que faz aqui? perguntou Viana, um tanto desconcertado, temendo que o jovem quisesse acompanhá-los.

"Eu... digo adeus," Uri respondeu, acenando com a mão em despedida.

"Eu entendo," ela concordou, tocada por seu gesto.

"Minha senhora, não temos muito tempo", protestou Airic.

“Será apenas um momento.

Ele se aproximou de Uri e, engolindo em seco, afastou o cabelo do rosto com uma carícia.

"Não se preocupe comigo, Uri. Eu vou voltar, eu prometo. Seja bom e cuide de todos, ok?

-Você volta. E você ensina. Eu falo melhor. E eu posso falar com você.

-Você quer falar comigo? O que você quer me dizer?

"Muito", disse ele com fervor, e Viana entendeu que ele se sentia frustrado e limitado por seu conhecimento limitado da língua.

Seu coração batia um pouco mais rápido. Isso significava que Uri estava começando a se lembrar de pedaços de seu passado perdido? Ele brincou com a ideia de adiar sua viagem, mas percebeu que não podia deixar passar a oportunidade de partir agora que tudo estava pronto.

"Claro, Uri", disse ele. Eu voltarei e continuaremos praticando, e você me dirá muitas coisas.

"Depois", continuou ele, "vamos à casa de muita gente."

Viana não teve tempo de discutir com ele ou dizer-lhe que, com a sua aparência, era mais provável que nunca conseguisse sair da floresta.

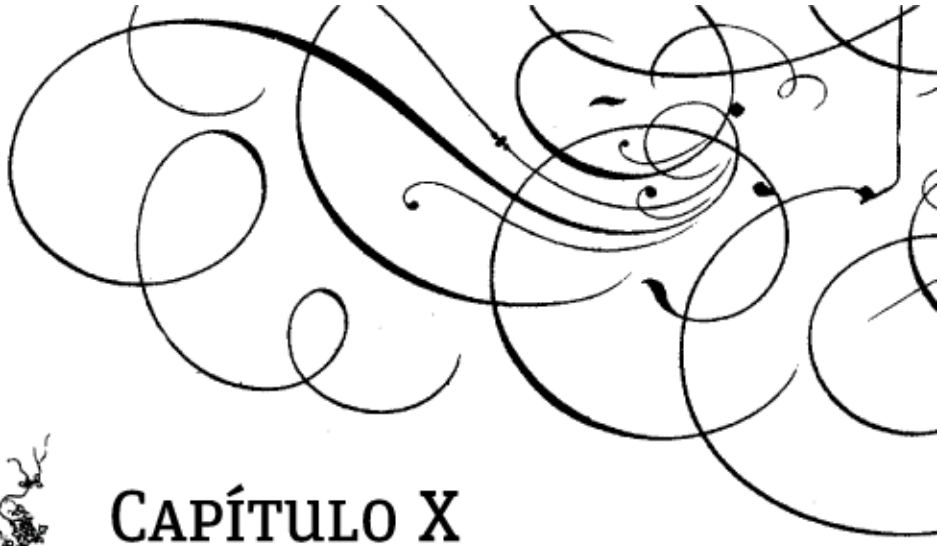
"Claro, Ury. Quando volte.

"Você volta," ele repetiu, e a abraçou com força.

Viana enterrou a cabeça no ombro dele, diante do olhar de desaprovação de Airic, e permitiu que ele a abraçasse por um breve momento.

"Eu estarei de volta," ele prometeu a ela.

Então os dois se separaram - suas mãos entrelaçadas por um momento antes de se libertarem completamente - e a garota virou as costas para a madeira, e o menino que ela havia encontrado nela, indo para a casa da família, sem ter certeza se ela seria capaz de faça isso, mantenha sua promessa.



Capítulo X



Que trata de
puercos, joyas
y viejas amistades.

AIRIC E VIANA voltaram à civilização, embora viajassem com cautela, tentando não ser muito vistos; afinal, Viana ainda era um fora-da-lei. Mas mesmo assim, ele podia se passar por qualquer menino e viajar livremente pelas estradas, até cumprimentando os camponeses que passavam em suas carroças. Ela sempre usava o capuz puxado para baixo sobre os olhos, e teve sorte que o tempo não estava totalmente favorável, com nuvens e garoa leve, pois teria parecido estranho vê-la coberta de sol brilhante.

Apesar de tudo isso, Viana sentia falta de Uri e seus amigos da floresta, incluindo Lobo. Sim, era ótimo poder cavalgar a céu aberto, mas às vezes também sentia falta da proteção e segurança do labirinto de árvores em que aprendera a viver.

A viagem transcorreu sem muitos incidentes. Em uma ocasião eles tiveram que se esconder em um palheiro para que uma patrulha bárbara não os descobrisse, e em outra eles escolheram contornar uma grande cidade para evitar que alguém reconhecesse a jovem que havia desafiado o grande rei Harak. Viana sabia que muitas pessoas a apoiavam secretamente, mas também havia outros que não hesitariam em vendê-la aos bárbaros em troca da grande recompensa por sua cabeça.

Finalmente, uma tarde, chegaram aos arredores de Rocagrís. Eles desmontaram em um bosque de bétulas e espiaram por uma curva na estrada de onde seu destino estava à vista.

Viana piscou para conter as lágrimas. Ele havia saído daquele lugar há um ano e meio. Parecia uma eternidade, mas parecia que nada havia mudado. Se alguma coisa, a hera nas paredes havia crescido e ninguém se preocupou em consertar os danos que podiam ser vistos no telhado da torre, provavelmente causados pelas neves do inverno. A garota suspirou. Ele estava ciente de que muitos servos teriam deixado o castelo ao saber do destino de seus mestres. Mas outros ficaram, e Viana esperava que o tivessem feito por lealdade à família. Agora eles obedeciam aos bárbaros que haviam tomado o lugar dos ausentes, mas talvez um pingo de lealdade à memória do duque permanecesse neles. Em um momento de dificuldade, a

cumplicidade de um servidor pode ser a chave para o sucesso de sua empresa.

"O que vamos fazer, minha senhora?" perguntou Airic.

Viana demorou a responder. Ele ainda olhava para o castelo, tentando não se deixar levar pela melancolia. O portão ainda estava aberto; eles não a fechariam até o anoitecer. No entanto, havia um guarda postado na entrada, coçando a barba indolentemente. Viana mordeu o lábio inferior pensativamente.

"Vou pensar em alguma coisa", disse ele finalmente. O importante é não levantar suspeitas. Se pudéssemos entrar ao anoitecer, quando os bárbaros estão jantando, eu poderia chegar ao meu antigo quarto sem que ninguém percebesse. Mas para isso eu tenho que estar lá dentro antes que as portas se fechem.

Airic não respondeu, apenas a encarou, acreditando cegamente nela. Viana sentiu-se um pouco desconfortável, embora tentasse não demonstrar. Era verdade que ele tinha chegado tão longe sem um plano; no entanto, ele estava confiante de que encontraria uma maneira de realizar seus propósitos. O que estava claro para ele era que não colocaria Airic em perigo; ele só o havia trazido para apoio e não tinha intenção de fazê-lo entrar em uma fortaleza cheia de bárbaros.

Naquele momento, o som de uma buzina ressoou pela floresta que trouxe uma infinidade de lembranças para Viana: tardes de inverno junto à lareira, tardes de verão no quintal, tardes de outono em frente à janela, vendo o pôr do sol. Essa buzina soava apenas à tarde. Que era?

Ela se virou, pronta para desvendar o mistério, e se dirigiu para as bétulas.

Logo ela ouviu o mesmo som, e desta vez ela o reconheceu apenas um instante antes que um rebanho de formas escuras se espalhasse pela lateral de uma pequena colina.

"Eles são apenas porcos", disse Airic desapontado.

Mas Viana sorriu. Um cão mestiço apareceu latindo atrás do rebanho, e atrás dele, assobiando, ainda com o chifre pendurado no cinto, caminhava o porqueiro, um menino alto, magro e ruivo.

"Eles são muito mais do que porcos", disse a jovem. Eles são a nossa passagem para o castelo.

Ele se aproximou do menino que cuidava dos animais. Entre a sombra das árvores e a penumbra do entardecer, era fácil confundir a herdeira de Rocagris com qualquer camponês.

"A quem esses porcos pertencem, garoto?" ele perguntou, escondendo sua voz.

O porqueiro olhou para ela com desconfiança.

“Uma vez eles pertenceram ao duque Corven, mas agora eles pertencem aos bárbaros. Quem quer saber?

"E como é que existem tão poucos?" Viana continuou perguntando, ignorando sua demanda. Lembro-me de uma manada de mais de três dúzias de animais. Você negligenciou sua lição de casa, garoto?

"Eu não sei o que significa 'negligente'", ele respondeu mal-humorado, "mas se você quer saber se eu perdi porcos, não, não é minha culpa. Esses malditos bárbaros comem porco assado todas as noites. Tentei explicar a eles que porcos não crescem em árvores, mas eles não me ouviram. Ele suspirou mal-humorado. Em breve não terei mais rebanhos para cuidar, então o que será de mim? Mas isso, o que importa para você?

Viana então saiu das sombras e se mostrou abertamente ao garçom.

"É natural que eu tenha interesse em preservar o que é meu", respondeu com orgulho.

O porqueiro olhou para ela inexpressivamente por um momento.

Então, finalmente, ele descobriu sua amante naquele disfarce masculino, e ele se lançou diante dela.

"Perdoe-me, minha senhora!" ele implorou. Eu não sabia quem você era.

Rio Viana.

"E é melhor assim", disse ele. Não teria dito muito sobre meu disfarce se você tivesse me reconhecido." Ele fez uma pausa para lembrar seu nome. Você é Vauc, certo?

"Sim, minha senhora," ele respondeu, ficando vermelho. Estou honrado que você se lembre de mim.

Viana achava que não havia nada de especial nisso. Ela havia brincado de perseguir os porcos inúmeras vezes quando criança. No entanto, para Vauc, aquela garota travessa havia se tornado, apesar de suas roupas humildes, uma mulher inatingível.

"Por que você voltou?" disse o porqueiro. Se eles descobrirem você, eles vão te matar!

"Você não vai nos entregar, não é?"

-EU? Nem por todo o ouro do mundo! Que todos os bárbaros morram escaldados em óleo fervente e tenham suas partes íntimas arrancadas com pinças em brasa! ele amaldiçoou e cuspiu para reforçar suas palavras. Depois pareceu arrepender-se de ter sido tão rude e olhou para Viana com o canto do olho. Mas ela estava sorrindo.

"Bom," ele disse, "porque vou precisar da ajuda de alguém muito leal. Você está disposto a me dar uma mão?

Vauc olhou para ela com algum medo. Viana adivinhou que, embora ainda fosse fiel à família, também não estava muito disposto a arriscar a pele. Era lógico. Se fosse assim, ele não teria ficado para trabalhar para os bárbaros. Mas ela não podia culpá-lo.

"Você não deveria ter que enfrentá-los", ela o assegurou. Apenas me empreste o rebanho por um tempo. Se fizermos direito, ninguém saberá que estive aqui.



Assim, enquanto o sol se punha no horizonte, a manada de porcos deslocou-se com alguma desordem para o portão do castelo. O guarda endureceu ao ver o menino que os conduzia.

-Ei você! -eu chamo-. Onde está o porqueiro?

"O meu primo Vauc teve de regressar à aldeia de repente... de repente", corrigiu-se Viana. A mãe dele, quer dizer, minha tia, está doente, sabe? Então ele me pediu para trazer os porcos de volta em seu lugar.

O guarda a olhou de cima a baixo. Viana tentou manter a calma, tentando resistir à luz. Ela estava com o capuz levantado, mas também não queria puxá-lo muito alto, caso o bárbaro suspeitasse dela.

"Você não perdeu nenhum porco, perdeu?"

Viana tentou parecer adequadamente assustado.

"Espero que não, senhor", ele respondeu.

"Bom, porque você vai responder com dez chicotadas para cada animal perdido." E diga ao seu primo que estou economizando mais dez para ele abandonar o posto.

"Claro, senhor", concordou Viana, desta vez muito preocupado; quando o duque de Corven governava o domínio, nenhum servo teria sido açoitado por cuidar de sua mãe doente. Ela esperava que fosse apenas uma ameaça e que Vauc não tivesse problemas em ajudá-la.

Entrou no castelo com o rebanho — teve que correr atrás de um porco desgarrado, mas conseguiu recolocá-lo no lugar — e, sem parar para olhar em volta, levou-o até o chiqueiro e fechou a porta, esperando não ser visto, teria enganado qualquer animal ao longo do caminho. Vários servos olharam para ela, mas felizmente para ela, todos eram novos e nenhum deles a conhecia. Ele puxou o capuz para baixo e foi para a cozinha.

Ele esperava que haveria muita atividade ali, já que era hora de preparar o jantar, e não se enganou. Ela estava em um canto escuro, como se não se atrevesse a entrar, e Cook poupou-lhe um breve olhar.

"Quem é você, rapaz?"

"Um amigo de Vauc, o porqueiro", ela respondeu. Trouxe os porcos em vez disso. Ele teve que ir para a cidade.

-Outra vez! A cozinheira riu. O mestre ficará muito zangado quando descobrir. Bem, rapaz, sente-se à mesa e não se incomode. Eu vou te dar um jantar quando eu terminar.

Viana obedeceu. Ele passou um momento observando os servos se movendo. Dois ou três dificilmente lhe eram familiares, e o cozinheiro também era novo. Ele respirou fundo e tentou não chamar a atenção. Era costume reservar um lugar à mesa para garçons, entregadores e mensageiros

se chegassem ao castelo tarde demais para voltar para casa para comer. Viana sabia disso e esperava, portanto, que ninguém ficasse surpreso ao ver um menino desconhecido ali. No entanto, e embora fosse improvável que alguém a reconhecesse, ela precisava ter cuidado.

Ele comeu rapidamente o prato de ensopado que lhe foi servido e se despediu imediatamente. Ninguém prestou atenção nele: estavam terminando o jantar e tinham coisas mais importantes em que pensar.

Então ele saiu rapidamente da cozinha, despercebido, e deslizou silenciosamente pelo corredor que levava às escadas. Ele sabia que todos os bárbaros estavam reunidos no corredor e esperava poder chegar ao seu antigo quarto no andar de cima sem esbarrar em ninguém. Nisto ele confiava; Caso contrário, teria sido muito difícil para ele explicar o que o primo do porqueiro estava fazendo nos aposentos dos senhores.

Ele parou por um momento ao pé da escada para ouvir as vozes altas que vinham do corredor e tentou entender suas palavras. Pareciam celebrar a notícia de que em breve haveria outra guerra. Viana arriscou ficar mais um tempo ali para receber mais informações. Os bárbaros falavam de uma nova campanha que começaria no final do verão, quando o vento frio do norte sopraria novamente. Era bem sabido que as guerras tinham de ser iniciadas na primavera, mas os bárbaros lutavam melhor no inverno; assim, enquanto as primeiras geadas esfriavam os ânimos do exército do sul, os homens de Harak lutavam com força renovada.

Viana escapou para o andar de cima, pensando no que acabara de ouvir. Ele sabia que os reis do sul haviam feito um pacto com Harak para evitar uma guerra. No entanto, essa paz era apenas aparente. Se descobrissem o que os bárbaros planejavam, pensou Viana, certamente se juntariam ao exército rebelde. Ele tinha que se lembrar de passar essa informação para Lobo.

Mas isso teria que esperar. De momento, Viana tinha pela frente uma tarefa delicada e tinha de se concentrar nela.

Não foi difícil para ele chegar ao último andar. Como ele suspeitava, tanto os mestres quanto os servos do castelo estavam dentro e ao redor do salão.

As lembranças a assaltaram dolorosamente enquanto ela caminhava pelos cômodos do que tinha sido sua casa. Por um momento, ela teve vontade de se despir daquelas roupas masculinas, vestir um de seus vestidos velhos e correr para o quarto para se jogar na cama de dossel. Em seguida, ela se preparava para o jantar e descia para a sala de estar, onde seu pai estaria esperando por ela e um delicioso cisne assado estaria esperando na mesa. E falavam de coisas inconsequentes, e no final, como sempre, ele comentava como faltava pouco para o casamento de Viana com Robian.

Robian. Pensar nele trouxe a garota de volta à realidade, cerrando os dentes e balançando a cabeça. Não. Nada jamais seria o mesmo novamente. Os velhos tempos ficaram para trás.

Enquanto caminhava pela galeria, onde estavam pendurados os retratos dos membros mais ilustres de sua linhagem, seus olhos caíram sobre o brasão de Greystone que adornava o manto de um deles. Embora o pai o exibisse com orgulho, Viana sempre o achara muito sóbrio: não continha nada mais do que um roque de ouro sobre um campo de prata. No entanto, naquele momento ela entendeu que ela, como sobrevivente da linhagem de Greyrock, era a única com direito a portar aquele distintivo. Ela jurou a si mesma que de alguma forma a recuperaria, junto com o castelo e todo o domínio.

De alguma maneira.

Suprimindo um suspiro, ele abriu a porta de seu antigo quarto e entrou...

…Descobrir que ela já estava ocupada.

Viana parou na entrada, paralisado de pânico; Dentro do quarto, uma jovem de camisola engasgou enquanto olhava para ela com horror.

"Quem é você, garoto, e como você se atreve a invadir meu quarto assim?" a garota exigiu em uma voz aguda, modestamente cobrindo-se com os dois braços.

"Eu... eu..." Viana conseguiu dizer. Eu estava procurando as cozinhas e...” Ela parou um momento para olhar para a senhora. Não pode ser. Belize? ela perguntou, incrédula.

Ela soltou uma exclamação furiosa.

"Você ainda está aí?" Saia daqui, seu patife insolente, ou chamo meu marido para fazer um casaco com sua pele!

"Isso deve doer", murmurou Viana, intrigado e divertido na mesma medida.

Era Belicia de Valnevado, naturalmente. Embora ela fosse mais magra e pior em geral. Os círculos escuros que sublinhavam seus olhos se destacam contra a palidez de mármore de seu rosto. O cabelo, que Viana se lembrava como uma massa viva e rebelde de cachos castanhos, agora encaracolados sobre os ombros, sem graça, sem graça. O sorriso que surgiu nos lábios da intrusa foi rapidamente apagado quando ela viu que a adversidade havia deixado uma marca profunda na amiga.

"Belicia, o que aconteceu com você?" -Eu pergunto.

Então ela reconheceu a voz dele e olhou para ela como se tivesse visto um fantasma.

"Mas você... você..." ele gaguejou.

"Sou eu, Belize. Viana. Você se lembra de mim, sério?

Belicia explodiu em gargalhadas histéricas regadas com lágrimas de alegria e nervosismo.

"Como posso não me lembrar de você, bobo?"

Os dois amigos se fundiram em um abraço.

“Você cheira a estábulo,” Belicia disse, franzindo o nariz.

"A um chiqueiro, sim", apontou Viana. Mas eu sou um fora-da-lei; Não posso pagar banhos quentes ou vestidos bonitos.

Belize suspirou. Ele se separou dela e a olhou criticamente.

"Meu Deus, Viana, você se parece com qualquer outro jovem", disse-lhe. Com essas roupas... se você pode chamar de roupas... E o que aconteceu com seu lindo cabelo?

Viana fez uma careta.

"Eu tive que ficar sem ela", ele respondeu. Mas por mais estranho que possa parecer para você, não sinto falta dela. O cabelo curto é muito mais prático.

— Pode ser, mas não é nada atraente.

"E por que eu quero ser atraente?" Viana riu. Para iluminar os olhos de alguém como Robian?

Fez-se um silêncio entre os dois.

"Aquele desgraçado," Belicia sibilou então. Eu não entendo como ele pode te deixar assim. Mas conte-me sobre suas aventuras, por favor — acrescentou ela, mais animada; Ele pegou as mãos dela e a fez sentar na cama ao lado dela. Todo mundo fala de você. É verdade que você tentou derrubar o rei Harak sozinho?

"Foi uma má ideia", respondeu Viana, incomodado. Eu não tenho certeza do que está sendo dito sobre mim, mas eu quase prefiro não saber. E você? O que você está fazendo aqui?

Uma sombra cruzou o rosto expressivo de Belicia.

-Não te lembras? Eles nos casaram com dois horríveis guerreiros bárbaros. Você fugiu do seu marido. não consegui. Eu nem me atrevi a tentar.

Duas lágrimas quentes e solitárias rolaram por suas bochechas.

E então Viana entendeu de repente o que Belicia estava fazendo ali, em seu antigo quarto, na casa de sua família.

"Você é a nova dama de Greyrock?" ele murmurou. Seu marido... ele é o bárbaro a quem Harak presenteou parte dos domínios de meu pai?

Belize assentiu.

"Até recentemente vivíamos em Valnevado", suspirou. Não foi tão ruim porque pelo menos eu não precisei sair de casa, como você... chegamos aqui... bem, as coisas não mudaram, melhoraram, mas de certa forma foi um alívio. Espero que você não se importe que eu peguei seu quarto," ela adicionou timidamente. Isso me lembrou muito dos velhos tempos... Quantos momentos felizes passamos aqui, lembra? Entre piadas e risos, sonhando com um futuro brilhante...

Sua voz falhou e ele foi incapaz de continuar falando. Viana, consternado, abraçou-a para que ela chorasse em seu ombro. Desta vez, Belicia não se importou com o cheiro ou a sujeira na roupa de sua amiga. Ela chorou por um longo tempo, grata por finalmente ter alguém em quem confiar em um ambiente tão hostil.

"Belicia, sinto muito... sinto muito", murmurou Viana.

"Foi horrível", ela deixou escapar. No começo, Heinat visitava minha cama todas as noites... todas as noites", ela repetiu, suas lágrimas redobrando. Mas eu não queria dar a ele um herdeiro... então eu fugi e fui ao herbolário buscar raiz virgem...

"Raiz Donzela?"

"Você sabe o que é, não é?" Se você tomar regularmente, evita que você engravide. Eu sei que outras senhoras de Nortia estão tomando também," Belicia adicionou, um brilho febril em seus olhos cansados. É a nossa pequena rebelião, sabe? Não podemos lutar contra bárbaros em batalha, mas cabe a nós impedir que nossos úteros gerem seus bastardos.

Viana estremeceu. Ela conseguiu ficar virgem graças aos truques de Dorea, mas a pobre Belicia não teve tanta sorte. Ela havia evitado engravidar, sim, mas a que custo? Viana conhecia os efeitos da raiz virgem. Aqueles que abusaram dela correram o risco de serem estéreis por toda a vida. As mulheres eram conhecidas por morrer, lentamente envenenadas pela mesma planta que matava qualquer chance de uma nova vida germinar dentro delas. O que Belicia estava fazendo era muito corajoso... mas muito arriscado.

No entanto, no fundo ela entendia a amiga e tantas outras senhoras que compartilhavam da mesma prática. A maioria dos homens de Nortia havia morrido na guerra. Muitos preferiram que sua linhagem morresse com eles em vez de contaminá-la com sangue bárbaro.

-E o que aconteceu? ele perguntou baixinho, com um estremecimento.

-Nós vamos. Naturalmente, meu marido me bateu por fugir," respondeu Belicia, rindo sem alegria. Mas ele não encontrou o saquinho de raiz virgem. Portanto, ainda não lhe dei o herdeiro que ele tanto deseja. Nem eu nunca vou dar a ele," ela concluiu ferozmente.

Viana sentiu um novo calafrio. Aqui estava o exemplo do que sua vida teria sido se não tivesse escapado de Holdar... ou se não tivesse contado com a ajuda de Dorea nos momentos mais difíceis.

"E sua mãe, Belicia?" ele perguntou suavemente. Ela mora aqui com você ou foi forçada a ficar em Valnevado?

Os olhos da garota se encheram de lágrimas novamente. Viana não se lembrava de tê-la visto chorar tanto.

"Minha mãe morreu no inverno passado," Belicia respondeu calmamente. Agora estou sozinho... com os bárbaros.

"Oh, Belicia, sinto muito", sussurrou Viana, abraçando-a com força. Eu realmente sinto muito. Se eu soubesse o quão ruim você está tendo...

"Mas isso acabou, certo?" Belicia respondeu, separando-se dela para olhá-la com olhos brilhantes. Porque você veio para me resgatar.

-Que? Viana desabafou. Belicia, eu nem sabia que você estava aqui. Na verdade, eu vim aqui..." Ele parou. De repente, parecia indecente revelar

que ela havia voltado para pegar algumas joias, não importa o valor sentimental que isso tivesse para ela. E ela estava envergonhada por ter se lembrado de ir procurá-los, em vez de se preocupar em descobrir o que havia acontecido com sua melhor amiga.

— É verdade, você não sabia que eu morava na sua casa e ocupava o seu quarto. Belicia soltou uma risadinha nervosa. Mas então por que você veio?

Viana suspirou e contou para ele, supondo que Belicia ficaria brava com ela. No entanto, sua história conseguiu provocar um sorriso animado.

-Que emocionante! Então você se fez passar por um porqueiro para entrar no castelo de sua família, que lhe foi tirado injustamente, para que você possa recuperar as joias de sua mãe, que você escondeu antes de ser levada a um destino terrível! É tão romântico... Vamos, Viana, o que você está esperando? Vamos ver se eles continuam onde você os deixou!

Deixando-se contagiar pelo entusiasmo dele, Viana passou a afastar a cama. Os dois se curvaram sobre a laje solta e a removeram com emoção reprimida. Viana meteu a mão no buraco e tirou-o com o estojo de veludo que ali escondera há um ano e meio.

"Viana, você conseguiu!" exclamou Belicia. Você preservou o legado de sua mãe da ganância dos bárbaros! Posso vê-las?

"Claro que sim," ela concordou.

Ela cuidadosamente abriu a caixa, e ambos olharam para as joias, fascinados pelo brilho que emitiam à luz das velas. Os olhos de Viana encheram-se de lágrimas ao contemplar o colar de esmeraldas que a mãe usava em ocasiões especiais.

"A duquesa gostava muito deste colar", disse Belicia, adivinhando o que ele estava pensando. Eu o vi usar uma vez, em Normont, durante a celebração do solstício. Ela era muito bonita com ele. Bem, ela sempre foi muito bonita, independentemente do que vestisse.

Viana fez um esforço para voltar ao presente. Ele olhou para Belicia por um momento, sentindo um nó na garganta e uma pontada no coração. Sua amiga era apenas uma sombra da jovem inquieta, alegre e impetuosa que tinha sido. Ele a abraçou com força. Ele a amava como uma irmã. Ele não a deixaria ali, à mercê dos bárbaros. Não faça; agora que a tinha visto, não podia continuar com sua vida como se nada tivesse acontecido, fingindo que nada sabia sobre ela, dando as costas ao fato de que um futuro cheio de miséria a esperava.

"Belicia," ele disse então, escolhendo suas palavras com algum cuidado, "é verdade que eu não vim aqui por você." A verdade é que eu não sabia nada sobre você, mas, sinceramente, estava tão ocupado salvando minha própria pele que não parei para me perguntar o que havia acontecido com você. Mas desde que eu vim...” Ele respirou fundo, “Eu acho que posso tentar resgatá-lo. O que me diz? Você vem comigo?

Belicia olhou para ela com os olhos arregalados.

-Fala sério?

"Bem", Viana tentou apontar, "a gente mora na floresta, sabe?" Não na floresta profunda, claro, mas nos limites... Mesmo assim, nossas cabanas não podem ser comparadas com o conforto de um castelo como Rocagrís...

"Eu não me importo com tudo isso," Belicia interrompeu. Eu faria qualquer coisa para sair daqui e escapar de Heinat... Muitas vezes sonhei em matá-lo a sangue frio, como você fez, mas não ousei...

“Espere, eu não o matei a sangue frio; Foi um acidente…

"... Eu até peguei um frasco de veneno," Belicia continuou ignorando-o, "mas eu nunca usei." Eu estava com medo de que eles suspeitassem de mim...

Ela começou a chorar novamente.

"Vamos, calma", consolou-a Viana. Vou tirar você daqui. Não vou deixar aquele bárbaro sujo colocar as mãos em você novamente.

"Ah, obrigada, Viana," Belicia suspirou. Você não sabe o quanto eu queria que este momento chegasse... Mas eu não tinha ninguém para vir em meu socorro. Todos os homens da minha família morreram na guerra e, por outro lado... não tive nenhum amante que sentisse minha falta.

Viana lembrou então que Belicia se sentia atraída pelo príncipe Beriac desde muito pequena. Naturalmente, o herdeiro de Nortia foi um dos primeiros a cair sob o machado do rei Harak.

"Tenho certeza que ele gostou de você," ela disse a ele com carinho.

— Viana, você sabe que não é verdade.

-Sim que é. A questão é que não pude provar isso para você porque, como príncipe, estava destinado a um casamento arranjado com alguma princesa do sul. Nós dois sabíamos disso.

-Sim, mas…

— Estou convencido de que se as coisas tivessem sido diferentes... se os bárbaros tivessem ficado em sua terra... a sua teria sido uma bela e trágica história de amor impossível. E Oki teria relatado isso aos nossos descendentes durante a noite do solstício.

— Ah, Viana, que legal...

"É muito menos do que você merece." E agora, enxugue essas lágrimas: estamos fora daqui.

Um sorriso iluminou o rosto pálido de Belicia como um raio de sol atravessando um manto de nuvens. Tentando controlar a empolgação, como quando crianças e tramando uma nova travessura, eles se levantaram e encostaram o ouvido na porta para ver se havia alguém por perto que pudesse ouvi-los. Heinat e seus homens ressoaram do andar de baixo, cantando e rindo ruidosamente, como se estivessem em uma taverna.

"Ainda temos tempo", sussurrou Belicia, "mas não devemos ficar confiantes demais. Quanto mais cedo sairmos daqui, melhor.

Viana sentou-se, pensando rapidamente. Ele havia planejado sair pela porta da frente, assim como havia entrado. Mas agora, com Belicia, não

seria possível. Ele olhou pela janela. A noite caiu sobre Nortia, negra como a boca de um lobo.

"Você tem um plano para escapar, não é?" ela ouviu Belicia dizer atrás dela, uma nota de histeria em sua voz. Diga-me que você tem um plano!

"Não se preocupe", murmurou Viana; mas a verdade era que ela não tinha ideia de como tirar a amiga de lá.

A janela era alta demais para pular no vazio. Pela parede, porém, subia uma densa moita de trepadeiras. Nos dias do duque Corven, costumava ser aparado todos os anos, quando chegava o outono; mas Greystone estava abandonado há muito tempo, e desde então ninguém se deu ao trabalho de podar as plantas. Viana olhou para a videira, perguntando-se se poderiam descer até lá. Ela provavelmente seria capaz, mas Belicia teria mais dificuldade. Talvez por isso seu marido não tivesse considerado que aquelas plantas pudessem facilitar sua fuga; A jovem não só não estava acostumada a tais equilíbrios, mas também era uma dama norte-americana: os bárbaros achavam que nenhum deles tinha coragem de tentar tal aventura.

No entanto, mesmo que conseguissem chegar ao chão sem quebrar nenhum osso, ainda teriam que sair do recinto. Viana se perguntou como eles conseguiriam salvar o muro.

Vou pensar nisso quando chegarmos lá, decidiu.

"Belicia, olhe: você acha que pode descer aqui?"

Ela nem precisou olhar pela janela para entender o que sua amiga queria dizer.

"Você não sabe quantas vezes eu pensei sobre isso!" -suspirar-. Mas é muito alto, Viana. Vamos quebrar nossas cabeças.

"Não se tivermos mais pontos de apoio." Vamos, vamos ver o que você tem no peito.

Diante do olhar perplexo de Belicia, Viana arrancou os lençóis da cama e tirou vários vestidos do baú da companheira. Isso, no entanto, não disse nada quando a jovem começou a rasgar as roupas e amarrá-las. Levou apenas alguns minutos para fazer o cordão grosseiro de roupas que serviria como corda. Ele amarrou uma ponta no batente da janela e jogou a outra no vazio. Belicia olhou para ela apreensiva.

"Não sei se vou conseguir."

"Claro que pode", respondeu Viana. Use a videira para segurar e será mais fácil. Ou você quer ser a esposa de Heinat toda a sua vida?

Belicia balançou a cabeça vigorosamente. Então, extraindo força da fraqueza, ela levantou as saias e subiu no parapeito da janela. Ela agarrou a trouxa de roupas com força e se soltou do gancho com uma pequena exclamação de pânico.

Viana segurou-a pelo pulso até ela conseguir se estabilizar.

"Muito bem, e agora desça pouco a pouco", ele instruiu.

Belicia obedeceu, e depois de alguns minutos agonizantes, conseguiu descer pela corda o suficiente para cair no chão sem se machucar.

Viana sabia que eles não tinham muito tempo. Ela colocou a caixa de joias em sua bolsa e desceu a fileira de roupas para se juntar a Belicia no pátio.

-Não acredito! ela sussurrou, tremendo, parte fria, parte emoção. Estamos fugindo! E agora o que fazemos?

Viana a guiou até um canto sombrio ao pé da parede. De lá, ele espiou cautelosamente para estudar o terreno.

Como ele havia adivinhado, o portão de entrada já estava fechado. Sentados ao lado dele estavam dois guardas, jogando dados à luz de tochas. Felizmente, a janela pela qual eles tinham acabado de descer não estava em seu ângulo de visão. E a escada para escalar a parede também.

Ele continuou observando o que estava acontecendo ao seu redor. Não havia ninguém guardando as ameias. No entanto, no momento em que chegassem lá, seriam visíveis para os guardas no portão. Eles teriam que proceder com extrema cautela.

Então ela se dirigiu para os degraus que levavam ao parapeito, gesticulando para Belicia segui-la. As duas meninas deslizaram silenciosamente para a sombra da parede e subiram as escadas.

-Abaixe-se! Viana sussurrou quando chegaram às ameias.

Eles se encolheram contra a parede por um momento, tremendo. Viana ousou levantar a cabeça, mas os guardas ainda estavam imersos no jogo e não perceberam sua presença.

-E agora que? Belicia sussurrou.

"Fique aqui e não faça barulho", respondeu Viana no mesmo tom.

Ele arriscou espiar por cima das ameias e piar como uma coruja uma, duas, três vezes. A seus pés, Belicia se encolheu. Viana rapidamente se agachou ao lado dela antes que os guardas olhassem.

-O que faz? sua amiga sussurrou, aterrorizada.

"Peça reforços", respondeu Viana no mesmo tom.

O grito da coruja, proferido em triplicado, era o sinal de alerta usado pelos bandidos da Grande Floresta. A garota esperava que Airic a ouvisse de onde ele havia acampado, no bosque de bétulas, e a reconhecesse como um grito de socorro.

No momento, porém, ele estava mais preocupado com os guardas. Um deles ergueu os olhos para olhar com curiosidade para o lugar de onde soara o chamado da coruja. Os dois amigos ficaram muito quietos, à sombra das ameias, até que o bárbaro deixou de prestar atenção ao que se passava na muralha.

Então Viana voltou a sentar-se e voltou a ulular alto. Desta vez o guarda não se deu ao trabalho de levantar a cabeça.

As duas meninas esperaram, tremendo de nervosismo e impaciência. Viana, debruçado entre duas ameias, aguardava a chegada de Airic. Se o menino não tivesse ouvido o chamado, eles estavam perdidos.

Seus temores foram dissipados, no entanto, quando, momentos depois, uma sombra rápida e animada deslizou pelo lado de fora do castelo, abraçando a parede. Felizmente, Rocagris não tinha fosso.

"Air! Viana ligou para ele; ela ficou parada por um momento, temendo que os guardas a tivessem ouvido. Mas eles ainda estavam focados em sua partida. Além disso, falaram tão alto que suas vozes abafaram as dos fugitivos.

-Minha senhora! Airic respondeu de baixo. O que você está fazendo aí? Você não ia esperar até o amanhecer?

Esse tinha sido o plano inicial, na verdade: dormir com os outros criados e sair de manhã pela porta da frente.

-Eu mudei de idéia! Viana respondeu entre sussurros. Temos que sair daqui agora mesmo! Vá pegar uma corda e jogue para mim! E traga os cavalos também!

Airic assentiu e desapareceu nas sombras da noite. Belícia e Viana amontoaram-se na passarela, abrigados pelas ameias, e esperaram tremendo até que, pouco depois, ouviram três pios da coruja.

"É isso", disse Viana aliviado.

Ele respondeu com o mesmo sinal, sem tirar os olhos dos guardas. Mas eles pareciam ter se acostumado com a presença da coruja que aparentemente havia visitado o castelo naquela noite, porque eles não se incomodaram em olhar para cima.

Apenas um instante depois, uma corda presa a um contrapeso subiu acima da parede. Viana apanhou-a antes que ela caísse no chão e passou a amarrá-la à ameia. Certificando-se de que estava bem amarrado, ele se virou para Belicia.

"Você vai ter que descer aqui." Você acha que vai conseguir?

"Eu não posso voltar agora", ela respondeu.

Viana concordou.

"Aqui", disse ele, estendendo as luvas de couro que tinha em sua bolsa. Coloque-os; Assim você não vai esfolar as mãos.

Belize obedeceu. Então respirou fundo e se pendurou na corda.

Seu corpo balançou perigosamente sobre o vazio e a garota não pôde deixar de gritar de medo.

Viana imediatamente se agachou. Um dos guardas estava olhando para sua posição. Felizmente, dali ele não conseguia ver a jovem pendurada na corda do lado de fora da parede.

O bárbaro manteve os olhos fixos na passarela por um momento eterno. Então ele voltou para seu jogo de dados.

Viana respirou fundo e se inclinou para ver como Belicia estava. A garota parecia prestes a cair.

"Não aguento mais, Viana", ofegou.

-Tranquilo. Desça aos poucos, ok? Deixe suas mãos deslizarem pela corda; você usa luvas, você não vai se machucar.

Lentamente, muito lentamente, Belicia desceu pela corda. Mas seus braços não aguentaram o esforço, e quando ele estava a apenas alguns metros de chegar ao chão, ele caiu.

Aterrissou como um pacote nos arbustos que cresciam ao pé do muro. Desta vez, sua exclamação de medo e surpresa foi ouvida mais claramente na noite.

Viana olhou preocupado para a entrada principal. Os dois guardas estavam de pé e olhando em sua direção. Respiração profunda.

"Corra, vamos, monte!" ele gritou para seus amigos do alto do muro. Então, não se preocupando mais em ficar escondida, ela se levantou e começou a descer pela corda.

-Ei! um dos guardas gritou; depois lançou uma maldição que Viana não entendeu.

Mas ele não parou. Ela imaginou que levaria alguns minutos para os bárbaros darem o alarme e baixarem o portão para persegui-los, e ela não precisava de mais nada para descer pela corda. Enquanto isso, ele esperava, Belicia e Airic estariam prontos para partir.

Ele deslizou pela corda o mais rápido que pôde. Ela reprimiu um suspiro de dor quando sentiu a fricção esfolar suas palmas, mas não parou. Não havia tempo.

Quando finalmente chegou ao chão, Airic já estava em um dos cavalos, tendo ajudado Belicia no outro. Viana reprimiu um palavrão ao ver que a moça cavalgava de lado, como convinha a uma dama. Ela começou a cavalgar depois de sua fuga do castelo de Holdar, mas ela não contava com o fato de que Belicia não teve a chance de aprender. Ele montou na frente dela e esperou que ela fosse capaz de suportar a fuga desesperada que os esperava.

"Segure firme", ele disse a ela. Vamos!

Ele sentiu os braços de Belicia envolverem sua cintura e esporeou sua montaria ferozmente.

Assim que os cavalos partiram a galope, ouviram vozes atrás deles. Viana sentiu o coração parar: os bárbaros não se deram ao trabalho de perder tempo com o portão: haviam subido a passarela e os observavam das muralhas. Logo os fugitivos ouviram flechas assobiando ao redor deles.

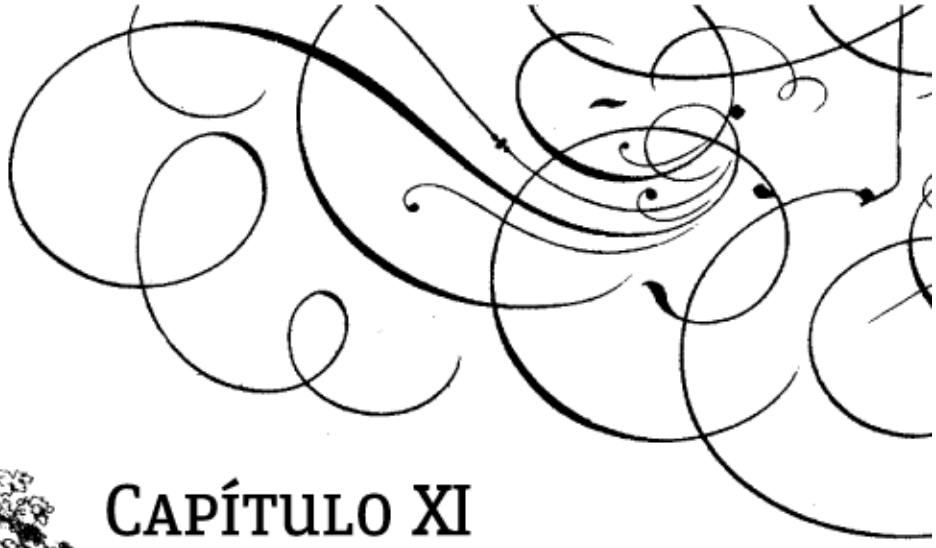
"Rápido rápido!" gritou Vina. Eles tinham que sair do alcance dos projéteis o mais rápido possível.

Ele não tinha terminado de dizer isso quando sentiu uma pontada no ombro que o fez gritar e soltar as rédeas. Belicia gritou, assustada.

Superando-se, Viana lutou para recuperar o controle do cavalo. Diante dela, Airic cavalgava o melhor que podia, tentando ficar nas costas do animal, e ambos não passavam de uma sombra fugaz entre as árvores. Não podemos ficar para trás, pensou a garota. Ela cravou os calcanhares nos flancos do cavalo o mais forte que pôde, não se importando mais com a flecha saindo de seu ombro esquerdo. Ela teria uma chance de se curar quando eles estivessem seguros.

E assim que chegaram à primeira fileira de árvores, exatamente quando pensaram que tinham conseguido, uma última flecha assobiou pela noite, interrompendo sua trajetória de repente. Viana ouviu um suspiro de dor e uma voz trêmula atrás dela.

"Eu acho... acho que eles me deram..."



Capítulo XI



En el que Viana experimenta muchos sentimientos intensos y discordantes en un espacio muy corto de tiempo; también se narra aquí la verdadera historia de Lobo y de cómo perdió su oreja, junto con otros acontecimientos de gran importancia para este relato.

VIANA SENTIU como se uma garra gelada tivesse agarrado seu coração. Ele não ousou parar o cavalo, mas sentiu o braço de Belicia perder força e a garota escorregou para o chão. Ele a agarrou o melhor que pôde, mas sua situação não era muito favorável. Com seu cavalo galopando e um braço imobilizado, ele mal conseguia sustentar o corpo de Belicia e controlar sua montaria ao mesmo tempo.

"Air! -gritar-. Estamos feridos!

O menino mal freou seu cavalo, um pouco mais adiante. Eles não deveriam parar, porque Heinat e seus homens logo estariam em perseguição, mas eles não tinham escolha.

Com um esforço supremo, Viana parou sua montaria ao lado dele.

-Minha senhora…! exclamou o menino, horrorizado.

Viana ignorou a flecha ainda saindo de seu ombro esquerdo.

-Não há tempo! Ajuda-me, leva-te a Belicia.

Ela segurou sua amiga o melhor que pôde. Seu estômago se apertou quando viu que tinha uma flecha presa nas costas. Uma mancha escarlate manchava sua camisola, cuja brancura tinha sido um alvo perfeito na escuridão da noite.

"Belicia... Não..." Viana sussurrou com a voz rouca.

A garota estava rígida em seus braços, pálida como um fantasma, mas ainda respirando. Viana sabia que seria pior tentar puxar a flecha.

"Tenha muito cuidado," ele implorou a Airic enquanto levantava Belicia em seu cavalo.

"Senhora, é muito difícil para você sobreviver a uma lesão como esta."

Viana sentiu lágrimas nos olhos, mas não se permitiu chorar. Não naquela época. Não até que estivessem seguros.

"Ele vai conseguir!" ele respondeu ferozmente. Segure-a com força e saia daqui. Vou tentar distraí-los — acrescentou ele, virando a cabeça para a estrada; Por trás da curva, já se ouviam os cascos dos cavalos se aproximando. Nos encontraremos na fazenda abandonada fora da próxima cidade.

"Cuidado, Viana", disse Airic muito sério, antes de colocar as esporas e disparar com Belicia nas costas. Ele não tinha muita certeza, mas pelo menos conseguiu ficar no cavalo e apoiar o corpo do fugitivo ao mesmo tempo. Viana queria que ele pudesse levá-la ao local do encontro sem problemas.

A jovem esperou um momento até que seus companheiros se perdessem na escuridão. Então, pouco antes de os bárbaros fazerem a curva, ele virou seu cavalo e o lançou por um caminho perpendicular à estrada principal. Ela olhou para trás para ter certeza de que os bárbaros estavam atrás dela, e ficou satisfeita ao ver que eles estavam.

Foi uma noite longa e angustiante, mas Viana conseguiu iludir seus perseguidores porque seu cavalo era leve e rápido, e ela não era um grande fardo para ele. No entanto, os enormes bárbaros montavam enormes cavalos de guerra que, apesar de sua óbvia força e poder, eram consideravelmente mais lentos.

Ao amanhecer, ele chegou à fazenda abandonada onde havia conhecido Airic. Não demorou muito para ele aparecer.

"Eles seguem você?" ele perguntou, ajudando-o a descarregar o corpo flácido de Belicia.

"Eu acho que não," ele ofegou.

Viana concordou. Ele se inclinou ansiosamente sobre o rosto de Belicia para verificar se ela ainda estava respirando. Sua pele, branca como cera, pressagiava o pior; no entanto, ele ainda tinha um sopro de vida.

"Rápido, temos que curá-la", disse ele.

Eles a carregaram para o que restava do celeiro e a deitaram de bruços sobre um cobertor que Airic estendeu sobre uma pilha de palha. Viana arrancou a camisola tingida de vermelho e examinou cuidadosamente a ferida. A flecha estava enterrada logo abaixo da omoplata direita, e Viana entendeu que não conseguiria extraí-la sem ajuda.

"Ajude-me a quebrar isso," ele pediu a Airic, sua garganta apertada. Desta forma, logo acima do orifício de entrada.

Eles quebraram a flecha com muito cuidado. Belicia estremeceu e soltou um gemido. Viana enfaixou apressadamente o ferimento da melhor forma que sabia. Ela desejou que a ponta de flecha, ainda alojada dentro do corpo de sua amiga, não tivesse causado danos irreparáveis. No entanto, a expressão de Airic não convidava ao otimismo.

“Espere, Belicia,” ele sussurrou. Em breve você estará seguro.

Mas sua amiga não podia ouvi-la.

"Viana, você também está ferido", disse Airic.

Ela não respondeu. Ele sabia que Belicia estava muito mais gravemente doente; no entanto, ele não podia continuar a ignorar a flecha saindo de seu ombro. Doía muito e ele não conseguia mexer o braço esquerdo. Além disso, corria o risco de se infectar e, nesse caso, poderia ser fatal.

Então ele suspirou, tirou o gibão o melhor que pôde e rasgou a manga da camisa com a outra mão. Então ele se ajoelhou no chão.

"Vá em frente", disse ele a Airic, "tira-a daqui."

O menino estava lívido.

"Tem certeza senhora?"

Viana concordou.

"Ela não passou por nenhuma zona vital, então não há razão para deixá-la dentro." Se não sair de primeira, torça-o em círculos enquanto puxa.

Ela também empalideceu ao dizer isso, mas não tinha outra escolha. Ele colocou o cinto entre os dentes e mordeu com força, esperando o puxão.

Airic fez o possível, mas Viana não pôde deixar de uivar de dor. Felizmente, a flecha saiu com relativa facilidade. Ainda assim, a garota caiu no chão, tremendo e quase inconsciente. Airic lavou e enfaixou a ferida e deu água a Viana, que aos poucos começou a se sentir melhor.

"Você acha que pode montar?" o menino perguntou.

Viana engoliu em seco. Ainda se sentia muito fraco, e seu ombro doía como se tivesse sido incendiado, mas mesmo assim disse:

"Eu vou ter que ser capaz." Temos que levar Belicia para casa o mais rápido possível.

Ele esperava que, quando chegasse ao acampamento rebelde, alguém pudesse extrair a flecha corretamente. Havia soldados e guerreiros lá que tinham experiência em tais ferimentos.

Eles partiram sem sequer se permitir uma pausa para comer ou tirar uma soneca. Eles devem retornar à floresta o mais rápido possível.



Já estava escuro quando chegaram à orla da grande floresta, e demoraram um pouco mais para chegar ao acampamento. Cada passo que davam em direção ao seu destino parecia uma eternidade. Quando Airic e Viana carregaram Belicia porque o mato já era muito grosso para permitir a passagem dos cavalos, tiveram a sensação de que ela não respirava mais; mas nenhum deles disse isso em voz alta.

Finalmente chegaram à clareira onde se localizava o acampamento dos bandidos. Viana suspirou, aliviado, ao ver que ainda havia alguns homens junto à fogueira.

Os momentos depois foram muito confusos. Vozes, exclamações de preocupação, a forma frágil de Belicia enquanto a carregavam para a cabana das mulheres...

Viana esperou junto ao fogo, morrendo de medo. Minutos depois, ele viu Dorea sair através de um véu de lágrimas. O rosto triste da mulher revelou a verdade para ele antes que ela balançasse a cabeça.

Viana soltou um grito e correu para dentro da cabine. Ele olhou para o rosto branco de Belicia, emoldurado por cachos castanhos, incapaz de reagir.

"É tarde demais, Viana", disse Lobo atrás dela. Não podíamos fazer nada por ela.

"Não pode ser," a garota sussurrou. Não pode ser!

Ela abraçou o corpo da amiga com força, soluçando. Seu coração não batia mais. Sua pele estava começando a assumir a frieza implacável da morte.

"Não pode ser", repetia Viana. Belicia, não, você não...

"Sinto muito", disse Wolf, colocando a mão em seu ombro bom.

Mas Viana não queria consolo. Tudo o que ela queria era que sua amiga respirasse novamente.

Embora isso, é claro, fosse impossível.

Ela empurrou Lobo de cima dela, enxugou as lágrimas e saiu da cabana porque sentiu como se estivesse se afogando ali. Uma vez na clareira, ele parou por um momento, mas também não suportou os olhares dos outros porque sentiu que perfuravam sua alma de forma acusadora. Sim, é minha culpa, ele pensou, se eu não tivesse voltado para Greystone, se eu não tivesse tentado salvar Belicia... ela ainda estaria viva.

"Minha senhora..." Airic murmurou.

Mas ela balançou a cabeça e se afastou, lutando contra as lágrimas.

Ninguém a seguiu.

Entrou nas árvores, grato pela solidão e silêncio da floresta, e avançou até chegar ao riacho. E, sim, ele começou a chorar inconsolavelmente.

Ele ficou de cócoras na margem por um longo tempo, soluçando. Ele se sentiu muito miserável.

Como pode ser isso?, ele se perguntou. “Tudo que tento dá errado. Se escapei dos bárbaros foi graças a Dorea, mas eu... nunca fiz nada que valesse a pena. Sempre que ajo por conta própria, todos os meus planos são virados de cabeça para baixo. Como fui tolo... acreditando que tinha algum poder sobre meu destino. E agora a pobre Belicia está morta por minha causa.

"Viana", ela ouviu uma voz atrás dela. Estou feliz que você voltou.

A jovem virou a cabeça e, sob o luar, descobriu uma silhueta que conhecia muito bem.

"Uri," ele suspirou. Também estou feliz em vê-lo.

Ele estava fora há apenas três dias, mas naquele momento percebeu que realmente sentira muito a sua falta.

E em tão pouco tempo, ele aprendeu a falar melhor. Aquele garoto nunca deixaria de surpreendê-la.

O menino sentou-se ao lado dela.

-Está bem? O que aconteceu? ele perguntou docemente.

"Estou triste", confessou Viana. Perdi meu melhor amigo.

Antes que ele percebesse, ele estava contando tudo o que havia acontecido durante sua viagem. Uri a ouvia com o cenho franzido e o rosto concentrado, e Viana deduziu que ela não entendia muito bem o que lhe dizia. Era lógico, ela disse a si mesma. Conceitos como "castelos" ou "jóias" eram desconhecidos para ele. Nem ela tinha certeza de que esse menino, em sua inocência, entendia exatamente do que ele queria salvar Belicia. No entanto, ele não parou de falar. Fazia muito bem para ela saber que alguém a estava ouvindo sem julgá-la.

"E Belicia está morta," ele terminou. Por minha culpa.

Ela começou a chorar novamente. Uri a abraçou desajeitadamente e acariciou seu cabelo para confortá-la.

O coração de Viana disparou, mas ela não parou para analisar seus sentimentos. Ele pulou porque seu ombro ainda doía muito; Uri percebeu e afrouxou um pouco o aperto. Ela enterrou o rosto em seu peito e fechou os olhos, confortada por sua presença.

Ela sentiu as pontas dos dedos dele roçarem seu ombro.

"Você se machucou", ele disse a ela. Machuca?

"Um pouco", respondeu a menina. Mas já estou curado.

Uri cuidadosamente empurrou para o lado as roupas rasgadas da garota para inspecionar o ferimento. Viana estremeceu e cerrou os dentes, mas deixou-o fazê-lo.

"Não está curado", disse Uri finalmente, um pouco surpreso.

"Claro que sim," ela sorriu. Eles removeram a flecha, lavaram e enfaixaram a ferida. Não sangra mais, viu?

Na verdade, Uri não conseguia ver muito na penumbra. Viana pensou que talvez a mancha de sangue na camisa o tivesse preocupado.

"Não está curado", insistiu Uri. Sua pele… não é mais lisa.

Ele acariciou as costas dela por baixo da camisa e Viana mais uma vez experimentou uma deliciosa sacudida dentro dela. Ele engoliu em seco e lutou pela sanidade. Ele não merecia isso, disse a si mesmo. Ela não podia se deixar levar por aquela sensação, fosse ela qual fosse, ou se permitir desfrutar da presença de Uri. Não depois do que aconteceu.

"Não importa", disse ela. Ele vai curar. No entanto, Belize...

Sua voz falhou e ela não pôde deixar de chorar novamente.

Uri a puxou para seus braços novamente, tomando cuidado para não machucá-la. Viana abandonou-se a eles sem poder evitá-lo e permitiu que ele continuasse a acariciá-la para confortá-la. Quando suas lágrimas pararam e a dor começou a ser substituída por algo mais prazeroso e urgente, a menina percebeu que o menino da floresta também respirava pesadamente.

"Uri," ela sussurrou maravilhada. O que você está fazendo?

Ele sabia perfeitamente bem, mas não parecia ter muita certeza.

-Não sei. Viana, não sei o que há de errado comigo.

Ela reprimiu um sorriso. Finalmente, Uri começou a se comportar de acordo com sua idade aparente.

E, seguindo um impulso, ela afundou os dedos nos cabelos do menino e o puxou para si. Quando ela o beijou nos lábios, Uri soltou um suspiro de surpresa. Mas, instintivamente, ele passou os braços em volta da cintura dela e a puxou para perto de seu corpo. Viana ofegou, mas não tentou se desvencilhar dele. Ela o beijou novamente, e dessa vez Uri retribuiu o beijo com entusiasmo.

"Uri," ela sussurrou; por alguma razão seu nome, mesmo que fosse um nome emprestado, parecia mágico para ele.— Uri, Uri, Uri — ele repetiu.

Ele tentou beijá-la novamente, mas Viana o empurrou gentilmente. Suas bochechas estavam queimando e seu coração estava prestes a saltar do peito.

"Espere um minuto", ele murmurou. Tenho que pensar.

"Eu gosto disso", disse Uri. Podemos fazer de novo?

Viana estava prestes a soltar uma gargalhada. Por um lado, ele se divertia por ter que explicar tudo isso para ela, mas por outro se sentia um pouco desconfortável. Uri estava animado com tudo que era novo. Talvez ele tivesse gostado de beijar qualquer garota.

Em vez disso, para ela aquele beijo significou muito mais.

Ela respirou fundo enquanto se aconchegava nos braços do menino da floresta. Uma parte dela queria se entregar a ele e admitir que o que sentia era mais do que amizade. Mas uma voz dentro dela a lembrou que Uri era um ser estranho e selvagem, e que uma jovem como ela estava destinada a se casar com a nobreza. Era por isso que ele estava lutando, na verdade. Para expulsar os bárbaros de Nortia e devolver tudo ao que era antes.

"É chamado de 'beijo'", explicou. Damos beijos nas pessoas que gostamos.

Uri inclinou a cabeça, pensando, e Viana percebeu que ele estava fazendo uma lista mental de pessoas que achava legais e, portanto, teria que beijar.

"As pessoas que gostamos de uma forma especial", esclareceu.

"O que há de especial?" ele queria saber.

Viana se perguntou como deveria explicar isso a ele. Ela adivinhou pela maneira como ele reagiu que o beijo o tinha excitado. Mas ela precisava ter certeza de que havia algo mais.

"Quero dizer amor," ele sussurrou suavemente. Quando você ama alguém, sente algo aqui", acrescentou, colocando a mão sobre o coração de Uri. Tão forte que você sente que não consegue respirar. Tão intenso que você quer estar sempre com essa pessoa e nunca mais se separar dela.

Ele fechou os olhos quando uma pontada de nostalgia o assaltou. Foi assim que Robian a fez sentir por um longo tempo. Ele se perguntou, com um pouco de...

"Você se sente assim... comigo?" Uria perguntou.

Viana demorou a responder. Em outras circunstâncias, ele teria desistido de qualquer garoto que lhe perguntasse isso. Ela o teria chamado de insolente e fingido estar muito ofendida, mas se realmente gostasse dele, também o teria encorajado, talvez com os cílios caídos ou um leve sorriso, a continuar tentando.

Mas ela entendeu imediatamente que os jogos de amor fátuos da corte não tinham sentido aqui, na floresta, com Uri.

"Acho que sim", respondeu ele. Por isso te beijei.

O menino sorriu largamente e então a beijou novamente com tanto ardor que a deixou sem fôlego.

"Quieto, Uri, o que você está fazendo?" ela o parou.

"Vou te dar um beijo", respondeu ele, um tanto desconcertado com a reação de Viana. Porque eu te amo.

A menina ficou sem palavras. Uri tinha falado com tanta franqueza e simplicidade que a desarmou completamente. Ainda assim, seu coração parecia enlouquecer. «Ele sente o mesmo que eu…», pensei; realmente, ele não conseguia pensar em mais nada. «E o que eu sinto? Eu o amo e ele me ama."

"Espere", ele conseguiu dizer. Esperando.

Ela se separou um pouco dele e eles se olharam nos olhos. Viana levantou a mão para acariciar o rosto dele, ainda maravilhada com o que acabara de descobrir.

"É... estranho," Uri disse então.

"Eu sei", concordou Viana.

"Eu nunca..." Ele parou porque não conseguia encontrar as palavras.

"Você nunca amou ninguém?" Ela o ajudou.

-Isso é.

Por algum motivo. Viana sentiu-se um pouco culpada por não ser a primeira vez para ela.

"Eu estava apaixonada", ela confessou. Mas isso já ficou para trás. Em todo caso... talvez você ame alguém e o que acontece é que você não se lembra dele — acrescentou, ciente de que o menino havia perdido a memória; talvez alguma garota de pele manchada estivesse esperando por ele de onde ele veio.

"Não, nunca," Uri respondeu categoricamente.

-Como você pode ter tanta certeza?

"Eu sei", ele insistiu. Meu povo... não sinta isso. Não parece assim," ela tentou explicar, batendo a mão contra o peito.

"Você não pode amar?" Mas é... Mas então... por que você?

-Eu sou diferente.

Viana fitou-o atentamente.

"O que mais você se lembra?"

Uri devolveu um olhar perplexo.

-Não entendo.

"Você perdeu a memória", tentou explicar Viana. Você não sabia quem você era ou de onde você veio. Ou quem era seu povo.

"Sim, eu sei", ele respondeu sem expressão. Eu sou Ury. Eu venho da floresta. Tem meu povo.

Viana não insistiu.

"Não importa", disse ele. Mas eu quero que você saiba... já que seu povo não sente essas coisas... que você me ama, e eu te amo, isso é especial e muito bonito. Não acontece todos os dias. É uma das coisas mais bonitas que o nosso mundo tem.

Uri ficou em silêncio por um momento, pensando. Então seus intensos olhos verdes se fixaram nela novamente.

"Posso te beijar de novo?" -Eu pergunto.

Viana sorriu.

"Eu acho que não há razão para não." Quero dizer", ela acrescentou quando viu que ele não a tinha entendido, "sim, você pode.

Beijaram-se com ternura e doçura, trêmulos nos braços um do outro, até que Viana o deteve novamente.

"Espere", ele disse a ela. Temos que ir aos poucos. Há muitas coisas que acontecem quando duas pessoas se apaixonam, mas não precisam acontecer todas ao mesmo tempo, entende?

"Não", ele respondeu. Ele parecia um pouco frustrado por eles não continuarem se beijando, mas ainda assim atendeu aos desejos da garota.

Viana se encostou nele e Uri se acalmou um pouco, acariciando seus cabelos cacheados. Então seus dedos desceram para acariciar seu pescoço e suas costas.

"Eu quero te curar," Uri insistiu.

Viana já estava meio adormecido; As carícias de Uri produziram um efeito calmante sobre ela, entorpecendo sua dor e relaxando seu corpo. Quando ela não respondeu, o menino gentilmente removeu as bandagens que cobriam seu ombro.

-O que faz? ela murmurou. Oh! Ele pulou quando a ferida foi exposta.

"Dói," Uri declarou. Eu vou te curar.

"Como quiser", murmurou Viana exausta, mal sentindo os dedos de Uri acariciando suavemente seu ombro ferido antes de adormecer.

Quando acordou no dia seguinte, ainda estava deitado nos braços do menino da floresta. Ela se levantou agitada.

“Uri... Uri, acorde.

Ela o sacudiu suavemente até que ele abriu os olhos, piscando. Ele a cumprimentou com um sorriso radiante.

"Viana", disse ele. Bom Dia. Eu quero te beijar de novo", acrescentou muito convencido.

Ela sentiu suas cores subirem. O que ele tinha feito? Na noite anterior ele havia confessado seu amor por Uri. Mas como ela iria se casar com ele? E que tipo de mulher ela seria aos olhos de todos se tivesse um relacionamento com ele sem a intenção de formalizá-lo decentemente?

No entanto, quando ele encontrou os olhos de Uri novamente, ele descartou todas as suas objeções.

"Bom dia", ele respondeu. Eu também quero te beijar.

E ele fez. Mas eles não poderiam estar aqui o dia todo, ela percebeu com uma pontada de culpa. Ele havia deixado o corpo de Belicia no acampamento. Eu tive que enterrá-lo.

"Temos que voltar, Uri", disse ele.

Ele se levantou e foi se lavar no córrego. O menino a seguiu.

-Você sabe? ela começou inquieta, "talvez não devêssemos contar aos outros ainda." Que estamos apaixonados, quero dizer.

-Por que?

"Bem..." Viana conseguiu pensar em pelo menos uma dúzia de razões, mas nenhuma que pudesse ajudá-lo. Porque no início, quando dois amantes declaram seus sentimentos, é melhor mantê-lo em segredo.

Isso não era inteiramente uma mentira. Assim funcionava o jogo do amor na corte.

"O que é um segredo?"

"Quando você sabe algo que não pode contar." Quando é melhor que ninguém saiba. Por qualquer motivo.

Viana achou que ela não havia se explicado com clareza suficiente, mas, para sua surpresa, Uri assentiu com gravidade.

"Eu entendo o que é segredo", disse ele. Por que o amor é secreto?

"É difícil explicar..." começou Viana, mas parou de repente.

Ele estava ajustando o curativo novamente, mas seus dedos não conseguiram encontrar o ferimento. Ela coçou com cuidado, preparada para sentir uma pontada de dor, mas nada aconteceu. Ele olhou para os dedos. A única coisa que denunciava o ferimento que sofrera duas noites atrás eram alguns vestígios de sangue seco entre as unhas. Intrigada, ela lavou o ombro. Quando a área perfurada pela flecha foi novamente palpada, nada foi encontrado.

"Pele lisa", disse Uri com satisfação. Agora você está curado.

Viana virou-se bruscamente para ele.

"Você está me dizendo que você fez isso?" ele perguntou com a voz rouca; Ela estava tremendo, e ela não sabia se era de medo ou excitação.

"Eu lhe disse: vou curá-lo", explicou ele pacientemente.

Viana recuou abruptamente e estava prestes a cair na água.

"Não tenha medo", Uri disse a ela, angustiado. Não é ruim. Eu curei você. Vos amo.

Ela respirou fundo e tentou se acalmar. Talvez não fosse o que parecia. Afinal, ele não podia ver suas costas.

"Tudo bem", disse ele, "não se preocupe. Vamos ver Dorea.

Eles voltaram para o acampamento. Viana sentiu-se muito confuso. Tanta coisa aconteceu em apenas algumas horas... Ele precisava voltar à realidade. E não conhecia ninguém mais sensato do que sua velha enfermeira.

Havia um grupo de pessoas reunidas em uma extremidade da clareira. No chão, a seus pés, repousava um grande embrulho alongado embrulhado em um lençol.

Viana sentiu o coração apertar. Era o corpo de Belicia.

"Estávamos esperando por você", disse Lobo com certa aspereza.

"Não a repreenda", disse Alda. Ela está de luto por seu amigo morto.

Viana corou, lembrando-se dos beijos que dera com Uri na floresta. Mas ninguém parecia notar seu constrangimento ou dar importância ao fato de que ele estava com ela.

Ele se aproximou de seus amigos e descobriu que eles haviam cavado uma cova ao lado das árvores.

"Pensamos que talvez você quisesse dizer alguma coisa", disse Airic, um tanto desconfortável, "porque, afinal..." Ele se interrompeu, mas Viana entendeu o que ele queria dizer.

"Belicia de Valnevado era minha melhor amiga", começou ela, quase sem pensar. Quando crianças, sonhávamos com um futuro de contos de fadas. Imaginamos que amor e felicidade nunca iriam faltar. Nascemos em um mundo onde tudo parecia fácil.

“Os bárbaros nos ensinaram que a vida não é assim. A última vez que vi Belicia antes da noite passada foi quando o Rei Harak nos deu dois dos chefes bárbaros em casamento. Nós dois aprendemos e amadurecemos muito desde então. Sofremos, choramos e perdemos entes queridos. Mas ninguém, nem mesmo uma garota que já teve tudo, merece passar pelo inferno que Belicia suportou antes de morrer.

“Eu queria salvá-la daquela vida que ela não escolheu. Não correu bem. Ela morreu, e é por isso que estou aqui, dizendo estas palavras. Mas ele teria querido resgatá-la de seu marido, um homem que Belicia temia e odiava. Ela mesma me implorou. Ele teria se adaptado bem à vida na floresta. Você teria gostado muito dela, porque ela era alegre e espirituosa... Ele parou de repente, lembrando-se da sombra pálida que ele havia resgatado do castelo. Você teria vindo a amá-la,” ela concluiu com um nó na garganta. Todo mundo fez isso.

“Onde quer que você esteja, Belicia, eu desejo que você nunca sofra ou chore novamente. Onde quer que esteja, minha amiga... irmã... desejo que encontre a felicidade que merece.

Ele não conseguia mais falar. Ele mal ouvia como seus amigos murmuravam algumas palavras de despedida para uma jovem que a maioria

nunca tinha conhecido, mas tinha percebido vividamente através das palavras de Viana.

Quando o corpo de Belicia foi enterrado sob uma boa quantidade de pás cheias de terra, Viana acrescentou em voz baixa:

“E eu não vou deixar assim. Juro que vou vingar você e expulsar cada um desses bárbaros de nossa terra... custe o que custar.

Quase ninguém a ouvia. Mas Lobo ergueu a cabeça e lançou-lhe um olhar penetrante.

Os bandidos retornaram às suas tarefas com espíritos tristes. Viana mal sentiu o abraço consolador de Uri. Automaticamente, ela fechou os olhos e enterrou o rosto em seu ombro.

"Ela volta para a terra", disse o menino, apontando para o local onde Belicia descansava. Um dia vai sair de novo.

Viana sorriu tristemente. Ele se perguntou se o povo de Uri enterrava seus mortos na crença de que seriam ressuscitados no futuro. Foi uma bela ideia.

"Acho que não, Uri," ele respondeu. Mas obrigado por tentar me confortar.

De repente, lembrou-se por que havia corrido de volta ao acampamento. Ela se sentiu no ombro novamente, desconcertada; o ferimento que recebera duas noites antes parecia ter desaparecido de vez.

Ele alcançou Dorea um pouco mais longe.

"Qual é o problema com você, garota?" a mulher perguntou.

A jovem, para todas as respostas, pegou-a pelo braço e a fez entrar na cabine com ela.

"Olhe para isso", ele perguntou, mostrando a ela seu ombro ferido.

Dorea soltou uma exclamação de alarme e Viana pensou, por um momento, que o que ela vivenciara naquela manhã, à beira do rio, fora fruto de sua imaginação. Mas sua enfermeira disse:

"Oh minha dama!" O que aconteceu com você? De onde veio todo aquele sangue?

"Você não vê a ferida, Dorea?"

A mulher examinou conscienciosamente a pele de Viana.

"Só vejo que sua camisa está manchada, minha senhora." Seu ombro está bem. Mas do que se trata? O que eu devo ver aqui?

Viana sentiu-se tentada a contar-lhe o que tinha acontecido; além disso, Airic poderia corroborar. No entanto, não seria tão fácil explicar como era possível que uma ferida tão profunda tivesse desaparecido de um dia para o outro.

Por outro lado, se realmente tivesse acontecido... então...

Viana se levantou, assustando Dorea.

"Eu tenho que ir falar com Uri... não, com Lobo... não, primeiro com Uri," ele disse apressadamente.

E ela saiu da cabana, deixando para trás Dorea, que a olhava perplexa.

Uri esperava Viana na entrada. Há muito que aprendera que não devia entrar em lugar nenhum, especialmente nas cabanas das mulheres, sem ser convidado. Mas levantou a cabeça ao ouvir Viana sair, e seus olhos brilharam ao vê-la.

"Viana", disse ele, levantando-se de um salto.

Ela não permitiu que ele acrescentasse mais nada. Ela o pegou pela mão e o arrastou para um lugar um pouco mais discreto.

"Como você tratou meu ombro?" ele perguntou sem rodeios. Ele ficou subitamente desconfortável.

"Eu curei você", ele disse apenas.

— Sim, eu sei, mas... de que forma? Você já usou água da fonte da eterna juventude?

A própria Viana sabia que isso era um absurdo. Ele havia encontrado Uri nu na floresta; não havia nenhum lugar onde ele pudesse esconder um frasco de água mágica sem que ela percebesse.

"Eu sei como curar", disse Uri com alguma reserva. Eu não posso dizer como.

Viana fitou-o atentamente. Por um instante passou por sua mente o pensamento de que, se tivesse levado Uri com ele em sua jornada, poderia ter salvado Belicia antes que fosse tarde demais. Mas ele a empurrou rapidamente. Não se torture, disse a si mesmo. "Você não tinha como saber."

"É um segredo, então?"

O rosto de Uri se iluminou com um sorriso.

"Sim", ele concordou, aliviado por Viana ter entendido. É um segredo.

Ela respirou fundo. Ela havia pedido a Uri para não contar a ninguém sobre o relacionamento deles, e agora ele estava pedindo que ela respeitasse seu desejo de não contar a ele o que ela mais precisava saber agora. Talvez não tivesse nada a ver com a fonte da eterna juventude de que Oki estava falando... ou talvez tivesse.

De qualquer forma, Uri acabara de curá-la de um ferimento de flecha muito semelhante ao que Harak havia recebido, e do qual ela milagrosamente se recuperou diante de seus olhos.

"Você viu Belicia, certo?" -Disse-lhe-. Os bárbaros a mataram e ela não fez nada de errado." Sua voz falhou com raiva e impotência. Se você pudesse curá-la... Ele balançou a cabeça e tentou recomeçar. O rei dos bárbaros que mataram Belicia... o chefe dos meus inimigos... não pode ser ferido. Cura quando alguém o fere. Talvez ele seja um bruxo. Talvez ele seja como você — acrescentou ela, embora a simples ideia de que Harak e Uri pudessem ter algo a ver com isso a revoltasse. E só podemos derrotá-lo se descobrirmos por que ele não é vulnerável. Porque nada pode machucá-lo. Você entendeu?

Ury assentiu. Seus olhos verdes guardavam uma sombra de arrependimento, como se ela soubesse, ainda melhor do que Viana, do que estava falando.

"Meu povo sabe como curar", disse ele, e seu coração bateu mais rápido. As pessoas más... levaram o nosso segredo. Acho que machucaram seu amigo. Acho que meus inimigos... também são seus.

O coração de Viana disparou.

"Você quer dizer que os bárbaros também conquistaram sua terra e tiraram de seu povo o segredo da imortalidade?" A primavera da eterna juventude? ele insistiu; mas Uri não a compreendia e, além disso, não havia terminado de falar.

“Eles me dizem que vou procurar ajuda. Para o lugar onde muitas pessoas vivem.

"Uri", murmurou Viana, atônito. Você está lembrando! Então você tinha uma missão a cumprir, e por isso abandonou a sua. Mas… o que aconteceu com você na floresta? Os bárbaros te atacaram e te deixaram nu e inconsciente no rio? Mas os bárbaros não vão tão longe na floresta, vão?

"Eles vêm de outro lado", explicou Uri. De onde moram.

-Do Norte? A Grande Floresta se estende além das Montanhas Brancas, até as estepes dos bárbaros? Você está me dizendo que eles encontraram um caminho de lá para onde você veio, onde está a fonte da eterna juventude... ou o que quer que você use para curar as pessoas?

Viana falou apressado; Uri mal a entendeu e, portanto, não conseguiu responder. Mas a garota não precisava de mais confirmação. Tudo se encaixa.

"Você tem que contar ao Lobo", ele decidiu.

Sem parar para ver se Uri a seguia, Viana saiu correndo em busca de seu mentor.

Encontrou-o do outro lado do acampamento, em frente à sua cabana, juntando suas coisas para ir caçar.

“Lobo,” ele disse sem fôlego, “eu tenho que falar com você.

Ele deu a ela um breve olhar.

"Eu também", disse ele, num tom gélido que esfriou o entusiasmo de Viana. Venha comigo, sim?

Viana assentiu e o seguiu sem dizer uma palavra. Lobo também não falou nada até chegarem ao seu destino: um morro nos arredores da floresta com vista para Campoespino, que acabava de acordar sob o sol de um novo dia. No fundo do vale, o castelo de Torrespino parecia uma torre de vigia escura que controlava os destinos de todos os habitantes da cidade.

Ambos se sentaram na grama e contemplaram a paisagem em silêncio.

"Você quer saber como eu perdi minha orelha?" Wolf disse de repente.

"Claro", respondeu Viana com alguma impaciência, "com certeza será uma história emocionante." Mas provavelmente pode esperar. Ouça,

descobri algo que...

"Quero dizer, como eu perdi minha orelha... sério," ele a cortou.

Viana o encarou.

-Fala sério? Você não vai me contar uma história inventada?

"Nenhuma das minhas histórias é inventada", defendeu-se Wolf. Tudo o que eu disse a você aconteceu comigo uma vez. Mas em nenhuma dessas ocasiões eu perdi minha orelha. Sim... tive uma vida muito interessante. Ele sorriu amargamente. No entanto, todas essas histórias são apenas anedotas sem importância que não deixaram uma grande marca na minha vida. Mas isso é diferente. Eu a escondi, mesmo que não conseguisse esconder a cicatriz que me desfigurou desde então.

"Então por que você quer me contar?" perguntou Viana, quase sem fôlego.

Lobo lançou-lhe um olhar lento, cheio de decepção e pena, que fez a garota estremecer.

— Porque talvez assim você entenda por que vou pedir para você sair do acampamento e continuar sua vida longe da rebelião, Viana.

Ela congelou.

-O que você diz? Você não pode estar falando sério…

-Muito a sério. Já te avisei muitas vezes, mas não consegui fazer você ver a razão, e agora uma menina boa e inocente morreu porque você não consegue parar de fazer as coisas do seu jeito, sem contar com ninguém.

Suas palavras feriram profundamente Viana. Ele não respondeu nada porque sabia que Lobo estava certo.

"Não posso arriscar que você ponha em risco nosso grupo ou o que pretendemos realizar", continuou ele. Tenho sido muito paciente com você, tentei protegê-lo dos bárbaros, mas acho que já tive o suficiente. De agora em diante, você seguirá o seu caminho, e eu o meu. E seu pai, onde quer que esteja, não poderá negar que fiz o meu melhor para cumprir a promessa que fiz a ele.

Viana queria dizer muitas coisas, mas as últimas palavras de Lobo a silenciaram.

“Eu jurei a ele no campo de batalha que cuidaria de você se algo acontecesse com ele,” Wolf disse calmamente, “mas então eu o perdi de vista, e então eles me feriram, e quando eu cheguei em Greystone você tinha sido casada com Holdar e você se foi." esperando um filho, ou assim me disseram. Não parecia a melhor hora para resgatá-lo, mas, por precaução, me instalei perto de Torrespino, com a intenção de tirá-lo do castelo assim que você der à luz o pequeno bastardo. Fiquei surpreso que você escapou antes que eu tivesse a chance de salvá-lo, mas percebi que, apesar das aparências, o sangue dos Duques de Greystone corria dentro de você. Você é uma digna herdeira de seu pai, Viana, mas lhe falta o bom senso e, sobretudo, a prudência.

Os olhos de Viana se encheram de lágrimas, em parte por causa da reprimenda de Lobo, mas principalmente por causa das lembranças que começaram a inundá-la por dentro.

"Você conheceu meu pai?" ele perguntou em um sussurro.

"Nós éramos muito amigos, sim", concordou Lobo. Ele, eu e o rei Radis, quando ele era um príncipe bonito, corajoso e imprudente. Nós éramos inseparáveis.

Viana lembrou-se da forma como o rei tratou Lobo no último solstício que se celebrara em Normont, e abriu a boca para comentar, surpreendida; no entanto, no último momento, ele optou por não dizer nada.

Lobo percebeu.

"Sim, aqueles eram outros tempos", disse ele, sorrindo amargamente. Lutamos cem batalhas e sobrevivemos à primeira invasão bárbara. Mas havia algo que nos superava: uma mulher.

Viana sentou-se um pouco, atento, pressentindo que Lobo ia contar a história que queria contar.

“Ela era de longe a dama mais bonita de toda Nortia e, do meu ponto de vista, também era incomparável nos reinos do sul. Nós nos conhecemos quando eu tive que escoltá-la através de meus domínios até o castelo de seu tio, o Rei Rihead. Eu me apaixonei por ela como um tolo. Mas o destino lhe reservava um destino diferente: seu primo, o príncipe Radis, também a amava desde crianças. O nome da senhora, esqueci-me de referir, era Nívia de Belrosal.

Viana respirou fundo. Empezaba a comprender por dónde iba la historia que le estaba relatando Lobo: Nivia era el nombre de la última reina de Nortia, la madre de Beriac y Elim, la mujer que había desafiado la voluntad del rey Harak quitándose la vida antes que acceder a ser sua esposa.

"O decoro ensinado às donzelas da corte não permitia que ela mostrasse preferência por nenhum dos dois", continuou Wolf, "mas sempre achei que ela tinha uma chance." Enlouqueci de ciúmes e desafiei Radis para um duelo de morte pelo amor da bela Nivia. Como mestre de armas de Normont, ensinei a Radis quase tudo o que ele sabia, então ele teve uma vantagem. No entanto, ele aceitou o duelo, lutou como um leão e conseguiu tirar minha orelha esquerda antes que eu o encurralasse contra a parede. E eu o teria matado, exceto que seu pai veio no último momento para nos salvar.

“Só isso impediu o rei Rihead de me condenar à morte por traição. Isso e a intervenção da própria Nivia. Mas eles me expulsaram do tribunal e tiraram minhas terras. Fui condenado ao exílio no sopé das Montanhas Brancas, para onde fui, com um punhado de homens leais e corajosos, guardar a fronteira. Não estou orgulhoso do que fiz. Radis não era um grande rei, mas não era ruim. E escolheu bem. Nivia era de fato uma grande rainha de Nortia.

“Então você já sabe. Perdi meu ouvido por amor e estupidez. Ele poderia ter matado o herdeiro do reino naquela noite. Se não fosse pelo seu pai, poderia ter desencadeado uma guerra civil. Naquela noite eu aprendi muitas coisas. Você não imagina quantos.

Ele fez uma pausa. Viana se comoveu com a amargura e a dor que se adivinhava em suas palavras.

"É por isso que agora," Wolf concluiu, "por causa do que eu fiz, por Nivia e por Radis, e também por seu pai, Corven de Greystone, eu devo reconquistar Nortia para seus legítimos herdeiros." E é por isso que não posso perder meu tempo atendendo aos caprichos de uma garota mimada. Não quando eles podem nos custar tantas vidas. Não seja como eu, Viana. Não coloque seus interesses pessoais antes do bem de um reino inteiro.

Viana engoliu em seco. Ela sentiu que Lobo estava lhe ensinando uma lição importante, ela sabia que ele estava falando sério quando disse que queria que ela deixasse o acampamento, mas ela ainda estava pensando na história que ele havia contado.

"Eu sei quem você é", ele sussurrou. Meu pai falava muito sobre você, sobre o herói da primeira batalha bárbara, o braço direito do rei Radis, o maior mestre de armas que o Castelo de Normont já teve. Você é o Conde Urtec de Monteferro, estou errado?

O rosto de Lobo se contorceu em um ricto de amargura. Viana não precisou de outra confirmação.

"Meu pai disse que você estava morto", disse ele calmamente.

"E ele não estava mentindo, não inteiramente", respondeu Wolf. Fui despojado do meu título e das minhas terras, mas Radis disse que eu poderia continuar a usar o brasão da minha família. Ele disse que não merecia um único dos sete lobos ambulantes que adornavam sua fronteira. "Eu vou te dar um, pelo menos", disse Radis com uma pitada de sorriso. E a partir de então eu fui o Cavaleiro Desonrado do Lobo; que ficou no Lobo, para amigos.

Houve um longo silêncio. Por fim, Viana disse:

“Obrigado por me contar sua história. Lamento muito tê-lo decepcionado. De verdade. Sei que fiz coisas que não devia e tomei as decisões erradas. E ninguém se arrepende mais do que aconteceu com Belicia do que eu. É que… eu tive que ajudá-la, sabe? Se você a tivesse visto lá... se tivesse visto o que os bárbaros fizeram com ela, no que a transformaram... Ele não podia deixá-la para trás. Eu sei que você não gosta que eu faça as coisas por conta própria, mas... toda a minha vida foi sobre sentar na janela e esperar que os outros agissem por mim. E eu queria fazer algo por mim... pelo menos uma vez.

Lobo não disse nada. Viana continuou:

“E eu não sou tão inútil quanto você pensa. Algumas das coisas que fiz foram úteis, acredite ou não. Veja, quando eu estava em Greystone eu aprendi

que os bárbaros estão se mobilizando para atacar os reinos do sul quando o inverno chegar.

Lobo a encarou, um brilho de aço em seus olhos de falcão.

-Você tem certeza sobre isso?

Viana concordou.

“Eu os ouvi falando sobre isso no jantar. Eles estavam animados porque Harak finalmente os estava colocando de volta em ação.

"Isso significa que a paz que eles assinaram com os reis do sul é letra morta", refletiu Wolf, "e que, nesse caso, mais de um pode estar disposto a se juntar à rebelião."

"Foi o que pensei", concordou Viana com entusiasmo. Mas espere, isso não é tudo: também sei por que Harak é invulnerável. É um conhecimento possuído pelos habitantes da Grande Floresta, incluindo Uri. Os bárbaros, na verdade...

"Viana, não vá mais longe", interrompeu Lobo. As informações que você me trouxe são muito valiosas, mas é preciso saber distinguir fatos reais de histórias fantásticas.

"Mas isso é real", ela protestou. Uri curou minha ferida, você não quer ver? Ele diz…

"Viana, eu disse basta.

A jovem calou-se, intimidada pelo tom de voz de Lobo. O velho cavalheiro parecia zangado, como se toda a sua paciência tivesse se esgotado.

"Mas... mas nós podemos..." ela tentou continuar, um pouco tímida; Ela fechou a boca, no entanto, quando Lobo olhou para ela.

"Tenho a sensação de que você não ouviu nada do que eu disse", disse ele. Não existe mais "nós". Eu devia muito ao seu pai, mas ensinei você a se defender e considero minha dívida paga. Vá brincar com seu amigo na floresta, perca-se no mato se quiser, mas me deixe em paz. Caso não tenha ficado claro o suficiente: você não faz mais parte da rebelião. A luta contra os bárbaros não é mais sua preocupação.

"Claro que me preocupa!" Viana protestou. Toda a minha vida e todos que eu amava foram tirados de mim!

"Nesse caso", Wolf respondeu friamente, "lute se quiser, mas faça por conta própria." Afinal, isso é algo em que você é bom, certo? Volte para o acampamento e pegue suas coisas. Eu quero que você saia antes do meio-dia. E leve Uri com você. Preparamos uma guerra e não temos tempo para cuidar dele.

E com essas palavras, Lobo se levantou e voltou para a floresta.

"Muito bem", murmurou Viana, os olhos cheios de lágrimas de dor e raiva. Estarei sozinho, então. Encontrarei uma maneira de matar Harak, por mais indestrutível que seja, e vingarei meu pai e todos os mortos de Nortia.

A Grande Floresta testemunhou seu juramento, e as folhas das árvores farfalharam, agitadas por uma rajada do norte.

Capítulo XII



el secreto que
ocultaba el corazón
del Gran Bosque
y de lo que los bárbaros
estaban haciendo allí.

VIANA VOLTOU AO ACAMPAMENTO submersa em profundas reflexões. No fundo ela achava que Lobo não estava falando sério quando a expulsou de lá, mas ela ia agradá-lo porque isso também combinava com seus planos. Ele iria com Uri para a Grande Floresta para descobrir exatamente o que estava acontecendo, e voltaria para dar aos rebeldes o segredo da invencibilidade de Harak. Tenho certeza de que Wolf já teria superado sua raiva.

Portanto, não adiantava incomodar ninguém dizendo que o cavaleiro a expulsara do acampamento e que ela iria embora para nunca mais voltar.

Ele entrou em sua cabine e juntou as coisas de que precisaria para a viagem.

Quando colocou a mochila no ombro e voltou para a esplanada, encontrou Dorea, que voltava do rio carregando um balde de água. A velha enfermeira olhou para ela.

"Você está indo embora, minha senhora?" -Eu pergunto.

"Eu vou caçar", ela respondeu; Ele hesitou um momento antes de acrescentar: "Provavelmente passarei algumas noites fora". Eu preciso... eu preciso pensar.

"Eu entendo," concordou Dorea. Criança," ele disse após uma breve pausa, sua voz um pouco mais suave, "você sabe que o que aconteceu com Lady Belicia não foi sua culpa, não é?

Viana respirou fundo. As palavras de sua enfermeira a impactaram mais do que ela esperava, e ela piscou rapidamente, tentando conter as lágrimas. Ele não tinha feito nada além de se repetir desde a morte de Belicia: que não tinha sido culpa dele, mas do bastardo que havia atirado aquela flecha, mirando uma garota inocente que escapava de um destino cruel. No entanto, o remorso se instalou no fundo de seu coração e o perfurou com mil espinhos de fogo.

"Eu sei," ele respondeu, talvez mais duramente do que pretendia. Mas ela era minha amiga. É natural lamentar sua morte.

Sua voz falhou, e ele foi incapaz de continuar falando. Ele virou a cabeça bruscamente e se afastou para onde Uri, sentado ao pé de uma árvore,

parecia muito divertido, traçando o padrão na casca com os dedos.

"Viana...", disse Dorea, e a palavra terminou num suspiro.

"Eu estarei de volta em alguns dias," ela disse sem se virar. Ah... — acrescentou, como se tivesse pensado nisso naquele exato momento — e vou levar Uri comigo. Acho que está na hora de ensiná-lo a caçar. Ele tem que começar a ganhar seu sustento.

Dorea não disse nada. Viana pensou em parar, correr até ela e chorar no colo, como fazia quando criança. Mas ele se preparou e foi em frente.

Ele se juntou a Uri perto da árvore e se inclinou ao lado dele.

"Uri," ele disse calmamente, "você estaria disposto a me levar para o coração da floresta?" De onde você vem, onde está o seu povo?

Ela sentiu sua voz tremer de emoção ao dizer isso. De repente, todas as histórias fantásticas que ela ouvia sobre a Grande Floresta desde pequena voltaram à vida em sua imaginação. Para o lugar onde as árvores cantam, pensou.

"Sim, Viana", respondeu ele, pondo-se de pé; Ele parecia tão animado quanto ela. Vai.

A jovem assentiu.

"Vamos," ele concordou.

Uri seguiu Viana pela clareira. Ele não parecia se importar com o fato de ela não ter se despedido de ninguém. Perto estava Airic, praticando com o arco ao lado de um dos soldados, mas Viana não lhe disse nada; certamente o menino estaria disposto a segui-la até onde fosse necessário, e ela não podia permitir que ele se colocasse em perigo novamente por causa dela.

Eles ficaram por um momento ao lado do túmulo de Belicia. Viana olhou para o monte de terra sob o qual jazia o corpo da amiga. Ele cerrou os dentes e jurou:

“Nós expulsaremos esses bárbaros de Nortia, Belicia. Te prometo.

Depois partiu sem olhar para trás.

Uri a seguiu.

O primeiro dia da expedição não foi muito diferente de um dia comum de caça. A maior parte do percurso passava por terrenos já explorados.

Uri e Viana não conversaram muito naquela manhã. A presença do menino da floresta confortava a menina, mas ela não podia se deixar distrair. Ele sentiu que tinha uma missão vital pela frente para o futuro de sua terra e queria viver de acordo com isso. Ele sabia que era a segunda vez que fazia aquela viagem; agora ela partia com a sombra de seu primeiro fracasso esvoaçando atrás dela, e a certeza de que ninguém acreditaria se ela contasse a história de Uri e seu milagroso poder de cura. Não faça; Eu estava sozinho naquela empresa. E, no entanto, ele não poderia voltar de mãos vazias: ele tinha que voltar com o segredo de Harak antes que Lobo e sua gangue o confrontassem.

De sua parte, Uri também tinha uma aparência séria que não era dele. Viana não sabia se o menino havia recuperado completamente a memória ou apenas alguns fragmentos; o que parecia claro era que ele estava determinado a levá-la de volta para onde ela tinha vindo porque ele tinha que salvar seu povo dos bárbaros.

Ele tinha uma fé cega nela e, embora Viana não tivesse tanta certeza de que poderia ajudá-lo, tinha certeza de que pelo menos tentaria. Por outro lado, ela era a única que tinha ouvido Uri e levado a sério seus comentários sobre o povo da floresta.

Claro, ela também era a única que sabia do que ele era capaz de fazer. Viana se perguntou por que Uri a escolhera em detrimento de todas as outras. Talvez porque estivesse apaixonado por ela ou talvez porque realmente achava que ela poderia ajudá-lo. Viana não sabia, mas não se importava. O fato era que Uri confiava nela para salvar seu povo, e a jovem não queria decepcioná-lo.

Preocupados com esses assuntos, ambos pareciam esquecer o sentimento que os unia e que acabavam de descobrir. No entanto, de vez em quando trocavam olhares, sorrisos cúmplices e toques que faziam o coração de Viana bater mais forte.

Naquela noite, sentado perto da fogueira, mas não muito perto – mesmo depois de todo o tempo que ele passou no acampamento, Uri ainda mantinha uma distância segura das fogueiras – Viana se recostou ao lado dele e fechou os olhos com um suspiro. quando ela sentiu o braço dele envolver seu corpo. Ela pegou a mão dele para acariciar os dedos e ficou surpresa ao encontrar uma cicatriz recente na palma da mão.

"Como você conseguiu esse corte, Uri?" ela perguntou preocupada. Tem uma cor muito feia.

Uri retirou a mão.

"Não há nada de errado", ele respondeu rapidamente. eu curo.

Viana supôs que ela tinha que acreditar; afinal, ela mesma havia testemunhado suas habilidades. Resolveu, então, mudar de assunto.

"Conte-me sobre o seu povo", ele perguntou. Todo mundo é como você?

Lembrou-se de que, em certa ocasião, o menino havia lhe dado uma resposta contraditória, do tipo "sim, mas não" ou algo semelhante. No entanto, isso já havia acontecido há muito tempo. Quando Uri mal sabia falar.

Ela ficou intrigada, portanto, pelo fato de ele ter adotado uma atitude reservada.

"Sou como eles", disse apenas; ele parecia envergonhado, e Viana até pensou ter detectado um breve lampejo de raiva no fundo de seus olhos verdes. Mas o menino não quis explicar mais. E Viana não continuou a perguntar, embora não pudesse deixar de sentir-se intrigada.

No dia seguinte, ele tentou atraí-lo, mas Uri permaneceu inescrutável. Viana começou a se preocupar. O que é que ele tinha que esconder? O que ele encontraria no coração da floresta?

A jovem tinha muitas perguntas e, de repente, Uri não estava mais interessado em dar respostas. Foi frustrante. "Mas tenho que saber o que vou enfrentar", pensou Viana. "Muitas histórias são contadas sobre a Grande Floresta e eu preciso estar preparado." Ela esperava, no entanto, que ao longo da jornada Uri relaxasse um pouco e fosse encorajada a confiar nela.

Não foi assim. Enquanto caminhavam pela floresta, o menino parecia ficar mais tenso e nervoso. Alguma coisa terrível deve ter acontecido com ele ali, pensou Viana. Lembrou-se dos comentários de Uri sobre os bárbaros e imediatamente imaginou um possível cenário que explicasse a história do menino da floresta, do começo ao fim: os servos de Harak provavelmente tinham vindo à aldeia de Uri em busca da primavera, da juventude eterna, ou seja lá o que fosse. costumavam curar sua espécie tão espetacularmente, e seu segredo teria sido violentamente tirado deles, talvez matando todos e destruindo o lugar. Uri conseguiu escapar para buscar ajuda no mundo civilizado, mas suas experiências traumáticas o fizeram perder a memória. Pouco a pouco ele a recuperava, e dentro dele dois sentimentos lutavam agora: por um lado, o desejo urgente de retornar à sua terra para ajudar seu povo; do outro, o terror causado pelas memórias que vinham se recuperando. Ao chegar a essa conclusão, Viana não pôde deixar de sentir uma nova onda de amor e admiração pelo menino da floresta a inundar. Ele havia enfrentado os bárbaros, havia escapado deles... e agora estava voltando para enfrentá-los.

Assim como ela tinha.

Viana pegou a mão de Uri, apertou-a com força e deu-lhe um sorriso radiante em sinal de apoio. Talvez, quando chegassem ao seu destino, encontrassem uma aldeia arrasada ou, na melhor das hipóteses, governada por bárbaros. Talvez ela tivesse que ser forte pelos dois.

Então ele não perguntou sobre isso novamente, o que pareceu relaxar Uri. E os dois se concentraram na jornada à sua frente. Viana tentou ensinar o menino a caçar, e logo descobriu que ele não era ruim nisso. Ele também tinha um instinto especial para se mover pela floresta. A garota se lembrou de como tinha sido sua primeira viagem pelo deserto e como Uri parecia constantemente tropeçar em seus próprios pés, e ela ficou feliz em ver a memória do menino voltar rapidamente, suas habilidades retornando com ele. Era impossível, disse a si mesmo, que alguém que vinha do coração de uma imensa floresta não soubesse navegar por ela.

Como da primeira vez, a floresta tornou-se mais exuberante e intrincada à medida que avançavam. Embora a paisagem fosse cada vez mais estranha para Viana, Uri parecia reconhecer cada dia mais elementos: parou para acariciar a casca de uma árvore retorcida com um sorriso aberto; ele se

abaixou para colocar a mão em uma raiz coberta de musgo; levantou a cabeça para contemplar a bela tapeçaria formada pelas folhas das árvores... tudo em sua atitude indicava que começava a se sentir em casa.

Assim, uma manhã chegaram ao rio onde se conheceram, vários meses antes.

Nenhum dos dois disse nada. Apenas pararam na margem e olharam, de mãos dadas, para a rocha em que Viana encontrara Uri inconsciente. Após um momento de silêncio, eles trocaram um olhar e sorriram.

E eles se beijaram com ternura e paixão.

Eles decidiram acampar lá naquela noite.

Enquanto o fogo crepitava alegremente, Viana contemplava a moita escura que se estendia para além do rio. Território desconhecido. E embora ela se sentisse inquieta, uma parte dela estava calma porque Uri estava com ela.

Ela adormeceu, confiante, nos braços do menino da floresta.

E foi ele quem a acordou de madrugada, sacudindo-lhe o ombro com urgência.

- Viana! -sussurrar-. Atenção!

A garota abriu os olhos imediatamente e sentou-se, tensa, sacudindo as brumas do sono o melhor que podia. Ele olhou ao redor, forçando os ouvidos, mas não viu nada de incomum. As brasas do fogo iluminaram o rosto de Uri com um brilho laranja fantasmagórico.

"Viana, corra", disse então, apontando para a escuridão.

Ela pegou sua bolsa, arco e aljava e puxou sua faca, seus olhos fixos no local indicado por Uri.

Tudo o que ele viu foram duas luzes balançando no ar, lenta e hipnoticamente. Pareciam grandes demais para serem vaga-lumes. Viana olhou para eles, extasiado. Eles eram tão macios e ao mesmo tempo tão radiantes... tão lindos.

"Eles são... fadas?" ele perguntou, em um sussurro de admiração.

Ela fez menção de se aproximar das luzes, mas Uri a puxou de volta violentamente. Viana reagiu. Não era típico dele se comportar tão abruptamente. Ele entendeu então que a Grande Floresta era seu território, e ninguém conhecia seus perigos e mistérios melhor do que ele. Talvez fossem fátuos ou algo igualmente enganoso. Ainda olhando para as luzes, lutando para não se deixar dominar por sua beleza, ele deu alguns passos para trás, com a faca pronta.

As luzes avançaram, ambas ao mesmo tempo. Foi um movimento mais rápido que o normal.

"Viana", Uri sussurrou tenso, sua voz rouca. Correr!

Ela não questionou. Ele se virou e correu desesperadamente atrás dele.

Pouco antes de fazê-lo, ele teve um vislumbre da fera saltando das sombras para pegá-los. Era semelhante a um gigantesco gato selvagem, com

uma boca enorme que Viana poderia jurar que continha três fileiras de dentes e uma longa cauda de leão que açoitava furiosamente o ar atrás dela. Tinha dois apêndices semelhantes a bigodes, ambos encimados por globos luminosos que ondulavam no ar ao ritmo de sua corrida.

Viana ficou um instante paralisado de terror; agora ela não estava mais olhando para os apêndices luminescentes do monstro, que ela confundiu com fadas, mas também para suas presas aterrorizantes e garras enormes. Uri puxou-a com urgência, e Viana se obrigou a continuar correndo sem pensar no que os perseguia.

À luz da lua, Viana viu que Uri corria para o rio e não hesitou em segui-lo.

A água estava até a cintura. Os dois jovens lutaram contra a corrente para chegar ao outro lado, e Viana ouviu atrás dela um rugido frustrado. Ele arriscou um olhar por cima do ombro. Ele distinguiu a sombra da fera andando pela margem, para cima e para baixo, procurando um lugar para passar. Ele não vai pular na água, ele percebeu imediatamente. No entanto, era apenas uma questão de tempo até que ele se atrevesse a pular nas rochas que pontilhavam o rio e que servissem de ponte para atravessar para o outro lado.

Eles tinham que se apressar. Viana perdeu o equilíbrio e quase caiu na água pouco antes de chegar à margem, mas Uri a segurou.

Momentos depois, ambos correram para dentro da floresta. Assim que deixaram o rio para trás e entraram no mato, Viana teve de abrandar porque já não conseguia ver nada no escuro: as árvores impediam que a luz tênue da lua e das estrelas as alcançasse. Uri, no entanto, não diminuiu a velocidade em sua corrida.

"Espere, Ouri! ela chamou, ofegante. Não me deixe para trás!

O menino recuou para pegar a mão dela. Nesse momento, eles ouviram o grito triunfante da criatura que os perseguia. Viana estremeceu: parecia perto demais.

Uri, por outro lado, não se assustou. Ele continuou a avançar pela moita, arrastando seu companheiro atrás dele. Viana tropeçou nas raízes das árvores; a folhagem também atrapalhava seu progresso, e ele não podia deixar de se perguntar como Uri conseguia se mover com tanta confiança no escuro. Novamente eles ouviram o rugido da fera atrás deles. Viana olhou para trás e vislumbrou, ao longe, a luz fantasmagórica de seus apêndices flutuando entre as árvores.

"Uri, você sabe para onde está indo?" ele murmurou, estremecendo novamente; a verdade era que naquela floresta parecia não haver lugar para se refugiar. Por que não subimos em uma árvore? Talvez aquela criatura não possa nos alcançar lá.

"Ele sobe", foi a resposta do menino no escuro.

As mesas viraram, Viana entendeu. Quando se conheceram, era ela que parecia saber tudo, que tinha que lhe ensinar tantas coisas... Mas agora, no mundo dela, Uri era o especialista, e Viana só podia se deixar levar. No entanto, isso não explicava totalmente a segurança com que ele se movia à noite.

"Uri, você pode ver no escuro?"

"Eu não preciso ver", disse ele.

Viana notou que ele passava a palma da mão sobre os troncos das árvores. Você poderia reconhecê-los pelo toque? A possibilidade era fascinante.

De repente, Uri parou e o coração de Viana afundou. Diante deles havia uma barreira de árvores tão próximas umas das outras que não podiam passar entre seus troncos. Como era possível que Uri a tivesse levado a um beco sem saída? Ela tinha errado em confiar nele?

"Uri..." ela murmurou tensa. As luzes que os perseguiam estavam se aproximando.

O menino não respondeu. Ele havia colocado as palmas das mãos nos troncos de duas árvores adjacentes e estava esperando... pelo quê? Ele pretendia separá-los à força?

Viana carregou seu arco e apontou para a escuridão, respirando pesadamente. Ele não podia ver a criatura, mas de vez em quando captava o brilho de seus apêndices na vegetação rasteira. E mesmo que ele não fosse um alvo fácil, eles poderiam ter uma chance.

Ele respirou fundo, tentando se acalmar. Mas suas mãos tremiam, e a flecha que deveria matar seu perseguidor bateu incontrolavelmente contra a corda. Ele engoliu em seco e esperou.

Nesse momento, os globos brilhantes reapareceram na escuridão.

Viana disparou tentando mirar em um ponto intermediário entre os dois, onde a criatura devia estar com a cabeça.

Por um instante, as luzes desapareceram. A garota prendeu a respiração.

Mas então reapareceram de repente, muito mais perto, e Viana soltou uma exclamação de terror que se misturou com o rugido da fera.

Uri a puxou para cima e a jogou nas árvores. Viana cobriu o rosto com as mãos...

… mas o choque não ocorreu. Ele caiu para frente e balançou os braços no ar, tentando manter o equilíbrio. Para sua surpresa, ele pousou em um monte fofo de arbustos. Ela lutou para superar a perplexidade que tomou conta dela e ficou de pé, um pouco tonta. Ela se virou bem a tempo de ver as luzes da fera caindo sobre ela...

… E de repente houve um som estranho, como um som de clique, como se toda a floresta estivesse rangendo ao seu redor… e as luzes desapareceram. Houve um estrondo e um rugido furioso, depois arranhões... e nada mais.

Viana, com o coração ainda acelerado, tateou à sua volta, tentando localizar-se no escuro. Para sua surpresa, suas mãos encontraram uma barreira de árvore, a mesma que momentos antes havia bloqueado seu caminho. Só que agora estava entre eles e a criatura que os perseguia.

"Eu não entendo," a garota murmurou. Ele continuou explorando ao redor deles e descobriu que eles estavam fechados em um círculo formado por troncos de árvores, como uma gaiola protetora.

"Agora podemos dormir", disse Uri ao lado dele.

Viana agarrou-se a ele como se temesse que ele fosse desaparecer a qualquer momento. Os braços de Uri a envolveram, confortando-a.

-Como você fez...? ela começou. Como você pode...? As árvores mudaram?

"Boas árvores", disse Uri. Com eles, estamos seguros.

Viana não tinha tanta certeza. Era difícil para ele entender o que tinha acontecido. Uri tinha feito os troncos das árvores se moverem, primeiro para deixá-los passar, depois para protegê-los dentro de um círculo impenetrável de troncos?

"Uri... você é uma bruxa?" ele perguntou com um estremecimento.

"Não sei o que é um burujo", respondeu. Eu sou Ury.

Viana decidiu não pensar mais nisso. Parecia que ele estava certo e que ela estava segura, por enquanto. O berro da besta não podia ser ouvido, nem sua luz ameaçadora podia ser vista na escuridão.

"Talvez devêssemos acender uma fogueira..." ele sugeriu, mas sentiu Uri tenso em seus braços.

-Não faça. Não fogo", respondeu ele. Aqui não.

"Como quiser," ela concordou; era seu mundo, e ela tinha que aprender e respeitar suas regras.

Naquela noite ele não sentiu falta do calor reconfortante do fogo. Ela adormeceu nos braços do menino da floresta, enquanto as árvores vigiavam seu sono e os protegiam de todo perigo.

O amanhecer a arrancou de um pesadelo de bárbaros uivantes, feras horríveis e árvores ameaçadoras. Quando acordou, com uma exclamação de angústia, viu-se num cenário tão belo que o fez pensar que ainda estava sonhando.

Mas se assim for, não havia bárbaros ou criaturas nocivas em nenhum lugar. As árvores que os salvaram na noite anterior (ou ela havia sonhado com isso também?) eram um grupo bastante compacto, mas seus troncos não estavam tão próximos quanto pareciam na época. Ou talvez eles tivessem se separado novamente, assim como haviam feito para mantê-los fora do caminho durante o voo (isso realmente aconteceu ou ela imaginou?). Os galhos, que pareciam braços retorcidos no escuro, estavam cheios de botões verdes e flores perfumadas à luz do dia. A grama em que estava deitada era fresca e macia, e os arbustos que cresciam ao seu redor estavam repletos de

bagas de aparência apetitosa e pequenas flores silvestres. Lindas borboletas flutuavam sobre sua cabeça; Insetos voadores zumbiam preguiçosamente ao redor dela enquanto os raios de sol que fluíam pelas folhas acariciavam suavemente seu rosto. Viana ergueu a cabeça para admirar a delicada tapeçaria de luz e sombra que formava as copas das árvores. Uma brisa suave sacudiu os galhos e fez as folhas tremerem em um sussurro vegetal.

Ele procurou Uri, mas não o viu. Insegura, ela pulou. Ela tinha acordado em um lugar paradisíaco, sim, mas na noite passada ela estava prestes a ser devorada por um predador que ela não conseguia nomear.

Ela puxou a capa sobre os ombros, sentindo-se incomodada por estar sendo observada.

Nesse momento Uri chegou, sorrindo, abrindo caminho por entre as árvores.

"Viana", ele cumprimentou. Bom Dia.

"Uri," ela disse, sorrindo de volta. Onde estamos? Chegamos à sua terra?

O Rio.

"Ainda não", ele respondeu. Nós longe.

Viana sentiu-se desanimado. Claro, ele não esperava que eles chegassem em poucos dias, mas ele queria acreditar que em sua primeira viagem ele esteve perto de chegar ao seu destino, que ele teria, não fosse por aquela lesão prematura.

"Vamos," Uri disse, pegando a mão dela e puxando-a. Não devemos ficar muito tempo. Eles nao gosto.

-A quem? perguntou Viana, intrigado. Ele olhou em volta, mas não viu ninguém.

"Eu digo a eles que estamos em uma jornada", ele tentou explicar. Vamos. Não ficamos aqui muito tempo.

"Mas de quem você está falando?"

Uri riu.

"Você não vê isso", afirmou ele, sorrindo.

"Não", respondeu a garota, que estava começando a ficar com raiva. É só você e eu aqui.

Uri riu novamente.

"Você não mora aqui", disse ele simplesmente. Ele parecia estar tentando acrescentar mais alguma coisa, mas não deve ter encontrado as palavras, porque deu de ombros com um sorriso.

Viana se resignou a seguir Uri pelo mato, tentando entender o que ele estava insinuando. Talvez ele estivesse tirando sarro dela, ou talvez ele realmente acreditasse que havia seres invisíveis espionando-os das árvores.

Ela não sabia o que a incomodava mais: a possibilidade de que Uri estivesse certo ou que fosse apenas sua imaginação. Ela deveria deixá-lo guiá-la então?

Viana decidiu dar-lhe um voto de confiança; afinal, era verdade que criaturas estranhas e perigosas viviam naquela floresta, ela mesma havia verificado na noite anterior. E Uri a salvou. Não era mais do que provável que ele soubesse do que estava falando?

A partir desse momento, a jovem não pôde deixar de lançar olhares nervosos para a vegetação rasteira, apreensiva. De vez em quando, ele achava que podia distinguir um movimento fugaz com o canto do olho, talvez o breve tremor de uma folha, talvez uma leve sombra em um galho, mas não tinha certeza de que não era sua imaginação brincando. truques com ele.

No entanto, na floresta havia algo. Podia senti-lo na pele, na forma como os pelos da nuca se arrepiavam, no seu instinto de caçadora, o que a levou a carregar o arco sem saber bem onde atirar. Uri sempre a acalmava e dizia que não havia nada a temer desde que respeitasse as regras. Mas Viana não sabia quais eram essas regras. Ele só podia confiar que Uri o impediria de cometer erros nesta terra estranha.

Porque era, e de que maneira. As árvores ainda eram árvores, a relva e o mato ainda eram reconhecíveis, mas tomavam formas desconhecidas e cores selvagens, e havia centenas de espécies de flores, plantas e insectos que Viana nunca tinha visto. Até o musgo curioso que cobria algumas das árvores, um tom malva maçante, era incomum. Ela sentiu como se estivesse entrando em um novo mundo, uma floresta que tinha mil maravilhas para lhe mostrar.

A caça também começou a mudar. Quando, três dias depois de escapar da morte junto ao rio, Viana abateu o que lhe parecera uma perdiz, surpreendeu-se ao descobrir que se tratava de uma ave desconhecida, cuja plumagem sedosa, de rara beleza, parecia quase derreter-se em o fundo, cobertura vegetal que o envolve. Um tufo de penas amarelas cobria sua cabeça e a nuca, quase como a crina de um cavalo, e suas pernas estavam cobertas de penugem avermelhada. Viana lamentou ter matado um espécime tão raro.

"Coma", disse Uri.

-Se pode? ela perguntou em dúvida.

"Você mata, você come", ele respondeu. Você não deve matar de jeito nenhum.

Viana entendeu. Então eles assaram o pássaro em um local claro, longe da vegetação rasteira. De acordo com as instruções de Uri, infinitas precauções tinham que ser tomadas cada vez que se tentasse acender uma fogueira, então Viana tentava fazê-lo apenas quando era estritamente necessário. Os dois racionaram sua comida e tentaram se alimentar de bagas, frutas ou raízes o máximo possível. Nesse aspecto, Uri surpreendeu Viana mais uma vez: parecia saber tudo sobre a área da floresta por onde passavam, mas não quais espécies eram comestíveis e quais não eram. A menina ficou muito surpresa com este fato, mas seu companheiro não soube

explicar-lhe o motivo pelo qual ela poderia se orientar em seu próprio mundo, mas não teria conseguido se alimentar dele.

Por tudo isso, a viagem pela floresta começava a afetar os nervos de Viana. Ele não sabia o que encontraria atrás da próxima fileira de árvores ou se poderia comer com segurança os frutos daquela árvore, por mais apetitosos que lhe parecessem. Ele não sabia se eles estavam seguindo a rota correta e quanto tempo levariam para chegar ao seu destino. E, o pior de tudo, eles ainda tinham a sensação incômoda de que estavam sendo observados o tempo todo, o tempo todo. Uri não deu importância, mas também não negou que, de fato, havia algo ou alguém invisível naquela floresta que os observava há vários dias.

A garota disse a si mesma que o que quer que fosse, não poderia ser perigoso; caso contrário, ele os teria atacado há muito tempo.

No entanto, em duas ocasiões ela se sentiu realmente ameaçada.

A primeira ocorreu numa tarde em que ele caminhava atrás de Uri, já afetado pelo cansaço do dia. Ele tropeçou e, apoiando-se em um tronco de árvore para se equilibrar, inadvertidamente roçou um arbusto de espinheiro que Uri havia evitado cuidadosamente.

Foi instantâneo. De repente, os espinhos a atacaram como tentáculos de agulhas, arranhando e rasgando sua pele. Viana gritou e recuou, alarmado. O arbusto levantou seus galhos, acenando ameaçadoramente.

-O que é isso? Viana ofegou horrorizado.

"Planta Pica", disse Uri, empurrando-a para longe do mato. Atenção.

"Você poderia ter dito isso antes, certo?" ela protestou.

"Muitas plantas perigosas", respondeu ele. Eles mordem ou picam ou machucam se você tocar ou comer. Você deve fazer como eu.

"Eu sei", respondeu Viana, sentindo-se meio bobo. Sinto muito.

Uri parecia um pouco preocupado. Ele acariciou os cortes no rosto de Viana, mas não fez nenhuma tentativa de curá-los de forma alguma. Ela se sentiu um pouco desapontada, embora houvesse outro sentimento que ainda palpitava em seu coração: medo.

Ele seguiu Uri pela floresta, lançando um último olhar assustado para o espinho vivo. Ele nunca tinha visto nada parecido em sua vida, e ele desejou nunca mais fazer isso de novo.

Mas o próximo teste que ela teve que enfrentar a aterrorizou ainda mais.

Aconteceu dois dias depois. Os dois jovens haviam parado para descansar em uma pequena clareira, ao lado de um riacho que era pouco mais que um fio de água límpida deslizando entre as pedras cobertas de musgo roxo. Enquanto Uri vasculhava a bolsa do companheiro em busca de algo para comer no almoço, Viana reconheceu um arbusto de bagas comestíveis um pouco mais adiante. Ela foi pegar alguns e seus dedos automaticamente foram para o maior e mais redondo de todos eles.

Ele não chegou a tocá-la. De repente, a baga se afastou de suas mãos e Viana observou horrorizada quando ela se virou para revelar um rostinho moreno que sibilou furiosamente para ela do arbusto. A criatura era humanóide, tão alta quanto seu dedo indicador, e a parte de trás de sua cabeça parecia uma baga perfeita. Suas roupas eram feitas com folhas da mesma planta entre as quais ele se camuflava. Era uma fada, um espírito da floresta ou algo assim? Viana não sabia, mas não teve tempo de pensar. Ela deu um passo para trás, seu coração batendo forte. Esta criatura mostrou-lhe pequenos dentes afiados e, apesar de seu pequeno tamanho, parecia perigoso. Ele a viu voar pela folhagem com asas como as de uma libélula, e não sentiu vontade de segui-la.

"Uri..." ele murmurou.

O menino estava ao lado dela, contemplando a cena com seriedade. Era óbvio que ele tinha visto a coisinha que estava escondida no mato. E ele não pareceu surpreso.

"Existem... muitas outras criaturas como esta na floresta?"

O menino sorriu.

"Tudo cheio", disse ele, apontando ao redor.

Viana sempre sonhou em descobrir que os contos de fadas que sua mãe lhe contava quando criança tinham algo de real. Ele imaginou que um dia conheceria os habitantes da Grande Floresta e que seria um momento cheio de magia. Ela nunca acreditou que sentiria aquele terror sabendo que estava sendo observada por centenas de olhinhos do mato. Ele nunca tinha pensado que fadas, ou o que quer que fossem, iria lhe inspirar tanta apreensão.

Ela se agarrou ao corpo de Uri, tremendo. Ele colocou um braço protetor ao redor dela.

"Não tenha medo", disse ele. Eles não são ruins. Você não deve assustá-los. Você não deve perturbá-los. Eles não fazem mal.

A informação parecia contraditória, mas Viana achou que entendia que aquelas criaturas não a atacariam se ela não os incomodasse. O que significava que eles poderiam machucá-la se se sentissem ameaçados. Ele balançou sua cabeça. Se fossem todos tão pequenos quanto o ser que ele descobrira entre as bagas, não havia nada a temer. Ou sim?

Ela ainda estava tremendo de medo quando eles começaram a andar novamente. Ele não pôde deixar de olhar ao redor com desconfiança, tentando descobrir os seres que os estavam perseguindo. Ela não viu nada fora do comum, mas isso não a tranquilizou. Eles estavam por toda parte. Camuflado na floresta, entre os arbustos, entre os galhos, entre as raízes e os fungos que cresciam nos troncos úmidos. Quantos seriam? Dezenas? Centenas? Milhares?

Uri sentiu seu desconforto e pegou sua mão.

Vários dias se passaram antes que eles chegassem ao seu destino. Durante esses dias, Viana relaxou gradualmente. Ele começou a ver mais

criaturas: quase todas eram pequenas e se misturavam com o ambiente. Sua pele tinha a textura de casca de árvore e seus cabelos pareciam feixes de galhos ou pequenos tufos de grama. Alguns exibiam antenas ou pernas como insetos: outros, asas de libélula ou borboleta. Suas cabeças tinham a forma de bagas ou cogumelos. Seus rostos mostravam feições humanas, mas suas expressões não eram deste mundo. Alguns fizeram caretas para ele, outros riram loucamente. Houve alguns, porém, que sorriram de forma tão doce e enigmática que Viana se sentiu ao mesmo tempo emocionada e apavorada. No entanto, ambos tinham algo em comum: a garota não poderia ter visto nada se eles não tivessem se mostrado voluntariamente diante de seus olhos. Alguns espiavam curiosos para vê-los passar; Outros jogavam para confundi-la ou assustá-la, mas não pareciam fazê-lo maliciosamente. Viana entendeu que eles a estavam observando há algum tempo e decidiram que ela não era uma ameaça. Talvez a presença de Uri, tão calmo e confiante, tenha influenciado essa impressão.

O menino não falava com os seres, nem eles pareciam interessados em se comunicar com ele. Parecia que um e outro eram simplesmente elementos do mesmo conjunto, acostumados à presença um do outro. Viana era o intruso, o estranho. Por isso, a princípio, olharam para ela com desconfiança. Ela, por sua vez, reagia encolhendo-se e agarrando-se apreensivamente a Uri sempre que vislumbrava um rosto manchado na vegetação rasteira ou ouvia sussurros ou risadas desumanas. Aos poucos, os gestos das criaturas foram se tornando cada vez mais amigáveis, e Viana acabou se acostumando com eles.

Os últimos dias da viagem passaram como num sonho. Viana seguiu Uri sem se preocupar com a rota ou os dias que faltavam para chegar ao seu destino. Ele poderia jurar que as árvores se moviam para abrir caminho para eles, às vezes juntando seus troncos atrás deles, impedindo-os de voltar. Muitas vezes ela sentia que os galhos se separavam um pouco para facilitar seu caminho, e que até as raízes recuavam um pouco para não tropeçar nela. Não pode ser, parte de seu pensamento; mas era uma voz pequena à qual ele mal prestou atenção. Ele simplesmente se deixou levar e, assim, começou a apreciar a beleza da floresta encantada; à noite, pequenas criaturas feéricas brilhavam por entre as árvores como vaga-lumes. Ao amanhecer, alguns cantavam canções que transmitiam uma alegria profunda e misteriosa. Canteiros inteiros de flores se abriram em uma chuva de asas multicoloridas quando os dois intrusos passaram. Pérolas de orvalho brilhavam nas teias de aranha que pendiam ao sol do fim da tarde. Pequenos seres saltavam entre enormes cogumelos em formas fantásticas. Logo, a atitude das criaturas da floresta tornou-se muito mais amigável, e Viana percebeu que eles estavam competindo entre si para mostrar a ela as maravilhas de seu mundo. Alguns voaram até ela para entregar uma flor, uma baga ou um broto verde; outros a guiaram até a curva mais bela e selvagem de um riacho, a uma cachoeira

sombria, envolta em um arco-íris cintilante, ou a uma clareira atapetada de flores silvestres.

Então, uma manhã, Uri acordou Viana e disse a ela:

-Estamos perto.

A garota saltou para seus pés, seu coração batendo forte. Uri levou um dedo aos lábios quando eles partiram, e Viana assentiu, tenso.

Durante aquela viagem ele se familiarizou com a surpreendente paisagem da Grande Floresta, e mal prestou atenção aos dois seres que esvoaçavam atrás deles, envoltos em um vestido que simulava o botão de uma flor com grandes pétalas brancas.

Depois de ir um pouco mais longe, Uri a conduziu por um barranco ladeado de pequenas árvores. Quando levantaram o estilingue, Viana parou.

Ele havia notado um estranho e pesado silêncio no ambiente, mas agora começava a perceber algo que se elevava acima dele: parecia um apito composto por vários instrumentos de sopro tocando ao ritmo.

Ela olhou ao redor, intrigada.

Ele estava em uma esplanada pontilhada de árvores cujas raízes se projetavam do chão musgoso e se entrelaçavam formando uma densa rede que parecia uni-las. Seus troncos estavam parcialmente escondidos por cascas avermelhadas e lascadas, como se estivessem trocando de pele. Também os galhos, que se erguiam orgulhosamente até o topo, se enredavam uns nos outros. E suas folhas...

Viana soltou uma exclamação de espanto.

As folhas dessas árvores eram muito grandes; tanto que qualquer um dos menores poderia cobrir amplamente o rosto de uma pessoa, como uma máscara. Mas cada um deles parecia estar voltado para uma direção diferente, e muitos se enrolavam sobre si mesmos ou formavam espirais curiosas. Depois de observá-los por um tempo, Viana descobriu com espanto que eles se moviam devagar e com cuidado. E não foi por causa do vento.

Viana teria jurado que as árvores viraram voluntariamente cada uma de suas folhas, como uma dançarina moveria os dedos ao som de uma música. Só que, neste caso, a música foi produzida por eles mesmos. O ar assobiava através de suas folhas, e as árvores as sacudiam como sinos ou as enrolavam para soar como pequenas flautas, ou as sacudiam e torciam para fazer sons estranhos e maravilhosos. Tudo isso compôs um refrão fascinante que manteve Viana em êxtase por muito tempo, até ela entender o que estava acontecendo.

O vento nunca soou assim em nenhum outro lugar do mundo.

Eram as árvores. Eles estavam cantando.

Viana piscou, mas não conseguiu evitar que as lágrimas transbordassem de seus olhos e rolassem por suas bochechas. Caiu no chão - sentiu o estremecimento das raízes sobre as quais se sentara - e ficou muito tempo, não sabia dizer quanto, ouvindo o canto das árvores. Aquela música parecia

falar de tudo o que acontecia sob o céu, desde o subsolo até as nuvens mais altas; cantou à chuva, à terra, ao vento e ao sol; escorregou por todas as frestas da alma e a ergueu, como se tivesse asas, até o lugar onde nasceram as estrelas.

E enquanto isso, as fadas dançavam, dançavam ao som das árvores, embriagadas por sua cativante melodia.

Quando as árvores finalmente deixaram suas folhas imóveis, Viana pareceu acordar de um sonho. Ele percebeu então que estava com fome e se perguntou há quanto tempo estava ali, ouvindo as árvores cantarem. As histórias vieram à mente de homens incautos que vagaram pela Grande Floresta e permaneceram encantados por séculos, presos pelos feitiços das fadas. Ela olhou para as mãos em pânico, com medo de encontrá-las enrugadas como as de uma velha. Mas tudo parecia ser o mesmo de sempre.

Então ela descobriu que ao lado dela estava Uri, visivelmente emocionado.

"Aqui, Viana", disse ele com a voz rouca. Esta é a minha casa.

Ela observou enquanto ele se levantava de um salto e ia de árvore em árvore, batendo em seus troncos como se cumprimentasse seus velhos amigos.

Ela se levantou e caminhou atrás dele, à sombra das árvores cantantes, que pareciam inclinar seus galhos em sua direção como se a recebessem no lugar.

Não demorou muito para que ele alcançasse. O menino havia parado perto de uma árvore um pouco maior. A princípio, Viana achou que era um espécime diferente dos que a haviam tocado tão profundamente; mas, ao se aproximar, percebeu seu erro: sim, era uma das árvores cantantes... mas estava morta. Não tinha mais folhas, seu tronco estava seco e havia perdido sua bela cor avermelhada: agora apresentava um tom cinza acinzentado. Além disso, Viana descobriu com consternação uma cicatriz horizontal, como o golpe de um machado, que marcava profundamente sua casca. Os dedos de Uri correram sobre ela como se quisesse curar a árvore com seu toque mágico. Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

"Quem fez isto?" sussurrou Viana; por alguma razão, ele não se atreveu a levantar a voz neste lugar.

"Eles," Uri respondeu. Não deu mais detalhes, mas a jovem entendeu que se referia aos bárbaros. Ele estremeceu. Que tipo de pessoa seria capaz de atacar uma árvore tão extraordinária como essa?

Continuaram a marcha. Encontraram, aqui e ali, mais árvores mortas; todos eles mostravam aquela marca horrível no tronco, como se alguém quisesse derrubá-los mas tivesse parado no meio do caminho. Viana não entendia por que alguém iria querer indicá-los dessa forma.

Não demorou muito para ele entender, no entanto. Momentos depois, Uri soltou uma exclamação consternada e se lançou em uma das árvores maiores.

Viana o seguiu, e o que viu a deixou com a boca aberta e o coração na boca.

A árvore estava viva... parada. Alguém tinha feito o mesmo corte em seu tronco que matou os outros. Dela escorria lentamente um fio de seiva esbranquiçada que caía em um balde colocado a seus pés.

Viana piscou, um pouco confuso. Então era isso... Alguém estava espremendo as árvores, sugando a seiva delas até que estivessem completamente secas... até que não pudessem mais cantar. Por quê?

Ela olhou para Uri em busca de respostas, mas ele estava profundamente preocupado com o destino da árvore. Ele havia empurrado o balde para longe, derrubando-o com raiva, e agora estava tentando parar o fluxo de seiva. Ele só conseguiu manchar as mãos e as largou desconsolado.

Viana queria ajudá-lo. Ele pegou sua capa e fez menção de enrolá-la no tronco da árvore, como alguém enfaixando um galho ferido para estancar o sangramento. Mas Uri a deteve e balançou a cabeça.

"Não adianta", disse ele. Olhar.

Viana olhou em volta, e o que viu a sobrecarregou.

Havia muitas outras árvores na mesma situação. Os maiores, aqueles com o tronco mais grosso e as raízes mais profundas. Todos haviam sido feridos da mesma forma, e sua seiva estava sendo coletada diligentemente em recipientes dispostos de modo a não deixar cair uma única gota.

"Mas..." a garota começou.

Ele não podia continuar; De repente, Uri a silenciou e a puxou para escondê-la atrás do tronco da árvore.

Viana compreendeu imediatamente que estavam em perigo. Ele puxou o arco e espiou cautelosamente por trás da árvore.

Ele viu duas mulheres bárbaras mexendo nos baldes de seiva. Eles carregaram os que já estavam cheios e os substituíram por recipientes vazios. Viana manteve-os ao alcance durante muito tempo, sem decidir largar a corda, até que finalmente se perderam no meio da floresta. A jovem baixou o arco.

"Então é isso," ele murmurou. Eles estão coletando a seiva das árvores que cantam. Mas por qual motivo?

Uri olhou para ela; uma profunda tristeza podia ser adivinhada no fundo de seus olhos verdes.

"Eles curam", explicou ele. As árvores.

Viana levou apenas alguns instantes para assimilar o que as palavras de Uri implicavam.

Quando o fez, de repente percebeu que havia finalmente encontrado a fonte da eterna juventude de que falavam as lendas. E não era a fonte que ele havia imaginado.

Brotou das árvores cantantes.

Capítulo XIII



En el que se relata una expedición de catastróficas consecuencias.

URI E VIANA passaram o resto do dia a espiar os bárbaros, que tinham acampado num vale um pouco mais afastado. Até ali levava um caminho aberto a fogo e espada na floresta, pisado por carroças que iam e vinham carregadas de enormes barris de seiva. Viana se perguntou quanto tempo levara os bárbaros para dominar a Grande Floresta; talvez meses, talvez anos. Nem mesmo uma tradição secular de histórias arrepiantes de seus perigos foi suficiente para moderar sua loucura imprudente e ambição desenfreada. Eles abriram caminho por entre as árvores e a vegetação rasteira, desafiando seus habitantes e derrotando os monstros que espreitavam no mato, criando um caminho para suas carruagens que os levavam ao coração da floresta... ao lugar onde as árvores cantavam. .

Viana observou os bárbaros, oprimidos, durante todo o dia. Ele observou suas mulheres esvaziarem os baldes uma e outra vez, enquanto os homens carregavam barris nas carroças e os meninos conduziam os bois para expulsá-los da floresta o mais rápido possível. Ficou claro que eles precisavam de grandes quantidades de seiva, mas para quê? Harak tinha que se banhar nele todos os dias para ser imbatível? Talvez ele tivesse o hábito de misturá-lo com sua bebida? Ou talvez ele estivesse estocando o precioso líquido simplesmente para garantir seu suprimento para o resto de sua vida?

Havia muitas perguntas sem resposta. Por que as árvores não se defenderam desse ataque? O que os bárbaros fizeram com o povo de Uri? Todos eles foram exterminados? Mas Viana não se atreveu a fazer-lhe todas estas perguntas. Uri estava tão afetado por tudo o que estava vendo que não queria fazê-lo se sentir pior.

De qualquer forma, ele tinha que informar Lobo do que estava acontecendo lá. Ele encheu um cantil com seiva de um dos baldes; essa seria a prova que o convenceria de que sua história era verdadeira. Quando verificasse as propriedades daquela substância extraordinária, pensou Viana, Lobo estaria mais disposto a ouvir o que ele tinha a lhe dizer.

Ao cair da noite, os bárbaros acenderam uma fogueira e se reuniram em torno dela. Cantavam na sua língua áspera e bebiam e brindavam à saúde do grande Harak, e Viana detestava-os por pisarem tudo no seu caminho. Mas

então uma figura baixa e esquelética emergiu de uma das tendas, e todos ficaram em silêncio como por magia. Era um homem de meia-idade com longos cabelos grisalhos trançados; ele estava envolto em um manto marrom adornado com várias contas como os dentes ou garras de vários animais, e ele se apoiava em uma bengala de madeira elaboradamente esculpida. Seu rosto estava pintado com sinais que Viana não conhecia, e que realçavam o olhar penetrante em seus olhos escuros.

O coração da jovem disparou quando ela o reconheceu: era o bruxo que havia se casado com as donzelas de Nortia. Aquele que a havia entregado ao bruto Holdar.

Ele cerrou os punhos com raiva. De seu esconderijo tentou ouvir o que dizia, mas mal conseguia entender suas palavras, porque falava em sussurros. Ele não precisou levantar a voz: todos os presentes, mesmo os grandes homens mais ferozes, ouviam-no com atenção e reverência.

"O que ele está fazendo aqui?" Viana se perguntou em voz baixa.

"Ele amarra as árvores", disse Uri no mesmo tom. Eles não podem se mover.

A jovem virou-se para ele, surpresa.

-Que queres dizer?

Uri respirou fundo, como se tentasse organizar seus pensamentos ou encontrar uma maneira de expressá-los corretamente.

"Eles estão vindo há muito tempo", explicou ele. Eles querem tirar o sangue das árvores. Mas eles não vão embora.

"Eles se defenderam?"

Viana imaginou as árvores lutando, açoitando os bárbaros com seus galhos. Mas, de qualquer forma, eles não devem ter tido muitas oportunidades. Afinal, eles não podiam escapar. E os humanos tinham armas tão terríveis quanto machados ou fogo. Eles poderiam ter movido seus galhos ou raízes para derrubar os baldes que coletavam sua preciosa seiva... mesmo que apenas para se rebelar contra esse destino?

"Ele faz coisas e diz coisas e as árvores dormem", concluiu Uri, apontando para o mago.

"Ele colocou um feitiço neles", murmurou Viana, estremecendo. Que tipo de coisas o feiticeiro fez, Uri?

O menino suspirou e esfregou o olho. Ele parecia muito cansado, como se lembrar de tudo isso lhe custasse um esforço tremendo.

— Ele tem água e coloca coisas nela, tipo sopa. Então ele enfia o dedo na sopa e desenha coisas nas árvores.

Viana ia fazer um comentário quando o feiticeiro parou de falar e os outros bárbaros cantaram um cântico vitorioso em uníssono.

Viana ficou paralisada ao ouvir o que eles disseram.

Eles falaram de um exército invencível que nada poderia prejudicar. Uma maré de bárbaros que conquistaria as terras do sul e depois o mundo

inteiro.

Ela levou as mãos à boca para abafar um suspiro de horror.

Os baldes de seiva não eram para Harak. Eram para todos os seus guerreiros. Eles se banhariam nele antes de cada batalha e seriam invulneráveis.

Ele se sentou de repente.

"Temos que voltar", disse ele com urgência. Lobo e os outros devem ser avisados. Garrid estava certo: você não pode derrotar bárbaros em guerra aberta. Você tem que encontrar outra maneira.

Uri olhou para ela sem expressão, a princípio, mas então uma expressão de angústia começou a aparecer em seu rosto.

-Não faça! ele exclamou. Você deve ajudar meu povo. Estamos aqui para ajudar meu povo!

Falou alto demais e, antes que Viana pudesse se conter, os bárbaros voltaram os olhos para o local onde se escondiam. Além disso, Uri havia se sentado e agora estava claramente visível à luz do fogo. A garota amaldiçoou a si mesma.

“Temos que sair daqui, Uri. Eles nos viram.

Podia jurar, aliás, que os olhos curiosos do feiticeiro se fixavam no companheiro com um interesse sinistro.

Ali terminou o dia de espionagem. Uri e Viana fugiram pelo mato, os bárbaros em seu encalço. Felizmente, a própria floresta cobriu seus passos. Uri corria como um cervo no escuro, arrastando Viana atrás de si, enquanto os bárbaros contavam com a luz de suas tochas para se orientar. Por outro lado, as árvores e a vegetação rasteira pareciam abrir caminhos para os fugitivos, mas atrapalhavam os passos de seus perseguidores. E assim, pouco antes do amanhecer, os dois jovens finalmente pararam para descansar, certos de que haviam sido deixados para trás.

"Não podemos voltar, Uri", disse ela, vendo o menino se virar para olhar o lugar que estavam deixando para trás.

Mas meu povo...

"Eu sei", interrompeu Viana. Não posso fazer nada para ajudá-los. Eu sou apenas uma garota, lembra?

"Você é forte", disse Uri, olhando para ela com fé inabalável. Eu te amo.

Viana encostou-se no tronco de uma árvore, tentando pensar, enquanto tentava não notar o constrangimento que suas palavras lhe causaram.

"Eu vou... eu vou te dizer o que vamos fazer," ele gaguejou finalmente. Vou procurar o Lobo e pedir-lhe que traga reforços. Voltaremos com um bando de soldados e lutaremos contra o feiticeiro e seus bárbaros. Vamos procurar seu pessoal então, ok? Vamos tentar descobrir o que aconteceu com eles. Mas antes de tudo, temos que parar o fornecimento de seiva; se o fizermos, o exército de Harak não será mais tão invencível. E se

conseguirmos o apoio dos reis do sul, podemos expulsá-los de Nortia e da Grande Floresta para sempre.

Uri seguiu seu raciocínio cuidadosamente, franzindo a testa enquanto tentava entender tudo o que ela dizia. Ele finalmente assentiu.

"Nós voltamos para o seu povo", disse ele. Então eles ajudam meu povo.

"Isso mesmo", sorriu Viana. Sim é isso.

Uri riu como uma criança e a beijou.

"Obrigado, Viana", disse feliz.

"Em movimento, então." Temos que voltar o mais rápido possível.



E assim, depois de uma longa viagem, Uri e Viana voltaram ao acampamento rebelde. Ambos chegaram cansados e famintos, porque não queriam parar mais do que o necessário. Suas roupas estavam sujas e tinham vários rasgos. Mas eles estavam em casa, e isso era o mais importante.

No entanto, ao entrarem na clareira, depararam-se com uma visão inesperada: o local estava deserto e algumas cabanas pareciam abandonadas. A fogueira do acampamento havia se apagado, deixando apenas os restos de uma pequena fogueira perto da cabana das mulheres.

-O que aconteceu aqui? exclamou Viana.

Ela correu para o centro da clareira, seguida por Uri.

"Oláoooo?" -gritar-. Onde está todo mundo?

"Eles se foram, minha senhora", disse uma voz atrás dela.

Viana virou-se. Lá estava Dorea, parada na porta de sua cabine.

A garota se juntou a ela e se refugiou em seus braços. Dorea a abraçou com força. Ela parecia feliz e animada por vê-la novamente, mas ao mesmo tempo Viana percebeu nela um tom de tristeza e preocupação.

"Pensei que nunca mais veria você, criança", disse a mulher, com os olhos cheios de lágrimas. Quando você saiu com Uri... por que você saiu com Uri? ele perguntou de repente, um brilho suspeito em seus olhos.

— Fomos ao coração da floresta — respondeu Viana apressadamente, evitando a pergunta —, e vimos as árvores que cantam. Os bárbaros estão lá, Dorea. Eu tenho que falar com Wolf. Onde está? Harak prepara um ataque contra os reinos do sul...

"Eu sei," Dorea interrompeu. Por isso todos foram embora, Viana. Lobo preparou seu exército e eles partiram para a fronteira sul de Nortia para detê-los no rio Piedrafría. A maioria das mulheres saiu daqui, porque não se sentia mais segura sem a proteção dos homens. Mas fiquei esperando seu retorno. Mesmo que o Lobo tenha dito que te expulsou do acampamento, nunca perdi a esperança de que você voltasse... Ah, Viana, por que você não

me contou? Se não queria que eu fosse com você, por que pelo menos não disse adeus?

Mas Viana não a ouvia. A notícia da partida do exército rebelde a atingiu como um balde de água fria.

"Não, não", ele murmurou. Não pode ser, Dorea. Eles não podem ter saído já...

"Sim, Viana", ela confirmou. Eles partiram há quase duas semanas. Wolf não queria esperar mais. Você mesmo disse a ele que os bárbaros estavam planejando atacar os reinos do sul quando o inverno começasse, então eles se mudaram para encontrá-los antes que isso acontecesse.

“Mas... mas... eles não serão capazes de derrotá-los, Dorea. Ninguém pode vencê-los agora. Será um massacre.

“Tenha fé, garota. O exército rebelde não é tão indefeso quanto você pensa. Lobo está em conversações com alguns dos reis do sul há algum tempo; embora tenham se aliado a Harak para manter sua independência, enviarão secretamente tropas para nos apoiar, e também têm um exército pronto para agir no momento em que os bárbaros tentarem cruzar a Coldstone. lobo disse...

"Não importa o que o Lobo diga ou quantos guerreiros estejam mobilizados para lutar contra os bárbaros", cortou Viana angustiado, "porque não vão conseguir derrotá-los". Ah, o que eu vou fazer? Eu nunca serei capaz de alcançá-los a tempo. Mas se eu não deixá-los saber...

“Minha senhora, acalme-se. Você está muito chateado. Confie no Lobo. Ele entende os assuntos de guerra mais do que nós, mulheres. Ele sabe o que faz.

Mas Viana se livrou do contato, exasperado.

"Não, você não sabe!" Ele balançou a cabeça desesperadamente. Escute, Dorea: descobrimos um plano secreto dos bárbaros que Lobo não conhece, entendeu? Se não contarmos a ele o que sabemos, os bárbaros vencerão novamente, e será final.

Dorea respirou fundo.

"Eu entendo", ele murmurou. Então você deve partir imediatamente, minha senhora. Se você tiver um corcel rápido, você pode pegá-los antes que eles ataquem as tropas de Harak.

"As tropas de Harak", repetiu Viana, pensando muito. Eles ainda não começaram, não é?

"Não sei, Viana. Mas a cidade está tranquila. Se o senhor de Torrespino e seus vassalos planejam se juntar ao exército do rei, certamente o farão em breve. Até agora, eles não abandonaram essas terras.

Viana assentiu, mais animado.

"Então talvez tenhamos uma chance." Vou encontrar o Lobo, Dorea. E você terá que me ouvir porque, caso contrário, não haverá esperança para Nortia.

A enfermeira suspirou.

"Entendo, Viana. E eu sei que não posso te parar. Quando você coloca algo em sua cabeça, ninguém é capaz de fazê-lo mudar de ideia; Tem sido assim desde que você era muito pequeno. Mas me diga: o que você vai fazer com Uri? Ele não pode andar a cavalo, e se você o levar com você, ele vai atrasá-lo.

Preocupado com o destino das forças rebeldes, Viana havia se esquecido completamente de Uri. Ela o sentiu ao seu lado, e sua presença a confortou, mas ao mesmo tempo plantou dúvidas em seu coração. Depois de passar tanto tempo juntos, a ideia de se separar dele era insuportável. Mas Dorea estava olhando para o menino e não pareceu notar sua inquietação.

"O que aconteceu com seu cabelo?" ele perguntou de repente. Por que sua cor mudou?

Viana virou-se para Uri, e foi então que percebeu com choque que, na verdade, ele não era mais loiro: seu cabelo havia se tornado um castanho quente. Quando isso aconteceu? Não poderia ter acontecido de repente, já que ela teria notado. Talvez seu cabelo tenha escurecido gradualmente ao longo dos dias. Mas por qual motivo? Surpresa, ela estendeu a mão para acariciar seu cabelo. Uri, no entanto, parecia inquieto.

"Viana?" ele perguntou incerto.

"Uri, Dorea está certa", disse ela. Seu cabelo mudou de cor. É normal? Isso acontece com todo mundo que é como você?

Mas Uri não respondeu. Nervoso, ele colocou a mão na cabeça, despenteando o cabelo enquanto olhava para cima desesperadamente, como se sua cabeça pudesse ser vista.

"Não, não, não", ele murmurou, e correu na direção do rio.

—Uri! Viana ligou. O que acontece? -Se pergunto-. Por que ele se importa tanto em não ser loiro?

-Loiro? Dorea repetiu, rindo. Minha senhora, Uri nunca foi loiro. Todos nós já vimos isso claramente antes que ele tivesse cabelos verdes. Um verde um pouco peculiar, talvez pudesse ser algo dourado quando o sol batesse, mas loiro? Ele balançou sua cabeça.

Viana corou.

"Pareceu-me... Não importa", concluiu. Vou procurar. Então vamos comer alguma coisa e eu vou para o sul imediatamente. E quanto a Uri...” Ele fez uma pausa. Eu decido mais tarde.

"Como quiser," Dorea respondeu. prepararei um bom guisado; Imagino que você vai estar com fome. E o menino também”, acrescentou. Ele lançou um olhar desconfiado para Viana ao mencionar isso, mas ela já estava indo atrás de Uri.

Com um suspiro pesado, Dorea a observou partir. Ela estava começando a perceber que havia mais do que amizade entre sua patroa e o menino da floresta. Em outras circunstâncias, a boa mulher teria feito tudo o que

pudesse para convencê-la a terminar esse relacionamento, porque era totalmente inadequado para uma dama... seu castelo e, afinal, ninguém mais se importaria com o fato de Viana e Uri estarem mais juntos. Exceto provavelmente Harak, que ainda poderia ter interesse em casá-la com um de seus guerreiros, e talvez Robian. Mas nenhum deles merecia sequer beijar o chão que a patroa pisou, Dorea disse a si mesma com desprezo, então eles também não tinham o direito de dizer nada sobre isso. Então ela suspirou novamente e entrou na cabine em busca dos ingredientes que precisava para cozinhar.

Viana encontrou Uri na beira do rio, tentando vislumbrar o reflexo de seu rosto na correnteza. Ele ainda murmurava:

-Não não não…

A garota o observou por um momento, imaginando o que havia em seu cabelo que o deixava tão chateado. Finalmente, com um suspiro, ela vasculhou sua bolsa até encontrar o estojo de veludo contendo as joias de sua mãe. Ele encontrou o que procurava: um precioso medalhão de ouro cravejado de pérolas.

"Uri," ele chamou.

O menino virou-se para olhá-la com um sorriso. Ele sempre tinha um sorriso para ela, pensou Viana. Em qualquer momento. Em qualquer situação.

“Você vê esta joia? -Disse-lhe; Uri sentou-se ao lado dela para observá-la melhor. Pertencia à minha mãe. Meu pai deu a ele, no dia que ele conquistou. Não pela joia, embora seja muito bonita e valiosa, mas pela forma como foi dada a ela. Minha mãe perguntou se ele estava ansiando por alguma dama. Meu pai lhe disse que sim, e que a mulher que ele amava era a mais bonita de Nortia, que seu coração pertencia a ela por completo e que ele nunca poderia olhar para outra mulher da mesma maneira. Minha mãe, naturalmente, sentiu-se um pouco rancorosa e quis saber quem era o sortudo. "Aqui você pode ver isso", meu pai respondeu, dando-lhe este medalhão. Minha mãe o abriu, esperando encontrar nele o retrato de uma bela donzela. E... — Viana abriu o medalhão; Dentro havia um pequeno espelho, e a garota sorriu quando o viu. Quando ela viu a imagem refletida aqui, minha mãe entendeu que meu pai a havia pedido em casamento de forma discreta e muito inteligente. E ela caiu no charme dele.

Viana ficou calada, lembrando-se das vezes que sua mãe lhe contara aquela história quando ela era pequena. Parecia uma história muito romântica na época. Agora, porém, achava uma pena que as relações entre os jovens nobres de Nortia dependessem de ardis, trocadilhos e duplos sentidos. E ela pensou em como a declaração de Uri tinha sido simples e sincera: "Eu te amo", ele disse, sem mais delongas.

"Bem," ele concluiu, voltando ao presente. O que quero dizer é que isso é um espelho, e você pode se ver melhor aqui.

Uri olhou para o pequeno cristal no medalhão, surpreso que trouxesse de volta sua própria imagem tão claramente. Mas seu olhar permaneceu em seu cabelo, e ele fechou o medalhão, quase com raiva.

-O que está acontecendo? Viana quis saber, recuperando a joia.

"Meu cabelo é castanho," Uri explicou, parecendo muito infeliz.

-Eu já vi. Por que mudou de cor? Que significa isso?

Ouri não respondeu.

"O cabelo das pessoas muda de cor às vezes", continuou Viana, tentando incentivá-lo a falar. Quando envelhecem, fica cinza e depois branco. Isso acontece com você também? Você e as pessoas que são como você?

Ury assentiu.

"O clima, sim", disse ele. O tempo muda de cor. Mas é muito cedo para mim," ele gemeu.

"Você quer dizer que você está ficando velho, mas você é jovem, ou algo assim?"

"Eu tenho que voltar," Uri explicou. Tenho cabelo castanho porque tenho que voltar.

-Voltar para onde? com seu povo?

Ury assentiu.

-Tenho pouco tempo. Cabelo castanho é pouco tempo. Quando o frio chega, volto para casa.

Viana respirou fundo.

"Casa," ele repetiu suavemente. Quer dizer que você vai... me deixar?

Uri olhou para ela com óbvia angústia.

— Não... Viana, não te deixar... não quero...

Ela entendeu seu dilema então, embora não entendesse por que tinha que partir com a chegada do inverno. Por alguma razão, a jornada de Uri fora dos limites da Grande Floresta tinha uma data final. Em algum momento ele teria que voltar ao seu mundo... e não queria, porque isso significaria ter que abandonar Viana.

Mas para onde ele estava planejando voltar? O que os bárbaros teriam feito com seu povo?

E se a aldeia deles tivesse sido arrasada e todos nela mortos?

"E... eu não posso ir com você?" ele perguntou, engolindo em seco.

"Não, Viana.

“Então fique. O que pode acontecer com você se você não voltar? Quando a guerra acabar, vou recuperar minhas terras e ter meu próprio exército. Posso defendê-lo de qualquer coisa. Você estará seguro e protegido ao meu lado.

E você vai se casar com ele então?, disse uma vozinha insidiosa dentro dela. Viana a ignorou.

Como Uri não disse nada, ela tentou encontrar outra solução:

"Ou podemos fugir juntos, para longe, onde ninguém vai nos encontrar." Eu daria minha herança por você, Uri," ele declarou, e assim que ele falou as palavras, ele sabia que estava falando sério. Vamos recomeçar em outro lugar, onde eu não sou Viana de Rocagrís e você não é o herói que teve que salvar seu povo.

Mas Uri balançou a cabeça.

"Você não entende", disse ele; Ele olhou para ela com seus estranhos olhos verdes cheios de sofrimento, e o coração de Viana estremeceu mais uma vez. EU…

- Viana! Então uma voz os interrompeu. Viana, você está aqui?

Airic emergiu do mato.

"Viana, eu sabia que você voltaria", disse o menino, parando ao lado deles, ofegante. Eu disse a Wolf que ele estava errado em expulsar você do acampamento; que você, mais do que ninguém, tinha o direito de estar aqui, e eu também disse a ele que eles não podiam sair sem você. Mas ele não me ouviu.

"Airic, você ficou para me esperar também?" perguntou Viana, emocionado.

-Claro que sim! declarou o menino, ofendido com a possibilidade de que ela pensasse que ele pudesse abandoná-la. E eu teria te acompanhado aonde quer que você tenha ido hoje em dia," ele acrescentou, lançando um olhar desconfiado para Uri.

"Era muito perigoso, Airic. Diga-me, o que aconteceu com sua família? Eles também foram?

— Eles voltaram para a cidade. Como todos os soldados foram embora, eles não se sentiram seguros aqui e, além disso, ninguém mais os procura por causa da morte de Holdar. Robian Ass para… Quer dizer, o Duque de Castelmar não se importa muito com isso. Agora ele está ocupado preparando seu povo para a guerra.

Viana estreitou os olhos.

"O que você sabe sobre guerra, Airic?" O que é dito lá?

O menino deu de ombros.

"Não muito", disse ele. Só sei que os chefes bárbaros vão à capital para se encontrar com Harak antes da batalha. Ninguém é muito claro contra quem eles vão lutar ou por quê. Na aldeia eles dizem que na verdade vão fazer algum tipo de torneio ou algo assim na cidade.

Viana balançou a cabeça.

"Eles vão se reunir para cruzar a Piedrafria", disse ele. Eles querem conquistar os reinos do sul.

"Então por que eles estão indo para Normont?" perguntou Airic. Não seria mais fácil nos encontrarmos na fronteira? Nortia é grande, não é? Normont pega todo mundo no caminho?

"Não", respondeu Viana, franzindo a testa. Não tem razão. Se todos os chefes bárbaros foram convocados para a corte real... isso seria um atraso significativo. Só consigo pensar em uma razão para Harak querer reunir seu exército em seu castelo antes de ir para a guerra... e talvez isso nos dê uma chance.

-Minha senhora?

"Você está com fome, Airic?" Porque acho que Dorea preparou ensopado para um batalhão. Venha comer conosco; temos muito o que planejar.

"O que vamos planejar?" Airic perguntou animadamente.

— Um golpe no império de Harak. E se fizermos isso direito, pode ser o último.



Um tempo depois, Airic partiu para Thornfield para tentar conseguir um cavalo para levá-lo à fronteira sul de Nortia. Com alguma sorte, ele alcançaria o exército rebelde antes que eles chegassem lá. Afinal, ele era um menino e cavalgaria rápido, enquanto os homens de Lobo tinham que se mover pelas bordas da floresta, tentando não atrair muita atenção. Se eles quisessem surpreender os bárbaros em Coldstone, eles não poderiam ser vistos antes do dia da batalha.

Sua missão era contar a Lobo o que Uri e Viana tinham visto no coração da Grande Floresta. A jovem havia omitido alguns detalhes, como a descrição das criaturas que ali encontraram ou o fato de que as árvores pareciam ter vida própria. Mas ele havia explicado a Airic, com cabelos e ossos, que os bárbaros estavam extraindo a seiva de algumas árvores com propriedades extraordinárias. Também lhe dera o cantil em que recolhera a seiva mágica para dar a Lobo, como prova de que o que dizia era verdade.

E também tinha de lhe contar o que Uri e Viana pretendiam fazer em Normont.

Porque, de fato, ambos iam viajar para a capital do reino. Lá eles procurariam o lugar onde Harak armazenava os barris de seiva que ele extraiu da floresta e os destruiriam. Viana tinha certeza de que estavam guardados em algum lugar do castelo; por esta razão, Harak estava ansioso para reunir suas tropas lá antes de começar a conquista dos reinos do sul. A jovem ainda não havia decidido como eles conseguiriam passar pela cidade sem ser notados, infiltrar-se no castelo, localizar o suprimento de seiva e privar Harak dele (Incendiando os barris? Esvaziando-os todos no fosso do castelo?) ?), mas disse a si mesma que tinha tempo para decidir. No entanto, ele levou Dorea e Airic a acreditar que ele tinha um bom plano e, além disso, contava com Lobo para enviar reforços quando soubesse da situação. O mais importante agora não era lutar contra os bárbaros em Coldstone para

impedi-los de invadir os reinos do sul, mas sitiar Normont para acabar com a fonte da invencibilidade de Harak e, assim, impedir que o resto dos bárbaros também fossem invencíveis. .

Quando, depois de se despedirem de Dorea, partiram, Viana confessou a Uri que não tinha a menor idéia de como realizar seu plano. Mas ele não parecia se importar. Com lealdade inabalável, ele a seguiu até que eles passaram pela última fileira de árvores.

Ali, porém, parou um instante para contemplar a paisagem, atônito. Viana entendeu que Uri nunca havia saído da floresta, e que os campos e planícies de Nortia lhe eram estranhos. O fato de não haver árvores por toda parte, de poder ver o horizonte, de não ter uma cúpula de folhas sobre a cabeça... todas aquelas sensações eram novas para ele. Viana se perguntou se ela estava certa ao pedir que ele a acompanhasse. Provavelmente era mais seguro para ele ficar na floresta. Além disso, apesar do fato de que seu cabelo não era mais da cor de trigo jovem, sua aparência ainda era muito visível. Ele levantou esse dilema, mas Uri foi categórico: não pretendia se separar de Viana um só momento.

"Eu não tenho mais tempo", ele disse a ela, angustiado. Quero estar contigo. E ajude a salvar meu povo.

Não havia como fazê-lo mudar de ideia, então Viana decidiu que o levaria com ela para Normont e eles dariam o melhor de si.

E começaram a viagem. Viana havia fornecido a Uri um manto com capuz para esconder sua aparência o máximo possível. Ainda estava quente, mas eles tentavam avançar à noite ou ao entardecer, e naquela época do ano já estava ficando mais frio enquanto o sol mergulhava no horizonte. Desceram a estrada principal, imaginando que os bárbaros estavam ocupados demais para se preocupar em procurar um fugitivo como Viana de Greystone, e que até os homens de Robian tinham coisas mais importantes em que pensar. Foi uma decisão sábia, pois não encontraram nenhum deles e, além disso, puderam fazer boa parte da viagem montados na traseira de uma carroça de feno que ia para Normont.

Quando finalmente chegaram à cidade, Viana tomou precauções extremas e tentou evitar as ruas principais. As coisas não pareciam ter mudado muito durante o reinado de Harak, disse a si mesma. Talvez houvesse mais tabernas e mais ferrarias, e muitas lojas eram dirigidas por bárbaros; mas fora isso tudo parecia igual, embora ela não pudesse ter certeza, pois em suas visitas anteriores ela sempre ficara no castelo e quase não visitara a cidade.

Ele reconheceu, no entanto, o mercado que costumava se formar ao pé do castelo durante as celebrações do solstício. Não parecia tão grande e animado como costumava, mas lá estava. Perplexo, Viana perguntou a um fazendeiro por que haviam se reunido ali.

"Você não ouviu, rapaz?" o homem respondeu. Todos os barões do rei Harak estão chegando a Normont com suas tropas. Alguns dizem que um torneio está sendo preparado, mas as regras ainda não foram publicadas e os cavaleiros do reino não foram convocados. Talvez as pessoas das estepes façam as coisas de maneira diferente, mas se você quer minha opinião, acho que estão se preparando para a guerra — acrescentou, baixando um pouco a voz. De qualquer forma, é um bom momento para negócios. Esses dias, a cidade estará repleta de pessoas. Homens que têm que comer ou que precisam se abastecer para a batalha.

"Entendo", murmurou Viana.

"Você não é daqui, é?" perguntou o fazendeiro, lançando um olhar interrogativo para o rosto que Uri escondia sob o capô.

"Não, senhor, somos de Campoespino", respondeu Viana. Meu irmão e eu viemos visitar alguns parentes e ficamos surpresos com tanta animação, só isso.

Felizmente para os dois, um cliente apareceu naquele momento, e o homem esqueceu os dois meninos que vieram para Normont sem saber que era dia de mercado.

Viana perambulou pelo castelo, incomodado. Isso estava cheio de bárbaros. As tropas de Harak já haviam começado a invadir a cidade e, como os mercadores haviam previsto, dividiram seu tempo entre a taverna e o mercado.

Havia muita gente e o castelo estava bem guardado e fortificado. Não tinha nada a ver com Greystone. Ele não entraria com um truque tão simples como fingir ser o primo do porqueiro. Ao compreender isso, Viana sentiu crescer a angústia e o desespero. Seu tempo estava se esgotando; Ele precisava encontrar uma maneira de chegar aos barris de seiva e destruí-los antes que Harak reunisse todo o seu exército.

Mas ela estava tendo dificuldade em elaborar um plano, porque estava experimentando toda uma série de sentimentos contraditórios. O Castelo de Normont trouxe muitas lembranças. Ele havia participado das celebrações do solstício ali desde que podia se lembrar; seus vastos salões testemunharam seus encontros com Robian, aqueles primeiros beijos furtivos, aquelas promessas de amor eterno. Ali, o duque de Castelmar e o pai de Viana comprometeram o futuro dos filhos, um futuro que imaginavam brilhante e cheio de felicidade.

Mas, também entre aquelas paredes, Viana vira o seu mundo desmoronar-se pedaço a pedaço. Seu pai estava morto, seu noivo a traiu e o usurpador a deu em casamento a um homem brutal e desagradável. Toda a sua vida havia sido virada de cabeça para baixo... talvez não tanto no dia da distribuição da donzela, mas antes... na noite do solstício de inverno, quando Oki lhes contou a lenda da primavera da eterna juventude e Lobo anunciou que os bárbaros se preparando para a invasão de Northia.

"Viana, você está bem?" Uri perguntou a ele, preocupado com seu silêncio.

Ela voltou à realidade.

"Sim, estou... estou bem." Está escurecendo, Uri; Vamos encontrar um lugar para dormir. Talvez então eu descubra como entrar no castelo, ou talvez amanhã, à luz de um novo dia.

Uri concordou.

Ao saírem do castelo, tiveram que se afastar para dar lugar a uma carroça que descia a rua principal. Viana fitou-o com interesse porque lhe era familiar. Ele logo descobriu o porquê, e seu coração começou a bater forte: era uma das carroças que vinham da Grande Floresta. Ela o seguiu com os olhos, perguntando-se se seria capaz de segui-lo até o castelo, pelo menos para tentar descobrir o destino daqueles barris. Mas então ela sentiu alguém olhando para ela e olhou para cima, assustada.

Era a bruxa. Sentou-se ao lado do bárbaro que conduzia a carroça, observando-os sob suas espessas sobrancelhas grisalhas. Ele os tinha visto, não havia dúvida. Havia muitas pessoas ao seu redor, mas ele só as havia notado. Ele os havia reconhecido.

-Vamos sair daqui! Viana sussurrou, puxando a manga de Uri.

Logo se perderam na multidão. Ninguém os seguiu, mas Viana ouviu o feiticeiro rir atrás deles.

Não era um som agradável.

Encontraram alojamento na cavalariça da estalagem, onde um garçom os deixou passar a noite sob a condição de que o patrão não os visse... e em troca de uma das jóias que Viana trazia na mala. Não era nada mais do que um anel de prata, de pouco valor em comparação com as outras joias, mas mesmo assim, doeu para a moça dar a ele. Afinal, tinha pertencido a sua mãe.

Eles encontraram um canto isolado e se prepararam para passar a noite. Viana se aconchegou nos braços de Uri e fechou os olhos para sentir as batidas de seu coração.

"Eu não quero te perder," ele sussurrou.

O menino não disse nada. Eles não haviam tocado no assunto durante a viagem, e Viana se perguntou se ela estava errada em trazer de novo. Talvez ela devesse ignorar o fato de que ele teria que voltar para a floresta mais cedo ou mais tarde, e simplesmente aproveitar os poucos momentos de silêncio que eles poderiam compartilhar antes que os acontecimentos piorassem.

Mas Uri finalmente respondeu:

-Não está bem.

Viana sentou-se um pouco.

"O que não está certo?" Você quer dizer o fato de estarmos juntos?

Ouri balançou a cabeça.

— Somos diferentes, Viana. Eu... eu não posso ficar com você. Devo voltar…

"Eu sei que somos diferentes. Você tem uma pele estranha e cabelo verde... ou você tinha cabelo verde. E você saiu da floresta, enquanto eu fui criado em um castelo. Mas e daí? Nós dois temos dois olhos e um nariz e uma boca, temos braços e pernas… Não somos tão diferentes quanto você pensa…

Mas Uri a silenciou colocando um dedo em seus lábios.

"Você não entende", disse ele, e havia intensa angústia em seus olhos. Eu não sou o que você pensa.

"Bem, é verdade que nos conhecemos há pouco tempo, mas isso não importa para mim, sabe?" Conheço Robian desde que éramos crianças, e ainda assim, veja o que aconteceu...

Uri balançou a cabeça.

"Viana, eu te amo", disse ele, quase desesperado. Mas eu não posso. Não devo. E se você sabe tudo... você não me ama mais.

"O que você está escondendo de mim não pode ser tão terrível, Uri, seja o que for," ela murmurou, seus olhos cheios de lágrimas. Você é bom. Você é uma boa pessoa, eu sei disso, eu já vi. E eu sempre vou te amar, não importa o que aconteça. Mas porque…?

Ele não conseguiu terminar a pergunta, porque naquele momento houve uma comoção do lado de fora, e Uri sentou-se, alerta.

-O que está acontecendo? Viana sussurrou, e levou a mão ao cinto, onde guardava a faca de caça.

Não tardou a descobrir: o cavalariço e o estalajadeiro entraram pela porta da cavalariça, seguidos, para horror de Viana, por um grupo de bárbaros. A garota imediatamente se levantou e procurou uma maneira de escapar; mas a única saída estava ocupada pelos homens que acabavam de entrar.

"Eles estão lá, Majestade", disse o estalajadeiro, apontando para Uri e Viana com o dedo.

-Majestade? repetiu Viana, apavorado.

"É assim que meus súditos devem me chamar", veio a voz calma de Harak, rei dos bárbaros. E você é um deles, mesmo que insista em acreditar que está acima da minha autoridade.

Os bárbaros abriram caminho para seu soberano, que entrou no estábulo sem se preocupar com o cheiro e a sujeira. Viana recuou, alerta, com a faca pronta. Mas ela sabia que estava perdida. Ele lançou um olhar ardente para o garçom que os havia entregado. Então ele descobriu outra pessoa que havia entrado logo atrás de Harak: o feiticeiro. Ela estremeceu ao perceber que, exatamente como imaginara, o homem os reconhecera ao atravessarem a rua principal e avisara Harak de sua presença na cidade. Ela olhou para ele com

profundo ódio, mas ele não vacilou. Ele mal prestou atenção nela: seus olhos estavam cravados em Uri, que estava ao lado de Viana, desafiador.

"Pegue-os", disse Harak. Aos dois.

Viana reagiu.

-Esperando! ela protestou, lutando contra os bárbaros que tentavam prendê-la. Eu entendo que você tenha algo contra mim, mas Uri não fez nada de errado! Deixe ele ir...

"Ury?" repetiu o bruxo, virando-se para olhá-la com um brilho divertido nos olhos; Ele falou com um sotaque profundo e grosseiro. É assim que você chama esse ser? Interessante…

Viana ainda lutava, embora soubesse muito bem que não havia nada a fazer. Mas agora, porém, ela estava mais preocupada com Uri. Os bárbaros o puxaram para longe dela, arrastando-o aos pés do feiticeiro e usurpador do trono de Nortia.

"Não é um 'ser', é uma pessoa", respondeu ele. Pare de olhar para ele como se fosse um saco de ouro.

O bruxo riu. Foi uma risada seca e ácida. Arrepiou o cabelo de Viana.

"Ah, então você não sabe...

"Ele não sabe", concordou Harak, sorrindo com óbvia diversão. Você não foi estúpida o suficiente para se apaixonar por ele, foi? O que diria nosso querido Robian se soubesse que sua adorável noiva havia afundado tanto?

"Não sou mais a noiva dele", retrucou Viana, fervendo de raiva. E você não vai me confundir. Eu sei tudo o que há para saber sobre Uri.

Mas não era verdade, e todos sabiam disso. Viana tentou fingir uma postura que não sentia. Porque enquanto ela estava ciente de que Uri estava realmente escondendo algo muito importante dela, ela se recusou a aceitar que os bárbaros tinham descoberto seu segredo antes dela.

Harak e o feiticeiro riram novamente.

-De verdade? disse Harak, tirando uma adaga do cinto. Parece-me que chegou a hora de tirá-lo do seu erro.

Enquanto falava, cortou o braço de Uri. O menino gritou e Viana gritou com ele, angustiado:

"Não o machuque!"

Ela sentiu seu coração sangrar por ele. Naquele momento, ela estava plenamente consciente do quanto o amava.

"Não a machuque..." ela repetiu, incapaz de conter um soluço. Eu faço qualquer coisa... qualquer coisa...

Mesmo me casando com outro bárbaro horrível e fedorento, ela pensou de repente. Qualquer coisa para ver Uri livre e seguro. Só para ver aquele sorriso em seu rosto exótico novamente.

Harak sorriu.

"O que faz você pensar que tudo isso é sobre você?" -Ele perdeu a cabeça-. Você não é nada mais do que uma mulher atrevida que não sabe o seu lugar.

Viana olhou para ele sem entender. O feiticeiro se debruçou sobre Uri, que tremia como uma folha, examinando com alguma ansiedade o corte que Harak lhe fizera.

"Mas reconheço que você tem coragem, para uma mulher", continuou o rei bárbaro, "e acho que você merece saber a verdade." Você será executado amanhã ao pôr do sol, na praça principal, antes de quem quiser vir vê-lo morrer. Seu destino servirá de lição para todos aqueles que ousarem se opor ao meu poder.

Viana mal o ouvia. Todos os seus sentidos estavam focados em Uri e no feiticeiro.

"Faça o que quiser," ele murmurou baixinho, "mas deixe Uri ir."

"Você ainda não entendeu," o bruxo suspirou; Afastou-se um pouco, e Viana finalmente pôde ver, na penumbra dos lampiões, o ferimento sangrando de Uri.

A princípio, ele não entendeu o que viu. O braço de Uri estava manchado de uma substância esbranquiçada, e Viana pensou que o feiticeiro a tivesse colocado nela. Ele rapidamente teve que corrigir sua primeira impressão: estava fluindo do ferimento de Uri.

"O que..." ela conseguiu dizer, surpresa.

"Você acha que um humano pode sangrar assim?" — disse o feiticeiro, e cada uma de suas palavras ressoou na cabeça de Viana como o golpe de uma maça.

-Não entendo…

Ele encontrou o olhar dos olhos verdes de Uri, cheios de dor e culpa.

"Viana... me perdoe..." ele implorou. Por favor... salve meu povo...

Harak estalou a língua em desgosto e virou-se para sair do celeiro. Os bárbaros ergueram Uri brutalmente e o arrastaram para longe, seguindo seu rei. O feiticeiro caminhou ao lado de seu valioso prisioneiro, sem tirar os olhos dele.

-Não faça! Uri! gritou Viana; ele tentou correr atrás deles, mas seus captores não o deixaram. O que você vai fazer com ele? ele exigiu saber.

A voz do feiticeiro veio até ele, abafada pelo som dos passos dos bárbaros enquanto eles saíam do complexo.

"Tire o coração do peito dele e torça-o até a última gota... assim como fizemos com todos os outros."

"... assim como fizemos com todos os outros."

As palavras do feiticeiro pairaram no ar por mais um momento antes de desaparecerem completamente.

Viana estava vagamente consciente de ser arrastado para longe de Harak, o feiticeiro, e Uri, por ruas estreitas e escuras, até chegarem à estrada que

levava ao castelo. Ele estava finalmente cruzando suas paredes, pensou com alguma amargura ao se encontrar no pátio. Mas não da maneira que ele havia planejado.

Eles a desceram por uma escada molhada e escorregadia até as masmorras. Nesse lugar sombrio, o Rei Radis havia aprisionado os inimigos de Nortia em tempos passados, tempos que agora pareciam tão distantes. Viana e Belicia estremeciam de horror cada vez que pensavam nele. Eles muitas vezes inventavam histórias em que seus entes queridos, o belo Robian e o bravo príncipe Beriac, derrotavam cavaleiros inescrupulosos ou bandidos mal-humorados e os traziam para essas masmorras, para o bem do reino e de todas as donzelas em perigo do mundo.

Mas Viana nunca tinha sonhado algo assim, nem nos seus piores pesadelos: nunca imaginaria que, algum tempo depois, Belicia estaria morta e se veria conduzida àquelas masmorras por um casal de bárbaros rudes.

No entanto, quando a jogaram em uma masmorra pequena e fedorenta, Viana já havia parado de pensar nas ironias do destino.

A imagem de Uri sangrando não saiu de sua mente; aquela estranha substância branca fluindo do corte que Harak havia feito, tão semelhante à seiva das árvores cantantes...

“Você acha que um humano pode sangrar assim?” o feiticeiro disse.

Claro que não, admitiu Viana para si mesma.

Fechando os olhos, ela respirou fundo, contou até três, e assumiu que teria que aceitar o impossível.

Aquele Uri não era uma pessoa.

Que era uma árvore.

E todas as peças se encaixaram.

“Mas como é possível?”, perguntou-se Viana, encolhida num canto da masmorra. "Como uma árvore poderia se transformar em um ser humano... mesmo que fosse uma árvore que canta?"

No entanto, era a única explicação que fazia algum sentido. As árvores cantantes foram atacadas pelos bárbaros, sem possibilidade de fugir ou se defender. Por isso enviaram um deles para buscar ajuda, uma jovem árvore que se transformou em um ser humano, assumindo a forma de seus inimigos para encontrar uma maneira de combatê-los. Um humano um tanto estranho: com a pele da cor da casca das árvores, e o cabelo da cor dos seus galhos na primavera... final do verão, como folhas nas árvores. Também cairia? Viana afastou da cabeça a imagem do Uri careca; ele tinha coisas mais importantes em que pensar.

Ele também entendeu por que, quando encontrou o menino estranho na floresta, ele não conseguia falar, nem comer, nem mesmo andar: afinal, ele nunca tinha feito isso antes. Ele conseguiu se arrastar até o rio, experimentando pela primeira vez sensações como fome, sede ou cansaço. Ele havia colocado os pés na água, da mesma forma que teria buscado o

precioso líquido com as raízes, sem saber que deveria beber pela boca, pois nunca havia bebido antes. E provavelmente teria morrido de sede no meio do rio se Viana não o tivesse encontrado ali.

Então todas as coisas que ele estava aprendendo... ele estava realmente aprendendo, como um bebê recém-nascido. Eu não me lembrava deles. Não tinha nada para lembrar, pois não havia esquecido seu passado, nem sua missão. Ele simplesmente precisava descobrir como se comportar em um mundo de humanos antes que pudesse ajudar o seu.

Por isso também sempre fora Uri: porque como árvore, e dado que a sua espécie carecia de uma linguagem articulada, nunca tivera mais nome do que aquele que Viana lhe dera.

A garota estremeceu nas sombras de sua prisão. Uri experimentou muitas coisas como humano... ele aprendeu muito rapidamente... e também conheceu o amor.

Ele não sabia se as árvores tinham sentimentos como os humanos. Pelo menos quando se tratava das árvores cantantes, elas tinham alguma inteligência. Eles poderiam amar sem um coração? Meu povo não sente isso, disse Uri. "Não parece assim." Mas agora ele era humano... e ele se apaixonou por um humano.

Quanto de árvore havia em Uri, e quanto de homem? Ele já estava falando e rindo como um humano. E, possivelmente, ele amava como tal.

Mas não tinha sangue, mas seiva.

A mesma seiva preciosa que os bárbaros extraíam das árvores para maior glória de seu rei.

E Uri sabia disso. Ele conhecia muito bem as propriedades do seu sangue, da sua seiva: com ele curara a ferida do ombro de Viana.

A garota se perguntou, um pouco amargamente, por que Uri escondera tanto dela sobre suas origens. Ela queria pensar que a princípio o menino não tinha sido capaz de se expressar bem, e por outro lado, ela não tinha sido capaz de fazer as perguntas certas ou entender a verdade por trás de seus comentários mal-feitos. E mais tarde… mais tarde, talvez, o amor que sentia por Viana e a dor causada pela ideia de se separar dela influenciou, sem dúvida, a sua decisão de permanecer calado.

Porque Uri era árvore e Viana era humano.

Ele respirou fundo. Ela sentia uma dor aguda no coração toda vez que pensava nisso: como ambos eram diferentes e não podiam ficar juntos. Talvez fosse isso que Uri tivesse entendido e não quisesse compartilhar com ela... para não fazê-la sofrer desnecessariamente. Mas ele parecia convencido de que eles teriam que se separar mais cedo ou mais tarde. Quando ele pensou em contar a ela?

"Talvez nunca", pensou Viana, abatido. "Talvez ele pretendesse desaparecer misteriosamente na noite, voltar para sua floresta e nunca mais voltar para mim."

Ela lutou para conter as lágrimas. Uma parte dela ainda estava extremamente confusa com o que acabara de descobrir, mas outra se rebelou contra o destino. Sim, Uri poderia ser uma árvore... ou originalmente tinha sido. Mas agora... agora ele era humano, como ela. Agora eles poderiam ficar juntos. Nada poderia detê-lo, exceto, talvez, a lealdade de Uri ao seu povo e suas próprias dúvidas sobre isso. Viana estava disposta a ignorar a verdadeira natureza de Uri, não contar a ninguém, fingir que ele sempre foi humano... desde que ela estivesse com ele. Mas ele seria capaz de desistir de sua floresta... por ela?

"Salve meu povo", ele pedira. Ao chegar ao coração da floresta, Viana acreditara que o seu havia desaparecido, talvez fugindo dos bárbaros, talvez exterminado por eles.

Ele não tinha entendido o que Uri estava tentando lhe dizer: esta era sua cidade. As árvores cantantes que sofreram horríveis tormentos nas mãos dos bárbaros que lentamente as sangraram até secar. Foram eles que tiveram que ser salvos.

Talvez... se ela ajudasse Uri a cumprir sua missão... então ele estaria livre e poderia ficar com ela.

Mas primeiro ela teria que resgatá-lo.

Era estranho, pensou. O feiticeiro tinha entendido desde o início quem era Uri. Mas por que ela estava tão interessada nele? Afinal, ele já tinha muitas outras árvores na Grande Floresta. Nenhum deles tinha forma humana, isso era verdade... No entanto... como isso o tornava diferente dos outros? Seu sangue... sua seiva... era melhor que os outros? O que o bruxo estava planejando fazer com ele? Para onde ele o havia levado e por quê? Ele havia dito que arrancaria o coração dela do peito. Mas, certamente, era apenas uma figura de linguagem. Ele não podia estar falando sério. Ou sim?

Ela percebeu de repente, angustiada, que não havia nada que ela pudesse fazer por ele. Ela era prisioneira dos bárbaros, e Harak a condenara à morte.

Ela respirou fundo, assustada. Por ela, por Uri... por Nortia. Ele descobriu a verdade sobre Uri tarde demais. Se ele soubesse antes... talvez ele tivesse agido de forma diferente. Mas cada decisão que ela tomou, tudo que ela fez... acabou levando ao desastre, de uma forma ou de outra.

Nem tudo, ela se lembrou de repente, com um sorriso cansado. “Eu conheci o Uri. Eu me apaixonei novamente. Alguns diriam que Uri não é um pretendente adequado para uma dama da minha linhagem, mas Robian era, e ainda assim...

Ele fechou os olhos. Ele não se arrependia do que sentia por Uri. O que quer que fosse. Ele valeu a pena. O que eles compartilharam juntos... não tinha preço.

Ela pensou então que poderia nunca mais vê-lo, e desta vez não conseguiu conter as lágrimas.

Capítulo XIV



el final que tuvo la historia de la doncella Viana de Rocagrís.

ELE CONTINUA CHORANDO durante grande parte da noite e no dia seguinte. Seus carcereiros acreditavam que ela estava reclamando do destino cruel que a esperava e que seria eficaz ao pôr do sol. Mas Viana chorou por Uri, pelo que viveram juntos e pelos momentos que não compartilhariam mais.

Por um momento de lucidez, ele tentou encontrar uma maneira de escapar de sua prisão, mas rapidamente percebeu que era inútil. A porta estava firmemente fechada, sólida e pesada. A janelinha minúscula, através da qual um raio de luz filtrava, era muito alta e muito pequena para ele sair. As paredes não tinham rachaduras ou lajes soltas. O telhado era feito de pedra sólida.

Não havia como sair dali. Caso contrário, as histórias que inventara com Belicia, quando eram crianças, não teriam tido um final feliz: o confinamento dos rufiões do reino nas masmorras de Normont sempre fora definitivo.

Quando os bárbaros vieram procurá-la para a execução, Viana já se resignara ao seu destino. Uma parte dela estava até aliviada por finalmente poder parar de lutar. A verdade era que ela estava cansada de sempre ir contra a corrente. Mas eu senti muita pena de Uri. O que ela mais queria agora, pensou enquanto a levavam para o cadafalso, era saber que ele ficaria bem, que alguém o resgataria das garras de Harak e o devolveria à sua floresta. Odiava a ideia de morrer sem poder fazer nada por ele. Ela não apenas falhou em ajudá-lo a salvar seu povo, mas também os entregou involuntariamente a seus inimigos.

Ao subir ao estrado, ele olhou ao redor da multidão que se aglomerava na praça procurando um rosto amigável para gritar "Salve Uri!" e assim expressar sua vontade final. Ela não viu ninguém que conhecesse, mas ficou surpresa ao descobrir inúmeros gestos de compaixão e simpatia para com ela. Muitas mulheres estavam chorando, e algumas pessoas pareciam querer transmitir seu apoio. Havia, em geral, muita tensão na atmosfera. Os bárbaros, e especialmente o carrasco, que esperava com seu machado ao lado do coágulo coberto de sangue seco, foram alvo de olhares abertamente hostis.

"Estão comigo", compreendeu Viana, sentindo um estranho calor por dentro. "Eles lamentam minha morte. Eles me apreciam. Isso significa... você me conhece? Eles sabem quem eu sou?

Ele olhou para Harak, querendo ver se isso o perturbava ou incomodava de alguma forma, mas nem ele nem o feiticeiro estavam presentes. Viana interpretou esse fato como uma forma de mostrar à cidade que a menina rebelde não era importante para ele. Ela nem sequer merecia ser considerada uma inimiga. Ele não era melhor ou pior do que um criminoso comum, ninguém para um rei se importar.

Era também uma forma de dizer a Viana que tudo o que ela fizera fora inútil.

Sentiu vontade de chorar de novo e cerrou os dentes de raiva. Não devia desistir agora, embora Harak tivesse lhe dado um último golpe com o qual não contava. Ela tropeçou quando foi forçada a ficar de joelhos e quase caiu de cara no poço. O carrasco o posicionou corretamente e segurou o cabo de seu machado.

"Acabou tudo", pensou Viana, aflito. "Mãe, pai, Lobo... Uri... sinto muito..."

—Viva Viana de Rocagris! De repente, uma voz estentórea foi ouvida da multidão.

"Viva... longa vida!" vários em coro.

Viana abriu os olhos, pensando que aquele slogan não fazia muito sentido, dadas as circunstâncias. Ele descobriu que o público parecia enfurecido, como se não conseguissem ver sua heroína morrer diante de seus olhos. Um ovo podre voou de algum lugar nas primeiras filas; Viana não chegou a ver onde estava batendo, mas ouviu o impacto e a posterior maldição do carrasco. De repente, e como se tivessem concordado, os cidadãos de Normont começaram a jogar mais ovos nos bárbaros da forca. A própria Viana estava prestes a ser atingida, mas não se importou. Ele sorriu para si mesmo e lamentou que Harak não estivesse presente. Ela adoraria vê-lo reagir àquela chuva de ovos malcheirosos.

Os bárbaros rugiram com a indignação e tentaram conter a multidão. O carrasco, tentando recuperar sua dignidade perdida, ignorou a insurreição de sua audiência e pegou o machado novamente.

E então, algo voou para ele com velocidade e precisão mortais.

Não era um ovo, mas os bárbaros não descobriram até que fosse tarde demais. O carrasco não teve tempo de fazer o menor som. Seus olhos se arregalaram de surpresa e o cabo do machado escorregou por entre os dedos. Ainda conseguiu baixar a cabeça para contemplar, incrédulo, o cabo da flecha que lhe saía do peito, antes de cair pesadamente sobre Viana.

A jovem abafou um gemido. Ela não entendia o que estava acontecendo porque, ajoelhada como estava com a cabeça no cepo, tinha uma visão muito

limitada da situação. Mas ela sentiu o peso do carrasco sobre ela, e sua primeira reação foi se livrar dele.

Os guardas não o impediram. Eles estavam muito confusos, divididos entre seus esforços árduos para conter a multidão e o fato de não entenderem por que o carrasco havia caído.

Então mais flechas assobiaram pelo ar, espetando os bárbaros um após o outro. Os presentes à execução soltaram um grito unânime:

—Viva Viana de Rocagris!

E eles invadiram o cadafalso. Eles sacaram os porretes, porretes e adagas que estavam escondendo sob as roupas e atacaram os poucos guardas restantes.

Viana, ainda sem entender o que estava acontecendo, conseguiu se livrar do corpo sem vida do carrasco e contemplou, confusa, a flecha que adornava seu peito. Alguém a empurrou para o lado no meio da multidão, e de repente ela sentiu um forte aperto em seu braço.

-Oh! ele protestou.

"Você vai se deixar resgatar, ou não?" Então uma voz que ele conhecia muito bem se dirigiu a ele.

Viana olhou para ele, incrédulo. Seu salvador escondeu o rosto sob um capuz escuro, mas ela sabia quem ele era.

-Lobo?

"Obrigado mais tarde, pequena." Vamos sair deste ninho de bárbaros.

"Mas Uri..." ela disse, ainda confusa.

"Droga, Viana, você não consegue ficar de boca fechada mesmo numa hora dessas?" Lobo rosnou, exasperado.

A jovem não teve chance de responder porque ele a arrastou para fora da forca. A multidão abriu caminho para eles e se fechou atrás deles para cobrir sua fuga, até que encontraram um refúgio em um beco longe do barulho. Viana parou para recuperar o fôlego.

"Lobo", ela conseguiu dizer, ainda intrigada. O que você está fazendo aqui?

“Salve sua pele mais uma vez. E você é bem-vindo, a propósito.

"Não, não... quero dizer... eu realmente aprecio isso... Mas eu não estava esperando você." Como você pôde chegar lá tão rápido? Dorea disse que você deixou o acampamento há quase duas semanas. Como Airic conseguiu chegar até você?

"Airico?" Lobo repetiu. Não vejo aquele garoto desde que ele insistiu em ficar na floresta para esperar por você. Para grande alívio de sua mãe, devo dizer. Ele já teve muitos problemas por sua causa.

Viana corou.

"Eu não queria..." ele começou a dizer; Ele parou por um momento para ligar os pontos. Espere... Se você não veio porque Airic lhe deu meu recado...

-Que mensagem?

Viana respirou fundo, tentando colocar suas ideias em ordem. Era muita informação para contar a ele de uma vez. Além disso, Airic levou consigo o cantil cheio de seiva mágica que provaria seu caso para o Lobo.

"Descobri... algo sobre bárbaros," ele começou cautelosamente. Eu estava na Grande Floresta, com Uri. E eu os vi. Eles estão lá também, e eles têm algo... algum tipo de arma secreta que lhes dará uma vantagem na guerra, mesmo que tenhamos o apoio dos reis do sul.

"Que tipo de arma?"

Viana corou ainda mais.

— Não tenho certeza — respondeu ele evasivamente —, mas sei que Harak reuniu seu exército aqui porque quer compartilhá-lo com eles.

Ele esperava que Lobo fizesse um comentário sarcástico, mas, para sua surpresa, permaneceu pensativo.

"Ouvi dizer que você convocou os chefes de todas as tribos para um grande banquete esta noite," ele comentou com uma carranca. Pode ser algum tipo de costume bárbaro: patrões brindam à vitória em uma noite épica de embriaguez. Afinal, nos últimos dias eles não fizeram nada além de trazer carroças e carroças carregadas de barris para dentro do castelo. Mas pode haver algo mais. Até onde eu sei, é algo muito exclusivo. Não haverá escravos ou servos, nem mesmo mulheres. Apenas Harak e os chefes bárbaros. E isso me deu um mau pressentimento desde o início.

Viana sentiu sua inquietação crescer.

"Nós temos que entrar no castelo," ele insistiu. Eles capturaram Uri. Talvez possamos resgatá-lo enquanto Harak e sua tripulação estão no banquete.

"Quantas vezes eu tenho que repetir para você?" Lobo estalou. Não somos uma equipe. Você não pertence à rebelião. Eu estive planejando este ataque por vários dias e você não... espere um minuto.” Ele parou. Você quer dizer aquele pequeno selvagem que o acompanha em todos os lugares? Por que os bárbaros iriam querer capturá-lo?

Mas Viana, por sua vez, fazia uma pergunta:

"Você vai entrar no castelo?" Como é possível que você esteja planejando o ataque por vários dias se chegamos ontem?

Ambos pararam e olharam um para o outro, confusos.

"O que faz você pensar que é tudo sobre você e seu menino selvagem?" Lobo rosnou.

"Eu..." Viana se calou ao ouvir vozes altas vindo da rua principal.

"Eles estão procurando por você," Wolf sibilou. Vamos lá.

Mais uma vez, Viana deixou-se arrastar pelas ruas estreitas da cidade. Finalmente, o Lobo a levou a um porão nos arredores, onde Garrid e alguns outros homens esperavam.

"Viana", ele cumprimentou, sorrindo. Fico feliz em ver que o resgate foi bem-sucedido.

"O que vocês estão fazendo aqui?" ela perguntou, ainda intrigada. E como você sabia que eles iriam me executar?

"Os pregoeiros da cidade anunciaram aos quatro ventos", disse Wolf. Está claro que Harak queria garantir que todos soubessem que ele finalmente capturou aquela garota irritante da floresta. E na verdade estávamos aqui por outro motivo. Só espero que a façanha desta tarde não alerte os bárbaros sobre nossos planos. Nossa presença na cidade deveria ser secreta," ele concluiu, lançando-lhe um olhar carrancudo.

Viana baixou a cabeça, meio envergonhada.

"Sinto muito", disse ele. Eu também deveria estar aqui incógnito. Mas nós encontramos o feiticeiro, e ele reconheceu Uri..." Sua voz falhou. De repente, tudo ao seu redor pareceu desmoronar. A tensão acumulada nas últimas horas deu lugar a um profundo cansaço. Ela escondeu o rosto nas mãos, tremendo. Mais uma vez ela quis chorar e teve que lutar contra as lágrimas.

Wolf a ignorou intencionalmente.

-E bem? ele perguntou a seus homens. Como as coisas terminaram na praça?

"A multidão se dispersou a tempo", respondeu Garrid. Só temos que lamentar um par de narizes quebrados, um olho no funeral e um braço deslocado. Já avisamos aos que participaram da revolta que devem deixar a cidade por alguns dias, caso os bárbaros retaliarem.

"Mas parece que eles estão mais preocupados com a reunião desta noite", acrescentou outro dos rebeldes. Além disso, Harak não pode mostrar à cidade que está chateado com a fuga de Viana. Ela fez um grande esforço para fingir que não é nada mais do que uma pirralha irritante e não uma ameaça real.

"Eu sou uma ameaça real?" ela murmurou.

"Você o desafiou várias vezes, e você também é uma mulher", disse Wolf. Você realmente não o machucou, é claro, mas para as pessoas você é um símbolo de resistência contra os bárbaros. Admiraram sua coragem e sua ousadia. Não se pode esperar que as pessoas entendam guerras e estratégias, é claro", acrescentou com desdém. Qualquer coisa os impressiona.

Viana pensou rapidamente.

"Você quer dizer... se eu começasse uma rebelião, as pessoas me seguiriam?"

"Provavelmente," Wolf admitiu. E seria um massacre. Não faça mais loucuras, Viana. Prometi a seu pai que cuidaria de você, e não vou deixar você cair no desastre... de novo.

Viana sorriu para si mesma. Em seu último encontro, Wolf deixou claro que não tinha intenção de cumprir sua promessa. Talvez o tempo tenha

temperado sua raiva.

Apenas no caso, ela não insistiu.

"Mas há algo que eu não entendo", ele murmurou. Dorea disse que você estava indo para o sul para esperar o exército de Harak do outro lado de Coldstone. O que você está fazendo aqui?

"Viemos resgatar uma senhora", respondeu Garrid com orgulho; Wolf lançou-lhe um olhar assassino.

"Para uma senhora?" Viana repetiu sem entender.

"Ele não se refere a você," Wolf esclareceu rapidamente. O que aconteceu esta tarde foi imprevisto. Na realidade…

"Vamos salvar Analisa de Belrosal das garras do rei Harak", concluiu Garrid, aparentemente sem perceber que Lobo não tinha intenção de partilhar essa informação com Viana.

Mas ela entendeu imediatamente.

"É a garota com quem Harak se casou", ele murmurou. A nova rainha de Nortia. Mas depois do casamento, você a abandonou ao seu destino. Por que você quer resgatá-la agora, depois de todo esse tempo?

Garrid parecia um pouco confuso.

"Viana..." começou Lobo, com certo tom de advertência. Mas às vezes ela ficava brava.

"E por que ela e não eu, ou Belicia?" É porque ele tem sangue real, certo? Ou é para acertar Harak no nariz? E todas as outras donzelas de Nortia que são forçadas todas as noites a dividir sua cama com um marido bárbaro? Por que você não pensou neles antes?

"Viana, já chega!" exclamou Lobo. Nós lutamos por você na guerra. Lutamos até a morte justamente para evitar que os bárbaros pusessem as mãos em você. Muitos cavaleiros e soldados morreram então, enquanto as damas bordavam e tocavam seus alaúdes, bem protegidos dentro das muralhas de seus castelos. Mas, caso você não se lembre, nós perdemos aquela guerra. E não é tão fácil levantar um exército novamente com os despojos da derrota.

"Não é nossa culpa se os homens nos obrigaram a ficar de fora de todos os assuntos importantes", defendeu-se Viana.

"Por que você acha que eu insisti em te ensinar a lutar?" E se bem me lembro, você mesmo se ressentiu da ideia, considerando-a despreocupadamente.

Viana corou.

"É o que me ensinaram."

Lobo suspirou cansado.

"Bom", disse ele. Como imagino que você não ficará satisfeito em se deixar resgatar, informo que esta noite entraremos no castelo e tiraremos a jovem rainha de lá. E," ele adicionou após um momento de reflexão, "você virá comigo; Vamos tentar encontrar o seu menino selvagem também.

O coração de Viana saltou de alegria.

-De verdade?

"Se não o fizermos", respondeu Wolf, "tenho certeza que você conseguirá nos seguir por conta própria e arruinará a expedição."

Viana abriu a boca para protestar, mas no último momento decidiu ficar calada. Se ela deixasse Wolf com raiva, talvez ele mudasse de ideia e não a deixasse ir com ele.

E a vida de Uri dependia desse ataque.



Não demorou muito para eles começarem. Viana mal teve tempo de comer alguma coisa e descansar um pouco, porque já estava escuro e a reunião dos bárbaros estava prestes a começar. A jovem ficou um pouco surpresa ao descobrir que Lobo estava levando os rebeldes para os arredores da cidade, deixando para trás o castelo real. Pararam na primeira encruzilhada. Lá, outro dos rebeldes os esperava com um par de cavalos selados.

"Espere por nós aqui," Wolf ordenou. Estaremos de volta antes do amanhecer.

Viana tinha tantas perguntas, mas se obrigou a ficar calada. Ele seguiu Lobo por terrenos acidentados que se afastavam de qualquer área habitada. No entanto, quando Lobo parou no meio do nada, Viana não pôde deixar de perguntar:

-O que você está fazendo aqui? Devemos entrar no castelo...

"Você sempre tem que questionar tudo," Wolf rosnou. Cale a boca e observe, e veja se você aprende alguma coisa de uma vez.

Viana sentiu-se um pouco incomodada, mas obedeceu. Ele observou com curiosidade enquanto Lobo olhava ao seu redor. Finalmente, ele pareceu encontrar o que procurava, porque caminhou até o pé de um enorme carvalho e começou a manipular algo na base do tronco.

Viana acariciou a casca da grande árvore e estremeceu ao lembrar de Uri. Uma parte dela ainda se recusava a acreditar que a conclusão a que chegara era a correta. Era fantástico demais, exagerado demais. E, por outro lado... Ele olhou para a sombra silenciosa do carvalho ao luar. Não era possível que uma pessoa se apaixonasse por uma árvore. Ou sim?

A voz de Lobo a assustou e a trouxe de volta à realidade.

— Parece que acabou.

Um guincho curto soou. Viana aproximou-se com curiosidade e descobriu com surpresa que havia uma pequena porta escondida entre as raízes do grande carvalho. Sua imaginação disparou e ele não conseguiu conter sua excitação.

"Uma passagem secreta!"

Wolf deu-lhe um breve olhar.

"Vejo que seu pai não estava exagerando quando disse que você lia muitos romances."

"Não é uma passagem secreta?" disse Viana, desapontado.

Lobo soltou uma risada.

"Sim, é", ele admitiu, abaixando-se pelo túnel. Mas garotas como você não deveriam saber dessas coisas.

-Por que? Viana quis saber, entrando atrás dele. Passagens secretas estão em todas as histórias emocionantes. Eles servem para que os amantes possam se encontrar em segredo e para que reis e rainhas possam escapar do castelo em tempos de perigo.

Ele ficou parado por um momento no escuro, até que Lobo acendeu uma tocha que iluminou a passagem estreita diante deles.

— Sim, bem... Servem também para príncipes entediados fugirem de suas obrigações tediosas e irem à cidade incógnitos para festejar com seus amigos.

"Acho que não... nossa", interrompeu Viana ao entender o que Lobo queria dizer. Então você, meu pai e o Rei Radis...?

"Quando eu era o príncipe Radis," Wolf apontou. De qualquer forma, isso está aqui desde a época dos primeiros reis de Nortia, então deve ter tido vários usos.

Viana lembrou-se então que Belicia lhe contara que, no dia da invasão bárbara, a rainha tentara salvar o filho mais novo tirando-o da cidade por uma passagem secreta.

"Wolf, você sabe que o príncipe Elim tentou escapar por aqui?"

"Eu ouvi", ele concordou. Mas acho que o interceptaram no caminho. Esta passagem ainda é segura; caso contrário, Harak o teria desligado.

Espero que sim, disse Viana a si mesma.

O túnel serpenteava entre raízes retorcidas e enormes blocos de pedra. Um pequeno fio de água o atravessou, como um riacho. Alguém - talvez o próprio Rei Radis em sua juventude - se deu ao trabalho de colocar uma tábua para uma ponte para que aqueles que estivessem usando a passagem não tivessem que molhar as botas.

"Lobo", disse Viana então para quebrar o denso silêncio, "o que está por trás desse resgate?" Por que você vai tirar Analisa do palácio agora? Por que você não espera até que os bárbaros vão para a guerra e tudo isso fique mais calmo?

Wolf demorou um pouco para responder.

"Já faz algum tempo que estou em contato com a Marquesa de Belrosal", sua voz lhe veio das sombras.

Viana concordou. Lembrou-se da marquesa, prima do rei Radis, que se atirara aos pés de Harak implorando-lhe que a tomasse como esposa em vez de sua filha de dez anos.

"Ela mora na corte", continuou Wolf. Eles permitiram que ela mantivesse a pequena rainha como dama de companhia. E ele encontrou uma maneira de entrar em contato comigo porque descobriu que estávamos preparando uma rebelião.

“Durante todo esse tempo, tenho recebido relatórios por meio de um mensageiro de confiança. A marquesa tem sido minha espiã na corte e tem sido uma ajuda inestimável para a rebelião. Mas há uma semana, recebi uma mensagem dele pedindo ajuda.

"Ela implorou para você resgatar a filha dela, certo?" Viana adivinhou.

Lobo assentiu.

"Analisa não é mais uma criança", disse apenas.

Viana demorou a entender o que ele queria dizer.

"Não é mais uma garota?" Quer dizer... a donzela de vermelho já a visitou, certo?

"É isso que vocês senhoras chamam de menstruação?" Lobo perguntou à queima-roupa, e Viana corou apesar de tudo.

"Não é considerado apropriado falar tão abertamente de assuntos femininos, Wolf," ela advertiu. Mas..." acrescentou, refletindo sobre essa nova informação, "se a rainha não for mais uma criança... isso significa que ela poderia conceber... um herdeiro para Harak. É isso?

Lobo assentiu novamente.

"Harak não mostrou interesse em sua esposa desde as núpcias", explicou ela. Ele o guardou no castelo como mais um bem, como objeto decorativo. Mas não vai demorar muito para que ela descubra que já pode engravidar, e se for o caso...

Viana ficou horrorizada ao imaginar a pequena Analisa nas garras daquele bruto.

"Você tem que tirá-la de lá o mais rápido possível!" ele exclamou.

Sim, eu tinha chegado à mesma conclusão.

"Para que Harak não gere um bastardo de sangue real que tenha direitos ao trono de Nortia?" Viana adivinhou. Sua voz tinha um certo tom acusador, e Lobo percebeu.

"É por isso... e também porque não suporto a ideia de abandonar aquela garota ao seu destino." Eu não poderia resgatar você ou Belicia,” ele adicionou calmamente. Tenho de fazer alguma coisa pela Analisa. E se eu pudesse...

Ele não terminou a frase, mas não precisava. Viana sentiu-se emocionado e decidiu não fazer mais perguntas sobre o assunto.

Eles continuaram se movendo. Quando a jovem já começava a se desesperar, o túnel terminava em uma escada enferrujada cravada na rocha. O Lobo subiu para ela e o Viana também.

Chegaram a outra passagem. Este, no entanto, não foi esculpido na rocha, mas foi construído entre paredes de enormes lajes de pedra. Era estreito

também, embora parecesse mais confortável e menos úmido. Pequenos raios de luz banhavam o caminho, vindos de pequenos buracos na parede à sua direita.

"Já estamos no castelo", sussurrou Lobo.

— Eu imaginava — respondeu Viana no mesmo tom—. E agora que?

"Não faça a lista. Devemos chegar aos aposentos reais sem sermos ouvidos. Uma vez lá, passaremos para a segunda parte do plano.

Viana não perguntou em que consistia. Ela estava nervosa com a possibilidade de ver Uri novamente.

Enquanto desciam pelo corredor, um barulho de vozes e risos os alcançou ao longe, abafado pelas paredes de pedra.

"Estamos nos aproximando da sala do trono", relatou Wolf.

Viana assentiu, com os cinco sentidos alertas.

O barulho ficou cada vez mais alto. Então Lobo parou por alguns pequenos buracos na parede e espiou por eles. Viana lembrou que em algumas de suas histórias favoritas, as paredes dos corredores eram pontilhadas de buracos por onde se podia olhar. Muitas vezes ficavam escondidos nos olhos das pinturas que adornavam os cômodos dos palácios. Esse detalhe sempre lhe parecera um pouco sinistro, mas naquele momento a perspectiva de poder lançar a Harak um olhar aterrorizante do retrato de algum antigo rei de Nortia parecia ainda mais excitante.

"Eles estão reunidos," Wolf murmurou, "bebendo e gritando como sempre." E pelo que parece, há apenas Harak, os chefes dos clãs e alguns servos servindo mesas. Eu me pergunto o que eles estão fazendo. Os bárbaros nunca guardam segredos, preferindo atacar de frente.

"Deixe-me ver", respondeu Viana, afastando-o.

Ele teve que ficar na ponta dos pés para alcançar o olho mágico. Ele espiou pelos buracos para ver a cena que Lobo acabara de descrever.

Espalhados ao redor da mesa retangular, os chefes dos clãs bárbaros desfrutavam de um banquete farto. Harak presidiu a reunião com um sorriso de satisfação. Ao lado dele estava o feiticeiro, que, no entanto, não estava gostando da comida. Diante dele havia uma única tigela de caldo que ele parecia não ter tocado.

Viana também detectou dois detalhes que Lobo parecia ter deixado passar.

Em primeiro lugar, no fundo da sala havia vários barris como os usados na Grande Floresta para coletar seiva mágica.

Em segundo lugar, amarrado à perna da cadeira de Harak... estava Uri.

O coração de Viana se partiu ao vê-lo. A maioria dos bárbaros o ignorou, mas alguns o trataram como um cachorro, jogando restos de comida nele, provocando-o e tentando incitá-lo a mordê-los. Uri mal reagiu. Ela se enroscou no chão, o mais longe possível de Harak. Quando alguém a chutou

ao passar, Viana rugiu de fúria. Felizmente, o barulho na sala era tão alto que ninguém a ouviu.

"Eles têm Uri!" ela gemeu, lançando um olhar suplicante para Lobo. Temos que tirá-lo de lá!

Espiando novamente pelo olho mágico, o cavaleiro encontrou Uri aos pés de Harak.

"Ele vai gostar de bichinhos exóticos", murmurou, para indignação de Viana. Eu gostaria de poder lhe dizer que vamos ajudá-lo, mas não vejo como vamos tirá-lo de uma sala cheia de bárbaros.

— Mas... — começou Viana; no entanto, ele ficou em silêncio quando percebeu que do outro lado da parede, a sala do trono parecia ter ficado em silêncio.

Lobo e Viana lutaram para olhar ao mesmo tempo e acabaram se apropriando de um buraco cada um.

Os bárbaros ficaram em silêncio enquanto Harak se levantava de seu assento e se preparava para falar.

"Chegamos bem na hora", disse Wolf, satisfeito. Finalmente poderei descobrir o que aquele chacal está fazendo.

Viana suspeitou, mas ficou calado.

Harak estava se dirigindo aos chefes dos clãs na linguagem grosseira de sua terra. Não era um parlamento muito florido; os bárbaros não costumavam falar mais. Lobo franziu a testa para tentar entender o que dizia, mas era difícil, pois conhecia apenas algumas palavras na língua dos invasores. Viana, por outro lado, morava com eles há vários meses e conseguiu entender melhor a fala do rei.

Ele estava falando sobre uma arma que os tornaria invencíveis. De algo que lhes permitiria conquistar o mundo inteiro. Quando ele disse a seus convidados que iria compartilhar com eles o segredo mágico de sua invencibilidade, todos eles rugiram em concordância.

"Que diabos você está falando?" Lobo rosnou.

"Espere e verá", sussurrou Viana; Não passou despercebido que, a um sinal de Harak, dois criados arrastavam um dos barris até a mesa.

Os bárbaros ficaram em silêncio enquanto observavam com curiosidade enquanto os servos descobriam o barril. Então Harak ordenou que ficassem ao lado da mesa, enfiou a mão grande lá dentro e saiu manchado com um líquido esbranquiçado. Seiva da Grande Floresta, pensou Viana estremecendo.

-O que é isso? O que é isso? Wolf estava dizendo em frustração, tentando obter uma perspectiva mais ampla.

"Espere e verá", repetiu Viana.

Mas ela não estava preparada para o que aconteceu a seguir. Harak ordenou aos dois servos que tirassem as camisas e esfregou o peito de um deles. Apenas um.

Imediatamente depois, e antes que alguém pudesse adivinhar suas intenções, ele tirou uma adaga do cinto e perfurou sucessivamente o coração de ambos.

Alguns dos bárbaros soltaram uma exclamação de surpresa; outros riram, pensando que tinha sido um capricho de seu rei que deveria ser celebrado. Mas todos observaram impassíveis enquanto os dois servos morriam diante deles. Um caiu no chão, morto, olhos arregalados, fixos no teto. O outro, porém, estremeceu e levantou-se novamente, confuso e espantado. Harak jogou um jarro de água sobre ele para lavar o sangue. E todos os outros bárbaros soltaram um suspiro: a ferida em seu peito havia cicatrizado milagrosamente.

"Aqui está a pomada mágica que nos tornará invencíveis", declarou Harak. Mas não imortais", acrescentou.

Desembainhou o machado e decapitou o pobre criado ali mesmo, que já sorria, aliviado, acreditando ter escapado da morte certa. Sua cabeça rolou muito perto de Uri, que se encolheu e recuou horrorizado, para não ver o medonho sorriso de escárnio que a havia congelado para sempre.

Alguns dos chefes bárbaros aplaudiram a ideia com grandes risadas. Mas Harak não havia terminado de falar.

"Cada clã", disse ele, "receberá meia dúzia de barris como este antes de cada batalha." Use-os bem e ninguém poderá derrotá-lo. E então os Povos das Estepes conquistarão o mundo inteiro.

Os bárbaros ficaram em silêncio por um momento, meditando em suas palavras, sem assimilar totalmente o que tinham acabado de ver. Mas então alguém deu um grito de louvor a Harak, e todos os outros se juntaram em aplausos de vitória e brindes à glória dos povos bárbaros.

Na passagem secreta, Lobo ficou branco.

"O que... o que aconteceu lá?"

Viana balançou a cabeça.

"Isso é o que eu venho tentando lhe dizer desde o início", disse ele. É um tipo de seiva curativa. Eles o obtêm de uma árvore maravilhosa que cresce no coração da Grande Floresta. Eles estão coletando há meses; até recentemente, era apenas para Harak e, portanto, tinha a reputação de ser imbatível. Mas, aparentemente, agora ele quer compartilhá-lo com o resto de seus guerreiros antes de iniciar a campanha do sul.

Lobo empalideceu ainda mais.

"Não pode ser", ele sussurrou. E quantos barris eles têm?

"Pelo que eu sei, talvez várias centenas." Uri..." ela parou por um momento, tentando controlar a dor em seu coração toda vez que ela pensava nele e na situação em que ele estava, "Uri e eu os vimos na Grande Floresta. Há muitos de sua espécie coletando seiva. E parecia que eles estavam lá há algum tempo.

Lobo ponderou.

"Mas isso significa..." ele disse finalmente. Se o que acabei de ver for verdade... não temos chance contra eles.

"Não", concordou Viana, "a não ser que destruamos aqueles barris ou ataquemos Harak antes que ele volte a se sujar com eles."

Wolf olhou para ela com olhos brilhantes.

"Então você acha que os efeitos não são permanentes?" -Eu pergunto.

Viana pensou nisso.

“Acho que não”, disse ele, “porque Harak prometeu aos chefes que eles terão mais barris antes de cada batalha. Isso significa que eles se tornam vulneráveis novamente cada vez que qualquer seiva restante em sua pele é removida. Talvez depois de um banho... se alguma vez tomar banho... ou depois de um exercício físico intenso que os faça suar muito.

"É bom saber," Wolf murmurou, afastando-se da parede, claramente pretendendo continuar seu caminho.

-O que faz? Viana o repreendeu. Uri deve ser salvo!

"A rainha e sua mãe devem ser salvas," Wolf a corrigiu. E tenho que aproveitar agora que estão todos reunidos na sala.

-Mas…

"Ao longo do caminho", ele interrompeu, "vou continuar pensando no que vimos." E talvez eu venha com um plano.

Viana resignou-se a deixar tudo nas mãos do seu mentor. Ela o seguiu humildemente pela passagem, embora uma parte dela tenha ficado para trás, no salão onde Uri estava guardado, e ela jurou a si mesma que não deixaria o palácio sem ele.

Viraram mais duas vezes e subiram umas escadas feitas na mesma passagem para o que Viana supôs ser o piso superior. Wolf parou um pouco mais. Diante dele, à sua direita, havia outro raio de luz na altura de seus pés, muito mais largo do que os que haviam visto antes.

"É uma lareira", sussurrou Wolf. Foi selado há muito tempo e sua função é meramente decorativa agora, mas nos levará aos aposentos reais.” Ele se virou para ela e jogou-lhe uma trouxa de roupas, que ela pegou na mosca. Coloque isso, rápido.

-O que é?

Lobo suspirou profundamente.

"Você não pode obedecer a uma ordem simples sem fazer uma maldita pergunta?" E você ainda está surpreso que eu te expulsei do meu exército?

Viana não vacilou com suas palavras. Ela continuou a encará-lo na penumbra, trouxa de roupas na mão, até que Lobo suspirou novamente e resmungou:

-É um vestido. Não posso chegar aos aposentos da rainha sem levantar suspeitas, mas você pode.

Viana levou a mão ao cabelo, curto e rebelde. Wolf antecipou suas objeções.

-Já pensei nisso; aí você tem uma daquelas coisas que as mulheres usam para cobrir a cabeça.

"Uma rede de cabelo?" perguntou Viana, desdobrando o vestido. Várias peças de roupa caíram no chão. Wolf fez um gesto de desprezo.

-Como desejar. Hoje você será uma serva, não uma duquesa.

"Ah, um lenço", disse Viana ao localizar a peça. Inversão de marcha. Eu não quero que você olhe.

Lobo revirou os olhos, mas obedeceu. Viana passou a trocar de roupa na estreita passagem. Ela ficou surpresa ao encontrar-se lutando com roupas femininas, assim como há muito tempo ela lutava para se espremer em uma camisa e leggings masculinas. Será que esqueci tão cedo quem sou realmente?, perguntou-se, e imediatamente: E quem sou realmente? Mas ele empurrou esses pensamentos de sua mente. Não era o momento de considerá-los: ele tinha uma missão pela frente.

Quando ela finalmente se sentiu confortável em seu vestido de empregada, ela se virou para Wolf, que a olhou criticamente.

"Eu suponho que vai ter que servir," ele finalmente disse. Rapidamente, saia pelo buraco da chaminé; Você chegará a uma pequena sala perto dos aposentos da rainha. Você apenas tem que seguir o corredor em frente e depois virar à esquerda. Eles estarão esperando por você.

"E o que eu digo a eles?" perguntou Viana, subitamente inseguro.

"A palavra de ordem da rebelião: 'O falcão deve se levantar novamente.'

Viana concordou. Ele sabia que o falcão peregrino era o símbolo dos reis de Nortia, então era fácil de lembrar. Ela escondeu uma adaga em sua bolsa - ela não iria se aventurar desarmada em um ninho de bárbaros - e rastejou para fora da chaminé. Ele deu uma olhada rápida antes de entrar na sala, que estava vazia. Ele se levantou e deslizou para o corredor.

Uma vez lá, ele partiu sem perder o ritmo. Se ela tivesse que se passar por uma empregada do castelo, ela não poderia mostrar qualquer hesitação.

Ela tentou andar levemente, mas sua saia pesada diminuiu seus passos. Ela se perguntou como tinha sido capaz de usar vestidos por tanto tempo.

Ele seguiu as instruções de Lobo e chegou aos aposentos da rainha. Ele hesitou por um momento. A porta estava entreaberta, mas por dentro estava escuro e silencioso. Talvez ninguém estivesse lá, ou talvez a garota estivesse dormindo. Obviamente, nenhuma empregada esperaria uma visita nas primeiras horas da manhã.

Mas Viana lembrou-se de que Lobo lhe dissera que a estariam esperando, então ela respirou fundo e entrou no quarto. A porta se abriu com um rangido.

-Quem vai? De repente ouviu-se a voz da Marquesa de Belrosal. As cortinas da cama estavam abertas e Viana vislumbrou, na penumbra, que a pequena Analisa estava sentada com expectativa entre os lençóis. Sua mãe estava sentada em uma cadeira perto da lareira apagada. Viana entendeu que

nenhum dos dois pretendia dormir naquela noite, embora Analisa tivesse ido para a cama fingir que a noite estava indo normalmente.

"Eu..." ela começou, um pouco insegura.

"Como você ousa perturbar o sono da rainha?" interrompeu a marquesa com desgosto. O aquecedor foi trazido há muito tempo, e deixamos claro que Sua Majestade não beberia nenhum chá para dormir esta noite.

— Eu... — repetiu Viana, desconcertado; Então ele se lembrou da senha, respirou fundo e disse apressadamente: "O falcão deve se levantar novamente".

Seguiu-se um silêncio surpreso.

"Mãe..." começou Analisa.

"Silêncio", respondeu a marquesa, baixando a voz. Quem é Você? perguntou a Viana. E quem te manda?

A jovem fechou a porta atrás de si ao entrar no quarto. Demorou um pouco para responder, porque a primeira coisa que lhe veio à mente foi dizer: "Lobo". Mas agora ele sabia que Wolf não era realmente chamado assim.

"Conde Urtec, minha senhora", ela sussurrou. Ele está esperando para tirar você e sua filha do castelo.

"Finalmente, mãe!" exclamou a rainha, juntando as mãos, incapaz de esconder sua alegria.

"Ainda temos que sair daqui", respondeu a marquesa.

Analisa empurrou os cobertores e saiu da cama, e Viana verificou com satisfação que estava completamente vestida.

"Como vamos sair do palácio sem sermos vistos?" a garota perguntou nervosamente.

"Há uma passagem escondida atrás destas paredes, Sua Majestade", respondeu Viana calmamente, "e os bárbaros estão ocupados com um dos seus banquetes." Eles não vão nos encontrar.

Ainda assim, apesar de a viagem até a entrada da passagem ser curta, os nervos da jovem estavam à flor da pele até que a marquesa e sua filha desapareceram pelo buraco da chaminé.

Ele entrou atrás deles.

-Finalmente! Lobo sussurrou na escuridão. Viana, por que você demorou tanto?

-Também estou feliz em te ver.

"Viana?" Ana repetiu, olhando para a garota com olhos brilhantes. Você é Viana de Greystone, a mesma que escapou de seu marido bárbaro, desafiou Harak e resgatou Belicia de Valnevado de seu horrível destino? E antes que ela pudesse explicar o que havia acontecido com Belicia, a garota acrescentou: "Lamento muito saber de sua captura e sentença de morte". Mas fiquei feliz em saber que você conseguiu escapar. Eu nunca tinha visto Harak tão furioso.

Viana se permitiu esboçar um sorriso, apesar da lembrança de Belicia ainda ser dolorosa para ela.

"Nós não temos tempo para falar sobre isso, Sua Majestade," Wolf cortou bruscamente. Devemos levá-lo para a segurança.

"Conde Urtec", a marquesa cumprimentou com uma breve reverência. Estou feliz que você foi capaz de vir em nosso socorro.

"Um bom cavalheiro sempre cumpre suas promessas, minha senhora," Wolf respondeu severamente, liderando o caminho pela passagem estreita.

"Ah, Conde Urtec", ela respondeu, acelerando o passo para ficar bem atrás dele, "como é bom para os ouvidos de uma dama ouvir palavras gentias novamente, depois de tanto tempo morando entre os bárbaros." Ela fez uma pausa e acrescentou em voz baixa: “Sim, não tenho dúvidas de que você é um bom cavalheiro. O destino do reino está em seus ombros e você mostrou que está à altura dessa responsabilidade. Talvez minha irmã tenha errado ao escolher um pretendente. Ou talvez... foi você quem cortejou a irmã errada.

Analisa sufocou uma risadinha quando Lobo cambaleou pelo corredor.

Mas Viana tinha outras coisas em que pensar e mal prestou atenção aos elogios da marquesa.

"Lobo, e quanto a Uri?" E com os barris de seiva?

— Viana, agora temos outra prioridade.

Ela mordeu a língua para não exigir o resgate imediato de Uri; ele sabia que Lobo não mudaria seus planos para ele.

"Então você vai permitir que o exército de Harak se torne invencível?" - Ele perdeu a cabeça-. Se você entregar esses barris aos chefes do clã...

"Barris?" repetiu a marquesa, inclinando a cabeça.

Lobo parou por um momento.

"Você sabe alguma coisa sobre isso?"

“Harak vem armazenando barris nos porões do castelo há vários meses.” Ela torceu o nariz. Acho que é sobre cerveja, conhaque ou algo parecido.

"No porão?" Lobo repetiu. Você quer dizer nas masmorras?

“Ah, não, não. Na ala norte do castelo há uma grande câmara subterrânea que os antigos reis de Nortia usavam como depósito de relíquias. Armas e armaduras, trajes de gala, cetros, tapeçarias... até algumas joias. Aquela câmara continha uma parte muito importante da história de Nortia — ele suspirou —, mas os bárbaros vieram e saquearam tudo. Eles esvaziaram seu conteúdo no pátio do castelo, dividindo os objetos que encontraram algum valor e queimando o resto na fogueira.

Lobo tremeu de raiva, mas não disse nada. A marquesa continuou:

"E tudo para encher a câmara real com seus barris fedorentos de licor."

"Não é licor...", começou Viana, mas Lobo a silenciou com um gesto.

"Eu conheço essa câmera", disse ele. Entrei uma vez com o Rei Radis, quando ele era um príncipe. Ele queria me mostrar a capa que usaria na coroação. Em teoria, apenas os reis de Nortia têm a chave da câmara

secreta, mas Radis conhecia outra maneira de entrar... por essas mesmas passagens. — Ele fez uma pausa. Acho que valeria a pena fazer uma visita às caves do castelo antes de partir.

"Você também gosta de bebida, Conde Urtec?" a marquesa o repreendeu com desgosto. Eu nunca teria imaginado!

"Eu lhe direi no caminho, minha senhora." Vamos nos apressar; a festa dos bárbaros vai acabar.

Lobo tentou voltar a andar, mas Viana puxou-lhe a manga.

-Esperando. E o Ur?

"Não podemos cuidar dele agora, Viana", foi a resposta. Sinto muito.

Ela não disse nada. Ele suspirou e seguiu Wolf e as duas senhoras pelo corredor, fingindo concordar com sua decisão. Mas ele foi ficando para trás pouco a pouco, deliberadamente, até que parou completamente.

Nem Lobo nem a marquesa sabiam desse fato. A jovem rainha Analisa, no entanto, virou-se por um momento e olhou para Viana com uma expressão interrogativa. Ela colocou um dedo nos lábios, indicando silêncio. Analisa assentiu, os olhos brilhando de emoção, e seguiu Lobo e a mãe pelo túnel secreto, nunca mais se preocupando com o fato de Viana não estar com eles. A jovem entendeu que ele não a entregaria.

Então ela refez seus passos, determinada a resgatar Uri não importa o quê. Ela também tinha a vantagem de estar disfarçada de empregada, então seria mais fácil para ela passar despercebida. Mais uma vez ele saiu pelo buraco da chaminé e deslizou pelos corredores do castelo.

Desta vez, no entanto, ela não tinha instruções para ajudá-la a chegar ao seu destino. Ele conhecia o grande salão onde os bárbaros celebravam sua iminente conquista dos reinos do sul: era o mesmo lugar onde, ano após ano, os reis de Nortia reuniam seus nobres para assistir ao solstício de inverno. Mas nunca, nem mesmo quando ela veio aqui como herdeira de Greyrock, ela teve permissão para visitar os aposentos reais. Assim, percorreu os aposentos do castelo, ao acaso, aguçando os ouvidos para os altos cantos dos bárbaros. Por fim, ela desceu uma escada larga que a levou ao andar de baixo, que ela conhecia muito melhor. Ele respirou fundo e foi para a cozinha.

Como o banquete estava chegando ao fim, não houve muita emoção. Toda a comida já havia sido servida, e as portas do grande salão haviam sido fechadas há muito tempo. As empregadas limparam a cozinha e lavaram as panelas, discutindo entre si os detalhes do dia. Viana ficou na entrada, atrás dele, e olhou ao redor da sala. Ele descobriu uma pesada jarra de vinho em uma das mesas e silenciosamente a levou embora.

Assim armada, dirigiu-se ao salão, esperando ser confundida com uma criada e deixá-la passar. Ele sabia que ninguém seria permitido entrar, e que os servos que estiveram presentes no jantar haviam sido mortos por Harak

para que não revelassem a ninguém o que tinham visto lá. Mas Viana tinha que tentar. Ele não conseguia pensar em nada melhor.

Ele virou uma esquina e quase esbarrou em um cavalheiro. Viana murmurou um pedido de desculpas enquanto segurava melhor a jarra para não espirrar e baixou a cabeça rapidamente; ela quase olhou o nobre nos olhos, quando deveria ser uma criada. Ela estava prestes a continuar seu caminho quando ele a agarrou pelo braço.

-Esperando!

"Meu senhor, deixe-me ir..." Viana começou com o coração batendo forte.

"Viana?" -Ele disse.

Ela finalmente olhou para cima e quase deixou cair a caneca de surpresa.

—Robiano!

Era ele, sem dúvida. Não fazia tanto tempo desde o último encontro deles na cabana da floresta, mas mesmo assim, Viana parecia um pouco mais cansado.

-O que faz aqui? Ambos perguntaram ao mesmo tempo.

-Abaixa a voz! Viana acrescentou imediatamente. Você quer que eu seja descoberto?

"O que você quer dizer com entrar no castelo vestido com este disfarce?" Robin queria saber. Você vai servir Harak um copo de vinho envenenado?

Viana olhou para o jarro que tinha nas mãos e lamentou que essa possibilidade não lhe tivesse ocorrido.

"Eu tenho que ir para a sala de estar", disse ele apenas.

— Ninguém entra na sala, Viana. Apenas chefes bárbaros podem estar presentes. Os cavaleiros do rei receberam a tarefa de montar guarda.

Viana ergueu a cabeça para olhá-lo nos olhos.

"Você vai me entregar?"

Certamente Robian não esquecera que ela o fizera de bobo na frente de seu criado, mas Viana esperava que o tempo que haviam passado juntos também não tivesse desaparecido de sua memória. Ou a forma como ele a traiu, entregando-a aos bárbaros.

Sim, ele ainda tinha contas a pagar, disse a si mesmo com amargura.

"Isso é algum plano maluco dos rebeldes?" ele adivinhou, sem responder à pergunta.

"Talvez," ela disse; Ocorreu-lhe uma ideia maluca. Junte-se a nós, Robin. Ainda não é tarde. Junte-se aos rebeldes e lute pela liberdade de Nortia.

O jovem suspirou com pesar.

"Você acha que eu não pensei nisso mil vezes?" Mas eu tenho que cuidar da minha família. Se Harak descobrisse sobre minha traição...

Viana não disse nada. Ela reagiu com desgosto e virou as costas para ele, pronta para sair. Mas a voz do jovem duque a deteve no meio do corredor:

“Eu tenho que entregá-lo a Harak. Você sabe disso, certo?

Viana virou-se para ele, com o coração disparado.

“Eu mantenho minha família, meu título e algumas das minhas terras”, continuou Robian, “mas ninguém me respeita. Os nórdicos me consideram um traidor, e os bárbaros pouco mais que um bufão. Você acha que eu não sei o que dizem sobre mim? O poderoso duque enganado por uma garota rebelde,” ele disse amargamente. Minha estada em Torrespino não é uma honra, mas um exílio. Já não posso regressar a Castelmar. Não, pelo menos, não até eu terminar com você.

Ela deu alguns passos para trás.

— A rebelião não tem chance, Viana. Qualquer um que provar sua lealdade ao rei Harak terá um futuro brilhante na nova Nortia. Para todos os outros: para Lobo, e para você, e para o resto dos rebeldes... nada mais espera por você além da morte. E não sei de que lado devo estar. Não só para mim, mas também para a minha família.

Ambos trocaram um longo olhar. Viana estava mais consciente do que nunca do abismo que os separava.

"Eu poderia retirar tudo", disse Robian, "e garantir meu nome e posição na corte de Harak, se eu entregasse você a ele."

Viana engoliu em seco. Seus olhos procuraram uma saída, mas não encontraram nenhuma. Robian bloqueava uma extremidade do corredor e a outra levava a um salão cheio de bárbaros.

"Mas eu não vou", ele finalmente concluiu. Vá, siga seu caminho, onde quer que vá. Eu não vi você. E nem você — acrescentou depois de uma pausa.

Viana sentiu-se inundado por uma onda de alívio.

"Obrigado, Robin," ele murmurou.

Mas ele não respondeu. Ele lhe deu as costas e foi embora, pelo corredor, com o passo cansado de um velho.

Viana retomou a marcha, com o coração cheio de tristeza por tudo o que havia perdido. Se ao menos os bárbaros não tivessem invadido Nortia... pensou pela centésima vez. Sentiu pena de Robian pela difícil decisão que foi forçado a tomar então; suas consequências o perseguiriam pelo resto de sua vida.

Para Viana, porém, o jovem duque de Castelmar fazia parte do passado. Agora ele tinha que pensar em Uri, e lutar por ele para que ambos pudessem desfrutar de um futuro juntos.

Finalmente ele alcançou as portas da sala do trono. Diante dele havia dois homens de guarda; Ela ficou aliviada ao ver que não eram cavaleiros de Nortia, que poderiam facilmente tê-la reconhecido, mas guerreiros bárbaros. Ele tentou parecer confiante enquanto caminhava em direção a eles com a jarra nas mãos.

"O que você quer, mulher?" um dos guardas a questionou.

Viana levantou o jarro.

"Tenho vinho para Sua Majestade", respondeu ele.

Os dois bárbaros riram.

-Mulher estúpida. Harak não bebe vinho. Vinho é para nortistas fracos.

Viana pensou rapidamente. Ele havia esquecido esse detalhe: os bárbaros preferiam cerveja e bebidas fortes.

"Este é um vinho especial", ele respondeu, levantando o jarro diante deles. Uma bebida requintada destinada apenas ao paladar dos reis de Nortia. A rainha envia para você com seus melhores votos.

Os dois homens olharam para Viana como se ela fosse um piolho.

"Harak não bebe vinho", repetiu um deles.

Viana o teria estrangulado.

"Este é o vinho dos reis", ele insistiu. Você vai gostar.

Os bárbaros trocaram olhares e deram de ombros.

"Teremos que experimentar", disse um, estendendo a mão para o jarro que Viana segurava. Ela deu um passo para trás para colocá-lo fora de seu alcance, o que enfureceu o bárbaro.

"Mulher estúpida", ele murmurou.

Mas nesse momento um soldado veio correndo.

-Alerta! Alerta! -Ele disse.

Viana ficou paralisado de terror. Robian a havia delatado, embora ela lhe dissesse que não o faria?

-Qual é o problema? Fala! um dos guardas ordenou.

"A câmara real está pegando fogo!" -disse.

Os dois se levantaram imediatamente.

-A câmera! Os barris!

Viana recuou para o fundo e observou os guardas discutirem se deviam ou não informar Harak, já que haviam recebido ordens para não interromper o banquete em hipótese alguma. Finalmente, eles escolheram entrar na sala. A jovem escutou com alegria o alvoroço enquanto os guardas transmitiam a notícia. Não havia dúvida de que Lobo conseguira chegar à câmara onde os barris eram guardados e os incendiara.

Enquanto os bárbaros saíam correndo do salão, liderados por um furioso Harak que não parava de gritar ordens para todos, Viana se encostou na parede, com o coração batendo forte. Mas eles estavam ocupados demais para notar uma simples empregada.

Parecia claro que o banquete havia chegado ao fim. Viana suspirou, aliviado, porque um verdadeiro rei de Nortia teria mandado os seus servos apagar o fogo. Os bárbaros, por outro lado, achavam que as coisas importantes deveriam ser feitas por eles mesmos, pois um servo ou um escravo poderia estragá-las. Além disso, Harak não era tolo, e sem dúvida suspeitava que aquele incêndio não tinha começado por acaso: era provavelmente devido a um ataque e, se fosse, teria de lutar.

Pouco depois, o corredor ficou em silêncio. O rei bárbaro e os seus homens tinham descido às caves do castelo, e Viana não tinha visto Uri com eles. Ele respirou fundo e se atreveu a entrar no quarto.

Para sua decepção, ela descobriu que nem todos haviam saído da sala. Dois dos chefes bárbaros ainda estavam lá, sentados à mesa, bebendo e terminando os restos de comida deixados nos pratos. Viana verificou que Uri permanecia acorrentado às pernas do trono de Harak, na mesma posição de quando o vira do corredor. Talvez estivesse ferido ou inconsciente; O coração de Viana afundou.

Eu não podia deixá-lo lá. Aproximou-se dos dois homens e soube que não teria tempo de repetir a pantomima do vinho real.

"O que você está procurando aqui, mulher?" um dos bárbaros perguntou, sua voz grossa e seus olhos nublados com álcool.

Viana não respondeu. Ele ergueu o jarro com as duas mãos e o esmagou na cabeça do bárbaro. Ele cambaleou de surpresa, mas não caiu. Viana agarrou um dos chafarizes e bateu nele de novo e de novo até que ele desmaiou completamente.

O outro levou alguns instantes para reagir.

-Ei! Ele finalmente disse, levantando-se. Colocou a mão no cinto e avançou para Viana, que recuou apavorado. Ele tinha ficado sem ideias.

Mas o bárbaro tropeçou em alguma coisa e caiu de cara no chão. Viana descobriu então que era a corrente de Uri: o menino não estava tão inerte quanto parecia e a usara para cercar os pés do inimigo. Então, em um movimento rápido, ele a girou ao redor do pescoço do bárbaro e puxou para sufocá-lo.

O bárbaro tentou resistir. Viana lembrou-se então do punhal que guardava na bolsa.

Ele hesitou por um momento; mas as forças de Uri começavam a fraquejar, e a jovem estava convencida de que, se conseguisse se libertar, o bárbaro não hesitaria em matar os dois. Então ele enfiou a faca em seu peito e não a retirou até que, depois de alguns puxões, o corpo do homem caiu no chão.

Viana lutou para conter as lágrimas. Ela abraçou Uri, tremendo, e fechou os olhos.

"Uri... Uri, felizmente você está bem..." ele murmurou. Por que fizeram isso com você?

O menino apontou para o próprio peito.

"Ele quer isso", ele respondeu.

Viana lembrou-se das palavras do feiticeiro.

"Ele realmente quer o seu coração?" ela perguntou, horrorizada. Não pode ser tão selvagem!

Mas, por precaução, ele não deve perder mais um momento. Ele examinou a corrente que prendia Uri ao trono maciço de Harak.

"Eu tenho que tirar você daqui," ele murmurou. Ele olhou para o machado de um dos bárbaros caídos, mas rapidamente percebeu que era muito pesado para levantar.

Não é possível, pensou ela, tentando lutar contra a onda de angústia e desânimo que ameaçava tomar conta de seu coração. Eu não posso ter vindo tão longe para parar aqui. Tem que haver alguma maneira de afrouxar essa corrente."

Ele olhou para ela de todos os ângulos, mas não encontrou nenhum elo fraco nela. Nem parecia ter um cadeado. Era como se Harak o tivesse acorrentado para sempre, como se nunca pretendesse soltá-lo novamente.

"Talvez", disse ele com voz trêmula, "poderemos arrastar o trono entre nós dois."

"Duvido muito, minha querida", disse uma voz atrás deles. Foi preciso a ajuda de quatro dos meus homens para movê-lo das arquibancadas para a mesa.

Viana virou-se, apavorado. Na porta do salão, caminhando lentamente em direção a eles como um leão espreitando sua presa, estava Harak, o rei bárbaro de Nortia.

"Você de novo," ele comentou. Perdi a conta das vezes que você escapou do meu poder. Mas não haverá mais.

Viana empunhava a faca, lamentando não poder contar com o arco. No entanto, ele sabia que eles estavam perdidos. Embora o salão fosse grande e ela pudesse escapar se corresse rápido o suficiente, ela não podia deixar Uri ali, acorrentada ao trono.

"Deixe-o ir, por favor", ele implorou.

Harak balançou a cabeça.

"Você ainda não entende quem ele é?"

"Eu sei o que é", ela respondeu com um estremecimento. Mas você já devastou muitos de sua espécie na Grande Floresta. Você não precisa de outro.

Harak riu baixinho.

"Você está enganada, querida menina. Agora que seus rebeldes acabaram com meu suprimento de seiva, seu amigo da floresta é mais importante do que nunca.

Ele deu alguns passos à frente. Viana tentou proteger Uri e ele, por sua vez, tentou se colocar entre ela e o rei bárbaro, que zombou.

"A seiva mágica", continuou ele, "protege nossa pele de golpes e feridas, mas não nos torna imunes a coisas como veneno, velhice ou doenças. Se pudéssemos beber em vez disso... nos concederia a imortalidade. Infelizmente, todo mundo que faz isso acaba morrendo em espasmos violentos." Ele voltou seu olhar para Uri. Mas acontece que uma das árvores mágicas foi transformada em humana... com seiva em suas veias. Não o entendo? —acrescentou, sorrindo para Viana de uma forma que ela achou

muito desagradável—. Seu sangue não é um veneno para nós. Seu sangue pode ser bebido.

Viana fitou-o, horrorizado, incapaz de dizer uma palavra.

“Por um ritual antigo, cuidadosamente preparado por nosso feiticeiro,” Harak continuou, “nós arrancaremos o coração ainda pulsante da criatura que você procura proteger.” Ele sorriu novamente. Será meu próximo jantar.

-Você não pode estar falando sério! gritou Viana, branco como cera.

-Porque não? Harak respondeu, ainda sorrindo. Como pode alguém sentir falta de seu coração que até recentemente nunca teve um?

"Mas, mas..." ela gaguejou. Agora ele é um menino...

-De verdade? Por quanto tempo? Diga-me, quanto tempo você acha que levará para aquele monstro se enraizar novamente?

Viana não tinha pensado nisso, mas também não queria fazê-lo agora.

"Você é o monstro!" ela o acusou, cheia de raiva. Como você pode falar em arrancar o coração dele a sangue frio... como um selvagem?

"Ah, mas é isso que nós, Povos da Estepe, somos para vocês, gente boa de Nortia, não é?" Selvagens, incivilizados... bárbaros. Mas vou te dizer uma coisa, garota tola e impertinente: qualquer guerreiro "bárbaro" é muito mais forte e poderoso do que o cavaleiro mais aclamado de Nortia.

Então uma sombra deslizou atrás de Harak e algo brilhou à luz das tochas. Houve um respingo e Harak de repente ficou completamente encharcado de água, da cabeça aos pés. Ele se virou com um rugido de raiva, em direção à pessoa que acabara de surpreendê-lo por trás. Era Lobo, ainda com um balde vazio nas mãos.

"Um guerreiro bárbaro pode ser mais forte que um cavaleiro de Nortia", ele respondeu com um sorriso malicioso, "mas ele sempre será mais engenhoso."

Viana soltou uma exclamação de alegria. Lobo pegou seu cinto e desembainhou sua espada.

"Agora estamos em igualdade de condições", ela o desafiou. Ou talvez o poderoso rei bárbaro estivesse com medo de enfrentar um humilde e velho cavaleiro de Nortia sem a proteção de seu bálsamo mágico.

Harak estreitou os olhos, mas depois assentiu.

"Muito bem", disse ele. Vamos fazer do jeito dos Cavaleiros de Nortia.

Ele sacou uma de suas armas, uma enorme espada de dois gumes. Viana prendeu a respiração.

Harak soltou um poderoso grito de guerra e atacou Lobo. Ele estava em guarda.

O confronto entre os dois foi terrível. Lobo estremeceu; sua espada parecia assustadoramente frágil em comparação com a do rei bárbaro, e por um momento parecia que o rei bárbaro ia ganhar o jogo. Mas Lobo empurrou seu oponente com todas as suas forças e conseguiu empurrá-lo para trás.

A luta continuou por muito tempo. Harak era mais forte e seus golpes eram devastadores. Mas Wolf era mais ágil e rápido, embora também estivesse anos à frente dele. Era evidente que o cavaleiro sabia esgrimar; ele fintou, socou e tentou acertar Harak com dezenas de movimentos diferentes, enquanto Harak apenas desferiu golpes para a esquerda e para a direita. No entanto, a superioridade técnica de Lobo não valeria nada se ele fosse atingido por um dos golpes de espada do bárbaro. Viana percebeu que a amiga lutava sem armadura; há muito tempo, aliás, que ele havia parado de usá-lo.

A jovem prendeu a respiração quando um dos golpes de Harak roçou a cabeça de Lobo.

"Isso mesmo," o cavaleiro rosnou. Não vou deixar você tirar minha orelha boa.

"Não vai adiantar nada para o seu cadáver, nortista", respondeu o bárbaro.

Ele torceu a partir da cintura e arremessou a espada para a frente. Wolf fingiu para evitá-la...

… Mas não rápido o suficiente.

E a ponta da grande espada do bárbaro afundou-se profundamente no peito do antigo Conde de Monteferro, que desabou sobre os azulejos da sala do trono.

Viana soltou um grito de angústia; Até o último momento ele esperava que Lobo fosse o vencedor de uma luta que *a princípio* parecia tão desigual. Uma parte dela não conseguia acreditar que Harak o havia matado, que a história do cavaleiro cruel e cínico havia chegado ao fim assim... Ela queria correr para ajudá-lo, mas Uri a segurou nos braços.

"Deixe-me..." soluçou Viana, lutando, incapaz de tirar os olhos do rosto sem vida de Lobo. Eu tenho que ir... Lobo...

"Você era muito próximo desse velho, não era?" Harak disse com indiferença, limpando o sangue de sua espada em suas calças de couro. Eu sei quem é; ele e seus homens lutaram contra nós no sopé das Montanhas Brancas, e agora ele lidera aquele grupo de rebeldes que drenaram minhas reservas de seiva.

Viana não lhe deu ouvidos. Ela ainda olhava para o corpo de Lobo, e por isso foi a primeira a notar que suas pálpebras tremiam. Ele reprimiu uma exclamação de surpresa.

- Mas acabou - concluiu Harak, dando as costas a Wolf. Aceite, garota. Você perdeu o…

Ele não terminou a frase. Atrás dele, Lobo se ergueu novamente, silencioso e mortal, e enfiou a arma entre as omoplatas.

Viana jamais esqueceria o olhar de surpresa e dor nas feições duras do rei bárbaro. Ainda conseguiu se virar, perplexo, quando Lobo tirou a espada de seu corpo.

"Como..." ele gaguejou, cambaleando enquanto a vida se esvaía dele.

Lobo balançou a cabeça.

"Eu lhe disse que um cavaleiro de Nortia sempre seria mais engenhoso do que qualquer bárbaro", disse ele. Ou você achou que eu ia incendiar seus barris de seiva sem me sujar com isso primeiro?

E, em um movimento rápido, ele espetou Harak novamente com sua espada.

O usurpador estremeceu mais uma vez. Então ele caiu no chão como uma árvore derrubada.

E ele não se moveu mais.

Viana finalmente conseguiu respirar.

"Lobo... oh Lobo... como você fez isso...?" Eu pensei... você tinha dito... que seria uma luta em igualdade de condições...

Lobo deu-lhe um sorriso cheio de dentes que lembrou a Viana, mais do que nunca, o animal de que tirou o apelido.

"Eu menti", ele simplesmente respondeu. Vinte anos no exílio lutando contra bárbaros, rufiões e bandidos me ensinaram algumas coisas que o cavalheirismo muitas vezes ignora.

Viana ainda não conseguia acreditar no que estava acontecendo.

"Então... você está vivo... e ele está morto..."

Lobo assentiu gravemente.

"E isso significa, Viana, que Nortia vai ser libertada."

Ela não podia responder. Ele abraçou Uri e, dessa vez, chorou de emoção e alegria.

Epílogo



e los herederos
de Rocagrís.

E NORTIA FOI LIBERADA .

O exército rebelde chegou a Normont muito mais cedo do que Lobo havia previsto. Airic havia mostrado a seus generais as propriedades da seiva mágica que carregava em seu cantil, e todos concordaram que não podiam esperar pelos bárbaros nos limites sul do reino: eles precisavam ser encontrados o mais rápido possível.

Assim, poucos dias após a morte do rei Harak, e enquanto suas forças ainda estavam no meio de uma luta pelo poder entre os chefes dos clãs, os rebeldes atacaram.

Fizeram-no em nome da rainha Analisa, que, apesar de ter sido coroada pelo líder rebelde, todos reconheciam como uma dama legítima, talvez pela euforia que os fez saber que ela tinha sido resgatada e estava a salvo. Mas também evocavam os homens e mulheres de Nortia que sofreram sob o jugo dos invasores.

Viana não participou dessas lutas. Ele reuniu um grupo de voluntários, liderados por Airic, e seguiu o caminho que os bárbaros haviam aberto no coração da Grande Floresta. Lá eles atacaram o acampamento e expulsaram seus ocupantes. Salvaram o máximo de árvores que puderam, embora nem Viana nem Airic, muito menos Uri, contassem a ninguém por que eram tão importantes ou quais eram as propriedades extraordinárias da seiva que corria por seus troncos.

Quando voltaram à civilização, descobriram que as tropas lideradas por Lobo conseguiram expulsar de vez os bárbaros de Nortia. A maioria dos chefes bárbaros fugiu, e uma multidão enfurecida pegou o feiticeiro tentando escapar pela estrada e o queimou na fogueira.

Agora o reino precisava ser reconstruído e seus domínios reorganizados, já que quase todos os nobres haviam morrido na guerra. Por esta razão, traidores como Robian de Castelmar foram perdoados e autorizados a manter suas terras, embora no futuro suas linhagens caíssem em desgraça e levassem muito tempo para recuperar o poder e a influência que desfrutavam no passado.

Analisa permaneceu no trono de Nortia, e sua mãe foi declarada regente do reino. Ela solicitou que Lobo permanecesse na corte como seu sucessor e conselheiro mais próximo; na prática, ela dividiria a regência do reino com a marquesa até Analisa atingir a maioridade. Por isso, seu título, seu nome e suas terras lhe foram devolvidos, e ele voltou a ser conhecido como Conde Urtec de Monteferro, embora nunca tenha conseguido se livrar do apelido pelo qual era conhecido por aqueles que admiravam seus feitos e sua lenda: o Cavaleiro do Lobo. Apenas um ano depois, ele se casaria com a Marquesa de Belrosal, unindo assim sua linhagem à da realeza de Nortia.

Viana, sem saber de tudo isso, voltou para Rocagrís.

Ele fez isso com Uri. Quando cruzaram os portões do castelo juntos, de mãos dadas, Viana estremeceu de emoção. Lá ele nasceu, cresceu e viveu. Lá ele tinha visto Belicia pela última vez antes daquela tentativa de resgate que terminou tão tragicamente.

Agora o castelo estava deserto. Os bárbaros a abandonaram para enfrentar as tropas que atacavam do sul, e os servos fugiram, temendo por suas vidas. Mas ela não se importou.

Por várias semanas, Uri e Viana viveram sozinhos no castelo, finalmente desfrutando de um amor que mal tiveram a chance de compartilhar. Foram dias felizes, e eles aproveitaram ao máximo, sabendo que se lembrariam daquele tempo para o resto de suas vidas.

"Case comigo", disse Viana uma noite, descansando nos braços de Uri. Ela se sentiu muito ousada por ter feito aquela pergunta, não só porque tinha que ser o amante perguntando a sua dama, mas também porque podia imaginar a expressão no rosto da rainha, para não falar da de Lobo, se por acaso ela lhes pedisse permissão para casar com ela, casamento com o garoto estranho da floresta.

"O que é... 'casar'?" ele perguntou.

O menino virou-se para olhá-la. E ele sorriu.

Viana sorriu.

"Significa que prometemos ficar juntos para sempre." Que nosso amor nunca vai acabar.

"Não posso, Viana", respondeu ele, com um gesto tão triste que o coração dela se partiu. Eu não estarei com você para sempre.

A jovem fechou os olhos e suspirou.

"Eu não deveria ter perguntado," ele murmurou. Durante esses dias, eles quase conseguiram esquecer que sua história logo chegaria ao fim.

Uri a tomou em seus braços e olhou em seus olhos.

"Eu não posso ficar com você para sempre", disse ele. Não desta forma. Mas eu prometo que vou te amar... sempre... sempre.

Viana começou a chorar.

Eles não falaram sobre isso novamente.

Mas uma noite, Viana acordou e não encontrou Uri ao seu lado. Ela pulou da cama e estremeceu de frio, percebendo que o outono havia finalmente chegado a Nortia. Ainda tremendo, ela jogou uma capa em volta dos ombros e caminhou pelo castelo, chamando Uri.

Ela o encontrou no pátio, nu, exatamente como o tinha visto da primeira vez. Ele estava de pé e não parecia sentir o ar gelado vindo do norte. Ele ergueu os olhos verdes para o céu, esperando o amanhecer.

"Uri..." ela sussurrou.

O menino virou-se para olhá-la.

E ele sorriu.

Era um sorriso cheio de tristeza e felicidade ao mesmo tempo.

"Viana", respondeu simplesmente. Adeus.

-Que…?

Nesse momento, os primeiros raios da aurora subiram pelas muralhas do castelo e acariciaram os cabelos rebeldes de Uri.

"Adeus", disse o menino. Te quero.

E começou a mudar. Sua pele ficou mais escura e áspera e seu cabelo começou a crescer para cima de uma maneira bagunçada. Seus pés afundaram na terra, seus braços alcançaram o céu, buscando a luz vivificante do sol.

"Uri...", sussurrou Viana. Uri, não! ela chorou desesperadamente, de repente percebendo o que estava acontecendo.

Corrió hacia él gritando su nombre, mientras el muchacho era cada vez menos humano, mientras de su pelo y sus dedos brotaban hojas tiernas, mientras su rostro desaparecía bajo la corteza, mientras sus piernas se fusionaban y de sus pies nacían raíces que se asentaban firmemente no solo.

Chorando, Viana abraçou sua cintura – seu torso – sem parar de repetir seu nome e implorar para que ela não fosse embora, que não a deixasse. Mas nem as suas orações nem as suas lágrimas foram capazes de deter a transformação e, quando o sol já estava alto, Viana deitou-se ao pé de uma árvore jovem que erguia orgulhosamente os seus ramos.

Ela olhou para ele, seu rosto ainda molhado. Era uma das árvores cantantes, e suas folhas subiam procurando o vento para gerar uma doce melodia cheia de nostalgia e melancolia.

Viana aconchegou-se às suas raízes e ouviu a sua canção, e depois cantou com ele.

"Obrigado," ele finalmente disse, acariciando a casca áspera que uma vez foi a pele manchada de Uri. Obrigado por tudo que você me deu. Obrigado por decidir ficar aqui, ao meu lado, em vez de voltar a criar raízes na sua floresta, com a sua. Nunca te esquecerei. Eu nunca te deixarei.

E lá Dorea, Airic e os outros a encontraram quando voltaram para Greystone. Todos ficaram surpresos com o fato de uma árvore tão extraordinária ter crescido no pátio do castelo em tão pouco tempo, e

também que sua senhora parecia tão triste e afetada, apesar de toda a Nortia comemorar a queda do rei Harak e a expulsão do rei. bárbaros. . Mas Viana não lhes contou sobre a causa de sua angústia.

Ela retomou suas funções como Senhora de Rocagrís e passou a organizar sua herança e suas propriedades, e tentar reparar os danos causados por meses de negligência e governo bárbaro. Airic, Alda e Dorea ficaram com ela; eles a amavam muito e desejavam continuar servindo em seu castelo.

Mas todas as noites, depois do jantar, ele vinha sentar-se ao pé daquela árvore maravilhosa para acariciar suavemente sua casca e cantar com ela.

E, mês após mês, sua barriga inchava um pouco mais a cada lua, até que, quando chegou a hora, ela deu à luz dois gêmeos, um menino e uma menina. Ele nunca deu explicações sobre quem era o pai e ninguém lhe perguntou. As casas nobres de Nortia precisavam de herdeiros; eles teriam que ignorar a origem duvidosa de alguns deles se quisessem sobreviver. Viana batizou o menino de Corven, em homenagem ao pai, e a menininha, Belicia, em homenagem à melhor amiga. Ambos cresceram saudáveis e fortes, e nada neles os diferenciava das outras crianças. Eles não tinham uma cor de cabelo estranha (seus cabelos eram loiros escuros) nem tinham a pele manchada. Sangue vermelho corria por suas veias, como o de qualquer mortal. Eles até herdaram a cor dos olhos de sua mãe.

No entanto, ela sempre temeu que seus filhos um dia corressem para a floresta para criar raízes lá, porque ela conhecia muitas histórias sobre filhos de fadas que não resistiram ao chamado do mundo sobrenatural ao qual pertenciam em parte.

Mas Corven e Belicia cresceram entre humanos e nunca mostraram nenhum sinal de querer deixá-los. Quando crianças, brincavam de esconde-esconde entre os galhos da grande árvore cantante do quintal; quando cresceram, a mesma árvore testemunhou as primeiras palavras de amor que saíram de seus lábios. E ele também testemunhou os primeiros passos dos filhos que nasceram deles.

Belicia casou-se com o filho mais velho da rainha Analisa, que há muito se casara com um belo príncipe do sul. Desta forma, Belicia de Greystone tornou-se, ao longo dos anos, Rainha de Nortia, alcançando o destino que a menina de quem ela havia tirado o nome e cujos sonhos haviam sido tão tragicamente interrompidos desejava para si mesma.

Corven ficou no castelo de sua família; ele também se casou com uma donzela de boa família, e ambos tiveram filhos que herdaram o domínio de Greyrock.

Viana, por outro lado, nunca se casou. As fofocas dizem que Robian de Castelmar veio um dia para cortejá-la e teve que sair como havia chegado; mas, se sim, Viana não contou a ninguém.

Na verdade, os dois tiveram uma longa e sincera conversa, na qual Robian pediu desculpas a Viana, mas não pediu sua mão em casamento. Os dois estavam agora mais velhos e mais sábios, podiam conversar sobre tempos passados sem raiva e dor, e eram bons amigos a partir de então.

Viana desceu para cantar ao pé de sua árvore todas as noites de sua vida. Dizem que, mesmo quando seus cabelos ficaram brancos e seus olhos velados pela catarata, quando a artrite encolheu seus dedos e fez seus passos vacilarem, Viana ainda vinha visitar sua árvore.

E assim eles a encontraram, morta entre suas raízes, em uma manhã gelada de inverno.

Todos choraram amargamente por ela. Corven decidiu enterrá-la ao pé da árvore porque sabia que era isso que ela queria. Muitas pessoas foram visitar seu túmulo naqueles dias, e até a própria árvore estava triste, com galhos caídos e folhas ressecadas, e permaneceu em silêncio durante aquele longo inverno.

Em uma manhã de primavera, no entanto, um broto tímido emergiu do chão. As primeiras chuvas e os raios do sol retardaram seu crescimento, transformando-o em uma planta verde radiante que enrolou seu caule ao redor do tronco da árvore cantante.

Isso recuperou parte de um frescor que todos atribuíam à chegada da primavera. Ele foi ouvido cantar novamente, e as pessoas vieram visitá-lo, como até então, para ouvir a música maravilhosa que ele produzia.

Os anos passaram rapidamente. Corven envelheceu e morreu, e seus herdeiros o sucederam. Muito tempo depois, tanto a árvore cantante quanto a planta que havia crescido a seus pés acabaram murchando e morrendo.

Os descendentes de Viana mantiveram o tronco seco no lugar.

E assim, passados vários séculos desde a invasão bárbara, aconteceu que o Senhor de Rocagrís celebrou o seu cinquentenário.

Muitos convidados vinham de todas as partes de Nortia, pois o duque era muito querido e sua linhagem muito antiga e respeitada.

Ele mesmo cumprimentou cada um dos convidados na porta. O último deles chegou quando o sol estava se pondo no horizonte, mas o senhor do castelo não se importou em esperar: Oki era um menestrel altamente considerado, e ele estava orgulhoso por ter aceitado seu convite.

Ela o viu descer o caminho, envolto nas luzes do crepúsculo. Os anos também haviam passado para ele; seu cabelo estava mais grisalho e seu passo um pouco mais lento, e suas costas estavam curvadas sobre a bengala nodosa. Mas seus olhos mantinham a vivacidade do passado.

O duque o acompanhou desde a entrada, cheio de agradecimentos e votos de melhoras. O pátio do Castelo Greystone agora abrigava um jardim bem cuidado, e Oki parou ao pé da única coisa que estava fora do lugar: o tronco seco e morto de uma árvore antiga.

"Nós mantemos por tradição", explicou o duque, um pouco desconfortável. Faz parte do patrimônio familiar, poderíamos dizer, a ponto de meus antepassados incluírem em nosso brasão — mostrou-lhe o emblema dos Rocagrís, que havia bordado em seu capote: junto à pedra dourada original agora erguia-se a figura de uma árvore sinopla. Dizem que já estava aqui no tempo da Rainha Analisa. Alguns velhos até juram que ele sabia cantar", acrescentou com um sorriso de desculpas.

Oki olhou para os restos da árvore.

"Uri," ele disse apenas.

"Como você disse?"

Oki balançou a cabeça.

"Eu lhe contarei a verdadeira história daquela árvore esta noite, meu senhor, se você estiver disposto a ouvir. Acho que você vai se interessar, porque também fala de um de seus antepassados: Viana de Rocagrís.

"Sim", concordou o duque, "nós mantemos seu retrato na galeria." Uma mulher bonita, embora eu sempre tenha pensado que ela mostra um olhar muito triste. Talvez seja porque, dizem, ele lutou nas guerras contra os bárbaros das estepes. Ele deve ter tido experiências terríveis.

"Não tenho dúvidas," Oki sorriu.

Naquela noite, como tantas outras vezes, o grande salão do castelo estava cheio de conversas, risos e canções. Serviam-se iguarias que nada tinham a invejar às oferecidas pelo rei no seu palácio na noite do solstício de inverno, e o vinho corria generosamente. E, quando as sobremesas chegaram, Oki começou sua história.

Todos ouviram atentamente. E assim, através da magia de suas palavras, eles foram transportados para um tempo remoto e mítico, quando as donzelas podiam desafiar os bárbaros... e quando as árvores podiam cantar.

E graças à voz de Oki, Uri e Viana renasceram mais uma vez, na imaginação de seus ouvintes, para reviver sua história de amor sem fronteiras.

O FIM



LAURA GALLEGO GARCÍA [Quart de Poblet (Valência), 11 de outubro de 1977]. Aos onze anos, começou a escrever com a amiga Míriam, o que seria seu primeiro romance inédito, “Zodiaccía”, um mundo diferente (disponível em seu site). É fundadora da revista universitária Náyade, distribuída trimestralmente na Faculdade de Filologia e foi co-diretora da mesma de 1997 a 2010. Atualmente trabalha na tese de doutorado sobre o livro de cavalaria Belianís de Grecia de Jerónimo Fernández, publicado em 1579.

Seu primeiro romance publicado foi "Finis Mundi" (1999), seguido por títulos como "Mandrágora" (2003), mas ganhou maior popularidade com sua trilogia "Crónicas de la Torre" ("Crônicas da Torre I : O Vale da os Lobos» [2000], «Crónicas da Torre II : A Maldição do Mestre» [2002], «Crónicas da Torre III : O Chamado dos Mortos» [2003] e uma edição sobre a vida de um dos personagens: « Fenris, o elfo" [2004]). Como resultado dessa trilogia, surgiu um grande interesse pelo seu trabalho, principalmente na internet. Embora sua fama se deva principalmente aos romances juvenis, também publicou obras destinadas ao público infantil: "Retorno à Ilha Branca" (2001), "O Carteiro dos Sonhos" (2001). Em 2004 começou a publicar sua segunda trilogia, intitulada "Memorias de Idhún" ("Memorias de Idhún I : La Resistencia" [2004], «Memorias de Idhún II : Tríada» [2005], «Memorias de Idhún III : Panteón» [2006]), colhendo seu maior sucesso até hoje, com mais de 750.000 cópias vendidas. Em 2004, também foi publicado "A filha da noite", uma história curta e fácil de ler, mas ao mesmo tempo divertida.

Após esta trilogia de sucesso, publicou vários livros: "A Imperatriz dos Etéreos" (2007), "Duas velas para o diabo" (2008), "Sara e os artilheiros: Criando um time" (2009), "Asas Negras " (2009) a continuação da novela de sucesso "Wings of Fire" (2004), os outros cinco volumes da saga "Sara and the Scorers" ("As meninas são guerreiras" [2009], "Goleadoras na liga" [2009], «Futebol e amor são incompatíveis» [2010], «Os marcadores não se rendem» [2010] e «O último golo» [2010]). Suas últimas publicações são "Onde as árvores cantam" (2011) e "Feiticeiro por acaso", deste último a continuação, "Hero por acaso" está em processo de ser escrita.

As aventuras de Memórias de Idhún estão atualmente sendo transformadas em quadrinhos.